

MESTRADO
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos
Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó

Volume II - Apêndices

Vera Patrícia Soares Barbosa

M

2018



Vera Patrícia Soares Barbosa

**Marcas de Fé e Poder: O Legado Patrimonial da Ordem dos
Cónegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó**

Volume II - Apêndice

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura

Visual orientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a) Lúcia Maria Cardoso Rosas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

[ESTA PÁGINA SÓ SERÁ INCLUÍDA NA VERSÃO DEFINITIVA]

Título da dissertação

Nome do Estudante

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em, orientada pelo(a) Professor(a)

Doutor(a)

e coorientada pelo(a) Professor(a) Doutor(a)[se aplicável]

Membros do Júri

Professor Doutor

Faculdade - Universidade ...

Professor Doutor

Faculdade - Universidade ...

Professor Doutor

Faculdade - Universidade ...

Classificação obtida: valores

Índice

| | |
|---|----|
| 1. Apêndice Documental | 7 |
| Freguesia de Argoncilhe..... | 9 |
| 1 – Trabalho de Campo | 9 |
| 1.1 - Alminhas | 9 |
| 1.2 – Cruzeiros | 9 |
| 1.3 – Outras Arquiteturas | 12 |
| 1.4 – Imagens das Nossas Senhoras | 12 |
| 1.5 – Outras Imagens para culto..... | 13 |
| 1.6 – Objetos (ex-votos, etc.) | 15 |
| 2 – Bibliografia | 15 |
| 2.1 – Documentos Escritos..... | 15 |
| Freguesia de Grijó | 26 |
| 1 – Trabalho de Campo | 26 |
| 1.1 - Alminhas | 26 |
| 1.2 – Cruzeiros | 28 |
| 1.3 – Outras Arquiteturas | 31 |
| 1.4 – Imagens das Nossas Senhoras | 32 |
| 1.5 – Outras Imagens para culto..... | 33 |
| 1.6 – Objetos (ex-votos, etc.) | 38 |
| 1.7 – Outros Objetos/Documentos encontrados | 38 |
| 2 – Bibliografia | 39 |
| 2.1 – Documentos Escritos..... | 39 |
| 2.2 – Fontes Cartográficas..... | 81 |
| Freguesia de Serzedo..... | 84 |
| 1 – Trabalho de Campo | 84 |
| 1.1 – Alminhas | 84 |
| 1.2 – Cruzeiros | 84 |
| 1.3 – Outras Arquiteturas | 85 |
| 1.4 – Imagens das Nossas Senhoras | 86 |
| 1.5 – Outras Imagens para culto..... | 86 |
| 1.6 – Objetos (ex-votos, etc.) | 87 |
| 2 – Bibliografia | 87 |
| 2.1 – Documentos Escritos..... | 87 |

| | |
|---|-----|
| 2.2 – Fontes Cartográficas..... | 111 |
| Freguesia de Perosinho..... | 112 |
| 1 – Trabalho de Campo | 112 |
| 1.1 – Alminhas | 112 |
| 1.2 – Cruzeiros | 113 |
| 1.3 – Outras Arquiteturas | 115 |
| 1.4 – Imagens das Nossas Senhoras | 115 |
| 1.5 – Outras Imagens para culto..... | 117 |
| 1.6 – Objetos (ex-votos, etc.) | 119 |
| 2 – Bibliografia | 119 |
| 2.1 – Documentos Escritos..... | 119 |
| 2.Apêndice Documental..... | 151 |
| Bibliografia Geral..... | 152 |
| 1 – Documentos Escritos..... | 152 |
| 2 – Documentos usados de outros | 264 |
| 3 – Gráficos | 265 |

1. Apêndice Documental

Transcreve-se neste segundo volume toda a documentação produzida, consultada e citada por nós ao longo do trabalho.

Organizado por freguesias com as tabelas das imagens recolhidas no trabalho de campo, as tabelas com a recolha de informação da bibliografia já apresentada no primeiro volume, estando nesta as transcrições completas das citações.





Também serão apresentados os gráficos usados no Capítulo *Alminhas* e no Capítulo *Cruzeiro* como, as imagens que recolhemos de sítios em linha assim como plantas que não são da nossa autoria mas foram alteradas neste trabalho.

O material Cartográfico está também organizado em tabelas e localizado nas respetivas freguesias em que foram usados durante o trabalho.


Freguesia de Argoncilhe











1 – Trabalho de Campo




1.1 - Alminhas





| Imagem | Localização | Tema | Caracterização | Datação |
|---|-------------------|------------------------|----------------|---------|
|  | Rua Sra. Do Campo | <i>Crucificação</i> | Pedra | 1832 |
|  | Rua Argoncilhe | - | S/D | - |
|  | Rua São Mamede | Nossa Senhora do Carmo | Granito | - |
|  | Rua São Domingos | Calvário | S/D | - |

1.2 – Cruzeiros

| Imagem | Localização | Utilização | Caracterização | Datação |
|---|-------------------|-----------------|----------------|---------|
|  | Rua Sra. Do Campo | Marco de templo | Granito | - |

| | | | | |
|---|-------------------------------|------------------------|---------|-----------------|
|  | Largo da Igreja | Cruzeiro de centenário | Granito | 1140; 1640-1940 |
|  | Largo da Igreja | | Granito | - |
|  | Rua São Mamede | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua São Mamede | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua São Mamede | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua São Mamede | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua São Mamede | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua São Domingos | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua São Domingos | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |

| | | | | |
|---|---|-----------------------|---------|---|
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | Calvário | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | Calvário | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | Calvário | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora das Neves | | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora da Azenha | | Granito | - |
|  | Largo Nossa Senhora da Azenha | | - | - |
|  | Escadaria que dá acesso ao largo da Nossa Senhora da Azenha | | - | - |
|  | Rua António Ribeiro Nunes | Cruzeiro da Via-Sacra | Azulejo | - |
|  | Rua António Ribeiro Nunes | Cruzeiro da Via-Sacra | Azulejo | - |

| | | | | |
|---|---------------|-----------------------|---------|---|
|  | Rua da Azenha | Cruzeiro da Via-Sacra | Azulejo | - |
|  | Rua da Azenha | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua da Azenha | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua da Azenha | Cruzeiro da Via-Sacra | Azulejo | - |

1.3 – Outras Arquiteturas

| Designação | Imagem | Rua | Utilização | Caracterização | Datação |
|------------------------------------|---|-----------------|------------|----------------|---------|
| Campanário destinado a ter 2 sinos |  | Rua Minhoteira | - | Granito | - |
| Monumento Funerário |  | Largo da Igreja | | Granito | - |






1.4 – Imagens das Nossas Senhoras

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|

| | | | | | |
|---|----------------------------|-----------------------------------|-----------|---------------------------------------|--|
|  | Nossa Senhora das Neves | Capela da Nossa Senhora das Neves | Pedra Anã | XVI (Segunda Metade) | Datada através do inventário disponível na obra: COUTINHO, B. Xavier. <i>Nossa Senhora na Arte – Alguns Problemas Iconográficos e uma Exposição Marial</i> . Associação Católica do Porto, 1959 |
|  | Nossa Senhora da Conceição | Capela da Nossa Senhora das Neves | - | - | Escultura de Guilherme F. Thedim. Matosinhos-Portugal. 1963 |
|  | Nossa Senhora das Neves | Capela da Nossa Senhora das Neves | - | Finais do século XVII início do XVIII | Datada através da informação disponível em: SANTA MARIA, Frei Agostinho de. <i>Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora</i> . Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. |

1.5 – Outras Imagens para culto

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|

| | | | | | |
|---|--------------------------|-----------------------------------|---|------|---|
|  | Santo Agostinho (?) | Capela de Nossa Senhora das Neves | - | - | - |
|  | S. José | Capela de Nossa Senhora das Neves | - | 1963 | Informação na base: Escultura de Guilherme F. Thedim. Matosinhos-Portugal. 1963 |
|  | Sagrado Coração de Jesus | Capela de Nossa Senhora das Neves | - | 1963 | Informação na base: Escultura de Guilherme F. Thedim. Matosinhos-Portugal. 1963 |
|  | Anjo da Guarda | Capela de Nossa Senhora das Neves | - | - | - |
|  | - | - | - | - | - |

1.6 – Objetos (ex-votos, etc.)

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|------------------------------------|-----------------------------------|----------|---------|-------------|
|  | Dedicado à Nossa Senhora das Neves | Capela de Nossa Senhora das Neves | Madeira | 1744 | - |

2 – Bibliografia

2.1 – Documentos Escritos

| | |
|---|--------|
| <p>CRUZ, D. Marcos da — <i>Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.</i> 1634.</p> | |
| <p>“(…) S. Martinho de Argoncilhe, S. Salvador de Perozinho, S. Mamede de Cerzedo, (...) todas freguesias como o hoje o sam também; po cujo respeito tratou o Ilustre Fidalgo Nuno Soares, e o Prior deste mosteiro D. Pedro com o Bispo de Coimbra, q entam era D. Bernardo (em 1137), e seu cabido, q quisessem dar a este mosteiro de Grijó toa a jurisdição ecclesiastica q tinham sobre todas estas sete igrejas;”</p> | P. 129 |
| <p>“Esta igreja foi de Elvira Nunes e de seus filhos e netos, os quais todos a doaram ao mosteiro de Grijó no anno de 1132 (...). Esta igreja foi de seu principio servida por Curas Seculares, e anuais; porem depois veyo o Prior e o Convento a por nella Conego seu com titolo de Regente ou Reytor ou Capelam desta igreja (q) com todos estes nomes se acha</p> | P.145 |

| | |
|--|-------------|
| nomeado em diferentes tempos (...). Nesta forma foi apresentado o Conego João Rodrigues no anno de 20 de Abril nesta igreja e outro sy o Conego Gomes João e o Conego Jorge Correa, q era Reytor desta igreja pelos anos de 1536 e foi o ultimo Conego deste mosteiro, q apistio na Igreja de S. Martinho (...) ” | |
| “ E assim desde o anno de 1132 q a igreja de S. Martinho foi unida in perpetuum a este mosteiro te este de 1518 não teve paroco perpetuo, senão este Jorge Correa; o qual depois renunciou esta igreja de S. Martinho em Carlos Faberte cónego de Lamego (...) durou 7 ou 8 anno, alugando por sy esta igreja era unida in porpetuum a este mosteiro para sua sustentação (...) ” | P. 146 |
| “Do qual tempo por diante (1571) ficou o mosteiro de posse da igreja de S. Martinho sem contradição de pessoa alguma, pondo nella Curas seculares anuais (...) ” | P. 146-146v |
| “A este Cura da o mosteiro onze mil reis a saber sete em dinheiro e quatro na Ermida de Nossa Senhora do Campo, q elle mesmo costuma arrendar; e manda despedir toas as Pascoas. (...). He da invocação de S. Martinho B. e Conf. Q vem em 11 de Novembro; o qual dia é o do seu Orago, em se costuma pregar, e na Dominga 3 ^a do S. ^{mo} q cay na quaresma; e no dia em q fazem a esta ao mesmo Senhor no verâm.” | P.147 |
| “A outra ermida é de N. Sra. Das Neves; he de abobedam q o mosteiro mandou fazer à sua custa no mesmo lugar onde a velha estava no anno de 1581 e assy a fabrica della deve ser à sua conta. Tem a imagem de S. Antonio em q os moradores destas vizinhanças tem grande devoção e a Sra. Das Neves tem confraria q concorre para à cera dos defundos desta freguesia. He costume desta igreja de S. Matinho fazer o Cura as 3 | P. 147 |

| | |
|---|--------|
| procissões das Ladainhas; com sua vai a N. S. das Neves, e d outra a Sra. Do Campo, e com a 3ª a este mosteiro, onde anda com a q nelle se faz, e acabada esta vai com as demais fregesias a N. S. de Fontes.” | |
| “Nossa Senhora todas de muitas Romagem e veneraçam, entre as quais é a Hermida de N. Senhora do Campo, é tradiçam que todos os moradores destas partes, de quem erão antigamente irmãos os Senhores da caza da Feira, cita dentro do Izento deste mosteiro afastada delle p. o Nascente (...) onde acham remedio para maleitas os fieis christão de ali levam (?) com devoção sua pouca de terra.” | P. 25 |
| “Tem esta igreja duas ermidas sua e N. S. da Vezिताçam q é a do campo cujo dia à grande romagem e festa com pregação: He de grande devoção e tem os devotos muita se em sua terra, q desta ermida lucam (?) pelas maleitas. Tem confraria, q se diz ser a mais antiga q à desde o Douro ate o rio Bouga onde antigamente costumavam andar os Condes e Senhores do Castello da Feira; porem inda hoje é rica, e a fabrica della duce (?) de ser à sua conta. Nesta ermida é costume dizer missa o Cura aos freguezes dia de N. S. da Assumpçam; o qual costume se funda em q antigamente esta igreja de S. Martinho estava fundada onde hoje esta Ermida está; e ali estava (...) anno de 1086 por dizer sua Doaçam feita a esta igreja no mesmo tempo, q ella está: Fundata in exitus villa Dragonceli q é onde hoje está a Ermida de N. S. do Campo.” | P. 147 |

SANTA MARIA, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora*. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723.

Da milagrosa Imagem de nossa Senhora das Neves de P. 511-515

| | |
|--|--|
| <p>Arguncilho “Na mesma Freguesia de São Martinho de Arguncilho, para a parte do meyo deia se vê também o Santuario de nossa Senhora das Neves; também este Santuario he muyto antigo, & tanto que nem por tradição sabem os moradores daquella terra dizes cousa alguma da sua origem, & antiguidade; tem esta casa de Senhora trinta, & cinco palmos de comprido, & dezoyto de largo, he esta Ermida a terceyra daquella Freguesia; das memorias do Mosteyro de Grijò consta, que o mesmo Mosteyro mandàra fazer a Capella daquella Ermida de nossa Senhora das Neves de abobada no anno de 1581 no mesmo lugar aonde estava a velha, & já depois desta reedificação parece houve alguma ruina, & outra segunda reedificação; porque hoje já não he de abobada; mas forrada de madeyra, & daqui se colhe a sua muyta antiguidade.</p> <p>Vesse hoje este Sanctuario muyto bem ornado, não tem retabolo de madeyra; mas tem huma targe, ou cousa semelhante a ella grande, & de pedra muyto bem lavrada, que começa do Altar, ou da banquetta para cima, em que está collocada a Imagem da Senhora. Há nesta Ermida duas Images de nossa Senhora, & ambas formadas de escultura de pedra, & esta he a mais antiga; tem o Menino Deos sobre o braço esquerdo, & este te na mão duas espigas, huma de trigo, & outra de milho painço, tudo de pedra; & esta Santissima Imagem he a quem os seus devotos dão o titulo das Neves; não está no meyo da targe, pela causa que adiante direy; mas està cm grande veneração no mesmo Altar à parte da Epistola, sobre a Banqueta, & debayxo de hum docel de tella, collocada sobre huma pianha também de pedra, ou represa, que sahe da mesma targe; a segunda Imagem he de mayor estatura; porque tem cinco palmos, he obra mais moderna, & também de pedra, mas de excellente escultura, tem</p> | |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>o Menino Deos em seus braços, & ambas as Imagens da Mãe, & do Filho Santissimo tem coroas de prata muy perfeytas.</p> <p>A causa da Senhora antiga (diz o Autor da Relação) não estar no meyo da targe, senão alcança, vendo se bem vlaro, do que refere mais; & vem a ser, que dizem os moradores, por constante tradição, que indo huma vez a gente à Ermida, não acháraõ a Senhora; cuydadosos todos os moradores da Freguesia de se lhe haver furtado a sua Protectora, & obradora das maravilhas, fizeraõ todas as diligencias, que se podiaõ faer para a descobrir, & por todas as partes; mas não foy ossivel o descobrirse; nesta falta mandàraõ entãõ os Irmãos, & devotos fazer a outra, que collocàraõ no lugar em que havia estado a primeyra; mas quem fez esta segunda Imagem, ou aonde a mandàraõ fazer, não consta, & como se diz que está excelllentemente obrada, a mandariaõ fazer a Coimbra, em aquelle tempo em que lá viviaõ huns insignes escultores Francezes, como já deyxamos dito, & isto serua no Reynado del Rey Dom João o III ou de sey pay El Rey D. Manoel.</p> <p>Depois de passados alguns annos, que seriaõ muytos, lhe veyo à noticia daquelles moradores, que a sua antiga Imagem da Senhora das Neves se achava em huma Igreja do termo de Aveyro; examináraõ a verdade, & o lugar, & achando a Imagem reconhecendo ser a sua, a foraõ buscar, & a trouxeraõ com muyta alegria, & a collocàraõ na sua Capella, & Altar, mas à parte da Epistola; porque não quizeraõ desapossar, nem tirar do seu lugar a Imagem nova da Senhora.</p> <p>A devoção que todos aquelles moradores tinhaõ à Senhora das Neves, era muyto grande, & tambem a Senhora lha sabia pagar com os muytos, & grandes beneficios, que lhe fazia, & que ainda ao prezente lhe fa; & assim he sua casa muyto</p> | |
|--|--|

| | |
|---|--|
| <p>frequentada de romagens, faziaõse-lhe novenas, & muytos em acção de graças por favores recebidos lhe hiaõ levar as suas promessas, como ao presente se continuaõ, & tambem hiaõ muytos povos, & lugares daquelle destrito com as suas procissoens, & ainda ao presente vaõ à Freguesia de Lobaõ, a de Mozellos, a de São Jorge, a de Saõ Guido, a do Olival, & a de Sandim incorporadas com os seus Parocos; tambem se vem ao presente muytos signaes, & memorias dos favores, & mercès da Senhora, ender das paredes daquella sua casa, muytos quadros, & alguns delles bem antigos, & gastados do tempo.</p> <p>Festejaõ a Senhora das Neves em o seu dia de cinco de Agosto, & neste dia he muyto grande o concurso, & multidaõ da gente & povo, & Romeyros, que vaõ a visitar a Senhora; & muytos a pagar os seus votos, & promessas em acção de graças, pelos favores, que recebèram daquella liberal Senhora.</p> <p>Junto a este Santuario da Senhora das Neves succedeo hum notavel prodigio pelos annos de 1669. Pouco mais, ou menos, que foy nesta maneyra. Andando huma mulher do lugar de São Domingos (que fica em pouca distancia da Ermida da nossa Senhora das Neves) em huma terra, que he como Paul, & que não he cultivada, por ser incapaz, que he huma terra branca, como crè, & tambem por ser serventia do mesmo lugar de S. Domingos, seccedeo isto na semana Santa, ou na sesta feyra da Payxaõ do Senhor, vio a mulher no tal sitio huma Cruz, formada na terra, que por ser a do terreno brancam como fica dito, & desaybre, ou cre, se deyxava ver claramente; porque era formada de huma terra muyto preta; reparou no prodigio, & ficou admirada; no Domingo de Pascoa pela manhã vindo o Cura a lançar agua benta pelas casas, & a recolher o folar, entrou na casa da mulher, que lhe referio o que vira, & lhe</p> | |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>pedio fosse ver aquella maravilha, o que o Cura fez indo ao mesmo sitio, (chamava-se o Cura o Padre Braz Lopes;) o qual endo a Cruz, se poz de joelhos, & a beyjou, & tomando a que levava naquela função; que poz sobre a que estava na terra, & vio, que era do mesmo tamanho, & fórma; recolheo-se à Igreja, & depois de dizer a Missa do Dia aos seus freguezes, os mandou esperar; porque tinha com elles hum negocio.</p> <p>Sahio o Cura, & referio-lhe o successo, & com todos voltou ao mesmo lugar aonda estava a Cruz, & aonde todos admirados do que viaõ, davaõ a Deos muytas graças, & à Senhora das Neves, divulgouse o prodigio, & foy concorrendo a gente em tão grande numero, que parecia dia de grande festa, & de muytas partes deste Reyno concorreo a gente, & durou este fervor, & devoção por alguns annos, mas como senaõ poz cobro neste prodigio, impedindo-se o cavar o lugar das Cruzes, começou o povo a tirar a terra, das muytas Cruzes, que appareciaõ em tanta quantidade, & em tal forma, que a levavaõ em sacos, lenços, & sestos para se valerem dela em suas enfermidades, em que achavaõ singular remedio para tudo, ficando covas, & desfazendo as Cruzes com que se foy esfriando a devoção, até que se esqueceo a maravilha.</p> <p>Mas como o Senhor não he escaço em as fazer, pelos annos de 1710 tornàraõ a apparecer algumas Cruzes que se vem em muytas occasioens; mas não com a quantidade, & continuação, que houve no principio, sendo Prior daquelle Mosteyro o Padre Dom Antonio de Santa Helena, & indo a sisitar aquella Freguesia (testifica o Padre Dom Antonio de Saõ Gonçallo) que nos participou estas noticias, & que fora em sua companhia, & que viraõ huma Vruz perfeitamente formada, que teria quatro, ou cinco dedos de largo, & de comprido dous palmos & meyo;</p> | |
|--|--|

| | |
|---|-------------------|
| <p>era de terra muyto preta, & tambem formada, como se fosse embutida de pao preto em madeyra branca, que he a cor da outra terra; agora mostraõ os moradores daquelle lugar as partes onde apparecèraõ; em estes se reconhece alguma escuridaõ na terra, seja o Senhor em tudo muyto louvado; da Senhora das Neves faz menção o muyto Reverendo Pare Dom Antonio de Saõ Gonçallo. ”</p> | |
| <p><i>Da milagrosa Imagem da Virgem nossa Senhora do Campo</i></p> <p>“Na Freguesia de São Martinho de Anguncilhe, que dista tres legoas da Cidade do Porto, & duas da terra da Feyra, & quasi meya legoa do Convento de São Salvador de Grijò, para a parte nascente se vê o devoto Santuario de nossa Senhora do Campo, chamada assim vulgarmente desde os principios, & antigamente, que he muyta; porque senão acha memoria, nem tradição em todos os moradores daquelle campo, de donde tomou o nome; porque a ter outro titulo, de algum mysterio seu sempre se conservàra na mesmoria dos velhos; & tambem lhe chamão nossa Senhora a Aparecida, de donde se confirma este nosso discurso, em que se manifestou naquele campo; he este Santurario da Senhora huma Ermida grande com Capella mor, além do corpo, a qual tem um arco que a divide muyto bem lavrado, & assim faz de comprido vinte palmos, & de largo quinze, o corpo tem de comprido vinte & sete, & de largo dezanove.</p> <p>Vesse esta Santissima Imagem collacada em o meyo do retabolo, que he antigo, a Imagem da Senhora he de escultura formada em pedra; a sua escultura são quatro palmos & meyo, & tem em seus braços ao Menino Deos; outro titulo lhe dão; mas he procedido das maravilhas que obra, este he nossa Senhora das Malleytas, & esto he pela grande fé, que tem em a</p> | <p>P. 509-511</p> |

| | |
|---|--|
| <p>terra, que levaõ da sua casa, que bebendo-a, se achaõ livres dellas, & tambem costumaõ, se podem, raspas alguma cousa da pianha de pedra em que a Senhora esta collocada por ser branca, & capaz de se roças, naõ obstante a grande vigilancia que nisso se tem. Porem o nome mais proprio da Senhora he o da sua gloriosa Assumpção, o que se confirma por memorias antigas daquelle Convento de Grijò, & nesse dia he obrigado o Paroco da Freguesia a celebrar Missa aos seus freguezes, por ser esta festa certamente o seu Orago, & tambem, porque alli teve os seus principios a primeyra Paroquia; & consta o Archivo do Mosteyro, que já o era no anno de 1686. Como se vê de huma doação que naquelle anno se fez na mesma Igreja, & declara estava alli fundada, por estas palavras: <i>Fundata inexistus Villa de Anguncili</i>; que he o mesmo sitio em que se vê hoje a Ermida da Senhora; continuamente obra o Senhor, pela invoação desta Santissima Imagem infinitas maravilhas, & assim he muyto grante a devoção da gente, para com ella; além da grande festa que se lhe fa no dia de sua Assumpção, se lhe faz outra na segunda octava do Espirito Santo, & nesse dia he tambem muy grande o concurso da gente, & muytas as romarias, & offertas, & dura atè à noyte; nesta festividade costumaõ os devotos fazer muytas danças, & outros festejos à Senhora.</p> <p>Teve esta grande Senhora duas muyto grandes, hua de Clerigos, & outra de seculares; a primeyra que ra a dos Clerigos se estendia do Douro atè o rio Bouga, aonde serviaõ muytas vezes de Juizes na Irmandade dos Condes, & senhores do Castello da Feyra; hoje estão estas Irmandades extintas, & a ultima se acabou de todo nas grandes differenças, que aquelle Mosteyro teve com os Senhores Bispos do Porto; principalmente sendo</p> | |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>Bispo o senhor D. João de Sousa, pondose de parte a parte excomunhoes, & interditos, q senaõ guardavaõ, por carecerem de jurisdicção, os que as punhão, assim o Bispo do Porto a respeyto daquelle Mosteyro Izento, como do Prelado do Mosteyro Izento a respeyto dos Diciosanos do Bispado do Porto; estas duvidas mais parecêraõ procedidas de teyma, que de justiça, que há muytos, que por lisongearer aos Prelados, com capa de zelo lhe fazem obrar muytas cousas contra razaõ, & contra justiça, malles que ao depois se sentem, & senaõ podem remediar, como no fim dellas mostrou o tempo, cenedo o Bispo do Porto de tudo, o que nos rincípios tinha emprendido; mas com os terrores que causavaõ as pertubaçoens, nos annos que estas duvidas duráraõ, os mais dos Irmãos Clérigos da Confraria da Senhora que eraõ do Bispado do Porto, não tornàraõ mais a ir àquelle Santuario da Senhora, & assim se acabou para com elles a sua devoção.”</p> | |
|--|--|







| | |
|---|-------------------|
| <p>LEAL, Pinho. <i>Portugal antigo e moderno</i>. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. Volume 1, 1873.</p> | |
| <p>“Argoncilhe ou Argancile – (como lhe chama Jorgem Cardoso, no Agiologio Lusitano) freguesia, Douro, comarca e concelho da Feira, d’onde dista 9 kilometros a E., 20 ao S. do Porto, 260 ao N. de Lisboa, 520 fogos.</p> <p>Tinham em 1757, 377 fogos.</p> <p>Orago S. Martinho, bispo.</p> <p>Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.</p> <p>Situada em montes e valles, cercada de pinhaes, e fértil, 9 kilometros ao O. do Douro.</p> <p>Há aqui uma grande romaria todos os anos a Santa Isabel.</p> <p>Era isento do convento dos crúzios Grijó, e por isso nulius</p> | <p>Página 238</p> |








| | |
|---|--|
| <p>dioceses, até 1834.</p> <p>P parocho era cura, apresentação do mesmo convento (...).</p> <p>Hoje é abbadia.”</p> | |
|---|--|

Freguesia de Grijó


1 – Trabalho de Campo








1.1 - Alminhas









| Imagem | Localização | Tema | Caracterização | Datação |
|---|----------------------------|---|------------------|--|
|  | Avenida Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Avenida Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Rua Cardoso Pinto | - | - | - |
|  | Rua Cardoso Pinto | Imagem de vulto de Cristo em Pedra ladeado por dois painéis azulejar de S. João e S. Madalena | - | - |
|  | Rua de Américo de Oliveira | Painel de Azulejo com a Crucificação de Cristo acompanhado da Virgem | - | - |
|  | Rua de Américo de Oliveira | Nossa Senhora [Talvez Nossa Senhora do Carmo] | Pedra e Mármore. | S/D: “ Nossa Senhora dos Caminhos Grijó 25 Setembro (não temos a certeza da data) Família Neves” |






| | | | | |
|---|-------------------------|--|---|------------------|
|  | Rua Casal de Baixo | - | - | - |
|  | Rua da Guarda | Cristo em pedra | - | 1722; 1817; 1878 |
|  | Travessa Fonte do Casal | Nossa Senhora do Carmo | - | - |
|  | Travessa Fonte do Casal | Imagem de vulto de Cristo Crucificado em pedra | - | - |
| - | Rua 3 Marias | - | - | - |
|  | Rua da Boavista | Calvário | - | - |
|  | Rua da Fonte Branca | Calvário | - | - |
|  | Rua Casal de Cima | Cristo Crucificado | - | - |

1.2 – Cruzeiros

| Imagem | Localização | Utilização | Caracterização | Datação |
|---|---------------------------|------------|-----------------------|----------------------------------|
|  | Avenida Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Avenida Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Rua Cardoso Pinto | - | - | Século XIII/XIV [Sem Certeza] |
|  | Rua Sr. do Padrão | - | Cruzeiro da Via-Sacra | |
|  | Rua Quinta da Fábrica | - | - | - |
|  | Rua Quinta da Fábrica | - | - | - |
|  | Rua da Carriça | - | - | - |
|  | Largo Dr. Manuel Ramos | - | - | - |

| | | | | |
|---|------------------------|-----------------------|---|--------------|
|  | Rua da Guarda | - | - | - |
|  | Rua Cruzes | - | - | 1709 ou 1729 |
| - | Rua Cruzes | - | - | - |
|  | Rua Cruzes | - | - | - |
|  | Rua Dr. Ernesto Castro | - | - | - |
|  | Rua 3 Marias | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua 3 Marias | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua 3 Marias | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |






| | | | | |
|---|------------------------|-----------------------|---|---|
|  | Rua 3 Marias | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua 3 Marias | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua 3 Marias | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Dr. Castro Correia | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |


| | | | | |
|---|------------------------|-----------------------|---|---|
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | - | - |
|  | Rua Dr. Castro Correia | S/D | - | - |
|  | Rua da Boavista | S/D | - | - |

1.3 – Outras Arquiteturas





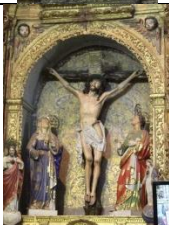
| Designação | Imagem | Rua | Utilização | Caracterização | Datação |
|----------------------------|---|-----------------------|------------|----------------|---------|
| Capela do Senhor do Padrão |  | Rua Quinta da Fábrica | - | - | - |

1.4 – Imagens das Nossas Senhoras

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|--------------------------|--------------------------------|----------|---------------------------|---|
|  | Pietá | Capela de Santo António | - | - | - |
|  | Nossa Senhora do Amparo | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | Nossa Senhora da Cera | Igreja de S. Salvador de Grijó | Pedra | - | - |
|  | Nossa Senhora das Dores | Igreja de S. Salvador de Grijó | Madeira | - | Imagem de Vestir |
|  | Nossa Senhora do Rosário | Igreja de S. Salvador de Grijó | | Entre o séc. XVII e XVIII | Referida no SANTA MARIA, Frei Agostinho de. <i>Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora. Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723.</i> |







| | | | | | |
|---|------------------------------|---|---|---|---|
|  | Nossa Senhora da Graça | Capela da Nossa Senhora da Graça | - | - | - |
|---|------------------------------|---|---|---|---|







1.5 – Outras Imagens para culto


| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|------------------|---|----------|---------|-------------|
|  | São Caetano | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | Santa Luzia | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | Santo António | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | São Marcus | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | - | - | - | - | - |

| | | | | | |
|---|---|---|---------|---|---|
|  | Sagrado Coração de Jesus | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | Ecce Homo | Igreja de S. Salvador de Grijó | Pedra | - | - |
|  | Santo Agostinho de Hipona ou de Cantuária | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | São João Batista | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | - | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | S. Salvador do Mundo | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | Cristo carregando a Cruz | Igreja de S. Salvador de Grijó | Madeira | - | - |


| | | | | | |
|---|--------------------------------|---|---|---|---|
|  | S. Sebastião | Igreja de S. Salvador de Grijó | - | - | - |
|  | - | Capela de Santo António | - | - | - |
|  | - | Capela de Santo António | - | - | - |
|  | Sagrado Coração de Jesus | Capela de Santo António | - | - | - |
|  | Santo António | Capela de Santo António | - | - | - |
|  | São Roque | Capela de Santo António | - | - | - |

| | | | | | |
|---|---------------------|--------------------------------------|---|---|--|
|  | Santo Agostinho (?) | Capela de Santo António | - | - | Pelos símbolos que segura poderá ser um bispo ou abade |
|  | - | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | São Marcos | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | São Jerónimo | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | São Mateus | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Para São Gregório | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |

| | | | | | |
|---|--|--------------------------------------|---|---|---|
|  | São Aquilino de Milão ou São Aquilino de Colônia | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Santo Ambrósio | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | São Lucas | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Santo António | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | Santo Agostinho | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|  | São João Evangelista | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |

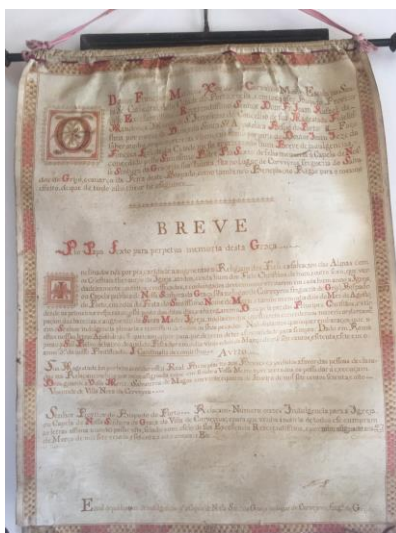
| | | | | | |
|---|--------------|--------------------------------------|---|---|---|
|  | São Teotónio | Claustro do Antigo Mosteiro de Grijó | - | - | - |
|---|--------------|--------------------------------------|---|---|---|

1.6 – Objetos (ex-votos, etc.)

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|-----------------------------------|----------------------------------|----------|---------|-------------|
|  | Dedicado à Nossa Senhora da Graça | Capela de Nossa Senhora da Graça | Madeira | 1793 | - |

1.7 – Outros Objetos/Documentos encontrados

1. Breve presente na Capela de Nossa Senhora da Graça. Fotografia digital, 2018



2 – Bibliografia

2.1 – Documentos Escritos

| AMORIM, Inês. <i>O Mosteiro de Grijó. Senhorio e Propriedade: 1560-1720 (formação, estrutura e exploração do seu domínio)</i>. Da Autora, Braga, 1997 | | |
|--|--|--------|
| Assunto | Citação | Página |
| A Congregação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho | Em 1536 os cónegos deslocam-se para a Serra de Quebratões junto ao Porto, por razões de frio, humidade, etc. Estas são as razões apontadas para a mudança por Frei Nicolau de Santa Maria repetida por outros autores. | P.17 |
| | Santa Cruz fundada em 1131, em 1132 aderiu Grijó, protegido pela família de Nuno Soares. Tinha como objetivo o contacto com as classes vilãs, povoar territórios, proclamação ideológica da Guerra Santa, atitude tolerante para os moçárabes e a cultura islâmica, transmitir correntes culturais vindas de França e Roma | P.17 |
| | “Do ponto de vista pastoral seria a Ordem que melhor atingiria as camadas inferiores da população. Situados essencialmente nos centros Urbanos, mas também rurais, cultivam a pregação. Escrevem um modelo para o clero que exercia a pastoral nas paróquias fronteiriças, a vida de S. Martinho de Soure, adaptada às vicissitudes da guerra. Mas esta pastoral dinâmica e correspondendo aos anseios da época, alterou-se profundamente num desregramento que não parece ser característica própria e única desta Ordem, mas que identifica a vida espiritual e material das comunidades religiosas ao longo dos séculos XIV, XV e inícios o século XVI.” | P. 18 |
| | “Na verdade, no tempo das duas reformas, protestante e católica, a cidade é o campo da disputa das diversas confissões, e o meio de | P.21 |

| | | |
|--|--|----------|
| | aculturação religiosa.” | |
| | 1540 – Autorização de religiosos para o novo imóvel, mas alguns teriam de permanecer no antigo/velho; 1542 – Mudam-se e ficam apenas um clérigo cura e o pároco da freguesia para administras os sacramentos aos fregueses. A obra só terminou em 1567. | P.22 |
| | 1563/1564- Separação do Mosteiro do Salvador Eccleziola do novo Salvador da Serra. Receberam queixas pelo desamparo daquelas terras e acabaram por negociar a separação; “ (...) os moradores do antigo Mosteiro petição para o restituírem ao lugar antigo: primeiro porque os seus mortos não eram venerados, e depois porque o novo Mosteiro estava em local pouco habitado” | P.23 |
| | “ (...) lembremos que as manifestações rurais não se limitam à igreja, ao espaço imóvel e que o cura da igreja de Grijó pouco poderia ultrapassar. O cristianismo aldeão traduz-se em vários lugares: nos campos, na própria liturgia familiar, pequeno templo doméstico. Nesta liturgia agrária, o camponês pede à Igreja que o proteja, aos seus campos e animais, lançando-lhes as bênçãos. O clérigo deixa a Igreja para ocupar no campo as funções sagradas quer periodicamente, quer ocasionalmente. A procissão que regularmente percorre o campo, invocando todos os santos, mas que em tempos difíceis se reveste dum maior fervor quando a chuva não para ou a seca não vai” | P.23-24 |
| | Separação de Bens dos Mosteiros de Grijó e de Vila Nova 1564 e 1566. Sendo que Grijó fica com S. Mamede de Serzedo, S. Salvador de Perosinho e S. Salvador de Grijó | P. 26-27 |
| | Património dos séculos XII e XIII é através de doações reais e particulares, compras, etc. | P. 73 |
| | “ (...) séc. XIV, Grijó colhia as terras que lavrava por sua conta, para cima de 20 toreis de vinho e cerca de 10 moios de cereal, colhidos em | P. 74 |

| | | |
|-----------------------------------|---|--------------|
| | <p>Grijó, Serzedo e Sá. Mas além destas terras de pão e vinho, havia matas, pomares, courelas onde se cultivam couves, feijões e outros produtos de horta. Para trabalhar estas terras, o Mosteiro possuía quer pessoal assalariado, quer ainda o recurso às jeiras – dias de trabalho como forma de pagamento do foro.”</p> <p>No século XVI a área de exploração direta do Mosteiro restringia-se praticamente à cerca que o rodeava e a direitos dominais: maninhos e águas nas áreas da sua jurisdição.</p> | |
| <p>Cerca do Mosteiro de Grijó</p> | <p>No triénio Prior D. Francisco de Santo António verificou-se o alargamento da cerca.</p> <p>Em 1584 a cerca é alargada:</p> <p>“Os objetivos parecem ser, sobretudo, integrar no circuito aquelas parcelas bem situadas entre a pedreira e Mosteiro às obras constantes nos dormitórios, claustros, refeitórios, aidos, e azenhas.”</p> <p>“Em 1598 procede-se à demarcação da cerca. O seu perímetro, foi medido pela parte de fora do muro de alvenaria e no sentido inverso dos ponteiros do relógio: partindo da Porta Nova do Terreiro até ao caminho público que vai para Morracezes pelo Sul, e que divide a cerca da aldeia de Chamusca (544 varas – 598,4 metros); a cerca vai acompanhando o caminho público, indo sempre para nascente, até dar no Rio público da Guarda (736 varas – 809,6 metros); desde este rio para Norte, demarcando com terras da aldeia da Guarda, até dar no canto que o muro faz para a banda do poente, entestando com o caminho público que vai do Mosteiro para a aldeia da Póvoa por um lado, e para o Porto por outro (560 varas – 2502,5 metros).”</p> | <p>P. 75</p> |
| | <p>“Ficaria dentro desta cerca a Igreja, o Claustro, Torre de sinos, casas e oficinas, pomares, devesas, ribeiras de águas e moinho. Em 1600 fez-se a fonte de pedraria no claustro, lajeou-se a Casa do Capítulo e</p> | <p>P. 76</p> |

| | | |
|--|---|----------|
| | <p>o Claustro, e ainda um refeitório novo. Em 1602 construiu-se a hospedaria para os Religiosos, leigos, casas de criados, aidos para o gado e outra azenha.</p> <p>O Mosteiro possuía ainda, fora da cerca, para Sul, um campo que em tempos andara repartido em três parcelas – campo da devesa, campo da oliveira e campo da Santa Cruz – mas que em 1598 estaria num só, rodeado por todos os lados de caminho público e cercado por valos, com 544 caras pelo Sul (598,4 metros), 192 varas pelo nascente (211,2 metros), 576 pelo Norte (633,6) e 16 varas pelo Poente (17,6 metros).</p> <p>Toda esta área, nos inícios do século XVII estava organizada da seguinte forma: uma horta para gado e serviço do Mosteiro, cheia de árvores de fruto, terras lavradas (...)”</p> | |
| | <p>“Seria a água que tornaria viva esta área da cerca, e à imagem de outras iniciativas conhecidas, o Mosteiro privatiza-a contra a vontade pública. Em 1538/41 ter-se-á começado a trabalhar na sua canalização. E, em 1545 uma apostilha de D. João III, confirmada em 1579 por D. Sebastião, proíbe que qualquer pessoa tire água do cano dos Religiosos do Salvador (...).</p> <p>Em 1581 far-se-ia o cano de água oriundo do lugar de Morrazes, e em 1597 iniciou-se outro «começou [o Mosteiro] com o cano de água suja que vem do lugar de Mourracezes (...)”</p> | P. 77 |
| | <p>“Ainda sob admistração directa estariam, embora irregularmente, os Passais das Igrejas do padroado de Grijó e suas anexas: Argoncilhe, Serzedo, Perosinho, Travanca, Travassô e sua anexa de Eirol.</p> <p>Serzedo, desde que temos referências (1529) sempre andou sob regime de prazos, incluindo nesta área um moinho, mas que parece arrendado num outro estatuto como indica o formulário em 1560 «e querendo o Mosteiro o tomará para si sem pagar coisas alguma de benfeitorias», situação modificada em 1621, quando este e</p> | P. 80-81 |

| | | |
|--|--|-------|
| | outro, «um alveiro e negreiro», são emprazados por três vidas.” | |
| | “(…) exploração direta, como sejam a cerca do Mosteiro e os Passais das Igrejas do padroado: Argoncilhe, Serzedo, Perosinho, Travanca, Travassô e anexo de Eirol.” | P. 97 |

AMARAL, Luís Carlos. *São Salvador de Grijó na Segunda Metade do Século XIV. Estudo de gestão agrária*. Edições Cosmos, Lisboa, 1994.

| Assunto | Citação | Página |
|--|---|--------|
| | Despovoamento do local devido às epidemias do século XIV | P. 26 |
| O espaço | “Grijó (...) encontrava-se bem situado no meio de um vasto plaino, distante uns 15 km da cidade do Porto e praticamente ao lado da velha via romana, então designada por estrada mourisca, que vinda do sul, cruzava Coimbra e se prolongava até ao Porto. Este eixo de comunicação, vital para a circulação de homens e mercadorias durante toda a Idade Média portuguesa (...)” | P. 37 |
| Domínio Eclesiástico | “Sobretudo num domínio eclesiástico importa ter em conta as igrejas e outras casas de culto que nele se encontravam incorporadas e que sob o ponto de vista económico se comportavam como quaisquer outras propriedades e se colocavam sob a administração directa do senhor. (...) bens de gestão fácil e pouco dispendioso, além de muito lucrativos.” | P. 56 |
| Adopção da Regra de Santo Agostinho | A partir de 1132 adoptam a «regra» de Santo Agostinho, seguindo os costumes de São Rufo de Avignom | P. 170 |

SANTOS, Manoel Rodrigues dos. *Descrição Topográfica de Villa Nova de Gaya (1ª ed.)* Porto: Imprensa Real, 1881

| Assunto | Citação | Página |
|---------|---------|--------|
|---------|---------|--------|

| | | |
|---|---|-------|
| Após a abolição das Ordens religiosas em 1834 | “Dos conventos abandonados o primeiro é o da Serra o Pilar, dedicado a Santo Agostinho. Este convento é chamado da Serra, por estar colocado no sitio mais lato da Villa Nova de Gaya; e também se chama do Pilar, da invocação com que é venerada na Igreja deste convento a Santissima Virgem, a quem se fez sempre e ainda hoje, uma festividade solemne no dia 15 d’Agosto, e juntamente grande arraial, e feira de sementes e apeirias de lavoura. Differem os AA. Na era da sua fundação, porque alguns a dão também no anno de 1540, e no de 42 foi habitado pelos primeiros conegos, que vieram para elle do Mosteiro de Grijó, ao qual esteve anexo até 1566, em cujo anno o Papa Pio 5º o separou da jurisdicção daquele Mosteiro.” | P. 38 |
|---|---|-------|

SANTOS, Celso Francisco dos Santos. *A Architectura do Mosteiro de S. Salvador de Grijó 1574 – 1636*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Volume I e II. Porto, 1988.

| Assunto | Citação | Página |
|---------------------|---|--------|
| Sobre a fundação | Fundado por Guterres Soares e Auzindo Soares em 922. “A sua sobrevivência será assegurada, no século seguinte, por, e sucessivamente, Soeiro Fromarigues – que lhe faz uma nova dotação em 1093-, Elvira Nunes, sua viúva e seu filho Nuno Soares, cabeças da família patronal do mosteiro que, segundo José Mattoso, fazia parte do grupo de cavaleiros que o rei protegia. A nova comunidade religiosa aderiu à Regra de S ^{to} . Agostinho em 1132, um ano depois de S ^{ta} . Cruz de Coimbra. Em 1131 e 1160 os Agostinhos, e neste caso particular os cónegos regrantes, fizeram uma rápida expansão no país devido sobretudo à sua pastoral, desprovida de liturgia solene e, por isso, mais actuante junto das populações.” | P. 14 |
| | “Nos séculos XII, XIII e XIV o mosteiro vai paulatinamente aumentando os seus bens patrimoniais por doações, compras e permutas que lhe definem, nos finais deste último, os contornos que manteve até ao século XVI.” | P. 14 |

| | | |
|--------------------------------------|---|------------|
| | Desde a fundação até 1093 eram chamados de frades, posteriormente por cónegos e depois da reforma do século XVI passaram a ser conhecidos como cónegos regulares. | P. 14 |
| Sobre a reforma da Ordem dos Cónegos | “(…) situavam (…) quer em zonas rurais – grijó, Maia -, seriam os que melhor actuariam como diz José Mattoso, junto das camadas inferiores das populações, pela sua pastoral que se adaptava ao esforço da reconquista. Este quadro alterou-se profundamente no decurso dos séculos XIV, XV e XVI, com o desregramento dos costumes, em casas monásticas que se preocupavam já só com a fruição das rendas acumuladas, sem a observância da regra que, em princípio, professam. (...) reorganização da vida das comunidades religiosas que se pôs em prática no século XVI (...)” | P. 15 |
| Sobre a Localização | “O Mosteiro de Grijó era cabeça de um vasto senhorio que, no século XIV se localizava, na sua quase totalidade, numa área compreendida entre o rio Douro (a Norte) (...) A maior concentração permanecia no aro envolvente de Grijó, num raio de 10 km. Partir daí, (...) o número das terras do mosteiro ia gradualmente diminuindo. Podemos limitar esse espago de maior densidade ao actuais concelhos de Vila Nova de Gaia, Espinho, Feira, S. João da Madeira e Oliveira de Azeméis” | P. 17-18 |
| | "(...) no seu Couto, Comarca da Cidade do Porto, distante della trez Legoas para a parte do Sul, e ao Poente da Estrada Real, que corre da mesma Cidade para a de Coimbra em distancia quazi de meia Legoa, e apartado huma da Costa do Mâr" (12), dominando uma planície cortada por uma via de comunicação - a estrada mourisca, antiga via romana - que "tinha de alguma forma condicionado a própria expansão do domínio de Grijó, que no seu caminho para Sul a foi bordejando de forma constante (...)” | P. 18 |
| Na época moderna a situação | “A estrada mourisca que fazia a ligação entre Coimbra e o Porto. A sua importância levou a que se dividissem as freguesias e os casais do mosteiro em dois grupos - os da Estrada-de-Baixo (que se | P. 18 – 19 |

| | | |
|---|--|-----------------|
| <p>manteve-se sem grandes alterações sendo as propriedades do mosteiro divididas em casais, segundo quatro eixos de comunicação</p> | <p>localizavam a Oeste da via) e os da Estrada-de-Cima (a Este e a Sul). A estrada que, pela costa, se dirige a Ovar. A estrada romana de ligação Águeda-Viseu, com uma divisão rara Norte, passando por S. Pedro do Sul e Castro de Aire, e outra para Sul até Viseu. O rio Vouga que é o limite natural das propriedades do mosteiro a Sul, com a exceção de um núcleo em Coimbra.”</p> | |
| <p>Sobre o Património</p> | <p>Distribuição por núcleos de origem medieval.</p> <p>“A volta das igrejas do seu padroado que tinham funcionado como rolos de atração e organização patrimonial - Serzedo, Perosinho, Argoncilhe, Grijó, Travanca, Travassô e Eirol. Volta das igrejas que tinham pertencido ao seu padroado mas que, quando da divisão das rendas entre este mosteiro e o novo de S^{mo}. Agostinho da Serra, em 1564, passaram a ser deste último ou de outras instituições - Silvade, Cabanões de Ovar, Milheirós de Poiares, Souto e Cortegaça.”</p> | <p>P. 19</p> |
| | <p>1563 – Separação do Mosteiro antigo do Salvador Eccleziola do novo do Salvador da Serra. Seguiu-se a separação das rendas, ornamentos, pratas da sacristia, etc.</p> <p>Mosteiro de Grijó encarregue da jurisdição eclesiástica nas freguesias (e igrejas) de S. Martinho de Argoncilhe, S. Mamede de Serzedo, S. Salvador de Perosinho, S. Salvador de Grijó, S. Miguel de Travassô, S^{ta}. Eulália de Eirol e S- Martinho de Travanca; A jurisdição territorial dos coutos de grijó, Brito e Tarouquela; As rendas das igrejas que lhe eram anexas, coutos e jurisdição espiritual e temporal;</p> | <p>P. 25</p> |
| | <p>Existência de um mestre de pedraria – Baltazar Gonçalves. Grijó</p> | <p>P. 35-36</p> |

| | | |
|----------------------------|--|----------|
| | compra assim a António Afonso-o-velho a pedraria integrou a cerca do mosteiro. | |
| Obrasrealizas na igreja | <p>As obras durante o século XVI:</p> <p>1572 – Planta para o novo mosteiro feita por Francisco Velasquez;</p> <p>1584 – Obras de pedraria não especificadas e “dous frontais de talha para os dous altares do cruzeiro” (da igreja velha)</p> <p>1609 – Obras de pedraria: início da construção da igreja – lançamento da primeira pedra da capela-mor, em 1612;</p> <p>1624 – Obras de pedraria: azulejamento da capela-mor e continuação das obras da igreja com a construção do transepto e duas das capelas laterais;</p> <p>1630 – O padre visitador (Dom Andre da Cruz) mandou acrescentar duas novas capelas ao projeto existente, e lagear o exterior da Sacristia. Construiu-se a casa do Abade de Cerzedo.</p> <p>1633 – Obras de pedraria: construção de quatro capelas laterais (as últimas) e continuação do azulejamento das dependências monásticas e dormitórios; Erigiu-se também o primeiro retábulo que teve a Capela-mor;</p> | P. 38-42 |
| | <p>“(…) nave e às seis capelas laterais intercomunicantes – três de cada lado que a igreja aína hoje tem: primeiro, porque as duas primeiras capelas laterais se levantaram em 1624 (...) e as quatro restantes só ficaram prontas a partir de 1636 1636, qvanrio esta casa monástica era governada por D. Bartolomeu da Visitação; segundo, porque em 163C, o Visitador enviado por S^{ta} Cruz de Coimbra recomendava que se sujeitasse à apreciação dos arquitectoso o acrescentamento de mais duas capelas laterais ao projecto inicial, Julgado necessário, “porquanto parece que o pede a arte na opinião de quem o entende”, muito provavelmente um mestre religioso, à semelhança do emanado do Capítulo Geral de 1578. Não sabemos se esta sugestão terá sido acatada, embora seja anterior à construção das quatro últimas capelas</p> | P. 44 |

| | | |
|--|--|-------|
| | laterais, datadas de 1636 pois, se por um lado exigia a alteração do projecto inicial, por outro lado, faria supor a existência de uma primeira planta com quatro capelas, solução pouco frequente na arquitectura nacional da época e, estranha, ainda por cima, ao monumentalismo expresso no programa arquitectónico do conjunto de S. Salvador de Grijó - com clara articulação entre o corpo da igreja e as dependências monásticas, muito especialmente com o claustro.” | |
| | O coro da capela-mor é demolido para possibilitar a construção das capelas laterais: “ Em 1636 o coro que então servia foi derrubado, possibilitando a continuação das obras das capelas laterais, por razões que se prendiam com a segurança dos Religiosos (...)” | P. 45 |

ABREU, Susana Matos. *A Docta Pietas ou a Arquitectura do Mosteiro de S. Salvador também chamado Santo Agostinho da Serra (1537-1692). Mestrado em História de Arte em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1999.*

| Assunto | Citação | Página |
|--|--|----------|
| Sobre a variação do novo mosteiro de S. Salvador | “(...) inicialmente consagrado a S. Salvador – devoção a que se manteve fiel até ao fim do século XVI -, foi substituído em 1599 pelo de Santo Agostinho (o patriarca dos cônegos regantes), por sua vez suplantado a partir de 1678 pelo culto mariânico de origem espanhola gerado em torno da imagem da Senhora do Pilar, que lhe deu a actual designação. Esta indefinição estendeu-se, na primeira metade do século XVI, ao entendimento geográfico da obra na sua dimensão afectiva, pois o mosteiro é muitas vezes indistintamente chamado do Porto (pela proximidade àquela importante cidade), de Vila Nova (o arrabalde do Porto que então seria a | Página 3 |

| | | |
|---|--|-----------|
| | actual cidade de Vila Nova de Gaia), da Serra (por respeito à eminência onde está fundado), ou de Grijó, em atenção aos primeiros religiosos que vieram ocupar o edifício por transferência desta comunidade para estas instalações. Se pode imaginar-se com isto a confusão dos arquivos em catalogar os documentos provenientes desta casa após a sua extinção em 1832, deve acrescer-se, noutro plano de trabalho, a dificuldade na compreensão espacial e funcional do complexo monástico.” | |
| A reforma crúzia, Diogo de Castilho e João de Ruão | “Será no evoluir dos métodos conceptuais destes artistas que os seus contínuos pedidos de resposta se revelarão mais importantes, estimulando o recurso ao desenho como instrumento de exploração e domínio das formas, ainda como investigação de novos tipos arquitectónicos. Assim, Fr. Brás de Barros concorreu para delinear na sociedade quinhentista de Coimbra o conceito de artista como criador individual (um sentido que tomaria João de Ruão , por exemplo) e, seu lado, destacada a arquitetura como instrumento de acção política e veículo de reforma, fez crescer a consciência do valor social e arquitecto.” | Página 17 |
| | “De tudo isto poderíamos extrair que Fr. Brás se tornou um apaixonado pelo exercício da arquitetura. Contudo, parece menos gratuito afirmar que acreditava nela como linguagem eficaz para comunicar certos valores que lhe interessaria transmitir. E se lhe podemos apreciar o gesto | Página 18 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>magnânimo de acolher de braços abertos a produção de João de Ruão e de Diogo de Castilho na senda do Renascimento, o seu percurso e formação sugerem-nos que a mola desta sua “pulsão de modernidade” reside, com maior fundamento, ampla cultura humanística que adquiriu nos centros cultos da Europa.”</p> | |
| Mecenatos | <p>“Se Diogo de Castilho era o braço de Fr. Brás de Barros e, de há meia dúzia de anos àquela parte, o mestre das obras de pedraria de Santa Cruz, João de Ruão servia a mesma casa pelo menos desde 1530 e terminara, havia pouco tempo, os retábulos pétreos da magnífica fonte do claustro Manga, uma arquitetura de carácter espacial inovador e de grande pendor simbólico, elaborada sobre programa extraordinário do reformador.”</p> | Página 20 |
| A confirmação de um plano e a rotura de 1564 | <p>“Os registos do cronista D. Marcos da Cruz relativos aos investimentos feitos pelo novo Salvador após 1555 dizem respeito, na sua maioria, a sinos, paramentos e alfaias de culto. Para lá de documentar a importância da liturgia para os cónegos regentes, este facto sugere que, uma vez realizadas as obras de alvenaria essenciais, o esforço económico do mosteiro se voltava para outros investimentos.”</p> <p>Nota de rodapé:</p> <p>“D. Tomé Nogueira (1552-1555), “nas obras no novo mosteiro gastou passante de 21V.979” [MC, fl. 282-82v.]; D. Vicente (1555-1558), “fes muitas obras (...) que tudo fás soma de 959.V.320. Nestas</p> | Página 24 |

| | | |
|----------------------------|---|-----------|
| | obras entra hum sino que fes pera o mosteiro novo, outro para a ermida de Nossa Senhora de Fontes , (...) e pera o mosteiro velho de Grijó duos sinos piquenos, hum caliz grande pera o altar mór, mais seis piquenos, e a caixa de prata, em que esta a santa relíquia de Nossa Senhora, duas pallas ricas, que custarão 14.680. duas capas de damasco cramesim, e outros ornamentos pera o mosteiro” [MC, fl. 283-83v];” | |
| A orientação dos trabalhos | <p>“Mal Fr. Brás se instalou no velho mosteiro de Grijó lançou-se “com fervor” nas obras da nova fundação.</p> <p>Já em Maio de 1538 estivera aposentado nos Guindaes, nas proximidades do monte de S. Nicolau, agenciando negócios de terrenos. Mas pelo menos entre o fim de Outubro de 1541 e Dezembro do ano seguinte viveria intermitentemente no velho mosteiro e em instalações provisórias junto do estaleiro.”</p> | Página 32 |
| | <p>“Já vimos que em 1536 o rei D. João III pedira a Fr. Brás que visitasse o velho mosteiro de Grijó e se inteirasse, entre outras coisas, do sítio e condições do seu edifício ara a casa se reformar. Nessa mesma altura pediu-se ainda que se fizesse acompanhar do arquiteto Diogo de Castilho para este “fazer hum debuxo do mosteiro, e sitio delle, e das obras, que tem agora feitas” e ainda outro, recomenda a Fr. Brás, “das que vos parece que se devem fazer”. Feitos estes desenhos, o reformador deveria enviá-los ao rei para seu estudo.</p> | Página 37 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>A esta carta sucedeu outra catorze meses mais tarde, na qual o rei informa Fr. Brás que “vio o debuxo do mosteiro de Grijó, e lhe pareceu bem, e também o sitio pella informação que Diogo de Castilho lhe deu”, recomendando que a obra se fizesse “no ditto lugar e por aquella forma” o mais rapidamente possível. Juntamente com esta nota, envia a Fr. Brás “toas as provizoens que pedira pera se fazer a ditta obra”.</p> <p>O pedido formulado pelo rei em Agosto e 1536 é claro: os ebuxos que lhe deveriam ser enviados consistiriam, o primeiro no levantamento do edifício existente em Grijó, o segundo numa proposta de sua recuperação. Teriam sido estes, que avaliados em função de outras informações, declinariam na construção do novo mosteiro.”</p> | |
| | <p>“(…) o arquiteto era o mestre as obras de pedraria e alvenaria da Santa Cruz quando se encetaram os trabalhos em Quebrantões e seria natural que desse continuidade ao intuito régio de realojar a comunidade de Grijó no novo assentamento quando pouco tempo antes aparecera já ligado à avaliação do velho edifício e sua acomodação ara os mesmos fins.</p> <p>A confirmar aquela ideia, na manhã do dia de S. Nicolau do ano seguinte de 1537 encontramo-lo novamente a servir a causa do novo Salvador, a medir o terreno e a abrir alicerces (...). Mas eis que se introduz aqui um elemento estranho e perturbador: a seu lado, a colaborar nas medições do</p> | Página 38 |

| | | |
|--------------------------|---|-----------|
| | terreno, está o escultor-arquiteto João de Ruão, como ele ao serviço da casa Santa Cruz.” | |
| Arquitectura conveniente | “Deduz-se desta apologia em voz do próprio que a ordem espiritual e moral da comunidade religiosa, uma vez estabelecida, deveria transparecer e tornar-se facto social segundo uma manifestação pública em que a arquitectura seria o canal mediato. Visto que essa mesma arquitectura se ajusta às necessidades criadas pela observância da regra e das Constituições, torna-se evidente que este canal tem sentido retroactivo como estímulo da ordem interna e é um instrumento que auxilia Fr. Brás numa hábil manobra pedagógica da comunidade residente. Isto torna-a tão adjectiva quanto substantiva da reforma: é sua expressão legítima e ainda o instrumento ideal para a proporcionar.” | Página 59 |
| | “Nove anos haviam decorrido desde o início da reforma de Santa Cruz quando Fr. Brás encetou a empresa do mosteiro de Grijó. Por esta altura já teria uma ideia de comunidade-modelo maturada e as coordenadas do seu governo humano e espiritual tinham sido testadas nas reformas de Coimbra e Lisboa. Duas tiragens das Constituições tê-las-iam cristalizado.” | Página 69 |
| Ideários | “Contemporânea dos pensamentos régios de construção de um novo edifício para a comunidade de Grijó é ainda a estada da corte em Évora (1531-1537), que aí se refugia de um tremor de terra que abalara a capital. É desta cidade que D. João III escreve a Fr. Brás para que vá a Grijó e se enteire do | Página 78 |

| | | |
|------------|---|-----------|
| | <p>estado do velho edifício e é de regresso a Lisboa que recebe Diogo de Castilho como emissário do reformador e lhe aprova o debuxo do novo mosteiro. Por este tempo seria grande a influência de André de Resende (1500-1573) na sociedade local eborense, e o clima intelectual e artístico gerado por este humanista e arqueólogo muito do agrado do monarca – tanto que o chamaria à corte para preceptor dos Infantes -, estimularia o palato artístico de D. João III, adquirindo a arquitectura um papel e feição especiais na representação da imagem “ao romano” do Estado joanino a artir desta convivência.”</p> | |
| Tipologias | <p>“Apesar de o convento ou mosteiro continuar a ser um dos temas edíficos mais importantes no Renascimento, não são muitas as pesquisas que lhe consagram os teóricos deste tempo, seduzidos como andavam pela exploração de novos tipos de habitação suscitada pelas mutações sociais que trouxe o fim da Idade Média. Os tratados amplamente ilustrados de Filarete e Francesco de Giorgio puseram à disposição dos seus pares uma série de modelos de residências para todas as classes sociais e é paragmático que embora o tema do convento seja em ambos abordado, é-o, antes de mais, por uma questão (continua na página seguinte”</p> | Página 90 |
| | <p>“ (continuação) ética, porque a preferência dos seus autores vai manifestamente para aqueles outros temas. A outro lado, o rápido progresso na exploração de novas fórmulas para a arquitectura</p> | Página 91 |

| | | |
|--|--|------------|
| | civil levou a que as soluções talhadas para esta tendessem a invadir outros temas edíficos, entre os quais, evidentemente, o da arquitectura monástica.” | |
| | “Em 1470 (Francesco di Giorgio) recomendou o fecho dos jardins interiores com formas perfeitas como a quadrada, a triangular ou a circular e é na perspectiva de adaptação destes novos conceitos da arquitectura civil à religiosa quem em 1481 aconselha vivamente muros circulares para os claustros dos conventos.” | Página 94 |
| | <p>“Natural da cidade francesa que indica o sobrenome, João de Ruão nasceu or volta do ano 1500 numa família com tradições na arte da escultura. Veio para Portugal cerca de 1528 pela mão de D. Jorge de Meneses, senhor de Tancos e de Cantanhede, que lhe patrocinou as primeiras obras. Cerca de 1530 liga-se à reforma artística empreendida por Fr. Brás de Barros no mosteiro de Santa Cruz.</p> <p>O cônego regente D. José de Cristo regista (1622) o testemunho oral da vinda de João de Ruão para Portugal com fama de “grande arquitecto”, dando voz a um pendor que revelam as suas primeiras obras no país: o portal da Igreja de Atalaia (Vila Nova da Barquinha, 1528) e a capela da Varziela (Catanhede, 1529-31), esta última um conjunto arquitectónico e escultórico da sua inteira responsabilidade. Esta tendência foi em pouco tempo suplantada pela actividade de escultor, sendo o cômputo geral da sua vasta produção artística constituída por retábulos e imagens devocionais de</p> | Página 138 |

| | | |
|---------------------------------|--|------------|
| | rara fama popular, de que sobressaem investidas pontuais no campo da arquitectura.” | |
| Formação de João de Ruão | <p>“João de Ruão era já perfeitamente evolucionado na gramática renascentista em 1528 quando empreendeu em Atalaia a sua primeira obra entre nós. Salvo pequenas deslocações em trabalho no país sabe-se que não terá viajado. Contudo, é provável que este conhecimento que lhe vinha da terra natal se tenha incrementado com trabalhos de parceria, nomeadamente com conterrâneos seus. Entre estes poderiam contar-se artistas de vulto como Chanterene (cujo trabalho desenvolvido em Santa Cruz durante cerca de uma década a partir de 1519 actualizou os mestres de Coimbra) ou Hodart (que por aí estadeou entre 1530-35), quer outros menores que foi acolhendo na sua oficina (como Jacques Locquim, que também trabalhou nos retábulos da fonte da Manga), ou ainda com a vinda de arquitectos a Coimbra, de que se confirma a de Diogo de Arruda em 1530. As gravuras em livros e desenhos avulsos circulavam no meio artístico de mão em mão, pelo que não seria difícil ao artista manter-se actualizado. Mas estes contactos, eventualmente significativos, não explicam os conhecimentos que traria quando se estabeleceu entre nós e, por conseguinte, as suas primeiras obras. Em 1980 Nogueira Gonçalves iniciou em estudo sobre a formação artística de João de Ruão nas suas raízes, continuando mais tarde por Pedro Dias. Por afiliação formal, a obra do francês realizada na</p> | Página 142 |

| | | |
|--|---|--|
| | década de 30 e princípios de 40 levou-o aos Justi, uma família de hábeis escultores florentinos que tendo emigrado para França por volta de 1504, acabariam por adquirir a cidadania francesa com o título de escultores do rei.” | |
|--|---|--|

| ABREU , Susana Matos. <i>Diogo de Castilho e João de Ruão: uma parceria invulgar no traçado do Mosteiro de S. Salvador da Serra (Serra do Pilar)</i> . | | |
|---|---|------------|
| Assunto | Citação | Página |
| | “Nas primeiras obras realizadas por João e Ruão em Portugal, toas elas no âmbito regional de Coimbra, não desmente a fama e “grande arquitecto” com que veio do seu país de origem: no portal da igreja de Atalaia (1528), na capela de Varziela (1529-31) ou na Porta Especiosa da Sé Velha de Coimbra (início da década de 30), João realiza trabalhos de composição arquitectónica que revelam algum domínio das formas e do espaço característicos do classicismo. A estes, alia certa mestria escultórica. Será precisamente esta sua qualidade, a de escultor de mérito, que em pouco tempo fará com que a actividade de escultor e imaginário suplante qualquer outra, levando a que o cômputo geral da sua obra se venha a marcar por retábulos e imagens devocionais de rara fama popular.” | Página 498 |
| | “Após João de Ruão e Diogo de Castilho terem estabilizado a sua actividade em Coimbra, os artistas farão parcerias de trabalho por diversas vezes, quer antes como após a construção do | Página 449 |

| | | |
|--|---|------------|
| | mosteiro de Vila Nova de Gaia.” | |
| | “Os testemunhos escritos parecem concorrer para esta afirmação. Fontes relativas ao ano de 1537 mostram os artistas a colaborar em Vila Nova de Gaia na abertura das cavas da igreja e do claustro, necessárias para a cerimónia da fundação do mosteiro. (...) O pedido de Fr. Brás é claro quanto à vinda de cada artista e à ordem das suas intervenções: João de Ruão deverá comparecer primeiro (...)” | Página 500 |
| | “Quanto à presença do escultor, sabe-se que viria a Vila Nova de Gaia no intuito de confirmar a implantação dos vários edifícios, operação em que daria “mta ajuda & proueyto” na opinião de Fr. Brás. As dependências que visaram esta operação (...) asseguram que esta incidira sobre as quadras mais importantes do mosteiro.” (Por volta de 1537) | Página 500 |
| | “ (...) o hábito de esculpir imagens devocionais e estátuas jacentes é prova suficiente de que João de Ruão , pelo menos empiricamente, conhecia que a altura total do corpo humano perfeito se divide num certo número de vezes pela altura da sua cabeça.” | Página 500 |
| | “Com isto, explica-se a necessidade da presença de João de Ruão junto às fundações da obra, fruto daquela extraordinária intenção simbólica do projecto autorizado por Fr. Brás. Só depois este reclamaria a presença do mestre Diogo de Castilho, “ <i>mays de vagar</i> ”, a fim de precisar aquele traçado regulador com a sua experiência em articulações | Página 501 |

| | | |
|--|--|--|
| | funcionais de casas monásticas, colhida na passagem pelos estaleiros de Santa Maria de Belém e de Santa Cruz de Coimbra, ainda exercitada nos estudos que pouco tempo antes fizera sobre a reabilitação do mosteiro de Grijó. Seria provavelmente na qualidade de arquitecto e mestre-de-obras que Diogo de Castilho viria prestar este serviço, dando mais tarde curso ao seu hábito de gerir obras em diversos pontos do país por homens da sua confiança que o assistiam localmente.” | |
|--|--|--|

COSTA, Marta Sofia. *A Construção da memória como instrumento de legitimação do presente: em torno da Crónica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó de D. Marcos da Cruz (século XVII)*. Dissertação no Mestrado em História e Património (Mediação Patrimonial). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Setembro, 2016.

| Assunto | Citação | Página |
|---------|--|--------------|
| | <p>“Após a Batalha de Pedroso, o grupo de infanções assumiu o controlo no território portugalense. A eles deveu-se o desenvolvimento de uma nova consciência de autonomia, e, a eles, estavam também associados os mosteiros mais importantes do Entre-Douro-e-Minho onde o ritual litúrgico romano estava a ser implantado. As famílias que mais património detinham na região eram as de Sousa, Maia e Ribadouro, “justamente as que de mais perto colaboraram na preparação e na vitória de São Mamede”.</p> <p>Apesar deste importante apoio, Afonso Henriques acabou por se apoiar numa elite intelectual que</p> | Página 28-29 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>legitimou as suas ações e o seu poder, surgiu assim uma classe que se aproximou do rei e se colocou ao serviço. O mosteiro de Santa Cruz teve um papel essencial na corporização jurídica e legitimista da expansão territorial do reino.</p> <p>É sobejamente conhecido o apreço que D. Afonso Henriques nutria por Santa Cruz, traduzido em diversas doações e privilégios. Contudo, será entre 1137 e 1139 (precisamente entre o Tratado de Tui e a Batalha de Ourique) que o primeiro rei português presenteará o mosteiro dado ser o momento-chave para a reivindicação da independência. Deste modo, o cenóbio torna-se o centro religioso por excelência de apoio à monarquia onde o monarca deposita a sua inteira confiança. Nele manda guardar os principais documentos do reino e o seu tesouro, nele encontra os seus principais aliados diplomáticos e conselheiros e nele se manda sepultar.</p> <p>Tendo em conta a mudança da corte para Coimbra, o mosteiro da Santa Cruz passou a ser a ‘capital’ do reino. A sua obra cultural deve-se à criação de uma elite intelectual que assegurou as funções burocráticas do aparelho do estado.</p> <p>Neste contexto, criou-se uma consciência ‘nacional’ que se manifesta claramente nas obras históricas que Santa Cruz criou ou copiou e que constituem as primeiras tentativas da ‘historiografia’ portuguesa, (...).</p> <p>Foi certamente a partir de Coimbra que os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho irradiaram para outros</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|---|-----------|
| | mosteiros portugueses (norte e sul do reino). (...)” | |
| Sobre a crise do século XV sobre as ordens religiosas | “ (...) um período de instabilidade no monaquismo. Para isso, muito contribuiu o entesouramento dos cenóbios que levou ao relaxamento dos costumes, assim como a intromissão de pessoas externas ao funcionamento dos mesmos (...).” | Página 29 |
| | <p>“Efetivamente, só no reinado de D. João III que contou com o apoio dos irmãos D. Luís, D. Afonso e de D. Henrique é que o projeto reformista teve sucesso. Uma das maiores e mais profundas ações foi a que se empreendeu em Santa Cruz que já desde meados do século XV dava sinais de relaxamento e de decadência da vida religiosa.</p> <p>Todos sabemos da importância do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra para a Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em particular, e para o panorama religioso medieval, de uma maneira geral. Era a cabeça da Ordem agostiniana e o local de sepultura dos dois primeiros reis de Portugal, remetendo-nos para um passado glorioso e prestigiante muito diferente da situação decrépita que se encontrava em meados do século XV quando a crise alcançou proporções inesperadas. Como tal, foi o primeiro cenóbio a receber a intervenção reformista.”</p> | Página 35 |
| Depois de várias nomeações foi Fr. Brás de Braga que se empenhou mai | “Fr. Brás de Braga, quando chegou a Santa Cruz, era já um religioso experiente, a par das principais correntes do pensamento europeu (nomeadamente o espírito de ‘Windesheim’) que foram essenciais para conduzir a sua intervenção. Apesar de, já por essa | Página 36 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>altura, ser um personagem marcante do mosteiro de Santa Cruz não foi sem resistência que conseguiu impor a reforma, chegando mesmo alguns dos cónegos a abandonar o mosteiro perante o ‘pulso forte’ do reformador.</p> <p>Concluída a reestruturação de Santa Cruz de Coimbra, o passo seguinte passou pela renovação de outros mosteiros que depois se uniriam ao de Santa Cruz formando uma Congregação: os primeiros foram o mosteiro de S. Vicente de Fora e o de S. Salvador de Grijó. Estes três mosteiros formaram em 1539 a Congregação de Santa Cruz criada pelo breve do papa Paulo III. Mais tarde, a estes juntaram-se outros (...)”</p> | |
| | <p>“Nos decretos emanados de Trento, entre as diversas exigências de cumprimento de deveres pastorais e litúrgicos acresce a tentativa de domesticar os gostos, ou seja, procede-se a um controlo ideológico e estético através da limitação na arte, particularmente, no que à iconografia religiosa diz respeito. Com Trento, a Igreja apercebe-se do poder que as imagens têm no seio de uma sociedade maioritariamente analfabeta e serve-se delas converter e ensinar o povo. Daí que as disposições tridentinas defendam que a representação do sagrado deve ser feita para fins devocionais e de veneração dos santos, de Jesus Cristo e da Virgem, cultos muito difundidos no período pós-tridentino. A socialização da imagem torna-se por demais evidente e, por isso, a Igreja passa a controlar a sua representação de forma a</p> | Página 41 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | preservar o decoro e respeito pelo sagrado, numa clara intencionalidade de separar o sagrado do profano.” | |
| | “Interessava ao poder central religioso limitar o acesso direto da população às Escrituras ao mesmo tempo que preconizava uma maior formação doutrinal e catequética e acompanhamento pastoral assim como a vigilância da vida e dos costumes, cujos instrumentos práticos foram os róis de confessores e os registos paroquiais. A intervenção da religião sobre a vida quotidiana dos crentes tornou-se por demais evidente, tendo como consequência o domínio pastoral, cultural e das próprias mentalidades ao interiorizar nas populações preceitos tridentinos que moldaram o comportamento social e individual como os temas da sexualidade extraconjugal ou dos pecados públicos. Houve por parte da Igreja um incentivo ao culto dos santos, relíquias e devoções de que crónicas religiosas são excelentes exemplos.” | Página 42 |
| | “Mas recuemos um pouco para acompanhar essa progressiva transformação e perceber quais os ingredientes que moldaram a mentalidade portuguesa pós-tridentina e que oscilaram, principalmente, entre a reforma da Igreja (novos modelos espirituais; alargamento da conceção de santidade; novas devoções) e a atividade intelectual europeia (trocas de conhecimento; acesso a obras; autores de obras).” | Página 42 |
| | “Neste contexto, à sugestão de uma nova espiritualidade surgem, paralelamente, novas | Página 43 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>devoções, que procuram complementar os conceitos inerentes à proposta religiosa: a figura de Jesus Cristo começa a ser bastante valorizada através dos temas como a sua humanidade ou pela Paixão, assim como a da Virgem.”</p> | |
| | <p>“ (...) a Europa cristã dos séculos XVI e XVII vê desenvolver-se uma série de movimentos hagiográficos nacionais e regionais com o intuito de dar a conhecer os seus santos, mártires e pessoas ‘ilustres em virtude’. Esta preocupação resulta (...) do amadurecimento do pensamento pós-tridentino que reafirma a necessidade de renovação da hagiografia e do incentivo ao culto dos santos (...) mas reflete igualmente o desejo de afirmação da memória e identidade de cada país ou religião. (...) em Portugal assistimos à emergência de movimentos hagiográficos que defendiam a necessidade de reunir e ‘organizar’ os santos consoante o calendário cristão (...) ainda não existia um conhecimento cabal dos santos portugueses.”</p> | Página 47 |
| | <p>“Era essencial a afirmação da nacionalidade portuguesa de diversos santos muitos deles de culto imemorial e conhecidos por toda a Igreja, ao mesmo tempo que enfatizava o florescimento dos outros mais recentes o que demonstra a continuidade temporal dos vários graus de santidade.”</p> | Página 48 |
| <p>Devido às acusações, a Igreja reconheceu a necessidade de</p> | <p>“Esse controlo não significava o abandono de devoção, pelo contrário, Trento incentiva o culto dos santos e relíquias, mas, paralelamente, ativa mecanismos no sentido de se proteger das acusações</p> | Página 48 |

| | | |
|--|---|-----------|
| reforma | externas.” | |
| | <p>“ Os decretos (...) anos de 1625 a de 1634 (...) proibir qualquer forma de culto público, limitação que não se aplicava aos santos de culto imemorial. (...) uma fronteira entre os santos canonizados e aqueles homens e mulheres ‘ilustres em virtude’ (...). De facto, os países europeus cristãos na época moderna procuraram valorizar-se através do registo hagiográfico, procurando valer-se da quantidade e importância dos seus santos. A santidade ia, deste modo, adquirindo um valor cultural e identitário mas sobretudo assumiu-se como portadora de valor histórico no Portugal dos séculos XVI e XVII. Na realidade era difícil a separação entre História e o texto hagiográfico, muitos historiadores consideravam-no uma fase da História.”</p> | Página 49 |
| Este fenómeno da santidade foi usado como afirmação espiritual, cultural e política: | <p>“ (...) acrescentava-se as descrições da devoção da população mercê dos milagres que teria realizado, o que contribuía para o aceleramento do processo da canonização e beatificação. (...) De facto, assistimos ao crescendo de hagiografias que são demonstrativas de um esforço de divulgação dos santos através de martirólogos, menólogos ou crónicas monásticas e, consequentemente contribuem para a exaltação dos países de origem, de morte ou onde estavam conservadas as suas relíquias e onde se fazia o culto.”</p> | Página 50 |
| | <p>“A identificação e exaltação dos santos portugueses foi um dos meios usados para recuperar um prestígio há muito perdido no contexto da Cristandade.”</p> | Página 55 |
| | <p>“Esta característica é comum nas crónicas religiosas</p> | Página 56 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | da segunda metade do século XVII, mas este novo rumo precisa de ser compreendido no contexto político da Restauração da Independência, momento que as antigas ordens religiosas não podiam desperdiçar para mostrar a sua importância.” | |
| | “Era portanto imperativo numa altura de mudança e de ameaça das novas ordens religiosas, que chegavam ao reino e rivalizavam o poder e o favor dos monarcas, que as ‘antigas’ ordens religiosas (Benedictinos, Cistercienses, Cónegos Regrantes) criassem mecanismos que salvaguardassem a sua existência.” | Página 56 |
| | “Nascido da iniciativa de dois irmãos, o cenóbio integrava-se perfeitamente na tradição dos pequenos mosteiros familiares do monaquismo ibérico anterior à reforma cluniacense” citação retirada: AMARAL, Luís Carlos — <i>São Salvador de Grijó na segunda metade do século XIV...</i> p.33. | Página 60 |
| | “A aquisição de igreja própria passou também a ser vista como uma das estratégias para manifestar o prestígio da família. É neste contexto que o mosteiro será apadrinhado pela nobreza local, uma nobreza de infâncias da qual sairá uma das principais personalidades da família patronal do mosteiro de Grijó, Soeiro Fromarigues.” | Página 60 |
| | “Este dinamismo vai ser favorecido pela adoção dos preceitos canónicos de Santa Cruz o que provocou uma profunda reestruturação do mosteiro entre os anos 1132 e 1135.” | Página 61 |
| | “Embora se tenha empreendido um esforço no | Página 62 |

| | | |
|--|---|--|
| | sentido de renovação dos mosteiros regantes, certo é que no final do século XV essas tentativas não tinham dado o sucesso pretendido pelo que Nicolau V encetou um processo que determina a reforma dos mosteiros agostinhos em Portugal pela bula de 28 de junho de 1452.” | |
|--|---|--|

CUNHA, D. Rodrigo da. *Catalogo dos Bispos do Porto.* 2 volumes. Porto: Officina Prototypa Episcopalis, 1742.

| Assunto | Citação | Página |
|---------|---|------------|
| | “(…) a toda a terra, que ganhavam, terra de Santa Maria, como o fizeram à da Feira, & Guimarães, onde naquelles tempos era a fronteira dos Mouros” Antes de 1092 | Página 16 |
| | “Não se pode averiguar se antes da invazão dos Mouros, e se depois da restauração referida, ouve no Mosteiro de Cedofeita, a que o Illustrissimo D. Rodrigo da Cunha chamou Collegiada, e hua das Insignes do Reyno; Frades, se Conigos. O Padre D. Nicolao de S. Maria escreve que depois da restauração de Hespanha se estígio (?) colegiada, e suposto não consta ao certo em que anno, com tudo que já antes do anno de 1118 tinha Prior, e Conegos, que viviaõ em comum, segundo a Regra de S. Agostinho, o que constava do livro dos Obitos do Mosteiro de Grijo, aonde em 18 de Outubro do dito aano se faz menção do Mestre D. Fernando Conego do mesmo Mosteiro de Grijó, e Prior da Collegiada de S. Martinho de Cedofeita, aonde juntamente se faz hua comemoração pelos | Página 125 |

| | | |
|--|--|----------------|
| | Conegos da dita igreja (...)” | |
| | <p>“ (...) depois reparando das ruínas anteriormente padecidas, e por esta razão, talvez, que sobre a reedificada Porta chamada antigamente da Vandoma colocou o Bispo D. Nonego a venerável Imagem de N. Senhora, que à mesma Porta deu o nome, que de Vandoma com a própria Image, ainda conserva. Se já não fosse o motivo de colocar sobre aquela Porta Sagrada Imagem o haver entrado por ell, quando com os mais cavaleiros da dita Armada, à força de Armas recobraraõ do poder dos Mouros a Cidade perdida, favorecido do patrocínio da mesma Senhora da Vandoma, que a elle, e aos mais cavaleiros ajudou em forma, que dedicando-lhe logo agradecidos a Cidade restaurada, lhe deraõ o nome de Cidade da Virgem: Civitas Virginis, e a tudo o que depois foraõ recuperando o especioso epiteto da Terra de Santa Maria.”</p> <p>Refere-se à era de 1063, ano de Cristo 1025.</p> | Página 275 |
| | <p>“(...) D. Moninho Viegas, e seu irmão D. Sesnado, filhos de Conde D. Gonçalo Moniz, que no tempo das entradas de Almancor, por este Reyno, governava as terras de Coimbra, Feira, Porto, e quasi todo entre Douro e Minho, e de crer he, que fazendo estes dous cavaleiros todo o possível na defensão de suas terras, quando de todo viraõ que as forças, que de Portugal se podiaõ tirar, por estas quasi acabado, assim das guerras civis, que ouve entre os Reys D. Ramiro o terceiro, e D. Bermundo</p> | Página 279-280 |

| | | |
|---------------|---|------------------|
| | o segundo (...)” | |
| | <p>“Nem podiaõ o Bispo D. Sesnando, e todos os seus companheiros, deixar de ter o sucesso desejado em todas as suas empresas, e batalhas, ois tomavaõ por valedora a Virgem Senhora Nossa, cujo favor sentiaõ taõ visivelmente, que para lhe agradecerem de algum modo as continuas mercès, que della recebiaõ, davaõ o nome Santissimo de Maria a toda a terra, que hiaõ conquistando, chamando-lhe terra de Santa Maria (...) Sobre tudo consafràraõ, e dedicàraõ esta Cidade à própria Mãe de Deos, dando-lhe por armas huma Imagem, como Menino Jesu nos braços, entre duas torres, e por letra <i>Civitas Virginis</i>, titulo de que o Porto entre as mais do Reyno, e no Hespanha só goza, e de quem se pode com razão prezar mais que de todas suas grandezas.”</p> | Página 283 |
| Sobre doações | <p>“E ao Mosteyro de Grijó, que elle sagrou, hum Cazal em Figueira, por seu anniversario perpetuo. Dispos outras couzas mais em seu testamento (...)”</p> | Página 56 |
| | <p>“Na própria Era de 1336 fez o Bispo Dom Sancho huã concordia com o Prior, e Convento de Grijó, nas duvidas, que já corriaõ no tempo do Bispo seu antecessor, sobre as visitasões, e mais direitos Episcopais, das Igrejas de S. Martinho de Dragoncilhe, S. Salvador de Perozelhe, S. Mamede de Serzedo, na terra de Santa Maria. A qual concordia está no Censual do Cabido, fol. 98.”</p> | Página 72 |
| | <p>“O Mosteyro de Santo Agostinho da Ordem dos Conegos Regrantes, chamaõ-lhe vulgarmente o</p> | Página 240 - 241 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Mosteyro da Serra, pelo sitio em que está fundado, e porque na vida do Bispo D. Balthezar Limpo em q foy sua fundação, nos faltou apontada, a poremos agora aqui. Tiveraõ os Religiosos desta Sagrada da Congregação, animo de mudarem para aquelle sitio o Mosteiro que tem duas legoas desta Cidade, chamado Grijó, assim pelo tirarem do lugar em que está, que he pouco sadio, como pelo trazerem a parte, onde melhor pudessem exercitar seus Ministerios, qual lhe pareceo o da Serra, pela vizinhança que tem com esta Cidade, e ficar na povoação de Villa Nova. Tomada esta resolução, a que também favoreceo muito o Cardeal D. Henrique, e Frey Braz Religioso da Ordem de D. Hieronymo, actual reformador que então era dos mesmos Padres Conegos Regrantes de Santo Agostinho, se comprou para sua fundação o ontado da quinta de Quebrantoens, no anno de 1540 com provisão particular, que para isso ouverão del Rey D. João o 3 tendo passado o anno dantes de 1539 o Papa Paulo III a bulla de união deste Mosteyro, com Grijó. Mas depois parecendo outra cousa aos mesmos Religiosos, e soffrendo mal os de Grijó deixarem a sua casa antiga, a quem tinham particular afeição, se tornaraõ para ella, ficando só na Serra poucos a quem mais contentava o novo sitio, e deste modo o Mosteyro com dependência do de Grijó, até que o Papa Pio V por particular bulla sua, expedida no anno de 1566 o desanexou, e separou de sua jurisdição, que foy já no tempo do</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|-----------------------------|--|
| | Bispo D. Rodrigo Pinheiro.” | |
|--|-----------------------------|--|

| | |
|--|--------|
| <p>CRUZ, D. Marcos da — <i>Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformaço, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.</i> 1634.</p> | |
| <p><i>Sobre a antiga igreja e sua localização.</i> “(...) tirada de escripturas antigas, se sabe ter seu primeiro fundamento em Lugar de Morrações pouco distante donde hoje está, onde devia de estar pelos anos de 1075 e de 1093. Q foi o primeiro anno em q à igreja se pos o nome de S. Salvador por autoridade do Bispo D. Crescónio. Ali estava esta igreja quando Soeiro Fromarigues comprou parte della a Gonçalo Menendiz no ano de 1055 (não tenho a certeza). (...) O qual sitio por acharem ser ventozo, se mudou o mosteiro para onde hoje está, ficando as celas para sul e temos para nos foi pelos anos de 1241.”</p> | P. 21 |
| <p><i>Sobre o túmulo o infante D. Sancho.</i> “ (...) foi junto a um altar, q se chamava de S. Maria; e depois se chamou N. Sra. Da Capella: de cujo Lugar se mudaram os opos ao diante elos Conegos deste mosteiro para a Capella mayor da parte do evangelho em sepultura luntada (?) de obra antiga, em q estava o infante deitado inculpido com obra de relevo, e na fase de fora inculpidos os Apostolos; e a obra inda q se de incultura nam chega à destes tempos, em q o primor da arte sua mas vantagens ao dos papados. Hoje está também este infante na Capella mayor da igreja nova, q se fez, na parte do evangelho em obra luntada; e para lembrança do papado, pareceu bem meterse a sepultura velha sem os opôs do infante na claustra nova na parede da igreja, onde se pos no anno de 1626 a qual sepultura nos anos antigos costumava estar sempre aberta com um pano rico.”</p> | P.91 |
| <p><i>Jurisdição eclesiástica dada ao Mosteiro.</i> “Da data desta carta se podem ver os mesmos anos q se mais antiga a jurisdição ecclesiastica do mosteiro de Grijó, q a do de Santa Cruz de Coimbra, q lhe deu o religioso, e insigne</p> | P. 130 |

| | |
|---|--------|
| Prelado o Bispo da Sé de Coimbra D. Miguel no anno de 1162 (...) E como pelos anos de 1137 estivesse já o Bispado do Porto estendido pela terra da Feira de tal sorte, q ficava o mosteiro de Grijó com as igrejas de S. Martinho, Perozinho e Cerzedo dentro delle;” | |
| <i>Doação das igrejas pertencentes ao Mosteiro.</i> “Do q ate qui temos dito se sabe já serem as igrejas sobre q o mosteiro de grijó tem jurisdição episcopal, ou quase episcopal, e seu Prior se ordinário; primeiram a igreja do próprio mosteiro, S. Martinho de Argoncilhe, S. Salvador de Perozinho, e S. Mamede de Cerzedo, as quais todas quatro estam dentro do Bispado da Cidade do Porto (...). E todas ellas (...) com outras quatro doou Elvira Nunes molher do ilustre e grande Capitam Sueiro Fromaringues com tos os seus filhos, netos (...) no mês de Mayo na era de M.C. 2 XX q e anno de 1132” | P. 142 |
| <i>Sobre a igreja do Mosteiro de Grijó.</i> “A igreja do mosteiro de Grijó foi fundada pelos dois irmãos Guterres, e Avelindo; adotaram pelos anos de 922 como se mostra có a própria doaçam (...) a que succederam seus hisdeiros, dos quais devia de ser um o ilustre Sueiro Fromarigues, o qual comprou a Gonçalo Menendis a parte q nella tinham (...) no anno de 1075” | P. 143 |
| “(...) esta igreja era sua pelos anos de 1093 (...) como consta da Doação q entam lhe fez (...) 1132 no qual anno no mês de Mayo abdicaram de sy todo o direito, q nesta igreja tinham, e o doarão aos Conegos deste mosteiro (...)” | P. 144 |
| “Há nesta igreja mesmas confrarias, (...). Esta igreja se acabeça de todas as demais deste izento e couto; à qual costumam vir as freguesias das tras mais vezinhas com suas cruces na procissão do Corpo de Deos, q se faz na Dominga infra octava, e na q se faz na 4ª frª. Das Ladainhas, donde todas três vam em procissão a N. Srª de Fontes. Tinha sua ermida da invocação de S. Cruz, onde costumava ir a freguezia em procissam na Cruz de Mayo, e na noite de induenças (?), a qual se destrio no triennio de D. Manoel da Conceição o Alleluyas, eleito em Prior deste mosteiro em 8 de julho de 1650 e se reedificou outra sumptuosa da invocação de S. Antonio no anno de 1651 na qual se festeja todos os anos o santo com pregação e Missa cantada a q se | P. 144 |

| | |
|--|-----------------------------|
| <p>ajunta toda a freguesia: He esta igreja de grijó da invocação do Salvador, nome q se lhe pos no anno de 1093 (...) desde o qual tempo ficou sendo seu Orago a festa dos Reys ate o anno de 1680 pouco mais ou menos; em q se mudou a festa do Savador para o seu dia próprio, q é a 6 de Agosto. Costumam já de tempo imemorial viram os freguezes na primeira dominga de Agosto a pagar o Bodo no terreiro q está defronte da sua porta principal; e se algum falta é condnado pelo Prior dste mosteiro conforme, o q a carta da vizitação tem ordenado.”</p> | |
| <p>Bens do Mosteiro. “ (...) muita boa prta, tudo para o culto divino, a saber 6 alampadas mui formozas, 2 castiçais grandes e 8 menores, q servem nos altares da igreja, um prato de agua ás mãos de meyo relevo, um gomil, 2 galhetas com sua salva, caldeira de agua benta, uma naveta (?), 2 turibolos dourados, um vazo de prata dourada de dar a comunham, uma custodia dourada, 8 calices dourados de meyo relevo, dos quais 2 sam mesmo grandes e formosos, uma cruz dourada muito grande e bem feita, outra de prata grande, q é da confraria do Senhor, outra mean q é da freguesia, 4 ceptros dourados (sam as maçãs) Alem desta prata estam e servem neste mosteiro 4 castiçais grandes de prata q sam da confraria do Senhor, 2 mais granes da confraria de S. Luzia, 3 guiões de prata das 3 confrarias, de S. Luzia, Nossa Senhora do Emparo, e dos Santos Martyres. Hoje se acha com uma cruz de Pontifical sobre dourada e um vazo de prata sobre dourada em quada sacrário; e com um Turinbulo grande de prata, q é da freguesia e com um ponteiro de prata; não falando já em as suas varas de prata do palio (?)”</p> | <p>P. 312v- 313</p> |
| <p>Sobre as relíquias: Relíquia de Nossa Senhora. “Esta relíquia consta da terra, em que caio o leite da Virgem Santissima Sra. Nossa, e e parte e seu precioso vestidos. Está metida em uma arca de prata abrada (?) obra de meyo relevo. He antiga neste mosteiro por q já existia nelle no anno de 1363. Como consta do inventário q o Prior mor D. Affonso Esteves mandou fazer das couzas deste mosteiro no anno de 1363 (...)”</p> | <p>P. 313v</p> |
| <p>Confraria do Santíssimo Sacramento. “Foi muito rica em seu princípios; e ai</p> | <p>P.</p> |

| | |
|--|--------------|
| tem peças de prata, e de talha muito ricas feitas nesse tempo. Concorrem as suas esmolas para ella esta freguesia de Grijó a de Cermonde, a de Perosinho a de Cerzedo e a de Nogueira. Faz 3 procissões em guada anno uma noite de quinta feira santa, q vai fora com muitos disciplinantes (...) Outra no Domingo do Paroelo q se faz pela caustra do mosteiro com festas (...) A terceira se faz na Dominga infra octavam corpori Christi, q é a mais solene q costuma sair fora pelo ferreiro deste mosteiro com muita festa de várias danças, Serpe e S. Christovam, e por costume antiquíssimo desde Couto vai nesta Procissam Rey e Imperidor; os quais dois anos sam desta freguesia de Grijo, outro da de Perosinho e outro da de Cerzedo (...) Algum tempo fazia outra procissão no dia da Circumciçam, em cujo Lugar se intituio a de quinta Feira de indoenças no anno de 1609. Também se faz procissão nas terceiras Domingas do mês pelas claustras deste mosteiro, o q teve principio no anno de 1607 (...)” | 315v-317 |
| Confraria de N. Sra. Do Emparo. “Esta confraria é mais antiga, tem seus estatutos por q é gournada. Guada irmão da S. Miguel (...) no dia da festa q se costuma fazer na 2ª octava do Espirito Sancto com procissão pela claustra deste mosteiro, em q à danças, e pregação a q se acha muita gente. Nesta procissão se acham todos os irmaos clérigos e tem 100 reis de esmola. Faz um anniversario em cada anno a 15 de Novembro, e 2 missas em cada mês, as quais diz o Cura (...). A cada irmão q more faz 3 officios (...)” | P. 317v |
| Encomendas no mandato de D. Vicente da Gama, 5º Prior. “ (...) e para o mosteiro velho dois sinos pequenos. Hum caliz grande para o altar mor e mais 6 pequenos (...) A caixa de prata em q está a Santa relíquia de Nossa Sra. Duas pallas ricas (...) Duas capas e damasco (...)” | P.331 – 311v |
| Obras feitas no tempo de D. Pedro de Assumpção. “Alem disto fez um turibulo de prata, e dois frontais de talha para os dois altares do Cruzeiro” | P. 369v |

LEAL, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. Volume 3, 1873.

| | |
|---|-------------------------|
| <p>“Grijó – villa, Douro, concelho e 18 kilometros ao S. de Gaia, comarca e egual distancia ao S. do Porto, 294 ao N. de Lisboa, 1:200 fogos, 4:800 almas, na villa e freguesia.</p> <p>Em 1757 tinha 308 fogos.</p> <p>Orago o Salvador.</p> <p>Bispado e destricto administrativo do Porto.</p> <p>O prior (crusio) do mosteiro d’esta freguesia, apresentava o cura (...).</p> <p>A antiga villa de Grijó era somente o convento e povoação adjacente. Sobre a estrada de Lisboa (feita sobre o mesmo leito da antiga estrada mourisca) havia uma venda que existiu muitos anos; mas depois se foram construindo mais algumas tabernas e outras casas.</p> <p>O primeiro nome d’esta povoação era Venda Nova de Grijó, depois, como as vendas; se multiplicaram, se chamou Vendas Novas de Grijó e por fim, progredindo esta povoação, se tornou a principal da freguesia, e, ainda que os povos d’aqui lhe chamam as Vendas, é geralmente conhecida por Grijó.</p> <p>Devemos notar que não é esta povoação que teve a categoria de villa, mas é hoje considerada como tal. Tem uma só rua (que é a estrada real) orlada de bonitas casas, a maior parte d’ellas novas.</p> <p>A egreja matriz é sumpyuosissima, e pertencia ao convento de frades crúzios de Grijó, um dos mais antigos da sua ordem em Portugal. Tratemos d’elle.</p> <p>Vivia per estes sítios, em 912 de Jesus Christo (no reinado de D. Ordonho II de Leão e Castella) um rico homem, chamado D. Nuno Soares Velho, senhor das Terras de Santa Maria (hoje Terra da Feira).</p> <p>Tinha dois irmãos padres, um chamado Guterres Soares, e outro Ausindo Soares.</p> | <p>Página 322 – 323</p> |
|---|-------------------------|

| | |
|---|--|
| <p>Edificaram estes dois clérigos uma pequena igreja, em uma quinta que seu irmão D. Nuno lhes deu para isto: e como o templo era de acanhadas dimensões, lhe chamaram eles ecclesiola – e o povo – egrejola ou egrejol, diminutivo d’egreja e o mesmo que egrejita ou egrejinha, eis aqui a origem do nome do convento, da villa e da freguesia – Grijó.</p> <p>Fizeram os dois padres casas para a sua residência e alli viviam orando a Deus e praticando actos de caridade.</p> <p>Bem depressa se lhes reuniram outros clérigos, a ponto de lhes ser preciso, em 922, edificar convento; dando-lhe os dois fundadores, além da quinta que D. Nuno lhes déra uma grande herdade que tinham na freguesia de Perosinho.</p> <p>D. Guterres Soares foi o primeiro abbade d’este convento, e por sua morte lhe sucedeu na abbadia seu irmão, D. Ausindo Soares.</p> <p>D. Soeiro Formarigues, filho e herdeiro de D. Nuno Soares Velho, vendo que era pequena e igreja que seus tios haviam construído, fez uma nova, muito mais ampla e sumptuosa, que se concluiu em 1093 (no mesmo anno que o conde D. Henrique e sua mulher tomaram posse de Portugal).</p> <p>Foi esta igreja dedicada ao Salvador do Mundo e foi sagrada a 3 de novembro d’esse anno, por D. Cresconio, bispo de Coimbra (porque o bispado de Coimbra chegava então até à margem esquerda do Douro.)</p> <p>D. Soeiro Formarigues, fez, no acto da sagração, uma ratificação por escripto, da extenção que havia feito ao mosteiro, de extensas e ricas propriedades; isto em presença do dito bispo, de todos os frades do mosteiro, de D. Flacencio, alcaide mór do castello da Feira, e outras pessoas notáveis.</p> <p>Morreu D. Soeiro, pelejando valorosamente contra os moutros, ao lado do conde D. Henrique, em Santarem, no anno de 1110.</p> | |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>Era casado com D. Elvira Nunes Aurea, da qual teve vários filhos, sendo o primogénito D. Nuno Soares, herdeiro de seu pae, não só nas riquezas, mas também no valor e na piedade; pois, a 7 de junho de 1112, elle, sua mãe e irmão, doaram ao mosteiro varias terras «que seu pae havia ganhado aos mouros à ponta da lança.» - e augmentou o edificio do mosteiro.</p> <p>Os irmãos de D. Nuno que assignram a doação, era Payo (ou Pelayo) Soares, que aqui veio a ser abbade; Soeiro Soares; Pedro Soares; Erus Soares; Salvador Soares; Adozinda Soares; Ermezinda Soares e Tóda Soares.</p> <p>Sendo já abbade D. payo Soares, a rainha D. Thereza, viúva de conde D. Henrique, doou ao mosteiro, em maio de 1128, o couto de Grijó e a sua jurisdição, que n'esse mesmo anno havia coutado, para dar a estes frades.</p> <p>Mas D. Thereza não deu este couto aos frades, de mão beijada. D. Nuno Soares he deu, para que ella fizesse esta doação «unum caballum adpretiatum in D. (500) módios.» segundo consta da mesma doação.</p> <p>Em 1132, a dita D. Elvira Nunes Aurea, que era padroeira das egrejas de S. Mamede de Serzedo, S. Martinho d'Argoncilhe, S. Salvador de Perosinho (...) doou todos estes padroados ao mosteiro.</p> <p>O abbade D. Payo, desejando a maior perfeição nos seus padres, quis tomar a regra de Santo Agostinho; mandando pedir a Santa Cruz de Coimbra, frades para isso.</p> <p>Em 1135, vieram de Santa Cruz, o padre D. frei João Peculiar e seu sobrinho D. Fr. Pedro Rabaldis, que aqui chegaram a 21 de novembro, e logo a 24 foi canonicamente tomada a nova regra e habito de conegos regrantes de Santo Agostinho, vulgarmente crúzios.”</p> | |
|---|--|

| | |
|--|-----------------------------|
| <p>“D. Payo resignou a abbadia (cujo titulo foi deste então mudado em priorado) e foi logo feito seu primeiro prior D. Fr. Tructezindo (ou Tructezêndo).</p> <p>D. Fr. João Peculiar, sahiu d’aqui, para bispo do Porto, em 1136, succedendo-lhe seu sobrinho, D. Fr. Pedro Rabaldis.</p> <p>Sendo bispo do Porto D. Fr. João Peculiar, foi a Terra da Feira desmembrada do bispado de Coimbra, ficando a pertencer até hoje ao do Porto; mas o bispo isentou o convento de Grijó e seus coutos, da jurisdição episcopal, e lhe deu outros muitos privilegios, que confirmou quando foi feito arcebispo de Braga, e fazendo com que fossem (como foram) confirmados pela curia romana, por bullas apostólicas de Innocencio II em 1139: Lucio II, em 1144; Eugenio III, em 1148; e, finalmente, Celestino IV, em 1195.</p> <p>Os bispos de Coimbra opposeram-se obstinadamente á separação da Terra da Feira, porque não queriam perder as grandes rendas d’este vasto território. É por isto que, como vimos, nada menos de quatro bullas, de quatro diferentes papas, foram precisas (fulminando as duas ultimas interdictos, e excomunhões contra os desabedientes) para que os bispos de Coimbra largassem a sua preza; durando a sua tenar desobediência, demandas e chicanas, nada menos de 56 annos!</p> <p>Por estas bullas, além de outras prerrogativas, podiam os priores de Grijó usar insígnias pontificaes, bago e mitra, nas festas solemnes, trazer cruz peitoral e annel como os bispos e conferir ordens menores.</p> <p>Tinham também no temporal a jurisdição cível dos seus coutos, nomeando justiças e empregados d’ella.</p> <p>D. Affonso I coutou a villa de Brito, em 139, e a deu ao mosteiro de Grijó.</p> <p>Em 1142 coutou a villa de Tarouquella, e lh’a doou também.</p> | <p>Página 323 – 324</p> |
|--|-----------------------------|

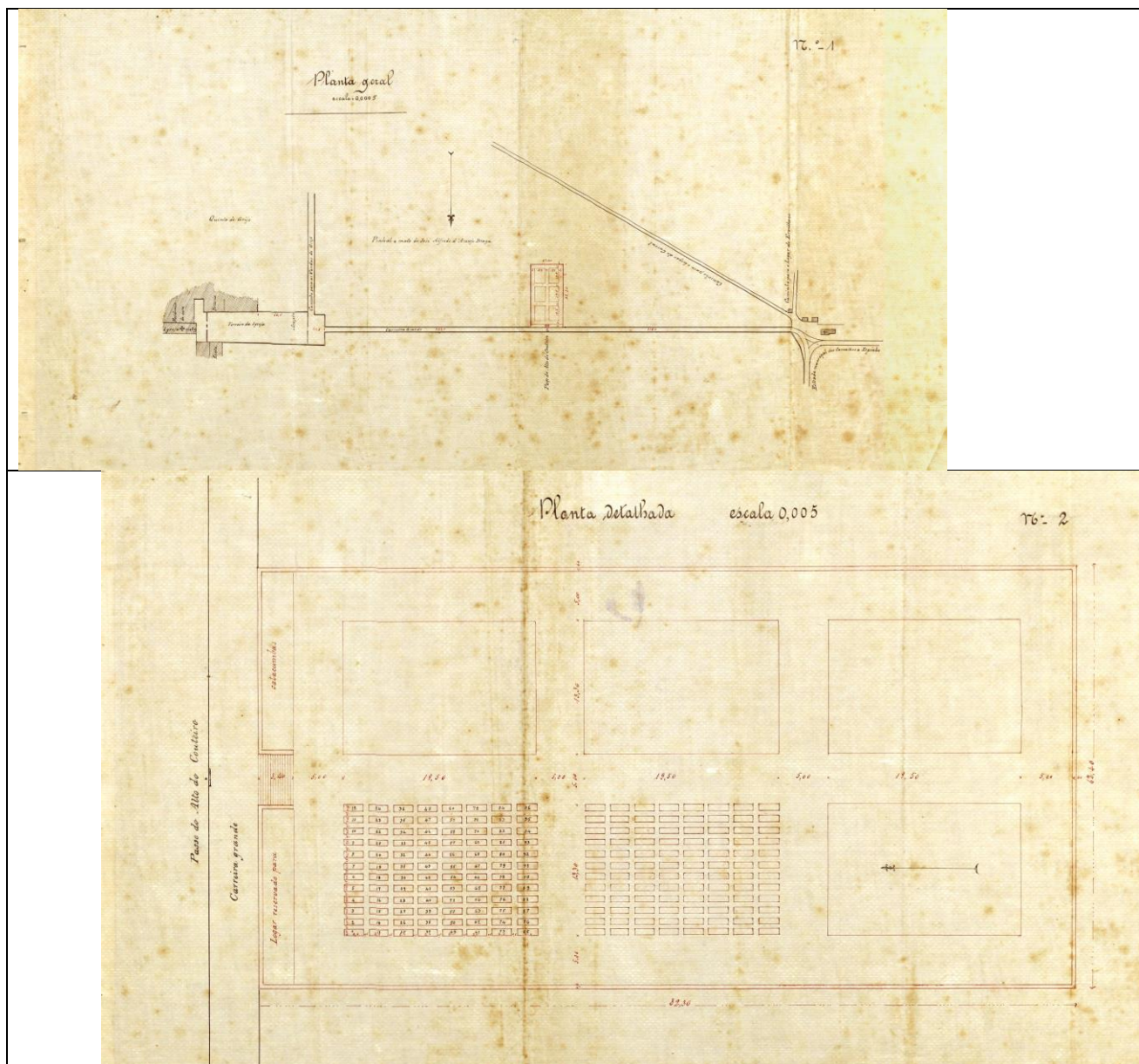
| | |
|---|-------------------|
| <p>Aqui foi frade D. Nuno Sanches, filho bastardo de D. Sancho I, e da formosíssima e célebre D. Maria Paes Ribeiro. Seu irmão D. Affonso II, muito o estimava, e por muitas vezes o quis fazer bispo; mas D. Nuno nem prior quis ser. Era varão virtuosíssimo.</p> <p>Morreu n'este mosteiro em 16 de dezembro de 1246, de desgosto pela morte de seu irmão D. Rodrigo, a qual teve logar do modo seguinte:</p> <p>D. Rodrigo Sanches era também filho bastardo de D. Sancho I, e de D. Maria Paes Ribeiro. Tendo amores com uma irman de D. Martinho (ou Martin) Gil de Soverosa, descendente do conde D. Gomes do Sobrado, D. Martinho o desafiou e feriu mortalmente em duelo, vindo D. Rodrigo a morrer junto á egreja de Grijó, no sitio onde chamam o Padrão Velho, a 2 de julho de 1245, deixando um filho natural chamado D. Affonso Rodrigues, que houve de uma senhora chamada D. Constança Affonso, da freguesia de Cambra.</p> <p>D. Affonso Rodrigues foi creado n'este convento, mas querendo antes ser frade franciscano, professor a regra de S. Francisco, e morreu guardião do convento de S. Francisco, de Lisboa.”</p> | |
| <p>“A infanta D. Constança Sanches, filha legítima de S. Sancho I, muito amava seu irmão D. Rodrigo Sanches, e foi ella que mandou fazer o cruzeiro do Padrão Velho, no sítio onde seu irmão expirou, e lhe mandou fazer um magestoso tumulo, com uma grande inscripção laudatória, em latim (que por extensa não copio) e doou muitas rendas ao mosteiro, para fazer um anniversario no dia 2 de julho de cada anno.</p> <p>Esta doação foi feita na éra de 1301 (1263 de Jesus Christo) e por ella deu ao mosteiro tudo quanto tinha na Avelleda, que era muito.</p> <p>D. Maria Paes Ribeiro também doou ao mosteiro tudo quanto tinha em Maçans de Dona Maria, para os seus rendimentos serem empregados em missas por alma de seu filho D. Rodrigo; cujo</p> | <p>Página 324</p> |

| | |
|---|-------------------|
| <p>legado foi religiosamente cumprido pelos crúzios, até 1834, anno em que foi suprimido este mosteiro.</p> <p>Estando bastante deteriorada a antiga igreja, se construiu uma nova, lançando-lhe a primeira pedra o prior D. Fr. Pedro Salvador, a 28 de junho de 1574, e é a actual.</p> <p>Para as igrejas da sua jurisdição, tinha o convento vigário geral, promotor de justiça, meirinho ecclesiastico; e aljube, junto ao mosteiro.</p> <p>(...)</p> <p>D'este convento sahiram, um arcebispo de Braga, um de Lisboa, dois bispos do Porto, e um de Silves.</p> <p>O couto de Grijó era dos maiores de Portugal. Confrontava pelo S. com o concelho da Feira; pelo N. com o rio Douro; elo O. Com o mar; pelo E. com o concelho de Fervedo; chegando pelo NO. Até ao couto de Avintes. Todo lhe deu a rainha D. Thereza, e foi a doação confirmada por seu filho D. Affonso Henriques, sendo infante, a 11 de janeiro de 1139, e depois de rei ratificou a confirmação em 13 de julho de 1142 D. Affonso II, seu neto, confirmou em 1220.</p> | |
| <p>“As famílias dos Soares, Rodrigues, Sanches e Formarigues, descendentes dos fundadores do convento de Grijó, e que todos eram (segundo o costume) considerados padroeiros do mosteiro, chegaram a ser tão numerosas, que o convento tinha, no reinado de D. Pedro I, nada menos de 208 padroeiros! Isto além das famílias d'estes, que tinha os mesmos direitos. (Vide Padroeiro.)</p> <p>TamANHos e tantos pedidos fizeram os frades padroeiros, pelos anos de 1360.</p> <p>(...)</p> <p>A igreja do convento de Grijó foi sempre e ainda é, a matriz da</p> | <p>Página 225</p> |

| | |
|--|--|
| <p>freguesia. É um templo grandioso e dos melhores do bispado do Porto.</p> <p>A sua cerca é extensa, muito abundante de boas aguas e fertilíssima. As suas laranjas são famosas, pela sua optima qualidade. Foi vendida, e o edificio do convento, em 1835 (pela oitava parte do seu valor), e é propriedade do sr. Maia, filho do comprador.</p> <p>A freguesia de Grijó é situada em terreno bastante acidentado, mas seus montes são todos pouco elevados. Seus valles, regados por alguns pequenos ribeiros e arroyos, são muito férteis.</p> <p>Das suas elevações se gosa uma extensa e bonita vista ara todos os lados, descobrindo-se a cidade do Porto, muitas freguesias ruraes, varias serras e o mar. Os seus pinteiros e outros operários que constantemente se empregam nas obras d'aquella cidade, e que ao sábado traem boas férias para a freguesia.</p> <p>Não me consta que em Grijó hajam outras antiguidades dignas de nota (além das descriptas) nem que aqui ocorresse mais facto algum digno de memoria, além dos que relatei.”</p> | |
|--|--|

2.2 – Fontes Cartográficas

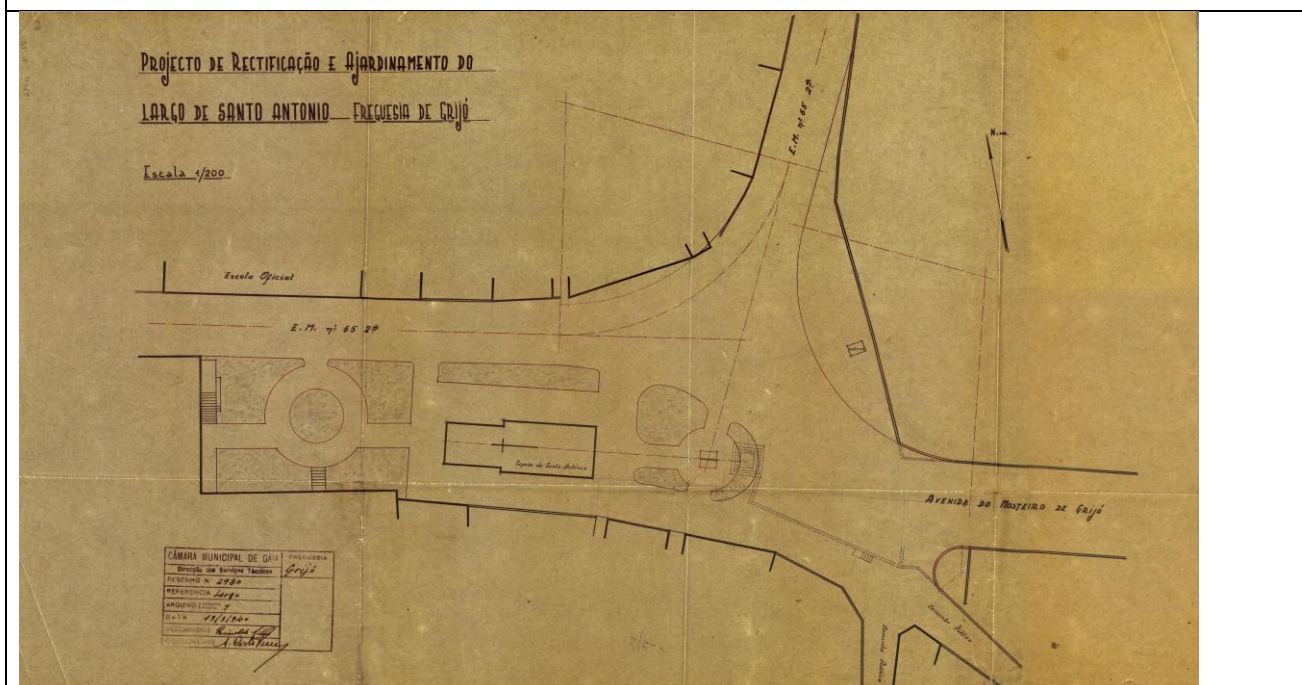
Obra Municipal de Cemitério de Grijó. 1875, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 - Cx. 12. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:29. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2N9iGxU>]



Projeto da estrada Municipal das vendas de Grijó ao Convento de Grijó. 1885, f. FALTA Cota: A/9/2-Pt.4 - Doc.11. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 13 de novembro de 2017 às 15:35. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2NdxDPE>]







Obra municipal de projecto de rectificação e ajardinamento do Largo de Santo António Freguesia de Grijó. 1940, f. FALTA. Cota: F/09/III/2 – Cx. 13. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner [Em-linha]. Consultado a 13 de novembro de 2017 às 15:45. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2y0J3wo>].





Freguesia de Serzedo

1 – Trabalho de Campo

1.1 – Alminhas


| Imagem | Localização | Tema | Caracterização | Datação |
|---|--------------------------------------|--|----------------|---------------------|
|  | Largo da Nossa Senhora do Livramento | Nossa Senhora de Lourdes. Imagem de vulto | - | - |
|  | Estrada Rainha | Rainha Santa Isabel | - | - |
|  | Estrada Rainha | Multiplas imagens | - | Reedificada em 1960 |
|  | Rua das Alminhas do Cais | Multiplas imagens de Nossa Senhora e de Cristo em maior número | - | - |

1.2 – Cruzeiros





| Imagem | Localização | Utilização | Caracterização | Datação |
|---|-----------------------------|------------------------|----------------|---------|
|  | Rua Nossa Senhora de Fontes | Marco de templo | Granito | 1700 |
|  | Rua Nossa Senhora de Fontes | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |

| | | | | |
|---|--------------------------------------|------------------------|---------|---|
|  | Rua Monte das Cruzes | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua Nossa Senhora de Fontes | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua 7 Caminhos | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua Monte das Cruzes | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua Monte das Cruzes | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua dos Cruzeiros | Cruzeiros da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua da Igreja | Marco de templo | Granito | - |
|  | Rua da Igreja | - | Granito | - |
|  | Largo da Nossa Senhora do Livramento | Marco de templo | Granito | - |
|  | Rua Santa Apolónia | - | Granito | - |

1.3 – Outras Arquiteturas


| Designação | Imagem | Rua | Utilização | Caracterização | Datação |
|---|-------------------|---------------------|------------|----------------|---------|
|  | Estrada da Rainha | Rainha Santa Isabel | - | - | 1973 |

1.4 – Imagens das Nossas Senhoras


| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|--------------------------|------------------------------------|------------|------------|----------------------------|
|  | Nossa Senhora das Fontes | Capela da Nossa Senhora das Fontes | Pedra Ançã | Século XVI | Atribuída à Escola Coimbrã |
|  | Nossa Senhora das Fontes | Capela da Nossa Senhora das Fontes | Madeira | - | - |
|  | Nossa Senhora das Fontes | Capela da Nossa Senhora das Fontes | Madeira | - | - |
|  | Nossa Senhora das Fontes | Capela da Nossa Senhora das Fontes | - | - | - |

1.5 – Outras Imagens para culto

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
|  | - | - | - | - | - |
|  | - | - | - | - | - |

1.6 – Objetos (ex-votos, etc.)

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|------------------------------------|-----------------------------------|----------|---------|-------------|
|  | Dedicado à Nossa Senhora de Fontes | Capela de Nossa Senhora de Fontes | Madeira | - | - |

2 – Bibliografia

2.1 – Documentos Escritos

| | |
|--|-----------|
| COSTA, Francisco Barbosa da. <i>Notícia Histórica da Freguesia de S. Mamede de Serzedo – A propósito do milenário da sua Igreja</i> . Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Serzedo, 2000 | |
| “Serzedo é referenciado, em 1371, como pertencente à terra de Santa | Página 13 |

| | | |
|--------|--|-----------|
| | Maria, em 1520, a Gaia S.M., em 1623, 1690, 1766, 1856, 1907, como integrante da Comarca Eclesiástica da Feira – 1 e em 1916, 1970, fazendo parte da 2ª Vigaria de Gaia a que ainda pertence actualmente.” | |
| | “Alguns limites de demarcação de Canelas e Perosinho com Serzedo estão definidos numa sentença da rainha D. Maria, a pedido do abade de Canelas, em 1794, e “que principia na Mouta e vem descendo por Figueira de Mato e depois corta as partes do Regato”” | Página 13 |
| Igreja | “Foi esta Igreja sagrada antigamente a qual se derrubou por ser muito velha, (próxima dos limites de Serzedo com Grijó, junto da Amieira, como se refere no documento relativo à demarcação entre as duas freguesias) no anno de 1557 e se acabou em o mês de Junho, sendo Prior deste Mosteiro o Grande Religioso o Padre D. Vicente na qual Igreja velha (...) ” | Página 27 |
| | “Data do ano de 984, a primeira notícia escrita sobre a Vila de Cerseto. (...) A Freguesia encontra-se abaixo do Castro de Pedroso (Monte Murado) no território portugalense, referindo ainda o documento, a existência de um pomar, com suas árvores, e casas tendo sido vendido o casal por dois moios de cevada e um porco.” | Página 29 |
| | “Em 988, é feita a venda de uma herdade, isto é, um terreno de importância reduzida, também situada na Freguesia de Serzedo, de umas casas, por um casal com as suas pomíferas (árvores de fruto) (...). A primeira referência do orago como o topónimo ocorre no ano de 999 (...), a propósito da venda de uma herdade (...).” | Página 29 |
| | “Esta Freguesia (...) não correponde a uma paróquia primitiva, apesar de ser praticamente garantido que a terra de Santa Maria, de que fazia parte Serzedo, não se despovoou à chegada dos muçulmanos. Do ano de 1072, (...), há um documento onde aparecem as duas | Página 29 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>realidades nos termos seguintes “uilla cerceto siue in eglesia”.</p> <p>Convêm referir que, até 1132, a terra de Santa Maria, de que fazia parte Serzedo, estava sob a jurisdição da Diocese de Coimbra.</p> <p>Assim, em 1089, (...) é noticiada uma troca, com Soeiro Fromarigues que, com sua mulher Elvira Nunes e filhos, eram padroeiros do Mosteiro de Grijó (...).”</p> | |
| | <p>“Em 21 de Janeiro do mesmo ano é feita, uma venda também a Soeiro (...), em Framião, (...) surgindo a designação de Villa de Framião e os seus limites com Burgarios e Cornadelo, actualmente chamado, Corvadelo.</p> <p>(...)</p> <p>No mesmo ano, há uma notícia de venda (...), de uma herdade, na Vila de Sabariz, próxima de Cornadelo, no percurso do Rio Serzedo.</p> <p>No ano de 1101, o Papa Inicêncio confirma a oação da donatária Gevira Nunes da “Ecclesiam Sancti Mametis”.</p> <p>Em 1104, é feita a confirmação da isenção e bens pelo Cardeal Gregório, legao apostólico, de “Sancti Mametis de Cerzedo”.</p> <p>Em 1106, o Papa Lúcio II delibera no mesmo sentido.</p> <p>Dois anos mais tarde, D. Maurício, Bispo e Coimbra, faz uma troca de um casal em Sirgueiros com outro casal em Corvadelo (...).</p> <p>Em 1125, celebra-se o Testamento de Menendo Segerio que deixou ao Mosteiro uma herdade em Guetezinda que ficava abaixo do Couto.”</p> | Página 29 |
| | <p>No ano 1128: “ (...) a rainha Dona Teresa como governante do Condado Portucalense, acorda com S. Salvador de Grijó a imunidade de um território com limites precisos, recebendo em troca de Nuno Soares um cavalo no valor de 500 moios.</p> <p>(...)</p> <p>Elvira Nunes, em 1132, junta os ireitos que possuía sobre oito igrejas entre o Douro e Agaão nas quais se incluía “Sancti Mametis de</p> | Página 30 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>Cerzedo”</p> <p>Sinalizado entre 1128 e 1132, surge um documento publicado nos Documentos Medievais Portugueses (...) com a indicação “Ad Sanctum Mametum”.</p> <p>Em 1132, o Bispo D. Bernardo concedeu ao Mosteiro de Grijó as Igrejas de Argoncilhe, Perosinho e Serzeo, isentando-as da jurisdição episcopal (...)”</p> | |
| | <p>“Há informação de que “na doação que o Bispo de Coimbra D. Bernardo fez a este Mosteiro no anno de 1132 lhe deu sobre as sete igrejas que ficão nomeadas toda a jurisdição que elle nellas tinham emquanto o Bispo, por estarem dentro do seu Bispado na qual posse inda hoje se conserva este Mosteiro de Grijó no que toca as igrejas de S. Martinho de Travanca e S. Miguel de Travassó e Santa Eulália de Eyrol decidindo o Prior desde Mosteiro e que suas vezes tem todas as couzas Eclesiástica matremoniays, e de qual quer sorte que sejam, e todos os actos de jurisdição Episcopal, o que tudo da mesma sorte fazia nas outras igrejas que estão dentro da Diocesi do Porto, que são as igrejas do Mosteiro de S. Martinho de Argoncilhe, de Perosinho, de Cerzedo thé o anno de 1299; 30 de Outubro em que este Mosteiro com toda a jurisdição Eclesiástica pleno jure sobre as quatro igrejas, e nas duas Ermias de Nossa Senhora de Crasto e Santa Marinha de Sergueiros sobre que se litigava, excepto as couzas matrimoniais, que somente serão do See do Porto, porem que as diligências que ellas se fizecem neste couto seria com deprecação ao Prior deste mosteiro, e que seria o Bispo da mesma Sé obrigado dar ordens aos moradores deste couto dos óleos, sagras, cálices e fazer outras couzas semelhantes sem por isso levar couza alguma e não poderão exercitar algum acto de jurisdição neste couto, nisi rogatus a Priori. (...) (BUC-Crónica...fol. 126v; 127)</p> | Página 30 |
| | <p>“O Bispo do Porto, em 1137, isenta o Mosteiro de Grijó e as suas</p> | Página 31 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>igrejas da jurisdição episcopal referindo, entre elas, “Sancto Mamete de Cerzedo cum suas hereibus atque parochianis”.</p> <p>Entretanto já nessa altura o Bispo do porto tinha estendido pela terra da Feira.”</p> | |
| | <p>“São apontados dois locais de referência uma estrada e o próprio rio de Serzedo.</p> <p>Em 1139, os fidalgos padroeiros do Mosteiro de Grijó viviam em quintas onde tinham casas e torres, muito grandiosas para o tempo a que estavam sujeitos multos casais em lugares inteiros. Contavam-se entre eles Antão Gudinho que com a sua mulher D^a Erminda que fez ao Mosteiro com todas as suas honras o Lugar de Passos “pouco afastado deste Mosteiro onde viviao filhos d’algo que naqueles tempos erao os melhores do Reino. (BUC-Crónica...fol.74)</p> <p>Em 1145, é feita uma doação de bens, em Sabariz, (BF-22), nomeadamente, na herdade que possuía uma vila de Cornadelo, um casal de Pereiro com Serzedo e em Sabariz (...).</p> <p>No ano seguinte, Paio Moniz e sua mulher legam ao Mosteiro várias partes de terra, e um campo no valor de 12 moios situados “in Villa Figueira”</p> <p>Em 1154, Nuno Gonçalves vende aos cónegos de Grijó a sua parte de Igreja de S. Mamede de Serzedo e a sua parte de duas terras (...)</p> <p>Em 1172, é feito um testamento por Nuno Gonçalves deixando entre outros bens umas herdades em Corvadelo (...)</p> | Página 31 |
| | <p>1198 – “Ainda no mesmo ano, Fernando Nunes vendeu a porção que lhe pertencia na “Vila que vocatur Auteiro discorrente rivulo fonsinus”</p> <p>Esta designação do curso de água – fonsinus que deverá estar na raiz do topónimo Afonsim (actual lugar da Freguesia de Pedroso) surge noutros documentos e terá a ver com o seu local da sua nascente, o que não é normal acontecer já que os nomes eram dados pelos locais</p> | Página 32 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>de passagem ou de destino final.</p> <p>Já no final do século XII, em 1198, é referenciada uma venda a Soeiro Fromarigues (...) e uma herdade na vila de Framião e Sabariz”</p> | |
| | <p>“Quando se começam a definir os contornos do país, já muito próximos das fronteiras actuais, os reis pretendem pôr na ordem os títulos de propriedade, procurando impor a supremacia régia.</p> <p>(...) um dos maiores confrontos verificou-se entre o Rei e o Bispo do Porto que esteve mesmo na origem do foral de 1255 ao burgo régio de Gaia.</p> <p>(...) as inquirições feitas anteriormente, no reinado de D. Afonso II, foram iniciadas na terra de Santa Maria.</p> <p>(...)</p> <p>Fernão Moniz e sua Mulher Elvira Pedro, vendem uma herdade na vila de Serzedo, em 1207 (...).”</p> | Página 35 |
| | <p>“Serzedo era uma das nove freguesias da Terra de Santa Maria que tinha mais de dezanove casais.</p> <p>A actividade agrícola era praticamente a única que se desenvolvia em Serzedo, nesta época, nas anteriores e nas subsequentes (...) referenciadas várias fontes e poços de apoio à agricultura, vários moinhos (...).</p> <p>Está documentada também a realização de festas em Serzedo, na Primavera e no Verão.”</p> | Página 36 |
| | <p>“A base documental para este período é o livro das Campainhas e o tombo do Prior Afonso Esteves do Mosteiro de Grijó.”</p> | Página 41 |
| | <p>“Assim, os Passais eram as terras de residência e de maior rendimento do Pároco.</p> <p>Fontes, como já foi referido na Crónica do Mosteiro de Grijó, tem a sua origem na existência de duas fontes que estão juntos à Capela de invocação do nascimento de Nossa Senhora.</p> <p>O topónimo Outeiral, conjunto de outeiros, do substantivo latino</p> | Página 41 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | altarium que significa pequeno monte ou colina.” | |
| | <p>“Os lugares de Figueira têm uma clara origem botânica, seno o adjectivo Chã, cognato de plano, derivado do latim planum.</p> <p>Souto é um lugar onde existem muitos castanheiros e é comum a mais freguesias rurais.”</p> | Página 42 |
| | <p>“Havia uma maior expressão económica nas igrejas de Perosinho, Argoncilhe e Serzedo que, como afirma Luís Carlos Amaral, “já no século XII estes centros estacavam-se como elementos aglutinadores no domínio dos Agostinhos constituindo núcleos, em torno dos quais, as terras foram gradualmente aumentando”.</p> <p>No período em análise, o mesmo se verificava, já que eram as igrejas do Padroado mais próximas do Mosteiro.”</p> | Página 43 |
| | <p>“A Igreja de Serzedo geria, na zona, os interesses do Mosteiro, sendo um prolongamento da acção do prior e dos cónegos e tinha uma certa autonomia resultante das avultadas rendas recebidas.</p> <p>(...) várias vezes, as funções paroquiais em Serzedo eram exercidas por cónegos agostinhos.</p> <p>Somente, em Grijó, Serzedo e Sá na freguesia de Rio Meão, as terras eram exploradas directamente.”</p> | Página 45 |
| | <p>“Convém distinguir os termos casa e casaria.</p> <p>Enquanto o primeiro se refere apenas à casa de habitação, a casaria era constituída pela casa, celeiro, lagar, adega, curral, capoeira, etc.”</p> | Página 45 |
| | <p>“Em 1337, é celebrada uma transacção entre o Bispo do Porto D. Sancho e o seu Cabido com o Prior do Mosteiro de Grijó, tendo precedido litigio no tempo do Bispo D. Vicente. Facultando o Bispo que o Mosteiro tivesse “perpetuamente as Igrejas das Hermidas de Santa Maria de Sirgueiros e Santa Maria de Crasto com todos os direitos Episcopais com o Censo, terça de os Mortuorios e mais directos a ella pertencentes, nada ficando á Igreja do Porto em razão de Censos ou direitos Episcopais, nem melhor apresentar Presbitero,</p> | Página 46 |

| | | |
|--|---|---------------------|
| | <p>ficando anexas Perrozinho, S. Martinho de Dragoncilhy e S. Mamede de Cerzedo, com todos os herdeiros e Parrochianos do Mosteiro e Igrejas fiquem livres e isentas de toda a jurisdição Episcopal (...) Em compensação da remissã sobredita (...) doa o Mosteiro aos Bispos os Padroados de S. Tiago de Lobom e S. Pedro do Paraizo e o Bispo em sinal de boa amizade e concordia doa ao Mosteiro a herdade de Negrellos na Freguesia de Canellas e metade de huma Quinta com três casaes e a quarta parte de outra quinta e promete cambiar com o Mosteiro qualquer outra accquisição que lhe provenha no mesmo Distrito” (...)”</p> | |
| | <p>“Em 1365, há uma sentença que define a aceitação da petição do Mosteiro de Grijó “da agoa que nasce em agoa fria do monte de Perrosinho que se thoma em na madreia em no lago que chamam o conchusso da Eigreja de Perrosinho a qual água há-de ir á Igreja de Cerzedo sem embargo de negação como a Eigreja esteve sempre em posse passa por correnta e sincoenta annos e mais e que agora os sobreditos forram todos cada hum em souas testadas arruinham orrego per que hia a dita Eigreja de Cerzedo per tal gissa que nam vai agoa a dita Eigreja e pedia ao juiz apregoar sobre os ditos (...) hi nom tomacem nem tornassem a dita agoa que hia pera dita Igreja de Cerzedo e outro si que lhi dessem vinte libras””</p> | <p>Página 46-47</p> |
| | <p>“D. Afonso V, em 1450, concedeu aos moradores, prior e convento do Mosteiro de Grijó confirmação geral de todos os privilégios, liberdade e foros e costumes que lhes foram dados e outorgados pelos antecessores.”</p> | <p>Página 57</p> |
| | <p>“Por altura da transferência dos cônegos de Grijó para a Serra do Pilar, foi decidida pelo prior do Mosteiro, a reconstrução da Capela da Nossa Senhora de Fontes, que pertencia, nessa altura, ao Mosteiro, embora integrada na Paróquia, que era curado anexo do Convento de Grijó.</p> | <p>Página 58</p> |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>O Mosteiro tinha, no lugar de Fontes, uns casais que aquiria, em 1196, por uma doação de Maria Alides. (TT-Conventos Diversos B-4422-1770)</p> <p>Em documento de 1491, há referências a Santa Maria de Fontes (Mº3, nº11)</p> <p>Já Frei Marcos da Cruz (...) refere que “comprou o Prior D. Nicolau, no ao de 1588, o assento da ermida que servia aos padres do Mosteiro para irem para lá um dia com refúgio do trabalho de toda a semana. Na época referida, era o local residência do cura de Serzedo. Dotada de uma bela imagem de pedra de Ançã, atribuída a mestre João de Ruão.</p> <p>O Prior do Mosteiro e os seus cónegos quiseram esculpir na pedra a reedificação da capela (...)”</p> | |
| | <p>“Em 1502, é celebrado um instrumento de renúnciação feita por Felipa Rodrigues e seu marido Gonçallo Annes de uma quebrada e casas com curral junto de Nossa Senhora das Fontes. (...) Em 1514, é celebrado o prazo de uma quebrada ou casaria que se fez junto a Nossa Senhora de Fontes a Catarina Domingues, solteira. (...) Rambém em 1542, é celebrado um distrate que o Mosteiro fez do casal da Figueira de Catharina de Fontes.”</p> | Página 61 |
| | <p>“Em 1588, é celebrado um instrumento de venda feito pelo Mosteiro a Catharina Gonçalves de um casal, sito em Fontes, autuado judicialmente.”</p> | Página 62 |
| | <p>“Naturalmente que os bens do Mosteiro, fosse qual fosse a forma de administração, criavam uma forte influência sócio-económica e também espiritual sobre as igrejas do Padroado, com a vantagem do usufruto dos seus dízimos fundamentais para a vida do Mosteiro. É na defesa destes direitos e privilégios do Mosteiro ameaçado por uma tentativa de centralização régia, encetada por Filipe I de Portugal, que se compreende a redelimitação dos Coutos do Mosteiro</p> | Página 63 |

| | | |
|--|--|---------------|
| | <p>de Grijó, Tarouquela e Brito, nos finais deste século, (1598/1599), com a colocação de marcos novos, como símbolos de época de jurisdição municipais.</p> <p>Todavia, não foi pacífica esta atitude dos cônegos do Mosteiro, já que houve vários conflitos que se traduziram no derrube de alguns marcos. (...)</p> <p>Em relação à administração dos passais, a situação não era uniforme, já que sendo emprazados em Serzedo e Travanca, não o foram sempre em Perosinho, por exemplo.”</p> | |
| | Lugar de Fontes – “Tem o Mosteiro nesta Freguesia de Serzedo os casais do Lugar de Fontes que os adquirio por hua doação de Maria Midis, feito na era de 1234 que he o anno de 1196” | Página 120 |
| | <p>Igreja e Passais – “Possui o Mosteiro toda a Igreja de Cerzedo com os seus passais e mais bens, como em seu lugar se dirá, e foi dada esta Igreja ao Mosteiro com todos os seus direitos, terras e mais possessoens a Nuno Soares e hua doação feita na era de 1170, que he anno de 1132.</p> <p>Tem o Mosteiro na dita Freguesia o Casal da Gatazenda que lhe foi dado com todas as suas pertenças e direitos a Mendo Segerio, e foi feita esta doação na era de 1163 que he anno de 1125.</p> <p>O Casal de baixo, chamado de baixo do Monte, que assim se chamava antigamente foi dado por D^a Maria Midis, e foi feita esta doação na era de 1231 que he anno de 1196.”</p> | Página 120 |
| | <p>“O Casal do Moinho foi comprado pelo Mosteiro hua parte a João Diogo, a sua mulher Elvira Nunes na era de 1236 que he anno de 1198, e a outra parte também foi comprado a Lourenço Nunes na era de 1237, que he anno de 1199.</p> <p>(...)</p> <p>Os Cazais que o Mosteiro tem no Lugar do Outeiro, no Outeiral que he da sobredita Freguesia comprou do Mosteiro a Fernando Nunes, e</p> | Página 121 |

| | | |
|--|--|---------------------|
| | todas as suas pertenças, e direitos, e foi feita esta compra na era de 1236 que he anno de 1198.” | |
| | “Esta alargada designação de propriedades com o nome de Rainha, comprova a passagem, envolta em lenda, ou interiorização profunda, no imaginário colectivo, das sucessivas gerações de Serzedenses.” | Página 127 |
| | 1817 – “Também aqui surgem topónimos já conhecidos como a ribeira da Rainha, para além da ribeira da corguinha, do outeiro do pardieiro, de cabeceiros, e terra do covelo da relva.” | Página 128 |
| | “(…) notícia da doação de terrenos para a construção e alargamento de caminho público, do Lugar da Agrela (Serzedo), ao Lugar da Póvoa (Grijó) junto ao rio de Passos, tendo o morador oferecido a quantia de 5000 réis para a dita obra (...) Em 1888 há um processo de servidão na via pública de uma mina no Lugar da Fonte, tendo a Câmara concedido a licença requerida, após vistoria.” | Página 140 |
| | 1873 - “A autoridade tem provas exuberantes de que há enterramentos dentro da igreja de Serzedo, S. Félix e outras freguesias mais que é escusado apontar.” | Página 151 |
| | Jornal dos Carvalhos – “ (...) edição de 19 de Abril de 1891, é feito um curioso comentário sobre a Festa da Nossa Senhora das Dores, que se transcreve na íntegra: “Estão inauguradas as romarias. Com os primeiros cantos do cuco, que atravez dos pinheiros espessos e negros anunciam victoriosamente a retirada do inverno, chegam ruidosamente as festas annuaes, com que os povos de cada freguesia, a pretexto da glorificação dos Santos, vão entretendo os ócios semanaes e o prurio de folga que lhes vae formigando pelo corpo. (...) Das que me andaram pela porta temos em primeiro lugar a da Senhora do Monte. | Página 153 – 154 |

| | | |
|--|--|-----------------------|
| | <p>Ora d’essa romaria eu não posso dizer nada pelo melhor de todas as razões do mundo: é que não fui lá. Também ninguém me convidou; (...)”</p> <p>“Mas temos a de Serzedo (...) festa de Nossa Senhora das Dôres, e comunhão dos meninos (...)</p> <p>A romaria, que mettia três musicas deixou muito a desejar aos entendidos (...)”</p> | |
| | <p>1897 de Abril – “...Realiza-se nos dias 8 e 9 de maio festividades de Nossa Senhora das Dôres, na igreja parochial d’esta freguesia.”</p> | <p>Página 155</p> |
| | <p>1897 de Abril – “Teve lugar no Domingo p.p. a benção da capella de Santa Apolónia.”</p> <p>1897 de Maio – “ (...) Domingo, 30 do corrente, a pomposa festividade a Nossa Senhora do Livramento na parochial Igreja d’esta freguesia.</p> <p>...Como nos anos anteriores, durará três dias esta importante festa. (...)</p> | <p>Página 156</p> |
| | <p>“Refira-se que funcionava na Capela da Nossa Senhora do Livramento, em Serzedo, um local de reunião das assembleias eleitorais, para as eleições da Câmara Municipal e deputados, na Assembleia composta pela freguesia de S. Félix da Marinha, Guetim e Serzedo.</p> <p>Para as eleições das Juntas da paróquia, as assembleias reuniam-se nas Igrejas matrizes.</p> <p>(...)</p> <p>Em 1903 e 1904 são feitos pedidos de servidão de minas e aquedutos respectivamente nos Lugares do Outeiral e Rainha, com atravessamento da via pública.</p> <p>(...)</p> <p>Havia ao tempo um significativo número de fontes para o abastecimento de água em poça todo o concelho (80) – 3 em poça em</p> | <p>Página 161</p> |

| | | |
|-----------------------------|--|-----------------------|
| | <p>Serzedo.</p> <p>Em relação às estradas de viação municipal, refiram-se as que serviam Serzedo que eram a da Rechousa a Oleiros que, à saída d Canelas, se dirigia ao entroncamento da estrada dos Carvalhos, se voltava para a Feira da Póvoa, em Grijó.”</p> | |
| | <p>“Na reparação do caminho que vai de Corvadelo a Fontes iniciada em 1907 (...) não estava concluída em 1909, transitando a obra para 1910 (...).”</p> | <p>Página 162</p> |
| | <p>“Como é sabido, em 1910, implantou-se a República em Portugal que provocou profundas alterações (...)</p> <p>A questão religiosa, já colocada em vários momentos do século anterior, nomeadamente, pela extinção de mosteiros e conventos e as suas vendas a preços ridículos (...).”</p> | <p>Página 163</p> |
| <p>Igreja Paroquial</p> | <p>“Tem uma torre em forma quadrangular com dois sinos e um relógio com mostrador na frente. Encima a frontaria do templo uma cruz de pedra; ouro altar-mór e quatro altares laterais. Confrontra com o cemitério.</p> <p>Uma tribuna de talha dourada e branca com quatro colunas que sustentam o capitel, tudo da mesma talha. Dois oratórios envidraçados com as imagens de madeira e tamanho natural de São João Evangelista e da Nossa Senhora das Dores. As imagens de madeira e tamanho natural de São Mário e de São Serafim.”</p> | <p>Página 163</p> |
| | <p>“ (...) Um painel pintado a óleo, representativo da adoração de Cristo.</p> <p>Uma cruz de madeira, com um cristo, no cimo do trono.</p> <p>(...)”</p> <p>Capela-mór – “Duas imagens, em pequeno tamanho, de madeira, de São Serafim, sobre dois pedestais de madeira no arco-cruzeiro.”</p> | <p>Página 164</p> |
| | <p>Altar de São Gonçalo – “Um altar de talha dourada e branca,</p> | <p>Página</p> |

| | | |
|--|--|-------------------|
| | sustentado por duas colunas da mesma talha, com oratório envidraçado e a imagem de São Gonçalo em escultura de madeira. Aos lados as imagens em pequeno tamanho São Pedro e São Paulo. Um nicho envidraçado com a imagem de S. Gonçalo em pequeno tamanho.” | 165 |
| | Altar de Santo António – “Um altar de talha dourada e branca sustentado por duas colunas da mesma talha, com oratório envidraçado e a imagem da Senhora das Candeias, uma escultura de madeira. Um nicho envidraçado com um menino Jesus. As imagens em escultura de madeira de Santo António, São Lourenço, São Caetano e São Mamede.” | Página 165 |
| | Altar das Almas – “Um altar de talha dourada e branca sustentada por duas colunas da mesma talha, com oratório envidraçado e as imagens em grupo de Sant’Ana e Santa Isabel em escultura de madeira. Um nicho envidraçado as mesmas imagens, em pequeno tamanho. As imagens de São José e São Joaquim de madeira.” | Página 166 |
| | Altar de São Sebastião – “Um altar de talha dourada e branca sustentado por duas colunas da mesma talha, com oratório envidraçado e a imagem de São Sebastião, em escultura de madeira. Um nicho com a imagem mais pequena de São Sebastião. As imagens de São Francisco e Senhora da Conceição de madeira. (...) Um oratório de talha dourada e branca com vidros dos três lados, sobre um pedestal de madeira, e com a imagem da Senhora do Rosário, de madeira e em tamanho natural.” | Página 166-167 |
| | Baptistério – “Uma pia de pedra de granito” | Página 167 |
| | Coro – “Um órgão com cornetas de zinco e madeira, dentro d’um armário de castanho pintado. (...) Uma grade com balaustres de castanho pintada.” | Página 167 |

| | | |
|--|---|---------------------------|
| | <p>Sacristia – “(...) Um crucifixo de madeira com um cristo em tamanho natural.</p> <p>Um quadro com moldura de pinho, tendo a inscrição dos subscritores d’esmolas.”</p> | <p>Página 168</p> |
| | <p>Capela da Senhora de Fontes – “Uma capela de pedra e cal com a sua sacristia do lado da epistola, denominada da “Senhora de Fontes”, sita no mesmo lugar, com um alpendre vedado por uma grade de ferro e com três entradas. Um campanário com uma sineta. Confronta-se todos os lados com caminhos públicos.</p> <p>Um altar de talha dourada muito antiga, sustentado por seis colunas da mesma talha e um oratório envidraçado com a imagem em escultura de madeira e tamanho natural da Senhora de Fontes, com um menino ao cólo. Aos lados duas redomas de vidro com as imagens da mesma senhora em tamanho mais pequeno, tendo a do lado do evangelho na cabeça uma pequena côroa de prata.</p> <p>(...)</p> <p>Uma grade com balaustres de pau preto, que serve de púlpito.</p> <p>Um coreto de pinho pintado, para a música.</p> <p>Uma escada de encosto de pinho.”</p> | <p>Página 170-171</p> |
| | <p>“Um missal muito velho.</p> <p>Uma cruz de pinho.</p> <p>Um pé de cruz de talha dourada.</p> <p>Uma custódia de talha dourada.”</p> | <p>Página 172</p> |
| | <p>Capela da Senhora do Livramento – “Uma capela denominada da “Senhora do Livramento”, situada no lugar do Outeiro de pedra e cal, com sua sacristia sobradada e um campanário com uma sineta. Confronta de todos os lados com terreno público.</p> <p>Um altar de castanho envernizado, sustentado por duas colunas da mesma madeira, com oratório aberto e a imagem de cristo e uma cruz de madeira dourada, sobre um pedestal da mesma madeira. Aos lados</p> | <p>Página 172-173</p> |

| | | |
|--|---|---------------------------|
| | <p>duas redomas de vidro com as imagens da Senhora de Lourdes e Senhora do Livramento, sobre dois pedestais.</p> <p>(...)</p> <p>Uma grade com balaustres de pinho na escada de pedra que conduz ao púlpito.”</p> | |
| | <p>Capela (Ermida) da Senhora do Livramento – “Uma Capela (ermida) situada no lugar do Outeiro, de pedra e cal que confronta de todos os lados com terrenos públicos.</p> <p>Um pequeno altar com aratório envidraçado e a imagem de madeira a Senhora do Livramento.</p> <p>(...)</p> <p>Uma haste de ferro suspendendo uma lanterna de folha com vidros.”</p> | <p>Página 174</p> |
| | <p>Capela de Santa Apolónia – “Uma capela, situada no lugar da Figueira de Mato, de pedra e cal, com sua sacristia e campanário com sineta, que confronta de todos os lados com terreno público.</p> <p>Um altar de talha dourada com claros pintados a branco, tendo, no oratório a imagem pequena de madeira de Santa Apolónia. Um frontal de talha dourada, com duas colunas.</p> <p>Duas cruzeiras de madeira com as imagens de cristo, sendo uma em tamanho natural e outra mais pequena.”</p> | <p>Página 174-175</p> |
| | <p>Ermida no Lugar de Figueira Chã – “Uma capela (ermida), situada no lugar de Figueira Chã, de pedra e cal, que confronta de todos os lados com terreno público.</p> <p>Um oratório com um crucificado.”</p> | <p>Página 175</p> |
| | <p>“ (...) 1928, com duas cruzeiras de prata que existiam realmente na Igreja da freguesia e não na Capela de Santa Apolónia.”</p> | <p>Página 175</p> |
| | <p>“ (...) 1935 é notificada também a Festa em Honra de Nossa Senhora do Livramento (...). No último dia celebrou-se missa na Capela seguida de romagem ao cemitério. (...)</p> <p>A 8 de Julho do mesmo ano, é noticiada, na Rua da Tapada, da Festa</p> | <p>Página 179</p> |

| | | |
|--|--|------------------------------|
| | em Honra de S. Pedro (...)” | |
| | <p>1935 - “ (...) é referida a relação de 2 lavadouros públicos, telefone e luz eléctrica, afirmando-se que só faltam os caminhos e as estradas.</p> <p>A propósito da inauguração de um lavadouro e um lanço de estradas, em Fontes, estranhou o correspondente que o facto da Câmara, Junta, etc. ir a pé até Fontes, numa distância de 20 minutos, por caminhos em mau estado, com muitas covas e lama, isto na primeira estrada de Serzedo a Fontes.</p> <p>(...) a pavimentação a paralelepípedos da Calçada da Agrela (...)”</p> | <p>Página</p> <p>179-180</p> |

| | | |
|--|--|--------------------------|
| LEAL , Pinho. <i>Portugal antigo e moderno</i> . Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. Volume 2, 1873. | | |
| <p>“Cerzedo ou Serzedo – freguesia, Douro, concelho e 11 kilometros ao S. de Gaia, comarca e 12 kilometros ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 350 fogos.</p> <p>Em 1757 tinha 215 fogos.</p> <p>Orago S. Mamede.</p> <p>Bispado e districto administrativo do Porto.</p> <p>O prior do convento de conegos regantes de Grijó (crúzios) apresentava o cura (...)</p> <p>E terra muito fértil.</p> <p>Passava aqui a antiga estrada mourisca Vide S. Felix da Marinha.</p> | | <p>Página</p> <p>258</p> |

| | | |
|--|--|-------|
| CRUZ , D. Marcos da — <i>Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma</i> . 1634. | | |
| <p>Igrejas do Mosteiro. “ (...) S. Martinho de Argoncilhe, S. Salvador de Perozinho, S. Mamede de Cerzedo, (...) todas freguesias como o hoje o sam também; po cujo respeito tratou o Ilustre Fidalgo Nuno Soares, e o Prior deste mosteiro D. Pedro com o Bispo de Coimbra, q entam era D. Bernardo (em</p> | | P.147 |

| | |
|--|-----------------------------|
| <p>1137), e seu cabido, q quisessem dar a este mosteiro de Grijó toa a jurisdição ecclesiastica q tinham sobre todas estas sete igrejas;”¹</p> <p>Sobre a igreja. “Nesta igreja teve algua part um Nuno Gonçalves q lhe comprou este mosteiro de Grijó no mês de Abril na era de 1162 q o anno de 1124.”</p> | |
| <p>“ (...) a qual venda assitiu o Fidalgo Nuno Soares. A demais parte desta igreja era do mesmo fidalgo Nuno Soares, e de sua May Elvira Nunes (...) os quais todos a doaram a este mosteiro de Grijó (...) anno de 1132 (...) ficou o mosteiro com o domínio della, comendo-lhe os dízimos sem contradição algua (...). He esta igreja da invocação de S. Mamede, q vem a 11 de Outubro o qual dia é o do seu Orago, em q costuma haver pregação. Costumavão rezar antigamente os Conegos deste mosteiro de S. Mamede com reza de 9 lições. Foi sagrada esta igreja antigamente, a qual se derrubou po ser muito velha no anno de 1557 e se acabou no mês de junho sendo Prior deste mosteiro o grande religioso D. Vicente; na qual igreja velha quando foi o desfazer se acharam duas reliquias das vestuduras do glorioso Santo S. Mamede e S. Mena Martyres com seus rótolos; as quais estavam metidas em sua caixinha, debaixo da qual se acharam também uns pos (q pareciam ser de terra) sem rotolos algum; porem suposto que sobre eles estava a caixinha das relíquias dos Santos Martyres teveçe por sem duvida também seriam reliquias, a q se devesse veneração, e já bem pode ser fossem terra da sepultura dos Santos Martyres S. Mamede e S. Mena. Estas reliquias todas estavam no altar mor metidas em sua pia de pedra debaixo da Ara, fechadas com sua taboa por cima, q estava celada com dois cellos, q parece eram dos Bispos q sagraram esta igreja, por ser costume antigo porem-se reliquias no altar para se vereficarem as palavras, q o sarcedote diz quando entra a dizer a Missa (...). E posto q estas reliquias estiveram incógnitas ate o anno de 1557 em q a igreja se desfez, com tudo hoje se acham com mesma veneraçam metidas em um cofrezinho forrado por fora de veludo Carmerim, fechado e metdio no</p> | <p>P. 147v- 148</p> |

¹ Página 129

| | |
|---|---------|
| altar mor da mesma igreja aos pes da imagem do glorioso S. Mamede, a quem os fieis tem muita devoção; o q tudo se tirou de sua memoria, q está no mesmo cofre, q lemos no anno de 1634. Des q o mosteiro começou a possuir esta igreja te o tempo presente sempre foi servida por Curas (qualquer coisa?) nam havendo nella a pouca fidelidade q mostraram os q noutras se puzeram. Eram os primeiro Curas seculares depois o foram Conegos (...)" | |
| "Verdade é q elegou esta igreja a tanta falta de Freguezes e a tanta pobreza no anno de 1366 q foi necessário ao mosteiro lavrar as suas terras, e sustentar à sua custa a própria igreja. Depois q os conegos reformados estiveram neste mosteiro sempre nella houve Curas seculares apresentados quada anno, q o Prior manda despedir pela páscoa (...)" | P. 148 |
| Encomendas no mandato de D. Vicente da Gama, 5º Prior. " Reformouse no seu tempo a igreja de S. Mamede de Cerzedo, cuja a capella mor lhe mandou fazer o Prior D. Vicente;" | P. 331v |
| Obras feitas no tempo de D. Estevam. " (...) manddou pintar o retabolo da capella mayor da igreja de Cerzedo (...)" | P. 335 |
| "A Senhora das duas fontes, mui pouco dista do mesmo mosteiro para a banda do mar e está dentro do mesmo Izento da Invocação de Nossa Senhora da Nascença, em cujo o dia tem feira, e a grande <u>concurio (?) concurso (?)</u> de gente, esta se acha hoje mui <u>argumentada (?)</u> , tanto em o decente culto e magestoza ornato com se admira e venera como também em ter sua rica confraria." | P. 25 |
| Sobre a ermida da igreja de Serzedo. "Tem esta igreja sua ermida, q se chama N. Sra. E Fontes; e antigam se chamava N. Senhora das duas fontes, por respeito de duas fontes, q junto della estavam. He da invocação da Nascença de N. Sra.; no qual dia à feira, muita romagem e pregação. Esteve esta ermida posta no campo (?) q hoje é de Francisco Alurey, donde a mudou este mosteiro no anno de 1556. Sendo seu Prior o M. R, P ^o . D. Vicente, e a fez à sua custa. Tem na porta principal da banda de fora um rotolo q diz: Esta Ermida de N. S. de Fontes é do mosteiro de Sam Salvador de Igreja e | P. 149 |

| | |
|--|---------|
| sufrança à sua igreja de S. Mamede de Cerzedo; a qual foi de novo reedificada por o Prior e Convento do dito mosteiro em o anno de Jesu Nosso Senhor 1556 annos em 8 de dezembro; e o depois pelos anos de Christo de 1711. Se acha toda de ouro e azul sua das couzas mais assuada (?), q se acha fora dos muros da cidade. Tem missa todos os sabbados para o q da o Cura 3000 reys a confraria. Todas as tardes dos primeiros Domingos do mês se cantam nella as vesporas em cujo fim se faz procissão (...) Vem a esta Ermida grande concurio de gente de todos os arredores. O sitio em q cità hoje é mui fresco, e aprasivel.” | |
| Encomendas no mandato de D. Vicente da Gama, 5º Prior. “Nestas obras entra um sino, q fez para o mosteiro novo da Serra. Outro para à Ermida da Senhora de Fontes, q ainda hoje tem;” | P. 331 |
| “ (...) fez mais a Ermida de Nossa Sra. De Fontes (q está hoje as mil maravilhas) cuja imagem fez João de Ruam.” | P. 331v |
| Obras feitas no tempo de D. Estevam. “ (...) e a imagem de Nossa Sra. De Fontes pelo Pintor Francisco de Tayde por 700” | P. 335 |
| Obras feitas no tempo de D. Nicolau dos Santos.” (...) 1588 em q comprou o asento da Ermida a Sra. De Fontes por sincoenta mil reis, q ao principio servio de virem a elle os Padres deste mosteiro tem um dia de refugio do trabalho de toda a semana. Hoje he onde os curas de Cerzedo tem a sua residencia.” | P. 362v |

| | |
|---|-------------------|
| SANTA MARIA , Frei Agostinho de. <i>Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora</i> . Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. | |
| Da milagrosa Imagem de nossa Senhora das Fontes na Freguesia de Cerzedo “A Freguesia de Cercedo tem a sua situação, & assento em pouca distancia do Real Mosteyro dos Conigos de Grijó, de cuja jurisdição he, & apresentação, & assim pertence ao seu Izento; fica para a parte do mar em sitio muyto fresco, & delicioso; porque tem varias lamedas de castanheyros, | P. 504-509 |

& outras arvores manças, & silvestres, que fazem aquelle lugar muyto regalado; aqui pois neste sitio, ou paraíso da terra se ve situado o Santuario de nossa Senhora das Fontes, & he o mais aceado, & adornado, que se vê por aquelas artes; vesse a Senhora collocada em hum nicho, proporcionado à sagrada Imagem, & fechado com vidraças, & assim se abre, & descobre nas festas, ou quando o mostrão aos Romeyros.

He esta Santissima Imagem de escultura, formada em pedra; mas tão excellentemente obrada, que não parece ser obra das mãos de homens; porque senão podia expressar mais alegria, modestia, & magestade, que naquella soberana Imagem se reconhece; & assim todos os que entrão na sua Igreja, & nella põem os olhos, ficão tão admirados, & prezos, q senão sabem apartar da sua vista; a sua proporção tão quatro palmos & meyo; & tem ao seu soberano Fillho Menino sobre o braço esquerdo; lançando a mão direyta ao rosto da Senhora, com hum tão natural, & engraçada acção, que enleva os corações de quantos contemplão esta graça, para com a soberana May, a que ella tambem responde pegando lhe no pè esquerdo com a sua mão direyta, & olhando para elle com um carinho, & tal correspondencia, qual se podia conseerar de tal May para tal Filho; mas com tal modo, & soberania, que para o seu Santissimo Filho mostra amor, & para os seus devotos accrescenta o respeyto, & a veneração; está pintada, & estofada sobre a mesma materia de pedra com todo o primor, & perfeição da arte, com florens de ouro, & algumas pedras que fazem as roupas muyto mais lustrosas; tem coroa imperial, & o Menino outra, ambas de prata ricamente lavradas.

Quanto à antiguidade desta Santissima Imagem, não há noticia, que a declare, em que se vê ser muyto antiga, & só se conserva por tradição muyto antiga nas pessoas mais velhas daquella Freguesia, que apparecera no sitio em que se lhe fizerama primeyra Ermida, a qual ficava em distancia da em que hoje está a Senhora, pouco mais de hum tiro de pedra para a parte do Sul; não consta já quem appareceo, & quem foy o que mereceo achar tão precioso thesouro, mas pode-se conjecturar seria a algum candido pastorinho, ou pastorinha, por ser

sítio de montes, & bosques.

Deo-se logo parte aos Religiosos daquelle Mosteyro de Grijó, que a sorão buscar, & trouxerão em procissão para o seu Mosteyro, collocando-a em lugra decente; porèm como a Senhora havia escolhido aquelle lugar, para delle fazer muytos favores, & beneficios àquelles candidos Aldeuens, não quis ficar na casa dos Religiosos, no dia seguinte a não acharão, & fazendo se as devidas diligencias pela descobrir, vierão finalmente a achalla no mesmo lugar da sua manifestação; segunda vez a levárão os Religiosos para o seu Mosteyro; mas a Senhora os desenganou, que a sua morada havia de ser no sítio em se havia manifestado.

Reconhecida a vontade de May de Deos, lhe mandarão logo fazer hum nicho de madeyra em quanto se lhe fazia hua Ermida, em que fosse venerada, & buscada de todos, & por ser descoberta entre duas fontes, lhe derao o titulo de nossa Senhora das duas Fontes; depois correndo os tempos, foy a Senhora melhorada, de casa mudando-a para outro melhor sítio, ainda que fica pouco distante do primeyro; mas he sítio melhor & mais levantado, & foy isto no anno de 1556. Sendo Prelado daquelle Mosteyro o Padre D. Vicente da Gama. Tem esta nova Ermida, que he de bastante grandeza, & capacidade, em o corpo huma Capella separada do corpo da Ermida, que faz de comprido vinte palmos, & de largo dezasete, & no arco da mesma Capella tem grades de pao preto bronzeadas, & feytas ao moderno com muyta perfeição; toda a Capella está azulejada, & tem bastante Sacristia, aonde se guardão as cousas, que pertencem ao culto, & serviço da Senhora; o corpo da Ermida tem quarenta & hum palmo de comprido, que também está azulejado; tem na porta principal hum alpendre obrado com muyta perfeição, & lageado; nelle se vé huma pedra em que se declara o anno em que a Ermida fou feyta, ou reedificada, a qual diz assim:

Esta Ermida de nossa Senhora das Fontes do Mosteyro de São Salvador de Grijó, & sufraganea à sua Igreja de São Mamede de Cerzedo, o qual foy de novo reedificada pelo Prior, &

*Convento do dito Mosteyro, no anno de Christo Jesus nosso
Senhor de 1556 em 8 de Dezembro.*

He esta Santissima Imagem hoje da invocação da Natividade, em cujo dia se lhe faz a sua principal festividad. Adverte o Author da prezente Relação, que esta Imagem não he a que primeyro appareceo; porque se acha em hum assento do anno de 1550, aonde se diz que reedificara a Ermida de nossa Senhora das Fontes o Prior Dom Vicente, cuja Imagem fizera João de Roan; & diz a Relação, que sem duvida seria algum homem insigne, & eu digo pelo appellido de Roan seria algum insigne escultor Francez; porque neste Reyno há muytas Imagens prodigiosas que fizerão Artifices Francezes, como se vêem a Cidade de Coimbra, & na Villa do Pombal, aonde na Igreja de Santa Maria do Castelo se vem muytas, obradas em pedra, & de grande admiração.

Do anno em que foy feyta, senão diz nada & da Imagem que antigamente appareceo entre as fontes, senão lembra pessoa alguma que a visse; & assim se tem por certo ser huma Imagem pequenina, que em hum nicho proporcionado ao seu tamanho se vé (que não excede de palmo) esta se vé junto à Imagem grande: esta Imagem pequenina, que se deve ter certamente, pela que milagrosamente se manifestou, que parece ser de madeyra, está estofada, & tem o Menino Deos sobre o braço esquerdo, mas na manufactura não he tão perfeytamente obrada, como a Imagem grande de pedra.

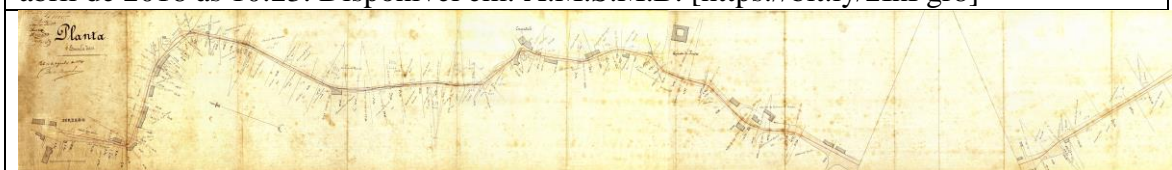
Esta Santissima Imagem pequenina costumão levar nas procissoens, que fazem todos os mezes; duas vezes por anno festejão à Senhora das Fontes os moradores daquellas Freguesias; a primeyra, & a mais principal he em dia de sua Natividade a 8 de Setembro; neste dia há feyra, & grande concurso de povo de todas aquellas terras, que dura todo o dia a segunda he na primeyra Dominga do Outubro, em que a Igreja celebra a festa do Rosario; esta festa fazem os Irmãos, & Confrades da Confraria da Senhora, que he rica, & tem muytos Irmãos; tem mais outro Sermão no mesmo dia da primeyra Dominga de Outubro, em todos os Sabados do anno tem Missa, & em todas as tardes dos primeyros Domingos do mez se cantão naquella Ermida Vesperas da

| | |
|---|--|
| <p>Senhora, & no fim se faz procissão que dá volta ao cruzeyro, que fica defronte da porta principal, em distancia de setenta & nove passos; de todos aquelles redores concorre todo o anno muyta gente a implorar os auxilios de Dos, pelos merecimentos daquela Senhora; tem aquella Ermida alampada de prata, & outras muytas peças do mesmo metal, & bons ornamentos.</p> <p>Muytos são os prodigios com que a Mãy de Deos sempre favoreceo as supplicas, & orações dos seus devotos, & de muytos delles são testemunhas as memorias, que deyxarão, em mortalhas, cabeças, braços, peytos, corações, & outros signaes semelhantes, que se vêm pender do arco da sua Capella, & Ermida; vem algumas procissoens de antigo costume áquelle Santuario, como são de todas as Freguesias daquelle Izento, que ficão nos limites do Bispado do Porto, no ultimo dia das Ladainhas; tambem em occasioens de necessidades publicas vão os moradores daquellas terras, com as suas procissões a buscar o favor, & amparo da Rainha dos Anjos.</p> <p>Estando aquella Comarca da Feyra muyto afflicta, com as muytas, & graves doenças, que havia, & de que morrérão muytos, sendo Prior daquelle Convento de Grijó hum Religioso de muyta virtude, & zelo, ordenou se fizesse huma procissão de preces à Senhora das Fontes; com esta noticia concorreo muyta gente, no dia em que ella se havia de fazer para acompanharem a Senhora, & para isso se enfeytarão os caminhos, fizeram-se Altares, & arcos triunfaes, na forma que a pobreza daquellas terras permitia; hia nesta procissão huma Imagem do Senhor Jesus Christo com a Cruz às costas, que he venerado no Mosteyro com muyto grande devoção, a qual levavão oyto Conigos moços com os pés descalços, & levavão tambem huma reliquia dos Santos Martyres de Marrocos, em hum meyo corpo de rata, & outra de Santa Egipciaca em outro semelhante meyo corpo de rata, que levavão dous Conigos com pulviaes roxos, & no fim o Santo Lenho em huma Cruz de prata dourada, que levava outro Conigo com pluvial roxo debayxo de hum palio, aonde acompanhavão tambem muytos Conigos, & Sarcedores seculares, que hiaõ entoando a Ladainha com muyta devoção.</p> | |
|---|--|

| | |
|---|--|
| <p>Chegando à Ermida da nossa Senhora, sobio ao pulpito o Padre Mestre Dom Francisco da Graça, Lente actual de Theologia naquelle Mosteyro, exhortando aos fieis no discurso do Sermão, a que implorassem o auxilio, & favor da Mãe de Deos, para abrandar a seu Santissimo Filho da justa indignação que tinha contra os ingratos peccadores. Acabado o Sermão, voltou a procissão para o Mosteyro, aonde o mesmo Padre tornou a pregar como o primeyro, persuadindo a todos a fazer penitencia de suas culpas; pois por ellas vinhão aquelles castigos, & juntamente a se valerem do patrocínio da Senhora do Amparo, que tinhão à vista; porque em semelhantes acçoens, não faltaria aos que se valessem do seu favor.</p> <p>Poy Deos servido ouvir as supplicas, & rogativas dos seus servos, por intercessão da Virgem Maria nossa Senhora, & se seu unigenito Filho, aliviando aquelles moradores do contagio, que padeciaõ, preservando tambem ao Mosteyro; todas estas noticias nos deus o Reverendo Conigo Dom Antonio de São Gonçalo.”</p> | |
|---|--|

2.2 – Fontes Cartográficas

Projeto da estrada de Serzedo à Póvoa. 1884, f. FALTA. Cota A/9/2-Pt.6-Doc.24. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner. [Em-linha]. Consulta realizada em: 25 de abril de 2018 às 10:23. Disponível em: A.M.S.M.B. [<https://bit.ly/2InPgr8>]






Freguesia de Perosinho





1 – Trabalho de Campo

1.1 – Alminhas





| Imagem | Localização | Tema | Caracterização | Datação |
|---|-----------------------|--|----------------|----------------------|
|  | Rua Pereira Guerner | - | - | Reconstruída em 1980 |
|  | Rua Alzira Pacheco | Cristo crucificado e outra imagem de Nossa Senhora de Fátima | - | - |
|  | Rua 25 de Abril | Calvário | - | - |
|  | Rua 25 de Abril | Nossa Senhora do Carmo | - | - |
|  | Rua Dr. Avelino Costa | Calvário | - | - |

| | | | | |
|---|-----------------------------|-------------------|---|---|
|  | Rua Dr. Avelino Costa | Calvário | - | - |
|  | Rua 25 de Abril | Crucificação | - | - |
|  | Rua Nossa Senhora do Alívio | Multiplas imagens | - | - |

1.2 – Cruzeiros

| Imagem | Localização | Utilização | Caracterização | Datação |
|---|---------------------|---|----------------|---------|
|  | Rua da Igreja | - | Granito | - |
|  | Rua da Igreja | Marcação de templo | Granito | 1676 |
|  | Rua Pereira Guerner | Possível cruzeiro de uma antiga via-sacra | Granito | - |
|  | Rua Pereira Guerner | Possível cruzeiro de uma antiga via-sacra | Granito | - |


| | | | | |
|---|----------------------------|---|---------|---|
|  | Rua Nossa Senhora do Pilar | Possível cruzeiro de uma antiga via-sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua do Senhor do Calvário | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua Santa Marinha | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |

| | | | | |
|---|--|-----------------------|---------|---|
|  | Rua Santa Marinha – Rua Dr. Avelino Costa | Cruzeiro da Via-Sacra | Granito | - |
|  | Rua Dr. Avelino Costa | Marcação de templo | Granito | - |
|  | Rua Nossa Senhora do Livramento | - | Granito | - |
|  | Rua Nuno Guimarães | Marcação de templo | - | - |


1.3 – Outras Arquiteturas

| Designação | Imagem | Rua | Utilização | Caracterização |
|------------|--------|-----|------------|----------------|
|------------|--------|-----|------------|----------------|

1.4 – Imagens das Nossas Senhoras







| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|------------------------|----------------------------------|----------|---------|-------------|
|  | Nossa Senhora do Pilar | Capela da Nossa Senhora do Pilar | - | - | - |



| | | | | | |
|---|------------------------------|------------------------------------|---|------|---|
|  | Nossa Senhora do Pilar | Capela da Nossa Senhora do Pilar | - | - | - |
|  | Nossa Senhora do Rosário | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Nossa Senhora da Lapa | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Nossa Senhora da Purificação | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Nossa Senhora do Carmo | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | 1710 | - |
|  | Nossa Senhora | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |

| | | | | | |
|---|---------------|------------------------------------|---|---|---|
|  | Nossa Senhora | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|---|---------------|------------------------------------|---|---|---|

1.5 – Outras Imagens para culto

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|---|--------------------------|------------------------------------|----------|---------|-------------|
|  | São João | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Menino Jesus de Praga | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Sagrado Coração de Jesus | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | S/D | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |

| | | | | | |
|---|---------------|------------------------------------|---|---|---|
|  | S/D | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | S/D | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Santo António | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | S. Sebastião | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Santa Luzia | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | São Caetano | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |

| | | | | | |
|---|-----------------|------------------------------------|---|---|---|
|  | São Francisco | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |
|  | Santa Teresinha | Igreja de S. Salvador de Perosinho | - | - | - |

1.6 – Objetos (ex-votos, etc.)

| Imagem | Invocação | Capela | Material | Datação | Observações |
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|
|--------|-----------|--------|----------|---------|-------------|

2 – Bibliografia

2.1 – Documentos Escritos

| ARAÚJO, Presbítero José Ribeiro de. <i>Perosinho. Apontamentos para a sua monografia</i> . Porto, 1980 | | |
|--|--|--------|
| Assunto | Citação | Página |
| | “As tradições populares não se podem desprezar, porque, atravez de mil variações creadas pela imaginação, descobrem-se nellas vestígios da nossa verdadeira origem. Em todas as raças há uma espécie de cosmogonia tradicional, acerca da origem do mundo e parcialmente da humanidade;” | P. 19 |
| Monte Murado | “Mais: no Monte Predroso ou Monte Murado existiu em tempos idos | P. 30 |

| | | |
|--|---|-------|
| | um castello ou atalaia de que fazem menção muitas doações do mosteiro de Grijó (...)" | |
| | <p>"Alem d'isso, num documento de 1148, a que adeante nos referiremos, se vê que a estrada mourisca passava ao sul de Perosinho, pero do logar de Brantães (Sermonde). Ora «interpretando por estrada romana, como é licito, o que se attribue a uma estrada mourisca, obtem-se um cutro ponto de referencia de importancia para o levantamento da directriz da via militar», havendo mesmo a informação recente de que no logar de Crasto (Perosinho) se encontram vestigios da via romana.</p> <p>De todas estas razões conclue o sr. José Fortes (Mea Villa de Gaya, pág.15) que «a partir d'esta parochia oliveirense (UI) a estrada romana, norteando-se para Langobriga (Feira) e a segue para Calem (Gaya), entraria no concelho entre Grijó o anno da conquista, em 206 antes de Christo, até ao anno 409 de era christã" Página 35-36</p> <p>"Sobre este assumpto lê-se no antigo Jornal dos Carvalhos (nº2 de 10 d'Agosto de 1889), depois de descrever o magnifico panorama que d'alli se desfructa:</p> <p>«E' muito decerto isto, mas ha mais alguma coisa que pode interessar o viajante. E' que o monte Murado tem uma historia anquissima, cujas paginas meio apagandas estão escriptas ainda lá e que (...)" Página 37</p> <p>"«No anno de 1148 Tructezindo Mendes doou a Grijó o que tinha em Brantães e em S. Felix: Subter illam Stratam Mouriscam, discurrente rivulo cerzedo.</p> <p>Chamou-se Estrada Mourisca, porque os Mouros a romperam, deixando talvez já por invadiavel naquelle tempo a Estrada romana ou Via militar que, sahindo de Condeixa-a-Velha, atravessava o Mondego entre Pereira e Coimbra, e sem passar o Eminio ou rio Agueda, cortava o Vouga não longe de Talabriga (sobre cujas ruínas</p> | P. 41 |

| | | |
|--|--|---------------|
| | <p>ou perto d'ellas se levantou Aveiro) e d'aqui por entre Lancobriga e o mar se dirigia a Cale: assim se collige do Iteneratio de Antonio e dos seus mais famosos commentadores." Página 40-41</p> <p>"Este vestigio é no entanto importante para o estudo que nos occupa. De facto, d'esta passagem se vê que a Estrada Mourisca passava perto de Bratões, que é um logar de Sermonde, situado a sul de Perosinho, e, seguindo d'ahi para o norte, devia fatalmente atravessar esta ultima freguesia, tanto mais, que, segundo Pinho Leal, a estrada mourisca passava por Grijó e d'ahi se dirigia para Gaya, quasi pelo leito da actual estrada real, e esta estrada, se não atravessa Perosinho, fica-lhe no entanto muito perto. Devia alem d'isso seguir tanto quanto possivel a direcção da Via romana que ella veio substituir, mesmo porque estes sitios, por causa do castro, não lhe deviam sêr indifferentes."</p> | |
| | <p>"Sobre a origem d'este nome nada podemos dizer, em face de documentos, porque nunca encontramos coisa alguma sobre tal assumpto. Mas em papeis muito antigos se vê como noutros tempos se escrevia a palavra «Perosinho»:</p> <p>- Fr. Manoel Pereira de Novaes, no seu Episcólio, referindo-se ao primitivo covento de Grijó, diz que os seus fundadores - Padres Guterres Soares e Ausindo Soares - lhe doaram, em 922 da era christã, mutas propriedades que tinham em Perosinho, e cita os termos em que é concebida essa doação:</p> <p>«Ego faaamulus Dei Gutierre Suarij, Abbas Sancti Saluatoris de Ecclesiola una cum frate meo Ausindo Suarij facimus chartam testamenti de illas hereditates de «Perosino» nostras proprias, ad sustentationem Clericorum, ibidem nobiscum pariter Deo servientium, secudum jussionem sanctorum canonum, etc»</p> <p>- No livro das Inquirições de D. Diniz, do anno de 1307 da era christã (1345 de Cesar), a fl. 67, acha-se o seguinte:</p> | P. 48 – 51 |

| | | |
|---------------------|--|----------|
| | <p>«Freeguesya de sam Saluador de «perosyo», Aaldea que chamam segueyros som tres casaaes de egrejoo e trageos por honrra, porque dizem que foram de filhos dalgo. Eha outros tres casaaes deherdadores que dam affossadeira aellrrey e som rrendados polla uoz e polla cooymha. Mais nom penhora hi omoordomo por ella mais penhora fora.</p> <p>Todos estes casaaes suso ditos seiam deuassos e entre hi omoordomo delrrey por todollos seus dereytos».</p> <p>- No livro da Inquirição de D. Affonso V, do anno de 1444, a fl. 142, tratando-se d'uma Inquirição sobre o couto de Brito, no Julgado de Gaya, encontra-se o nome d'uma testemunha - Steuam Johanes - morador em «Porrosinho»</p> <p>- No foral de Gaya, dado por D. Manoel I, em 20 de Janeiro de 1518, tratando-se de foros de terra chã de Perosinho pagos é coroa real, já se encontra escripto como hoje o nome d'esta freguesia, se bem que num documento de 1746 se diz ainda «Pedrosinho»: «A igreja de Pedrosinho é anexada do mosteiro de Eulonte (Grijó)."</p> | |
| | <p>"Segundo diversos auctores, como Pinho Leal, Dr. Pedro Ferreira e outros, os nomes Pedroso e Perosinho tiveram uma origem commum. Ambos elles foram tirados das condições geologicas do terreno das respectivas freguesias, isto é, derivaram de petra (pedra), e por conseguinte de Petrosus (pedregoso, penhascoso), qualificativo dado pelos antigos povos ao actual monte da Senhora da Saude e á fortaleza ou castello que ahi existiu e que tambem era construido de pedra em que muitos abundava e ainda hoje abunda esse monte."</p> | P. 51 |
| Igreja de Perosinho | <p>"E no seculo XII, como dissemos, que Perosinho nos apparece, como parochia, canonicamente constituida, visto que a sua igreja matriz foi fundada em 1132, se é que a capella de Crasto, que parece ser de fundação mais antiga, não serviu já de igreja parochial, antes d'aquella data.</p> | P. 63-72 |

| | | |
|--|--|----------|
| | <p>Consta essa fundação d'uma lápide de mármore, encontrada em Maio de 1914 na frontaria do templo, occulta sob a camada de cal de reboco, quando se procedia a reparações, e que resa assim:</p> <p>ESTA-IGREJA-DE-SAN-SALVADOR-DE-PEROSINHO-HE-DO-MOSTEIRO-DE-IGREIO-COM-TODAS-SVAS-RENDAS-E-DEREITOS-OLENO-IVRE-E-COM-A-IVRISDIÇAM-ORDINARIA-E-METROPOLITANA-ASSI-EM-A-DITA-IGREIA-COMO-SVAS-PARROCHIAS-E-PARROCHIANOS-DELLAS-E-ESTO-LHE-FOI-CONCEDIDO-E-O-PRIMEIRO-ANO-DA-SVA-FVDAÇÃ-QVE-FOI-DE-NOSSO-SENHOR-IESV-CHRISTO-MCXXXII-E-DE-CESAR-MCLXX</p> <p>Foi sua fundadora uma senhora de Grijó, tão rica como piedosa, chamada D. Elvira Nunes Aurea, sobrinha dos fundadores do convento de Grijó - Padres Guterres Soares e Ausindo Soares.</p> | |
| | <p>Foi dedicada ao Salvador do mundo, que por isso é o seu Orago.</p> <p>Por essa ocasião fundava ella tambem as egrejas de S. Mamede de Serzedo, S. Martinho d'Argoncilhe, S. Martinho de Travanca e S. Miguel de Travassô, doando-as ao mosteiro de Grijó.</p> <p>Quatro annos depois d'estes factos, a igreja de Perosinho foi isenta da jurisdição episcopal e passou para a do convento de Grijó. Historiemos este facto:</p> <p>Desde a fundação do convento, em 922, até 1134, os seus religiosos viviam entregues á oração, á penitência e a outros actos de caridade, e seguiam um theor de vida que a si mesmo se impozeram, mas não estavam sujeitos canonicamente a nenhuma das grandes regras monasticas, como eram, por ex., as de S. Bernardo, S. Agostinho, S. Bento, etc. Então um dos seus abbades, D. Payo, desejando a maior perfeição dos seus padres, quiz adoptar no convento a regra de S. Agostinho. Para isso mandou pedir frades ao</p> | P. 63-68 |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de que era Prior S. Theoronio, que lhe mandou D. Fr. João Peculiar e o sobrinho d'este, D. Fr. Pedro Rabaldis. (...) A Igreja de perosinho esteve, sempre sujeita à jurisdição espiritual do mosteiro de Grijó, desde 1136 até á data da extinção do convento, em 1834, excepto desde 1772 a 1792, em que (não sabemos por que motivo) passou a jurisdição do bispo do Porto, que então era D. Fr. João Raphael de Mendonça, Monge de S. Jeronymo.</p> <p>Esta igreja não foi sempre como está hoje. A primitiva, segundo reza a tradição, tinha na sua frente um telheiro ou galilé, como era uso naquelle tempo e se observa ainda em alguns templos antigos. Era mesmo mais pequena, de acanhadas dimensões, tornando-se por isso mais tarde, com o crescer da população, insufficiente para comportar os fieis. Deduz-se isto d'uma instrução de Prelado de Grijó, D. Lourenço da Conceição, na Visita de 12 de Junho de 1747, que diz assim:</p> <p>«Attendendo nós a que a igreja d'esta freguesia he pequena a respeito do povo e que huas grades que tem os altares collateraes lhe servem de impedimento para o bom comodo do povo e que huas grades que tem os altares collateraes lhe servem de impedimento para o bom comodo do povo, alem dos inconvenientes que te, aos sacerdotes, quando devem celebrar missa, ordenamentos ao R. Parocho e Juiz da Igreja façam em termo de 15 dias tirar as ditas grades e pôr a igreja mais desembaraçada para comodidade de todos, com cominação de que, não o fazendo, procederemos como nos parecer justica».</p> <p>(...) Era, uso, geralmente seguido naquelle tempo, não terem as igrejas mais que um campanario com um sino apenas, como se observa em muitas que nos restam d'essa remota epoca. Ora em todos os documentos antigos, referentes ao toque de sinos nesta freguesia,</p> | |
|--|---|--|

| | | |
|--|--|----------|
| | se fala sempre no numero singular. Dizem apenas - tanger o sino -, o que faz suppor que havia só um sino; e haveria tambem um só campanario? (...)" | |
| | <p>"Ahi pelos fins do seculo XVII foi a primitiva egreja demolida, ou por ser pequena para a população, ou porque já estivesse arruinada, o que é mais certo, pois já tinha visto passar sobre ella quasi sete seculos. Para a sbstituir levantou-se no mesmo sitio a actual, que foi inaugurada em 1802, como mostra a data que encima a porta principal. É bastante espaçosa e elegante e d'um aspecto agradável, tanto interna, como externamente. E, como a primitiva d'uma só nave e, como ella, tem capella-mós e cinco altares, de boa talha dourada; mas algumas das suas imagens não estavam na egreja primitiva que por sua vez tinha tambem algumas que não estão na egreja actual. Esses altares são: - o altar-mór -, com a sua tribuna e tres imagens - a do Senhor Crucificado, em tamanho natural, sobre o throno, e as de S. João e N. Senhora, aos lados, na frente da tribuna. Está aqui o sacrario. Um pouco inferior ao suppedaneo ha dois, mais pequenos, tendo tambem na mão um castiçal. Eram certamente estes últimos que na primitiva egreja estavam no altar do Senhor Crucificado - hoje altar das Almas.</p> <p>No corpo da egreja: do lado do Evangelho - o altar do Menino Jesus - com as imagens de S. Salvador, do Coração de Jesus, de S. Joaquim e de Santa Anna, e - o de Nossa Senhora do Carmo - com as imagens d'esta Senhora, de S.José, de Santa Thereza e de Santa Apollonia; do lado da epistola - o altar de Nossa Senhora da Lapa -, com a sua imagem e as de Nossa Senhora da Purificação (de pedra), de Santo António e do martyr S. Sebastião, e - o das Almas - com as imagens da Nossa Senhora do Rosário, de Santa Luzia e de S. Caetano. Ainda do mesmo lado direito, em frente ao pulpito, ha um oratorio com a imagem de Nossa Senhora da Conceição.</p> | P. 73-76 |

| | | |
|--|--|-------|
| | <p>Tem côro, onde existe um pequeno órgão, muito antigo, mas regularmente conservado que dizem ter vindo do mosteiro de Grijó.</p> <p>Os dois Serafins que estão junto do altar-mór são em escultura de madeira, em tamanho natural, e, segundo a tradição, foraam dados á egreja por um parcho da freguesia, conhecido entre o povo pelo nome de Padre Paneleiro e que supponho ser o Padre José Bento Pereira da Rocha, que parochiou a freguesia ahi á roda de 1810.</p> <p>São ainda dignos de nota nesta egreja os seus quatro confessionarios de castanho, em forma d'oratorio, com tecto d'abobada, raros de madeira e meia porta na frente, obra evidentemente muito antiga.</p> <p>Tem esta egreja, contiguas do lado norte, sacristia, casa da fabrica e um elegante torre com tres sinos (...)</p> <p>Diversas reparações tem soffrido esta parochial. Daremos conta das mais importantes de que temos conhecimento e que são tambem as mais recentes.</p> <p>Em 1885, a Junta de Parochia mandou proceder á restauração das paredes, telhados, portas, janellas e tecto, que se achavam em mau estado. (...)</p> <p>Em 1887, dotou-a a mesma Junta com um novo soalho de pinho, assente em traves de castanho (...)"</p> | |
| Imagem de N. Sra. do Carmo | "João de Barros Nogueira (1710), natural de Perosinho. Foi elle quem deu á Egreja a imagem de N. Senhora do Carmo." | P. 78 |
| Obras realizadas na capela Santa Marinha | "Manoel Filippe dos Santos (1798-1799) (...) reedificou a capela de Santa Marinha (...)" | P. 79 |
| Adro da Igreja de Perosinho | O Terreiro da Egreja, a que muitos chamam - o eirado -, é um lugar publico, pertença da mesma, em forma rectangular, situado em frente do templo. E' ahi que costuma fazer-se o arraial, por occasião das | P. 87 |

| | | |
|----------------------|---|---------|
| | festas religiosas. Estão aqui o Cruzeiro e o Tanque da Igreja (...)" | |
| O Cruzeiro do Adro | <p>" Situado em frente da Igreja e a pequena distancia d'ella, data do anno de 1676, como se vê no seu pedestal.</p> <p>Antes de 1912 ficava mesmo rente ao caminho publico que ahi passa. Porém, querendo então a Junta de parochia fazer um pequeno muro, para separar o Terreiro do caminho, tratou d'obter da Commissão Administrativa Municipal da Gaya, por proposta d'um dos seus membros, sr. Joaquim André de o nascente, sob o pretexto de que estorvava o caminho, o que lhe foi concedido em 18 de abril de 1912. (...)"</p> | P. 87 |
| A água da Igreja | <p>"Ao norte do Terreiro, proximo do actual cemiterio, existe um tanque com três lavadouros, aonde noutro tempo vinha cahir uma bica d'agua, ha muito já distrahida por outras partes. Nasce no sitio dos Bajócos e é chamada ainda hoje a - agua da Igreja, - sendo a mina da sua origem - a mina da Igreja.</p> <p>Pertencia, na verdade, á Igreja e era destinada á rega dos Passaes, á administração do Baptismo e a outros usos na Igreja, como se observa em muitos logares do Livro das Visitas d'esta freguessia, nas quaes o Prior e Prelado do mosteiro de Grijó ordenava ao parcho que tivesse cuidado em mandar limpar o rego, vigiar a agua e impedir que a sujassem ou distrahissem antes de chegar á bica.</p> <p>Depois de encher o tanque, sahia por três bocaes, abertos um em cada lavadouro e ia juntar-se em outros tantos tanques que havia, um na casa que é hoje do sr. João Ribeiro d'Araujo Gomes (casa do Padrão), outro na casa pertencente ao sr. Joaquim Marques de Souza e outro no campo que fica por detraz da Igreja, chamado pelo povo a tiligreja. (...)"</p> | P. 88 |
| Residência paroquial | <p>"Ainda não ha muitos annos tinha esta freguesia a sua residencia parochial, situada junto da Igreja, do lado do norte.</p> <p>Ignora-se a sua origem, sendo, porem, muito provavel que a</p> | P.91-93 |

| | | |
|-----------|---|----------|
| | <p>padroeira da primitiva Igreja, D. Elvira Nunes Aurea, quando a fundou, levantasse tambem esta casa para habitação do parcho, a qual com o decorrer dos tempos certamente soffreu modificações e accrescentamentos.</p> <p>Era pelo menos muito antiga, porquanto em 1853 o presidente da Junta - o reitor João Dias Moreira, (...) declarou que a residencia se achava muito arruinada, presisando por isso d'um prompto reparo. Teve-o no anno seguinte. (...) depois da construcção da nova Igreja, em 1802, ficou, entre a torre e um canto que tinha a residencia, do lado do sul, um espaço demasiado estreito para a passagem das procissões parochiaes, bem como para os enterramentos que se faziam no Adro. (...) apesar dos concertos que se lhe foram fazendo encontrava-se em 1889 ameaçando ruina (...) seria demoli-la e fazê-la de novo. Concordou nisso a Junta e deliberou que nesse caso se mudasse para outro sitio mais hygienico, fóra da visinhança do Adro, que servia de cemiterio, e se destinasse o terreno por ella occupado á construcção do novo cemiterio, visto ser o mais apropriado a tal fim."</p> | |
| Cemitério | <p>"Até ao anno de 1833 os enterramentos faziam-se na Igreja, como de resto em todas as outras freguesias do paiz. (...) 1834, foi isso prohibido, por intimação feita aos parchos, pelo bispo eleito do Porto - Fr. Manoel de Santa Ignez, sob pena de suspensão, como transgressores das determinações regias (...) D'ahi por deante ficaram a fazer-se somente no pequeno Adro, convertido em cemiterio provisorio, e mais tarde, em 1867, accrescentado com o aproveitamento d'uma parte d'elle pelo lado do norte e d'outra do passal que lhe ficava contigua do lado do poente.</p> <p>Assim se esteve até 1890, em que a Junta resolveu construir um novo cemiterio parochial nos terrenos do Passal e da Residencia, cuja expropriação obteve do Governo (...)"</p> | P. 93-94 |
| | "Como os terrenos occupados pela Residencia e Passal, cuja area era | P. 95 |

| | | |
|--------------------|--|------------|
| | de 1.300 metros quadrados, não chegassem para realizar a planta do cemiterio, a Junta obteve do sr. Manoel Francisco Guedes, de Villar d'Andorinha, a quem pertencia o terreno contiguo ao Passal, a cedencia do que faltava, compromettendo-se a dar-lhe em troca logar no cemitério, para a construcção d'uma capella-Jazigo." | |
| Festa das Candeias | "Celebra-se a 2 de fevereiro, em honra da N. Senhora da Purificação, vulgarmente chamada N. Senhora das Candeias. Consta de missa cantada, sermão e procissão com innumeras velas que a Confraria da Cera distribue pelo povo, recolhe no fim e destina depois aos seus gastos durante o anno. E' promovida pelo parcho a quem é entregue o produto d'um peditorio feito na freguesia por um grupo de mordomas, todas solteiras e de nome Maria. São ellas tantas quantos os logares da freguesia, e cada qual pede no logar onde mora. Quando alguma d'ellas casa, perde o direito à mordomia, passando essa honra para outra, nomeada a substituir." | P. 101-102 |
| Capelas | <p>“Existem nesta freguesia 4 capellas publicas – a da Senhora de Crasto, a de Santa Marinha, a do Senhor do Calvario e a do Senhor de Brandariz; e uma particular, na Quinta da Pena.</p> <p>Ignora-se por falta de documentos a que tempo remonta a fundação d’estas capellas.</p> <p>Manoel Pereira de Novaes, que viveu ahi á roda de 1692, referindo-se a Perosinho e outras freguesias, diz assim:</p> <p>«Dissemos neste ultimo capitulo que o mosteiro de S. Salvador de Grijó, com a preeminência de Izanto, tem nalgumas egrejas jurisdicção espiritual e as vizita e não o Ordinario. São estas no bispado de Coimbra Travanca e Travassô, e no bispado do Porto S. Martinho de Argoncilhe, S. Mamede de Serzedo e S. Salvador de Perosinho. Não me consta que estas egrejas tenham ermidas, nem D. Rodrigo da Cunha (bispo do Porto) as cita, porque, como as não visitou, não faz d’ellas menção. Penso que teriam algumas, porque os</p> | P. 115-116 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>fregueses e parochianos d'esta terra são mui devotos e não deixará de haver algumas que não chegaram ao meu conhecimento.»</p> <p>Com isto mostra o citado auctor que, embora não possa afirmar categoricamente que no seu tempo aquellas freguesias tinham ermidas, porque se basea em D. Rodrigo da Cunha e este não as cita pelas razões apresentadas, no entanto é de presumir que as tivessem, atenta a religiosidade do povo.</p> <p>E não se enganava o ilustrado beneditino, porque effectivamente já existiam nesse tempo em Perosinho as ermidas de Crasto e de Sergueiros, cuja origem se oculta na penumbra dos seculos idos. A sua fundação remonta pelo menos ao anno de 1320, como consta d'um documento antigo que, apresentando um catalogo e toas as Egrejas, Comenas e Mosteiros existentes nesse anno nos reinos de Portugal e dos Algarves, fala já d'essas capellas nestes termos: «A igreja de Castro e a de Sirgueiros são ermitanias do mosteiro de Pedroso».</p> <p>D'esta passagem se vê também que essas duas ermidas pertenciam ao mosteiro de Pedroso, ou por titulo de fundação ou de doação, visto que se conservavam sob a sua tutela, ainda em 1320, isto é, 188 annos depois da igreja parochial ser fundada e doada ao mosteiro de Grijó.”</p> | |
| Capela Nossa Senhora de Crasto/ Pilar | <p>“Pinto Leal diz no seu Diccionario que esta capella é muito antiga. Effectivamente a sua origem perde-se nas trevas do passado.</p> <p>Na opinião d'alguns, foi a primeira que existiu na freguesia e data do anno de 1101, baseando a sua afirmação numa inscrição que se encontra gravada na base do púlpito. Está meio carcomida, devido á pouca dureza da pedra em que foi cinzelada, e depois de decifrada parece dizer – ANNO. D. C. 1101. A.</p> <p>Querem outros que esta inscrição se leia – ANNO. D. C. 1701, por isso que o algarismo das centenas parece mais um 7 do que outra</p> | P. 117-119 |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>coisa, e o estylo do púlpito parece indicar uma epocha pouco remota. Segundo os primeiros, esta capella serviu já de igreja parochial, e neste caso é anterior á actual que foi fundada em 1132, porquanto tinha primitivamente na sua frente, e ainda há poucos anos o conservava, um telheiro ou galilé e ahi tinha também o púlpito que mais tarde passou para dentro, quando a galilé foi demolida.</p> <p>Alem d'isso não há muito ainda que um vizinho da capella, o sr. Joaquim Custodio Domingues de Souza, ao abrir uma cova no seu quintal, para plantar uma fructeira, encontrou a base e parte das paredes d'uma sepultura, de tijolos, contendo os restos d'uma ossada humana.</p> <p>Ora, segundo a opinião do distincto archeologo, sr. Joaquim de Vasconcellos, o átrio ou galilé servia de sepultura aos mortos, e o púlpito que ahi se encontrava servia para o parochio palestrar com os seus parochianos, instruindo-os e resolvendo os problemas mais importantes para a vida do povo. Diz elle:</p> <p>«Não é raro encontrar-se á frente da Igreja um alpendre ou Adro coberto, mais ou menos extenso, com pia d'água benta ou com um pequeno púlpito, singelo, para as palestras religiosas. O adro serviu muitas vezes de logar de sepultura e de ponto de reunião para discussões corporativas em casos graves da vida nacional. O que foi adro (atrium) na arte romântica passou a sêr galilé no estylo ogival».</p> <p>(...) isto que diz Joaquim de Vasconcellos, e que parece referir-se ás igrejas parochiaes, poderá applicar-se á capelinha de Crasto?</p> <p>Em boa critica parece-me que não, visto que o púlpito podia estar fora da capela, sob a galilé, por causa do concurso do povo á festa de 15 d'Agosto.</p> <p>Alem disso a sepultura ahi encontrada fica um pouco distante da capella, e pelos tijolos de que é construída e pela sua proximidade do</p> | |
|--|---|--|

| | | |
|-----------------------------|--|------------|
| | <p>monte Murado parece mais uma sepultura romana do que um sepulchro christão. Por isso, parece-me que, enquanto não aparecerem documentos mais precisos, não pode afirmar-se que esta capella tenha sido a primitiva igreja parochial.</p> <p>A data do púlpito, a meu vêr, deve lêr-se – 1701 – e determina simplesmente o anno da construção do mesmo e não o da edificação da capella. Esta, embora não possa fixar-se o anno da sua fundação, é no entanto muito anterior a 1701, pois que já em 1716 era considerada, uma capella muito antiga, como se vê num livro d’esse tempo – o Sanctuario Mariano (...)</p> | |
| Capela Santa Marinha | <p>“ (...) onde vimos que, tanto esta como a de Santa Marinha, remontam pelo menos ao anno de 1320, em que existiam como ermitanias do mosteiro de Pedroso.</p> <p>A imagem de N. Senhora que alli se encontra chama-lhe o povo, não sei com que fundamento, N. Senhora do Pilar. Antigamente não era conhecida por este nome. Festejava-se no dia 15 d’Agosto e era conhecida, desde tempos immemoriaes, por – N. Senhora d’Assumpção, N. Senhora do Castello, N. Senhora de Crasto ou, como ainda hoje, N. Senhora de Castro, devido talvez á tradição de que esta imagem já esteve no castello do Monte Murado, e de lá veio para esta freguesia, e «bem podia sêr estivesse antigamente naquele Castelo, diz o Sanctuario Mariano (...)”</p> | P. 120-122 |
| | <p>“ A capellinha, que fica situada na parte mais elevada do lugar de Castro, no sopé do monte Murado, estava antigamente entre arvoredos silvestres e separada do dito lugar que lhe ficava a pequena distancia, encontrando-se hoje rodeada de casas, que com o rodar dos tempos se foram construindo, fazendo-a d’este modo ocupar o centro da povoação.</p> <p>Dista da igreja parochial para o nascente uns 400 metros ou «dois tiros de mosquete», como diz o referido «Sanctuario».</p> | P. 122-123 |

| | | |
|----------------------------------|--|------------|
| | <p>São dignos de menção nesta capella o púlpito, que é de cantaria lavrada, e a talha dourada do retábulo, em estylo antigo, sendo, porem, para lamentar que alguém tivesse o mau gosto de estragar no centro grande parte d'essa talha, para lhe meter um oratório que nada tem de estético e onde se encontra a imagem da Virgem do Pilar que é de pedra, de boa esculptura, e mede quasi um metro d'alto. (...)</p> <p>Embora pequenas, tem sacristia e capella-mor, e antigamente dizia aqui missa o parcho da freguesia, em todos os sabbados da quaresma, depois de ter vindo da Igreja em procissão, cantando com o povo a Ladainha de todos os Santos.</p> <p>No dia da festa chegavam aqui, talvez em cumprimento de antigos votos, três procissões: a d'esta freguesia, a de Serzedo e a de Grijó. Há cerca de vinte anos já, no domingo immediato, visto naquele dia sêr festejada a Senhora da Saúde, a dois passos de distancia.</p> <p>Termina aqui a Via-Sacra de cruces de pedra, que principia na igreja, e da qual ainda se encontram á orla do caminho muitas d'essas cruces, umas inteiras, outras mutiladas."</p> | |
| Confraria de N. Senhora do Carmo | <p>"No anno de 1710, o Pe. João de Barros Nogueira, parcho de Perosinho, sendo muito devoto de N. Senhora do Carmo, comprou á sua custa uma imagem e ofereceu-a á freguesia.</p> <p>Venera-se ainda hoje no altar lateral, junto á porta travessa do norte, que por isso é conhecido pelo altar de N. Senhora do Carmo.</p> <p>A devoção do Carmo, como se vê, é muito antiga nesta freguesia e anterior é erecção da Irmandade que teve logar, a pedido do povo, em 1733, sendo parcho o Pe. Caetano Luiz Pinto. Institui-a o Mosteiro de Grijó que a agregou á Ordem Carmelitana depois, em 29 de Junho de 1734, como consta da carta mandada passar e assignada pelo Ver. Padre Geral da Ordem, em Saragoça, e inserta no livro do Tombo d'esta Irmandade.</p> <p>Os primeiros estatutos foram-lhe dados e aprovados em 1733 pelo</p> | P. 132-134 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Prior e Prelado de Grijó, D. Henrique de S. José; mas, com o andar dos tempos, tiveram de sofrer alterações e acrescentamentos. Assim estabeleciam eles primitivamente que cada irmão falecido tivesse um officio com 10 padres e 10 missas, recebendo cada padre pelo officio e pela missa de 120 reis. Mas, como se veiu a tornar difícil juntar 10 padres, por os não haver na freguesia e os de fora acharem a esmola diminuta, o Prelado de Grijó na Vizita de 1740 ordenou ao parocho que propusesse aos mordomos e irmãos a reforma dos estatutos neste ponto, de modo que os sufrágios por cada irmão se fizessem a contento d’elles, ou fossem dez missas e um officio de dez padres, ou dez missas e dois officios de cinco padres cada um, ou vinte missas. Nada se fez, ao que parece.</p> <p>Por isso, subsistindo ainda em 1789 a mesma dificuldade, a Mesa reformou-os então e submeteu-os á aprovação do bispo do Porto – D. Fr. João Raphael de Mendonça, que lhes deu o seu beneplácito, por intermedio do Provisor do bispado, ver. Dr. Francisco Matheus Xavier de Carvalho, em 23 d’Agosto. Era Juiz da Confraria, o Padre Manoel Filippe dos Santos natural de Perosinho, e parocho o Padre Domingos de São José.</p> <p>Os únicos estatutos existentes são os reformados em 1789.”</p> | |
|--|--|--|

| | |
|---|--------------|
| COSTA, Francisco Barbosa da. Notícia Histórica da Freguesia de S. Salvador de Perosinho. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Perosinho, 2000. | |
| <p>“A presença muçulmana (...) deixou apenas vestígios que perduram, ainda nos tempos da Reconquista, designadamente através da estrada dos mouros (Strada Maurisca) que passava no Monte Murado e pela actual freguesia de Perosinho, construia a via das invasões e por onde penetravam, até ao séc. XIII, os produtos do artesanato meridional e as moedas de ouro dos Almorávidas.</p> <p>(...)</p> <p>O Condado de Coimbra (...) se integrava o Mosteiro de Grijó fundado pelo Abade</p> | Página 19 |

| | |
|---|-------------------|
| Guterres e o seu irmão Ausindo (...) ao qual pertencia Perosinho, só foi parcialmente pacificado por Fernando o Grande, em 1064.” | |
| <p>“Numa primeira fase, a vila de Perosinho pertencia ao Mosteiro de Moreira (Maia) e, mais tarde, ao Mosteiro de Grijó.</p> <p>(...)</p> <p>A freguesia rural, molécula fundamentalmente da sociedade portuguesa, foi uma criação espontânea popular, nascida das relações seculares entre os cultivadores de um prédio ou vizinhos, como constata Alberto Sampaio.”</p> | Página 19 |
| <p>“O Padre Araújo refere o aparecimento de uma lápide na actual Igreja, apontando para a sua erecção, no século XII, nos termos seguintes:</p> <p>“É no século XII, que Perosinho nos aparece, como parochia, canonicamente constituída, visto que a sua igreja matriz foi fundada em 1132, se é a que a capella de Crrasto, que parece ser de fundação mais antiga, não serviu já de igreja parochial, antes d’aquella data.</p> <p>Consta essa fundação d’uma lápide de mármore, encontrada em maio de 1914 na frontaria do templo, acculta sob a camada de cal de reboco, quando se procedia a reparações, e que reza assim: ESTA-IGREJA-DE-SAN-SALVADOR-DE-PEROSINHO-HE-DO-MOSTEIRO-DE-IGREIO-COM-TODAS-SVAS-RENDAS-E-DEREITOS- PLENO-IVRE-E-COM-A IVRISDIÇAM-ORDINARIA-E-METROPOLITANA-ASSI-EM-A- DITA- IFREIA – COMO- SVAS-PARROCHIAS – E PARROCHIANOS-DELLAS-E-ESTO – LHE – FOI-CONCEBIDO-E-O- PRIMEIRO – ANO – DA –SVA – FVDAÇÃ- QVE- FOI – DE – NOSSO – SENHOR – EIVS – CHRISTO – MCXXXII – E – DE – CESAR – MCLXX</p> <p>Foi sua fundadora uma senhora de Grijó, tão rica como piedosa, chamada D. Elvira Nunes Arrea, sobrinha dos fundadores do covento de Grijó (...)</p> | Página 19 - 20 |
| <p>“Bastantes Mosteiros, Igrejas, Catedrais e Paroquias receberam, na Idade Média o titulo do Salvador, embora por vezes, o uso popular lhe substituisse o mártir conhecido, representado entre os patronos secundários. Pierre David afirma que há cerca de 30 igrejas medievais portuguesas de evocação do Salvador. A festa devia</p> | Página 20 |

| | |
|---|----------------------|
| <p>coincidir originalmente com a de natal ou da Páscoa, até que a partir dos séculos XI e XII passou a ser celebrada a 6 de Agosto.</p> <p>Entretanto, como acontecia em casos semelhantes na região, está comprovada uma existencia anterior, naturalmente com um templo à dimensão das possibilidades e necessidades do tempo.</p> <p>Dado haver uma clara conexão toponimica entre Pedroso e Perosinho, para além da contiguidade geográfica e topográfica, não admira que às primeiras referências à Igreja de S. Salvador de (Perosinho), seja associado o topónimo Pedroso, como surge, em vários documentos, e que datam a existencia de uma Igreja Paroquial, talvez noutra local, como referem alguns documentos, apontando a sua existencia ara o lugar de Sirgueiros, na segunda metade do século XI, quase um século antes da formal criação de Portugal. Isto não quer dizer que a sua criação não tivesse ocorrido anteriormente.</p> <p>Perosinho está entre as cinco Igrejas Paroquiais da terra de Santa Maria com a invocação do Salvador.”</p> | |
| <p>“A primeira referência do orago S. Savador, mas com o topónimo Pedroso, ocorre no ano de 1068 (...) com a designação “Sancti Salvatoris de Petroso” o que se repete, em 1103, com “ecclesia uocabulo Sancti Salvatores (...) monte Pedroso.”</p> | <p>Página 20</p> |
| <p>“Esta freguesia, como quase todas as outras da mesma época e de tempos posteriores, não corresponde a uma paróquia primitiva, apesar de ser praticamente garantido que a terra de Santa Maria, de que fazia parte perosinho, não se despovoou à chegada dos mulçumanos.</p> <p>Em 1050, surge a referência à «Villa Petrosino» (...)</p> <p>Convém referir que, até 1132, a terra de Santa Maria, de que fazia parte Perosinho, estava sob a jurisdição da Diocese de Coimbra.</p> <p>Em 1071, Erro Dias fez um testamento deixando ao Mosteiro certos bens em Crasto com a expressa designação de estarem situado “in loco Sancto Salvatoris in Villa Petroso”.</p> <p>(...)</p> <p>O Mosteiro adquiriu por doação, em 1081, de Erro Dias a propriedade que tinha no</p> | <p>Página 20</p> |

| | |
|---|--------------|
| Lugar de Castro que rendia, no século XVIII, trigo, cevada (...)” | |
| <p>“No ano de 1101, o Papa Inocêncio confirma a doação da donataria Elvira Nunes da “Ecclesiam Sancti Salvatores”.</p> <p>(...)</p> <p>Em 1103, já aparece referenciada a “ecclesia uocabulo Sacti Salvatoris (...) monte Pedroso” (...) e no mesmo ano, surge a seguinte indicação “sirve terja de ipsa uilla que uocatur Castro Pedroso”. (...)</p> <p>No ano de 1107, fala-se da “vila decta Moar subtus monte no Castro Pedroso discurrente arrugio de Pedroso”. (...)</p> <p>No ano de 1108 há várias referencias ao toponimo de Perosinho como “in loco predicto Sirgarios” (...) “acisterio uogabulo Sancti Salbatoris subtus mons Petroso”.”</p> | Página 21 |
| <p>1112 – “ (...) a Infanta Teresa doa a Mendo Gonçalves e sua mulher Maria Soares, (...) uma sua herdade “in villa nuncupata kastro subtus monte Castro, territorio portugalensi in terra civitatis Sancte Maria in loco predicto sub ipsa strata maurisca” bem como a netrada em Guimarães.</p> <p>Em 1112, celebra-se o testamento de Menendo Segeiro que deixou ao Mosteiro uma herdade em Gutexinda que ficava abaixo do Couto.”</p> | Página 21 |
| <p>1112 – “ (...) referida a existencia da estrada maurisca, em Crasto.</p> <p>“Hum mosteiro houve antigamente, distante deste meya legoa para aparte do norte que se chamava nesses tempos antigos de São Salvador de Perosinho que havia pelos anos de 1126 a quem fez a ilustre Sr.^a D.Elvira Nunes, mulher de Soeyro Fromarigues, huma doação de certas fazendas aparte do Padroando que tinha igreja do mesmo mosteiro do qual as palavras que nos servem são: “De ipsam hereditatem a die obitus meis. A ipsa porcionem quam habeo ipo loco sancti salvatoris petrosino ad tollerantiam monachorum vel clericorum ipsi viventium”. E diz ser feita era de 1164 que beio a ser no dito ano de 1126 em 18 de Dezembro Eras Dias fes doação a esta igreja de Saõ Salvador de Perosinho ad tolerantiam bene viventium (...) que supoem ainda neste nempo viviam ahi religiosos. E como bem mostram as cazas que junto deste mosteiro ou igreja há hinda hoje e paredes de que está cercada ouvesse ali alguma couza grande.” ”</p> | Página 21 |

| | |
|---|--------------|
| “Em 1132, o Bispo D. Bernardo concebeu ao Mosteiro de Grijó as Igrejas de Argoncilhe, Perosinho e Serzedo, isentando-as da jurisdição episcopal.” | Página 23 |
| “E como já por estes annos de 1136 tivecem o Bispo do Porto, Coimbra demarcados pellos seos antigos ficou esta igreja do mesmo mosteiro de Grijó, a de St ^a . Marinha de Argoncilhe, a de S. Salvador de Perosinho e a de S. Mamede de Serzedo, dentro da diocesi do Porto por cujo respeito podião os seus Bispos recusar a jurisdição Eclesiástica, que o mosteiro de Grijó tinha sobre estas 4 igrejas, pois que Bispo do Porto a não tinha dado a este mosteiro, senão o de Coimbra, mas para que não ouvesse quem inquietace o maior tratou o digno prelado e bem aventurado irmão conego regular D. João Peciuliais, de confirmar com o seu Cabido da Sé do Porto a jurisdição que já o mosteiro tinha sobre estas igrejas.” | Página 23 |
| “Vivião estes fidalgos em quintas onde tinham casas e torres para aquele tempo, mais grandiosas a quem erão sogeitos muito cazais em lugares inteiros, como era o lugar de Brito pouco distante deste Mosteiro, para o mar onde vivia pouco antes do anno de 1139 Antão Gudinho com a sua mulher D. Erminda, do qual fes muito a este mosteiro com todas as suas honras El Rei D. Afonso Henriques por sua morte o lugar de Sergueiros e o de Passos pouco afastados deste Mosteiro nos quais vivião filhos dalgo que naquelles tempos erão os milhores do Reino” – Transcrição da crónica do mosteiro de Grijó | Página 23 |
| “O Papa Inocência II, em 1139, coloca o padroado das Igrejas do Mosteiro de Grijó (...) sob a protecção pontifical confirmando os seus bens da imunidade, e o padroado do Mosteiro sobre as Igrejas bem como os limites da sua imunidade assim como a isenção da jurisdição episcopal, o que é confirmado, em 1144, pelo Papa Lúcio II e pelo Papa Eugénio III, em 1148 (...)” | Página 23 |
| “Havia mais nestas partes distantes do Mosteiro de Grijó, pouco menos de uma legoa, para apartes do norte num montes que está próximo da igreja de S. Salvador de Perosinho, hum Castello de Pedroso, que declara aquella doação que para advertir o lugar onde estava a fazenda que ao Mosteiro de grijó se dava, diz era no lugar de brandaris subtus Castro Pedroso discurrente vivulo Cerzedo, outra no de anzemir (actual Enxumirl – Arcozelo) subtus Castro Pedroso, e outras no lugar de Vimaranes | Página 24 |

| | |
|--|-------------------|
| Castrum Pedroso discurrante rivulo Cerzedo, território Portugalsi” – novamente a Crónica | |
| <p>“A designação Moliariz deve-se certamente à existência de um marco miliário lá existente na via militar que vinha de Lisboa para Braga.</p> <p>(...)</p> <p>Esta precisão da referência á estrada mourisca que era o nome dado na época à antiga estrada romana é um indício claro da existência do marco miliário.</p> <p>(...)</p> <p>Havia, em 1167, um dominio construido na Vila de Guimarães pelo Abade Gundisalvus Feliz de Pedroso ou pelo seu sucessor Gundisalvus Peladiz que tinha a constituição seguinte:</p> <p>(...) De areia até ao Ribeiro de Liriariz, sendo metade da Vila do Mosteiro de grijó. E a outra metade do Convento de Pedroso mais uma quarta”.</p> | Página 24 – 25 |
| <p>“Através da vista aérea, pode-se ainda constatar que se tratava de campos alongados, rodeados de pinhais e situado no pequeno vale reconhecendo-se ainda as rochas designadas por Pedra Era e das Penas.”</p> | Página 25 |
| Foram doadas maior parte das propriedades de Gumarães, Sergueiros, Redondela, etc. | |
| <p>“A actividade agrícola era praticamente a única que se desenvolvia, em Perosinho nesta época, nas anterioes e nas subsequentes (...) várias fontes e poços (...) vários moinhos e azenhas. (...)</p> <p>Está documnetada também a realização de festas em Perosinho, na Primavera e no Verão.</p> | Página 26 |
| <p>“Aliás, um dos maiores confrontos verificou-se entre o Rei e o Birpo o Porto que esteve mesmo na origem da concessão do foral de 1255 ao burgo régio de Gaia.</p> <p>(...)</p> <p>As sentenças das Inquirições de 1288 no julgado de Gaia, referem que “na freguesia de Sam Salvador de Perosinho a aldeia que chamam Sirgueiros sem nada três casaes de Gioo e trage por honra porque dizem que foram de filhos dalgo e há hy outros três casaes herdadores daam a fossadeira a el Rey e som rendados pela vooz e pela</p> | Página 31 |

| | |
|--|----------------------|
| <p>cooima mais nom penhora hi mordomo por ella mais penhora fora todos estes casaes sseiam deuassos e entre hu mooordomo del Rey por todos os seus direitos.” (...)</p> <p>“ “Pero Martiz de Sygeiros jurado e perguntado sse em esta freguesia há casa de caualeiro ou de dona que sse differida per honrra disse que nom. Mays disse que há he huma aldeya que chamam Sigeyros e som VII casaes e dissse que nom entra ho moordomo del Rey a penhorar. Mays pero penhorara a fora da aldeya e disse que som ente casaes de greioo e defende do o Mosteiro por honrra per razam que foram de homens filhos d’algo e som ente tres casaes de herdeiros de dam el Rey pela voz e pola coosinha e dan lhy fossadeiras.Mais pero nom entra hi o mordomo pero se esta onrra foy feyta per el Rey dise que nom que o el soubesse pero de tempo disse que o nom sabia saluo que o viu assi usar o sseu (sic) tempo e disse que en todo o al desta freguesia entra moordomo e que nom he hy onrra nenhuma”.</p> <p>(...) a aldeya que chamam Sirgueiros som ende tres cassaes de Grijoo (...)</p> <p>Em 1213, Pedro Gonçalves, sua mulher D^a Tarazia e seus filhos vendem uma propriedade “in loco qui dicidir a Muar sub monte de Crasto rivulo de Sirgueiros ad mar oceanum discorrente”. (...)</p> <p>Em 1214 (...) vendeu ao Mosteiro de Grijó umas herdades em Sirgueiros onde chamam Redondela.”</p> | |
| <p>“Num documento anterior a 1238 (...) na freguesia não havia casa de cavaleiro ou de dona defendida por honra, isto é, livre da alçada régia. (...)</p> <p>Em 1237, como “estivece já o Bispo do Porto estendido pela terra da Feira em tal maneira que ficava o Mosteiro de Grijó com as igrejas de S. Martinho, Prsoinho e Cerzedo dentor delle, o Bispo (...) João Peculialis, hum dos 12 primeiros cónegos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (...) este Mosteiro de Grijó tinha nestas 4 igrejas confirmou com o seu cabido o qu lhe tinha dado sobre ellas D. Bernardo, Bispo de Coimbra (...)1237</p> <p>(...) as igrejas do Mosteiro de S. Martinho de Argoncilhe, de Perosinho, de Cerzedo thé o anno de 1199; 30 de Outubro que este Mosteiro fez a concordata que já nomeei</p> | <p>Página 32</p> |

| | |
|---|---------------|
| com o Bispo e Cabido do Porto, na qual ficou este Mosteiro com toda a jurisdição Eclesiástica pleno jure sobr as quatro igrejas, e nas duas Ermidas de Nossa Senhora de Crasto e Santa Marinha de Sergueiros sobre que se litigava, excepto as couzas matrimoniais (...)” | |
| “A base documental para este periodo é o livro das Campainhas e o tombo de Prior Afonso Esteves do Mosteiro de Grijó” | Página 37 |
| “Em 1352, é celebrado um instrumento de sentença sobre a água nascida junto ao monte de S. Bartolomeu, após inquirição de testetmunhas, tendo-se repartido a dita água e assinaram os dias em que os moradores das aldeias Crasto e de Muar haviam de regar. (...) Em 1365, do author do tombo há esta notícia de Perosinho, onde além de outras informações, s noticia o nome de um Pároco da Freguesia D. Gonçalo Ferreira.” | Página 42 |
| “Em 1365, há uma sentença que define a aceitação da petição do Mosteiro de Grijó “da agoa que nasce em agoa fia do mont de Perrosinho que se thoma em na madreia em no logo que chamam o conchusso da Eigreja de Perrosinho a qual água há-de ir á igreja de Cersedo sem embargo de negação como a Eigreja esteve sempre em posse passa por correnta e sincoenta annos e mais e que agorra os sobreditos forram todos cada hum em souas testadas arruinham orrego er que hia a dita agoa a dita Eigreja de Cerzedo e outro si que lhi dessem vinte libras”. ” | Página 44 |
| “Em 1612, é feita uma composição entre o Mosteiro de grijó e os Religiosos da Companhia de Jesus, proprietários do Mosteiro de Pedroso com os moradores de Crasto e outros que queriam fazer cavadas no monte das Pedreiras, situado na encosta de S. Bartolomeu do lado do mar, de frente dos vales da Agra do Crasto tendo decidido que o dito montado ficasse livre para que roçassem mato e cortassem estrumes, sendo-lhes proibido fazer cavadas.” | Página 73 |
| “1622 (...). Tem esta Igreja de Perozinho duas hermidas na sua reiguesia uma delas se chama Santa Marinha e a outra Nossa Senhora de Crasto.” | Página 73 |
| “Era costume, sobretudo a partir do Concílio de Trento haver visitas promovidas pelos Bispos, pelos Abades e pelos Prioros dos Mosteiros para verificar localmente as | Página 169 |

| | |
|--|--|
| práticas religiosas, os comportamentos sociais e morais dos fiéis, bem como obras realizaas ou a realizar na Igreja, nos vários espaços religiosos e nos caminhos das diferentes povoações.” | |
|--|--|

LEAL, Pinho. *Portugal antigo e moderno*. Lisboa: Editora Tavares Cardoso e Irmão. Volume 6, 1873.

| | |
|---|------------------|
| <p>“Perozinho ou Perosinho – freguesia Douro, concelho e 13 kilometros ao S. de Villa Nova de Gaia, e do Porto, 300 ao N. de Lisboa.</p> <p>Tem 350 fogos.</p> <p>Em 1757, tinha 235 fogos</p> <p>Orago, o Salvador</p> <p>Comarca (3ª (?) vara), districto administrativo e bispado do Porto.</p> <p>O prior e o mosteiro de conegos regantes de Santo Agostinho (crucios) do real mosteiro de Grijó – que é limítrofe – apresentavam o cura (...)</p> <p>(Foi até 1834, isento, do couto de Grijó)</p> <p>Esta freguesia posto ser em terreno bastante acidentado, é formosa, vasta e rica, comprehendendo optimas propriedades, sendo a melhor, a quinta da Pena, da Srª vis-condessa do mesmo titulo.</p> <p>O regresso do Brasil, de alguns filhos d’esta terra, que foram à America em busca de fortuna, e realisaram os seus desenhos; o constante commercio que faz com a cidade do Porto, para onde exporta grande quantidade dos géneros agrícolas que lhe sobram do consumo; a exportação, em grande escala, de bois gordos, para a Inglaterra; e finalmente a grande fertilidade do seu solo, tornam esta freguesia uma das mais ricas do concelho (talvez a 1ª depois de Villa Nova de Gaia).</p> <p>Há aqui uma grande romaria a 16 de julho (se é dia santificado – e não o sendo, no domingo imediato) a Nossa Senhora do Carmo, que</p> | Página 692 - 694 |
|---|------------------|

| | |
|---|--|
| <p>se venera em uma capella da egreja matriz, do lado da Evangelho, onde está em uma rica tribuna, de talha dourada.</p> <p>Deu a santa imagem a esta igreja, em 1710, o padre João de Barros Nogueira, natural de Perosinho.</p> <p>A egreja, é um templo vasto e acelado.</p> <p>Há aqui um alto cabeça, que antigamente se chamava Monte Pedroso, onde em tempos remotos existiu uma grande atalaia ou castello, que esteve de pé, e sofrimento conservado, até que os monges beneditinos foram expulsos do mosteiro de Lorvão (...).</p> <p>Então, alguns dos religiosos, mandaram demolir grande parte d'este castello ou atalaia, para com os seus materiais reedificarem o convento de Pedroso, que lhe fica a pouca distancia, ao N. E.</p> <p>D'este castello fazem menção muitas doações do mosteiro de Grijó, tratando das confrontações das propriedades adjacentes, dizendo em uma – subtus Castro Petrozo, e em outras – subtus Castrum Petrosu.</p> <p>Pretendem alguns que este monte deu o nome à freguesia, que primeiro se denominou Petrosu, corrompendo-se depois em Perosinho.</p> <p>Hoje dá-se a este monte, e a uma aldeia que lhe fica ao sopé, o nome de Crasto.</p> <p>Entre frondosos arvoredos silvestres, e na salda (?) d'este monte, se vê a capella de Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente denominada do Castello, ou do Crasto. É templo muito antigo, e não há memoria de quando se construiu, ou do seu fundador.</p> <p>Fica a uns 400 metros a E. da egreja matriz. É grande, e tem capella-mós. A imagem da padroeira, é de pedra, de boa escultura, e de 1,10 m d'alto.</p> <p>A sua festa é a 15 de agosto.</p> <p>Antigamente vinha aqui dizer missa ao povo, o parocho da</p> | |
|---|--|

| | |
|--|--|
| <p>freguesia, em todos os sabbados da quaresma.</p> <p>Com razão se usana esta freguesia, por ser pátria de João Ferreira da Silva de Oliveira.</p> <p>Nasceu a 13 de dezembro da 1815. Era filho de João Ferreira da Silva (mestre carpinteiro, no Porto) e de sua mulher, Maria Custodia.</p> <p>Foi de tenra idade estudar para a cidade do Porto, distinguindo-se logo pela sua precoce intelligencia.</p> <p>Passados alguns anos, matriculou-se nas escolas eclesiásticas, onde deu provas de grande applicação.</p> <p>Quando os liberaes entraram no Porto, em 1832, fugiu para a sua aldeia, e ahi viven com a sua mãe e dois irmãos, durante a guerra civil. Seu pae, que era liberal, ficou no Porto, ao serviço do sr. D. Pedro, chegando a tenente do batalhão de provisórios, de Villa-Nova-de-Gaia.</p> <p>Com a vida dos quartéis, o pae de João Ferreira, perdeu os desejos que havia tido de seu filho adoptar a vida ecclesiastica, e o mandou estudar cirurgia, na escola do Porto, onde se matricolou, em outubro de 1835, sendo alguns anos premiado.</p> <p>Concluidos os seus estudos, foi exercer a clinica na sua terra natal; mas, poucos mezes depois, instado por alguns amigos de cidade, mudou para o Porto.</p> <p>Em 1841, publicou a tradução das Lições de physiologia, do professor Lorbath – e em 1842, a do Diccionario de therapeutica (...).</p> | |
|--|--|

CRUZ, D. Marcos da — *Chronica do Mosteiro de S. Salvador de Grijó, dividida em 2 partes, ou dous libros em o 1.º contem o que nelle sosedeo athe a Reformação, em o 2.º o que ouve depois da Reforma.* 1634.

| | |
|--|-------------------|
| <p>“Hum mosteiro ome (?) antigamente distante deste meya legoa para a parte Norte, que se chamava nesses tempos antigos de S. Salvador de Perosinho que (?) para anos de 1126 a quem fez a Ilustre Senhora Elvira Nunes molher de Sueiro Fromarigues sua doação de certa fazenda e parte do padroado que tinha da igreja do mesmo mosteiro da qual as palavras que nos sérum sam: (...) feita na era de 1164 vem a ser o anno de 1126 em 18 de Dezembro. O qual mosteiro ainda estava com Religiosos no anno de 1131. (...). E bem mostram as cazas, que junto deste mosteiro ou igreja há ainda hoje e parees de que está cercada (...) ahi alguma couza grande. Era este mosteiro de Conegos Regulares, como declara a palavra (clericorum) e virtuoso (?) hoje a igreja delle unida a este mosteiro de Grijó com toda a sua freguesia e anexas. Está hoje na igreja deste mosteiro hum Cura e a freguesia he de jurisdição ecclesiastica do mosteiro de Grijó.”</p> | <p>P. 63-64</p> |
| <p>Igrejas do Mosteiro. “ (...) S. Martinho de Argoncilhe, S. Salvador de Perozinho, S. Mamede de Cerzedo, (...) todas freguesias como o hoje o sam também; po cujo respeito tratou o Ilustre Fidalgo Nuno Soares, e o Prior deste mosteiro D. Pedro com o Bispo de Coimbra, q entam era D. Bernardo (em 1137), e seu cabido, q quisessem dar a este mosteiro de Grijó toa a jurisdição ecclesiastica q tinham sobre todas estas sete igrejas;”</p> | <p>P. 129</p> |
| <p>Jurisdição plena sobre quatro igrejas e suas ermidas como Nossa Senhora de Crasto e S. Marinha de sergueiros. “ (...) na qual ficou este mosteiro com toda a jurisdiçam ecclesiastica pleno jure sobre as quatro igrejas, e nas duas irmidas de Nossa Senhora do Castro, e S. Marinha de Cirgueiros, sobre se litigava, excepto as causas matrimoniais, q somente seriam da Sé do Porto (...)”</p> | <p>P. 135</p> |
| <p>Igreja de Salvador de Perosinho. “Esta igreja de Perosinho foi mosteiro de Conegos Regulares na era de 1164 (...) q é o anno de 1126 (...) q foi o tempo, em q Elvira Nunes lhe fez sua Doação (...) Com tudo era esta igreja des Senhora e de seu filho o ilustre fidalgo Nuno Soares, e d’outros seus irmãos, e sobrinhos, e como tal a doarama este mosteiro in perpetuum na era</p> | <p>P.149-149v</p> |

| | |
|---|-------------|
| <p>de 1170. (q é o anno de 1132) (...) Era clerigo secular o q de principio punha o mosteiro por Cura desta igreja; o sepois vey a ser curada por conegos seus (...) é no anno de 1363 outro nome Gonçalo Fereira ao qual com letras apostolicas foram entregues as couzas, q pertencião a esta igreja em 24 de julho pelo Prior e Convento deste mosteiro. E o foi tambem Affonso Esteves, Pero Gomes e outros muitos todos Conegos seus, e Pero Barro q foi o ultimo Conego deste mosteiro, q teve a igreja de Perosinho: ao qual tendo-o apresentado ad nutum na forma costumada o Prior mor deste mosteiro D. Fernando da Siqueira no anno de 1500 (...). Neste estado eatava esta igreja já quando este mosteiro de Grijó se reformoce pelos annos de 1536 (...) assim fora unida in perpetuum a este mosteiro. (...) Diogo Teixeira foi o primeiro Cura annual que esta igreja de Perosinho teve depois do mosteiro de Grijó ser reformado (...)”</p> | |
| <p>“Esta um rotolo na banda de fora na porta principal desta igreja, q diz: Esta igreja de S. Salvador de Perozinho é do mosteiro de S. Salvador de Grígó com todas as suas rendas, e direitos pleno jure com a jurisdiçam ordinaria (...) dita igreja, como as suas annexas, parochias e parochianos dellas: E isto lhe foi concedido o primeiro anno de sua fundação q foio de 1132. O qual rotolo em tudo o mais falla verdades so em dizer fora o mosteiro de Grijó fundado no anno de 1132 (...). Tem a igreja de Perosinho duas ermidas suas suffraganeas (...)”</p> | P. 151 |
| <p>Sobre um castelo. “Havia mais nestas partes distantes do mosteiro de grijó pouco menos de uma/sua (?) legoa para à parte do Norte em o monte, q está por sima da igreja do Salvador de Perosinho, um castello, q se chamava em alguns tempos antigos o Castello de Pedroso, q declara aquela escriptura e doaçam q para advertir o Lugar onde estava a fazenda q ao mosteiro de grijó se dava, diz era no lugar de Branddariz subtas (?) castro Pedroso. Outra no de Muar subtas Castro Pedroso (...)”</p> | P. 192v-193 |
| <p>Sobre a doação da igreja de Perosinho: D. Affonso Esteves. “Ao q attendendo os conegos e vendo os serviços q ao mosteiro tinha feito, lhe deram em</p> | P. 254 |

| | |
|--|---------|
| Cabido o Priorado da igreja de S. Salvador de Perosinho, onde foi collado no anno de 1363 em 24 de julho” | |
| Volta a igreja a ser do mosteiro. “Tournouse a unir ao mosteiro de grijó a igreja do Salvador de Perosinho, por renuncia, q della fes ao mosteiro o Prior D. Braz no anno de 1549.” | P. 328 |
| Encomendas no mandato de D. Vicente da Gama, 5º Prior. “Na igreja do Salvador de Perozinho fez o retábulo e pos nelle a imagem do Salvador, q fez de gasto 2000.” | P. 331v |
| Obras feitas no tempo de D. Estevam continuadas pelo Prior Lourenço. “Mandou pintar o retabolo de Perosinho (...)” | P.336 |
| Obras feitas no tempo de D. André de S. João. “Continuou o Prior D. Andre em aumentar a fazenda do seu mosteiro (...) 1611. (...) sobre o monte de Crasto chamado das pedreiras, com q cessaram as dividas q antes tinham” | P. 381v |
| “A outra Ermida se chama da Sra. Do Crasto, por estar junto a um Lugar, q se chama Crasto, é da invocação de N. S. da Assumpção, no qual dia se festeja com pregação e missa cantada. Nam as querem os freguezes fabricar e assy o mosteiro as fabrica. Sobre estas Ermidas teve antigamente este mosteiro grandes demandas com o Bispo e Sé do Porto, q diziam estavam na sua diocesi, sobre q se concertaram;” | P.151v |
| Encomendas no mandato de D. Vicente da Gama, 5º Prior. “Concertou também a Ermida de N. Sra de crasto (...)” | P. 331v |

| | |
|---|------------|
| SANTA MARIA , Frei Agostinho de. <i>Santuário Mariano e a História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora e das milagrosamente aparecidas, em graça dos Pregadores, e dos devotos da mesma Senhora</i> . Volume 7. Lisboa, 1707 – 1723. | |
| Da milagrosa Imagem de nossa Senhora do Carmo de Perusino “Na Freguesia do lugar de Perusinho, q pertence ao Izento do grande Mosteyro de Grijó, & na sua Paroquial Igreja, q he dedicada ao Salvador do mundo, se venera huma muyto devota Imagem da Mãe de Deos com o titulo do Carmo; esta Santissima Imagem he moderna; porque foy collocada cada naquella | P. 515-516 |

| | |
|--|-------------------|
| <p>Igreja, pelo Padre João de Barros Nogueyra, Cura da mesma Freguesia em o anno de 1710. He de escultura de madeyra primorosamente obrada, & com as armas do Carmo no peyto, adornadas de algumas pedras finas ; sobre o braço esquerdo tem sentado o soberano Filho; a Senhora tem huma rica coroa imperial de prata, tem hum agogador de extremos de ouro, que lhe deraõ os seus devotos, & o Menino tem hu resplendor de prata; a sua escultura são cinco palmos, & he de grande fermosura.</p> <p>Tem a Senhora na pianha, sobre que está collocada, huas almas em chammass, & estofadas sobre ouro, que quis a devoção do mesmo Cura, que se visse o quanto a Senhora não só nos ampara na vida; mas nos alivia no Purgatorio, em as penas; vesse collocada em huma rica Capella, & recolhida em huma fermosa tribuna de hum moderno, & custoso retabolo de talha dourada; fica esta Capella à parte do Evangelho, a Senhora para mayor veneração está recolhida, & com ricas vidraças, & tudo está com grande aceyo, grandeza, & perfeição; festejaõ a Senhora da Carmo no seu dia de 16 de Julho, se cahe em Domingo. Não tem Irmandade ao presente, mas como obra muytas maravilhas, he muyto grande a devoção com que de todos he buscada, não só dos moradores daquella Freguesia; mas das mais circunvisinhas, & com as esmollas que se offerecem pelos devotos, se acode à fabrica da sua Capella, & ao seu culto.</p> <p>He este Santuario, & Capella da Senhora do Carmo muyto frequentado de romagens, & ahi lhe vem a fazer as suas promessas, & trazer as suas offertas; no dia da festividade da Senhora he muyto grande o concurso de romagens, & concorrem todos os Irmaõs do Escapulario a ganhar as graças, & Indulgencias, que lucraõ naquelle dia; esta noticia nos deu o Reverendo Padre Dom Antonio de Saõ Gonçallo Conigo do Convento de Grijó.”</p> | |
| <p><i>Da milagrosa Imagem de nossa Senhora da Assumpção, ou do Castro, ou Crasto</i> “Na mesma Freguesia de Saõ Salvador de Perusino se vê em hum monte, que lhe fica imminente, o qual pela muyta quantidade de pedra, que em si tinha, lhe chamavaõ o monte Pedrozo; neste monte esteve antigamente</p> | <p>P. 517-518</p> |

hum grande Atalaya, ou Castello, que durou até o tempo em que os Padres da Ordem de São Bento foram despojados do Convento de Lorvão pelo dar El Rey Dom Affonso o II a suas Irmãs Dona Theresa, & Dona Sancha, convertendo-o em casa de Religiosos de Cister; vendo-se os Padres Bentos despojados daquella seu illustre Convento, vieram a edificar por ordem do mesmo Rey outro Convento em hum sitio, que dista da Cidade do Porto duas legoas, & nelle com a pedra daquella Castello, que lhe não ficava muyto distante, fizeram hum novo Convento, a que impuzeram o nome de Pedrozo, alludindo ao Castello que lhe deu a pedra; deste Castello fazem menção muytas doações do Real Convento de Grijó, & de Cazaes que estão em a mesma Freguesia de Perusino aonde se vem as confrontações, & em humas diz: *Subtus Castro Pedrozo*, & em outras: *Subtus Crastum Petrosun*.

Nas faldas deste monte se vê situada a casa de nossa Senhora da Assumpção, ou do Castro, entre arvoredos silvestres, que no Verão fazem aquelle lugar fresco; he esta casada Senhora muyto antiga, & assim não consta, nem do tempo em que se fundou, nem de quem foram os seus fundadores, mas sempre se conservou com o nome, & titulo de nossa Senhora do Castello, ou do Castro, & bem podia ser estivesse antigamente naquella Castello, & por causa de alguma ruina lhe fizessem a casa mais perto das povoações; tambem muyto perto da Ermida se vê hum pequeno lugar chamado Castro; fica esta Ermida à parte do Nascente, & em distancia de dous tiros de mosquete da Freguesia; he esta casa de bastante grandeza com a Capella mór dividida do corpo da Igreja.

Esta Santissima Imagem he de escultura formada em pera; está collocada em hum retabolo dourado, a sua estatura são cinco palmos, & he muyto perfeita a manufactura, tem coroa imperial, & o Menino resplendor, tudo de prata; ao Menino está offerecendo a Santissima Mãe o peyto, que elle toma com muita graça; toda aquella casa está muyto açada, & ornada, & até o frontal he de talha dourada.

Como a Senhora he invocada com o titulo do Castello, que he proprio do

| | |
|--|--|
| <p>Mysterio da Assumpção, como refere o Evangelho; por isso a festa no seu dia de 15 de Agosto com Sermao, & Missa cantada; & neste dia he muyto grande o concurso da gente que vay a venerar a Senhora, & dura todo o dia, & nos nove dias antecedentes concorrem muytas pessoas devotas a ir fazer as suas novenas à Senhora em aquelle seu Santuario; não tem Confraria approvada; mas tem Mordomos annuaes, que costumão festejar, & servir a Senhora, & o fazem com muyta devoção, & estes se elegem, & tem por devoção pedir esmollas para a festa, & para as mais espezas a sua fabrica: e antigo costume vay o Paroco o lugar dizer Missa aos seus freguezes com todos os Sabbados a Quaresma, aone concorrem com devoção; a Senhora do Castelo nos eu noticia o mesmo Pare . Antonio e São Gonçallo.”</p> | |
|--|--|

| | |
|--|---------------|
| <p>CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique. Co-autor; BORRALHEIRO, Rogério, co-autor. As Freguesias do Distrito de Aveiro e Coimbra nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património. Portugal nas memórias paroquiais de 1758; volume 7. Braga, 2011</p> | |
| <p>Em frente, no lado oposto tem uma imagem do Senhor Crucificado com as imagens de Nossa Senhora, São João Evangelista e Santa Maria Madalena, embutidas no retábulo. O arco deste mesmo retábulo “<i>tem pela parte de dentro de hum e outro em sua peanha, com castiçais nas mãos para iluminarem ao mesmo Senhor.</i>”</p> | <p>P. 776</p> |

2.Apêndice Documental

Bibliografia Geral

1 – Documentos Escritos

| | |
|---|-----------------|
| ALMEIDA, Prof. Carlos Alberto Ferreira de. <i>Senhora da Abadia</i> . Revista de Etnografia. Museu de Etnografia e História. Volume II, Tomo 2, 1964 | |
| “Os milagres ou, pelo menos, a crença neles, são a primordial e quase exclusiva causa das romarias. Dizemos quase, exclusiva, porque o pitoresco local e o ambiente influenciam também.” | Página 304 |
| Os topónimos das Nossas Senhoras muitas vezes são retirados dos locais onde são encontradas, porém, pode suceder o inverso. Poderá ser atribuído ao lugar um nome devido à imagem. Outra questão, a ser lembrada, é que a imagem e assim as suas devoções muitas vezes podem não ser registadas porque no seu tempo não tem a popularidade necessária para ser documentada. | Página 304-305 |
| “Para o povo, popularmente, o nome da Senhora viria do termo «vadia», porque em seus princípios a imagem fugia para o local onde for encontrada sempre que a traziam para o convento.” | Páginas 305-306 |
| A Senhora da Goma é a mesma que a Senhora da Abadia: “ A imagem é a mesma. Diverge o título, a ocasião da festa e talvez o sentido da festividade. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha fala-nos do carácter agrário desta invocação. Senhora da Goma seria sinónimo da Senhora da Seiva. (...) Mesmo a época em que se realiza a festa aconselha tal sentido.” | Página 306 |

| MATTOSO, José. <i>Portugal Medieval. Novas Interpretações</i> . Volume 8. Círculo de Leitores, 2002 | | |
|---|---|-----------|
| Assunto | Citação | Página |
| | " (...) a paróquia teria sucedido à villa como novo vínculo entre os membros de uma comunidade local. | Página 31 |

| | | |
|--|--|------------|
| | Segundo Alberto Sampaio, haveria mesmo, geralmente, uma coincidência espacial entre os limites geográficos das villae e os das paróquias que lhes sucederam." | |
| | "Com efeito, Pierre David mostrou claramente que as igrejas paroquiais propriamente ditas não procediam tanto dos oratórios das villae, como das igrejas rurais fundadas directamente pelos bispos nas suas dioceses, ou fundadas sob a sua autoridade pelo clero diocesano. Era nestas igrejas que o clero diocesano administrava os sacramentos sob a vigilância do bispo." | Página 31 |
| | "Finalmente, David chamava a atenção para o facto de o Parochiale suévico não mencionar, ou ao menos não distinguir das outras, as igrejas paroquiais situadas nas villae. Todavia, existiam já na época igrejas deste tipo e podiam até ser fundadas pelos próprios bispos nos domínios rurais percedentes ao património diocesano. Mas estas eram assinaladas às basílicas e aratórios consagrados ao culto de um santo local e não tanto às paróquias; eram igrejas privadas sem baptistério nem cemitério. Os oratórios dos mosteiros entravam na mesma categoria das igrejas privadas." | Página 32 |
| | "Pôde assim mostrar que, se as paróquias mais antigas procediam das fundadas pelos bispos para prolongar a pastoral sacramental por eles exercida nas cidades episcopais, a maior parte das que se vieram a fundar durante a Reconquista derivavam ou de igrejas das villae ou de igrejas monásticas." | Página 32 |
| | "O Noroeste da Península Ibérica, e em particular a diocese de Braga, seria uma região privilegiada para o estudo da história das paróquias. Todavia, e para além | Páginas 34 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>desta tentativa de estabelecer um nexo concreto entre as paróquias do século VI e as do século XII, Avelino de Jesus da Costa não acrescenta descobertas fundamentais em relação aos trabalhos que precederam. Este nexo foi estabelecido de uma forma importante apesar de hipotética: haveria uma coincidência territorial entre as paróquias do século VI e os arcediagados do século XII. Convém observar que esta hipótese não é inteiramente nova: já Miguel de Oliveira tinha notado a relação entre a antiga paróquia de Ledra e a terra (no sentido de circunscrição civil correspondente ao arcediagado) do mesmo no século XII. A hipótese de A. da Costa apresenta-se com uma solidez considerável, visto que conseguiu mostrar a correspondência entre onze paróquias suevas e onze arcediagados dos séculos XI e XII. É preciso todavia perguntar se o facto de ele não ter podido demonstrar o mesmo para a maioria das paróquias suevas (em grande parte por causa das dificuldades de identificação toponímica) não significa que esta correspondência se dá apenas em alguns casos e que, portanto, se não pode supor como a evolução habitual. Em segundo lugar, o processo evolutivo não está esclarecido; nos casos onde se dá a coincidência, a continuidade territorial é assegurada pela criação do vínculo eclesiástico ou pela do vínculo civil, isto é, pela transformação do antigo pagus numa terra, que depois serviu de modelo ao arcediagado? (Tanto mais que a terminologia eclesiástica, arcediagado, sugere uma organização diocesana não originária da Península, mas importada de além-Pirenéus e portanto tardia.)"</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|--|--------------|
| | <p>"É preciso não só entre zonas urbanas e zonas rurais, mas também entre as diversas regiões. É preciso ter em conta o tipo de habitat que predomina em cada uma delas e os fenómenos demográficos, e em particular o aumento populacional do século XI.</p> <p>Não basta, portanto, verificar que as regiões mais povoadas no século VI o eram também no século XI, para demonstrar a continuidade da organização paroquial. Há que explicar fenómenos tais como a profunda transformação toponímica que se dá entre as duas épocas e que atinge justamente as regiões mais densamente povoadas. Há que considerar também a incidência das perturbações causadas pela desorganização dos quadros civis e diocesanos introduzida pelas invasões muçulmanas e a política local dos reis asturianos; as consequências do surto de desbravamentos na multiplicação (página 35) paroquial dos séculos XI e XII; os movimentos migratórios da mesma época; a evolução da aristocracia rural e dos seus poderes senhoriais; etc."</p> | Página 35-36 |
| | <p>" (...) António Gonçalves Mattoso, em 1964. Este mostrou que as vinte e três igrejas de Lisboa atestadas no princípio do século XIII eram não só igrejas paroquias mas também igrejas privadas. Multiplicaram-se rapidamente desde a conquista da cidade aos Mouros em 1147, porque antes desta data as igrejas moçárabes que porventura existiam devem ter sido muito poucas. A maior parte das fundadas depois de 1147 dever-se-iam a fundações senhoriais. Além disso, este autor tem o mérito de relacionar a fundação das paróquias urbanas</p> | Página 37 |

| | | |
|--|--|--------------|
| | com o crescimento demográfico da cidade (...)" | |
| | <p>2. Trabalho em curso</p> <p>"Finalmente, têm-se multiplicado ultimamente as monografias demográficas de várias paróquias. Dado que os estudos deste género se baseiam sempre, para a época moderna, sobre os registos paroquiais, podem também ser utilizadas para analisar a prática sacramental e outros elementos da história religiosa das paróquias."</p> | Página 39 |
| | <p>3. Problemas de periodização</p> <p>" (...) a rede paroquial e as funções paroquiais só se começam a fixar com a introdução do direito canónico romano, temos de situar este momento no fim do século XI e princípio do seguinte, quando se abandona o velho direito visigótico, para adoptar a organização diocesana de tipo carolíngio. Mas a época em que se fixam sistematicamente as fronteiras paroquiais vem ainda mais tarde."</p> | Página 40 |
| | <p>"Pode-se portanto admitir que o princípio do século XIV seja o momento final da fixação territorial. A preocupação em delimitar com rigor os limites da jurisdição paroquial não resulta apenas da obediência a uma prescrição canónica, mas também da necessidade de contabilizar os rendimentos paroquiais e episcopais, em virtude das prestações e impostos eclesiásticos, cuja natureza, quantidade e modalidades se estabelecem durante os séculos XI a XIII. Este período caracteriza-se também, segundo as informações recolhidas por Miguel Oliveira, pela regulamentação detalhada acerca das modalidades de nomeação e de recrutamento dos curas, que podiam ser designados pelo bispo ou por toda a</p> | Página 40-41 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | espécie de padroeiros eclesiásticos ou leigos." | |
| | <p>"Entre o século XIV e o século XVI, as prescrições eclesiásticas parecem revelar como preocupação dominante a função pastoral da paróquia. É ela que leva a multiplicar as visitas, cujos resultados são, a partir de então, postos por escrito. Está também presente nas prescrições dos estatutos sinodais, cujos textos também nesta altura se tornaram mais nítidos e frequentes. As distorções provocadas pelas transacções de toda a espécie a que dá lugar o sistema benéfico trazem, entre outras consequências, o vício do absentismo, que alguns pastores tentam combater, sobretudo durante o século XV. É também neste momento que se começa a ter consciência da necessidade de proceder a adaptações da rede paroquial em virtude das desigualdades provocadas pela diferente evolução demográfica de muitas zonas urbanas e rurais..</p> <p>As decisões romanas do concílio de Trento e dos papas que se seguiram encontram geralmente o seu eco nas dioceses. Constitui-se assim um novo capítulo do direito canónico paroquial, com muitas e variadas expressões locais sob as formas mais ou menos definitivas das constituições diocesanas dos séculos XVI e XVII. Nelas se faz sentir a preocupação de submeter a moral dos fiéis a regras minuciosas e rígidas, de cuja execução e vigilância se encarrega o clero paroquial."</p> | Página 41 |
| | <p>I</p> <p>"O Estado português, recém-fundado, caminha lentamente para a nação, isto é, os habitantes do seu território só a pouco e pouco vão adquirindo a</p> | Página 79 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | consciência de pertencerem a uma mesma e única comunidade humana, dotada de costumes, língua, tradições e cultura próprias. E assim, a resultante política dos factores que acabamos de enunciar tem componentes que são ainda de ordem puramente social e cultural" | |
| | "É um lugar-comum dizer-se que, durante a Idade Média, a religião ocupa um lugar primordial na vida humana. Mas não basta esta afirmação geral para concluir, simplesmente, que, logo, também deve ter exercido influência na formação de Portugal. O mais importante consiste em saber se a crença e a prática religiosa permitiram ou favoreceram a independência política, e de que maneira. É costume, a este respeito, invocar-se a colaboração prestada aos condes portugalenses e ao nosso primeiro rei, pelos bispos e ordens religiosas, sobretudo pelo arcebispo de Braga, cujos esforços por garantir a restauração da metrópole e a isenção canónica de vários mosteiros deveriam ser interpretados como expressões de colaboração directa na luta pela independência." | Página 80 |
| | "Os costumes religiosos da época criaram, com efeito, uma íntima união entre a nobreza local e os mosteiros que ela protegia. Os patronos tinham um papel fundamental na eleição dos abades e na administração dos bens, dotavam a comunidade de terras e rendas, colocavam nelas alguns dos seus filhos e filhas como religiosos e religiosas ou como protegidos, reuniam-se com parentes e iguais à sombra da sua igreja para festas profanas e litúrgicas, enterravam neles os seus mortos, assistiam aí aos ofícios pelos defuntos (...)" | Página 81 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>“A nível inferior, fundam-se, no decurso do final do século X e na primeira metade do seguinte, uma grande quantidade de casas religiosas patrocinadas pela nobreza de segunda categoria, que começa a tirar partido da exploração de domínios regionais, bem inserida na sociedade local, distinta da nobreza de corte, que protegia as grandes abadias acima mencionadas.”</p> | Página 82 |
| | <p>“Ora às rivalidades que, pelo menos no território portugalense, opõem infanções e condes, e levam finalmente os primeiros a eliminar os segundos, corresponde um movimento paralelo dos mosteiros de segunda categoria que pretendem elevar-se ao nível das abadias mais poderosas e bem organizadas. Penso que foi esta pretensão dos monges que os levou a adoptarem rapidamente os costumes monásticos estrangeiros, abandonando sem dificuldades as antigas tradições hispânicas, observadas até ao final do século XI.</p> <p>E assim, é muito provável que, sobretudo a partir do reinado de Afonso VI, os mosteiros de infanções procurem imitar o mosteiro régio de Sahagún, onde o imperador impôs os costumes cluniacenses, sem todavia o sujeitar à obediência da abadia borgonhesa.”</p> | Página 82 |
| | <p>“Como vimos, os mosteiros do Norte, num impulso a que poderíamos chamar «progressista», aceitam a liturgia romana e os costumes cluniacenses. Abrem-se também ao direito canónico romano, apoiam a organização diocesana de origem carolíngia, invocam os novos santos com culto além-Pirenéus. Esta abertura a correntes estrangeiras, impulsionada pelo dinamismo e pelas ambições dos infanções, vai, por sua vez, constituir</p> | Página 83 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>aquilo que eu penso ter sido o elemento mais importante para os fazer alcançar a consciência dos elos que os unem entre si, da força da tradição regional de que são responsáveis e da sua capacidade colectiva no panorama do Ocidente da Península.</p> <p>Efectivamente, os contactos que a própria abertura às inovações religiosa de origem além-pirenaica proporciona devem ter levado as comunidades locais a descobrirem as suas próprias características, por contraste com as da sociedade leonesa, castelhana, e mesmo galega.”</p> | |
| | <p>“Apesar da projecção ultra-regional da nobreza minhota e duriense, a que me referi até agora, não bastou, certamente, o papel que desempenhou na criação do estado independente e na formação de Portugal. Era necessária também a criação de uma instituição política que não podia depender só dela - a realeza. Esta acabará por encontrar o seu melhor apoio numa elite intelectual que lhe justifique o poder perante os súbitos e face aos inimigos. Cria-se assim uma força complementar da da classe dominante, até certo ponto emanada dela e apoiada por ela, mas que tende a tornar-se autónoma, sobretudo na medida em que se põe ao serviço do soberano. É ela que dará expressão clara ao sentimento da autonomia nacional pondo-a em relação com a expansão territorial cuja responsabilidade atribui ao rei. Santa Cruz de Coimbra desempenha neste conjunto de factos o papel mais relevante.</p> <p>A sua fundação 1131 coincide, curiosamente, com a data provável em que Afonso Henriques transfere de</p> | Página 85 |

| | | |
|--|--|--------------|
| | Guimarães para Coimbra o centro da corte (...)” | |
| | “(…) aproveitam depois para passar por São Rufo de Avinhão, cujas observâncias adoptam em Santa Cruz. E logo o mosteiro coimbrão se torna o centro religioso mais acarinhado pelo rei e onde ele encontra os auxiliares mais fiéis no campo da cultura e das instituições religiosas. Aí guarda o seu tesouro e os documentos de sua chancelaria;” | Página 85 |
| | “(…) D. João Peculiar, que faz, primeiro, bispo do Porto, e depois arcebispo de Braga; aí vai buscar também outros bispos, como Odório de Viseu, Mendo de Lamego e Godinho da mesma Sé, e cónegos para fundarem o mais importante mosteiro de Lisboa, São Vicente de Fora; aí encontra o santo que é para ele uma espécie de conselheiro espiritual, São Teotónio (...)” | Página 85 |
| | <p>“E esta associação entre o rei e o mosteiro canonical continua ainda durante todo o resto do século XII e principio do seguinte, com Sancho I e outros membros da família real, como a sua filha bastarda Constança Sanches, que vive junto a Santa Cruz e colabora na fundação do mosteiro feminino de Santa Ana.</p> <p>A deslocação da corte para Coimbra e a sua associação com Santa Cruz são factos de uma projecção enorme na formação de Portugal. Antes de falarmos deste último, que é o que directamente nos interessa, temos de nos referir ao primeiro, porque ele o condiciona e lhe imprime um carácter muito particular.”</p> | Página 85-86 |
| | “Não é só isto que Coimbra representa. Centro de longas tradições moçárabes e de relações cosmopolitas, orienta o rei para uma política ao mesmo tempo tolerante | Página 86 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>e de assimilação para com o campesinato de cultura mulçulmana, e de abertura à Cristandade, cujas antenas estão aqui bem presentes, até pelo longo esforço dispendido para neutralizar a resistência à liturgia romana.</p> <p>Ora os Cónegos Regrantes de Santa Cruz esempenham um papel fundamental em tudo isto: no contacto com as classes vilãs, no povoamento dos territórios fronteiriços, na proclamação ideológica da guerra santa, na atitude tolerante para com os moçárabes e a cultura islâmica, na transmissão de correntes culturais vindas da França e de Roma, na pastoral urbana e rural, e mesmo na autoria de escritos que exprimem nitidamente a consciência nacional e iniciam a história portuguesa.”</p> | |
| | <p>“Antes de mais, a obra crúzia de carácter religioso. Os Cónegos Regrantes são fundados por gente viajada, Telo, Teotónio e João Peculiar, que ou se formaram em França, como o último, ou viajaram longamente na Terra Santa, como o segundo, e em Jerusalém, Constantinopla, Pisa e Avinhão, como o primeiro. Por gente culta, também: trazem manuscritos do estrangeiro, copiam obras difundidas na França e em toda a Cristandade, mesmo as mais recentes, produzidas entre os regrantes de São Vítor de Paris, que estão na origem de uma escola teológica antecessora da teologia universitária do século XIII. Possuem também escritos científicos árabes, e produzem obras hagiográficas originais e reveladoras dessa mesma cultura.”</p> | Página 87 |
| | <p>“ (...) original em matéria pastoral, e que exerce um papel determinante na modelação do clero secular das</p> | Página 87 |

| | | |
|--|--|--------------|
| | <p>idades e das paróquias de zonas de povoamento, e no apoio à vida religiosa mais extremista.”</p> | |
| | <p>“Ao contrário dos mosteiros beneditinos do Norte, os regantes vivem nas cidades (embora tenham admitido na sua fraternidade mosteiros rurais com uma implantação muito semelhante aos beneditinos; mas são menos característicos). É certamente para a população urbana que cultivam a pregação, e podemos admitir, por indícios indirectos, que tenham neste ponto desencadeado uma obra muito peculiar. Com efeito, a pregação popular renovada no princípio do século XIII conta com duas figuras portuguesas de projecção europeia: Santo António de Lisboa e Fr. Paio de Coimbra; um franciscano e um dominicano.”</p> | Página 87 |
| | <p>“Mas a obra pastoral dos cônegos não se reduz à pregação. Interessam-se também por toda a vida religiosa nas regiões de povoamento. E por isso escrevem, certamente com intuitos de apresentar um modelo para o clero que pastoreava as paróquias da fronteira, a vida e São Martinho de Soure, que é realmente o exemplo do pároco cuja acção sujeita às duras condições de existência criadas pela guerra e pela mobilidade de uma população desenraizada.”</p> | Página 87-88 |
| | <p>“Pode-se também relacionar com este interesse o terem criado em Lisboa, imediatamente depois da conquista, o mosteiro de São Vicente de Fora, e ainda o apoio que deram a várias comunidades de ermitas em São Romão de Seia, ou, por intermédio do mosteiro de Grijó, aos de São João do Rio Arda. Este mesmo interesse se deve ter comunicado a D. João Peculiar, que depois de ter</p> | Página 88 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | fundado o ermitério de São Cristóvão de Lafões seguiu de perto a fundação de vários outros, quando era arcebispo de Braga.” | |
| | “Santa Cruz não é, evidentemente, o único centro dinamizador e muito menos o criador desta elite intelectual. As catedrais das diversas cidades também colaboram nesta obra. Mas o nível a que os crúzios se elevam, as relações que mantêm com centros estrangeiros e com muitos pontos do país, a sua proximidade da corte, o interesse que manifestam pela pastoral, tudo isto leva a creer que o seu exemplo tenha constituído durante a segunda metade do século XII o mais importante estímulo do que acabamos de dizer. E embora tenha decaído muito durante o século XIII, não é certamente indiferente à tradição cultural que os cônegos cultivam a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra no princípio do século XIV, e a sua manutenção nesta cidade durante os mais longos períodos da sua história.” | Página 88 |
| | “De facto, Cister não exerce, como Santa Cruz, a função de criar um modelo para clérigos. Se, até certo ponto, substitui os mosteiros beneditinos do Norte, relacionando-se com uma clientela nobre que vivia mais a Sul, contribui também para integrar no mundo consciente da realidade objetiva muitos conversos de origem popular.” | Página 92 |
| | “Nas regiões e repovoamento, onde havia muito que desbravar, contribuem assim para enquadrar e dar uma função extremamente útil a muitos camponeses desenraizados que procuravam as terras do Centro e do | Página 93 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | Sul para poderem subsistir.” | |
| | <p>“Apesar de os conversos estarem, até certo ponto, isolados do mundo, não há dúvida que continuavam a ter contactos com parentes e conhecidos do seu meio e, desta maneira, exerceram decerto uma influência sobre as camadas populares donde procediam. Preparam assim o terreno para a pastoral mais diretamente dirigida ao povo, nas cidades e nos campos, por parte os pregadores franciscanos durante o século XIII. E assim, é por intermédio de Cister que os membros das classes inferiores acedem pela primeira vez a um tipo de espiritualidade pessoal, que contrasta com a religiosidade mítica praticada nos meios rurais desde tempos imemoriais. (...) os cistercienses apenas preparam o terreno num sector restrito. O papel decisivo cabe aos pregadores das ordens mendicantes e aos clérigos formados nas universidades, que procuram difundir a moral baseada na consciência como regra de conduta, e que praticam uma pastoral os sacramentos, e sobretudo da confissão, que controla o comportamento proposto pela consciência individual. E assim, o estudo que agora fazemos, acerca do papel das ordens monásticas e canonicais na formação da nacionalidade, teria de ser completado por outro sobre o papel exercido pelas ordens mendicantes.</p> <p>De qualquer maneira, a consciência nacional forma-se de muitos elementos. É sem dúvida uma realidade cultural, na qual o papel difusor do clero e das ordens religiosas desempenha o lugar mais importante, como factor que orienta em certo sentido os diversos grupos sociais, e</p> | Página 93 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>que, por esse meio, prepara as condições necessárias para a formação de tradições e o desabrochar de sentimentos coletivos, como é o da nacionalidade. Algumas vezes toma mesmo a dianteira na expressão destes sentimentos, como aconteceu com Santa Cruz de Coimbra. Seria interessante estudar de uma maneira aprofundada as circunstâncias em que se desenvolveu o sentimento nacional durante o século XIV, e quais os agentes que nessa ocasião exerceram o papel decisivo.”</p> | |
| | <p>“O lugar alto onde estamos evoca para nós os séculos passados, com as suas crenças e as suas formas de enfrentar o sofrimento e a morte. Reunimo-nos aqui para comungar na expressão artística que ficou a desafiar o tempo e para evocar os motivos que a fizeram nascer. A ligação com as gerações que nos precederam amplia os horizontes da nossa comunicação com os outros homens, mesmo os que já viveram há muitos séculos. Dá-nos, portanto, a consciência de pertencermos à grande família humana, em que houve e há maneiras tão diferentes, e mesmo tão contraditórias, de crer e de sentir.”</p> | Página 95 |
| | <p>“Fora daí, dos caminhos, encruzilhadas e albergues, as fontes de generosidade estão nas portarias dos mosteiros e nos adros das igrejas. Os monges distribuem uma parte dos seus bens ou dos que os benfeitores lhes dão com o intuito de praticarem, por seu intermédio, as obras de misericórdia. A esses lugares os miseráveis, leprosos e estropiados acorrem, sobretudo por ocasião de certas festas litúrgicas ou de comemorações de defuntos. Porque a morte faz lembrar que não podemos levar para a outra vida os bens que possuímos, e portanto convida a</p> | Página 97 |

| | | |
|--|---|------------|
| | distribuir o que é precário. Os banquetes rituais sobre as campas dos defuntos foram uma forma de aproximação de ricos e pobres desde as mais remotas épocas e em muitas civilizações.” | |
| | “ É neste período que nascem as iniciativas de alguns monges e reformadores religiosos, que, com concepções diferentes da vida monástica, se aproximam dos indigentes e dos desenraizados, e ao mesmo tempo as heresias contestatórias da ordem social estabelecida. Por essa época multiplicam-se também as peregrinações a santuários longínquos e os eremitas afrontam sozinhos ou em pequenos grupos os terrores da floresta e do deserto, povoados de poderes desconhecidos.” | Página 98 |
| | “Transferida a gafaria, a Senhora do Monte vem a transformar-se em santuário alto, isto é, sem ponto de encontro do Céu com a Terra, da graça com a comunidade dos remidos, de Deus com o Homem, por intercessão da Mãe de Deus. E assim, a capela passa aos antípodas do sistema de sinais que protegem a cidade. De memória da corrupção, a memória da redenção. De sinal de pecado original, a sinal da carne concebida sem mancha no seio da Virgem Mãe. De imagem negativa, horrenda, repulsiva, a símbolo da pureza total, de fonte de água limpa e de reconciliação com Deus. A cidade tinha já muitas ermidas e igrejas contra o mal que pode vir de todos os lados. Mas a invocação do sagrado nunca é demasiada. No novo santuário institui-se agora, desde o principio do século XV, uma confraria que vela pela permanência do culto litúrgico, que assegura as bênçãos sobrenaturais às portas da cidade.” | Página 101 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>“Durante o segundo quartel da centúria, porém, a conjuntura tende a inverter-se. Ao mesmo tempo que, em Portugal e em Castela, Afonso Henriques e Afonso VII organizavam investidas vitoriosas, os almóadas começavam a agitar o Norte de África, enfraquecendo o poder do emir Tashufin. Pouco depois, em 1144 e 1145, uma onda de revolta em al-Andaluz criava uma nova série de estados independente, as novas taifas. Incapazes de resistir, os muçulmanos deixam, pois, a fronteira cristã estender-se, a ocidente até ao Tejo, e a oriente até Ebro. É a partir deste momento que as construções românicas se animam de novo, primeiro nos grandes centros, e logo a seguir nos mosteiros mais importantes. Na Sé de Lisboa e em São Vicente de Fora com artistas normandos ou anglo-saxões; em Coimbra com outros, vindos, talvez, da Lombardia ou da Emília e da Borgonha; e em ambas as cidades com pedreiros e escultores de formação muçulmana. Se os primeiros foram, sem dúvida, dirigentes das obras, <i>magistri</i>, trazidos pelos bispos das dioceses e priores dos cónegos regnantes, os segundos odiam ser moçárabes fugidos às perseguições almóadas ou mesmo escravos capturados durante as numerosas expedições a Sul.”</p> | Página 115 |
| | <p>1147-1169</p> <p>É dessa época que data a primeira disseminação da moeda forte para o norte de Coimbra. Nesta cidade, já por 1130-1140 se faziam em dinheiro a maioria das aquisições de terras. Na década seguinte acontece o mesmo em Viseu. Mais ao norte, nos mosteiros de Pedroso e de Grijó, que pertenciam já à zona económica</p> | Página 116 |

| | | |
|--|---|------------|
| | do Porto, só se generaliza a moeda depois de 1150. Para o interior, nas montanhas do Vouga e do Paiva, é preciso esperar por 1175, para a ver servir de intermediária nas transacções importantes. Ao norte do Douro não estão feitos estudos sistemáticos, mas pelo menos na diocese do Porto os mosteiros beneditinos continuam ainda, algumas vezes, a pagar tais compras por meio de géneros, embora utilizem também a moeda. De qualquer maneira, o fenómeno é claro: a disseminação da moeda de ouro fora dos centros urbanos e no Norte do país data do último quartel do século XII, e tem de ser posta em relação com os sucessos de guerra santa a partir de 1147.” | |
| | “A partir de vários centros mais precoces, os artistas e artífices, que agora podem ser pagos em moeda, circulam facilmente. Os pedreiros têm trabalho, os mestres-de-obras podem atrever-se a construir abóbadas e paredes altas, os monges e cónegos ousam também conceber igrejas de três naves e ricamente decoradas.” | Página 117 |
| | Século XII - “Com efeito, as comunidades beneditinas e mesmo, talvez, a maioria das de regrantas, não deviam atrair muitas vocações, canalizadas, por essa altura, para os mosteiros cistercienses e as ordens militares. (...). Os de cónegos regrantas que nesta altura também se levantam são menos numerosos, mas parecem utilizar os mesmos programas escultóricos, ao contrário do que acontece com os cistercienses, cujos vestígios destes anos são raros.” | Página 117 |
| | “É bem conhecida a interpretação que relaciona os movimentos da Reconquista com os fenómenos | Página 118 |

| | | |
|--|--|------------|
| | demográficos. Os exércitos cristãos, efectivamente, não constam apenas de cavaleiros bem armados, mas também de peões que procuram no combate e na emigração uma forma de subsistência.” | |
| | Sobre a mão-de-obra: “A qualificada podia vir mesmo do estrangeiro, como vimos a propósito de Lisboa, e Coimbra e mesmo o românico beneditino nos seus inícios. Mas a braçal vinha sem dúvida a própria região de Entre ouro e Minho, a mais densamente habitada desde épocas pré-históricas.” | Página 118 |
| | Devido às invasões: “Não admira, portanto, que muitos artistas tivessem abandonado as cidades mais próximas a fronteira, não só Lisboa, mas também Coimbra, que os habitantes sentiam seriamente ameaçada, na década de 1190. De alguns deles sabemos, com toda a certeza, que passaram a trabalhar nas regiões mais seguras do Norte. (...) nesta ocasião ou mais tarde, pereiros e escultores que trabalharam nas mesmas obras e que aí deixaram a marca e um estilo diferente [artistas] o que era habitual no Norte (...)” | Página 119 |
| | “Aos desastres a guerra, que faziam afluir a mão-de-obra especializada ao Norte, juntaram-se pouco depois os a fome e a peste. (...) O debilitamento causado pela fome tornou, então, extremamente mortíferas as pestes e intempéries, que pelo menos no meio e no fim aquele ciclo assolaram a região e Santa Maria, a cidade de Braga (...) e outras povoações do litoral.” | Página 119 |
| | “Durante o reinado de Sancho II cessa a guerra externa, mas as dissensões internas generalizam-se, embora não se conheçam claramente os pormenores. Guerra civil, | Página 122 |

| | | |
|--|---|-----------------|
| | provavelmente, nos anos 1226-1227, com lutas entre várias facções e nobre e exílio o príncipe D. Afonso, futuro conde de Bolonha. Dez anos mais tarde, a partir de 1237, registam-se graves perturbações de ordem social: banditismo e violências de toda a ordem, que atingem muitas igrejas nas dioceses do Porto, Braga e Lamego.” | |
| | “ (...) a anarquia leva à destituição de Sancho II e à nomeação do conde de Bolonha como curador e defensor do reino.” | Página 122 |
| | “A primeira metade do século XIII está, pois, muito longe de ser favorável à construção civil. As fomes, pestes e guerras das primeiras décadas devem ter reduzido a mão-de-obra disponível, sobretudo fora das cidades.” | Página 122 |
| | “(…) a maioria das construções de 1200 a 1250 consiste em acabamentos de edifícios anteriores, muitas vezes utilizando soluções técnicas rudes e manifestando uma notória falta de inspiração artística (...)” | Páginas 123-124 |
| | “Eis o que posso dizer acerca das condições em que foi produzido o românico português, sobretudo o nortenho, e das relações com as diversas conjunturas económicas, sociais e políticas. Penso que estas permitem compreender alguns fenómenos, sobretudo a abundância e riqueza dos monumentos nas ocasiões mais favoráveis, as numerosas interrupções das obras e modificações de planos, a relação entre as formas escultóricas e arquitetónicas e a mentalidade dos diversos grupos humanos que as encomendavam.” | Página 127 |
| | “ (...) podemos afirmar que grande parte dos mosteiros | Página 150 |

| | | |
|--|--|----------------|
| | inaugurados nos século X e XI partiram da iniciativa, ora das comunidades locais, ora de famílias de condes – os dois extremos da escala social.” | |
| | <p>“No fim do século Xi, alguns dos mosteiros do Entre Douro e Minho adoptam a Regra de São Bento e os costumes de Cluny, sem todavia se integrarem na sua congregação. Foi igualmente um determinado grupo social que os apoiou, ou toda a nobreza indiscriminadamente? Se foi apenas um certo grupo, como se caracteriza, e por que o fez?</p> <p>O movimento cluniancense perdeu em breve a sua dinâmica. Mas a partir de 1131, logo a seguir à fundação do cabido de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em Coimbra, vários mosteiros antigos aderiram às suas observâncias. Haverá também uma relação entre eles e os mesmo ou outro sector da aristocracia?”</p> | Página 150-151 |
| | “Finalmente, por volta do terceiro quartel do século XII, assiste-se a um activo movimento feminino que adopta a Regra de São Bento e funda novas comunidades ou reduz a femininas antigas abadias dúplices.” | Página 151 |
| | “Os primeiros podem ou não tomar o aspecto de abadias familiares, porque os presbíteros fundadores declaram frequentemente que são habitados, dirigidos ou patrocinados por membros da sua família. Mas, mesmo neste caso, a ligação com a comunidade local deve-se estabelecer facilmente, porque o presbítero e os seus parentes parecem estar ao nível da comunidade. São casas modestas, com propriedades situadas num círculo restrito. Os segundos só se conhecem bem nos casos mais salientes, e então podem até possuir riquezas | Página 151 |

| | | |
|--|--|------------|
| | verdadeiramente fabulosas, como acontece com o de Guimarães, protegido pelos condes de Portucale.” | |
| | “Durante o princípio do século XI estas fundações aparecem até mesmo em locais sujeitos às razias muçulmanas, entre Vouga e ouro, e, ao contrário de outras, resistiram, por exemplo, às incursões de 1026. Assim aconteceu com Anta, Pedroso e Sermonde, fundados por Ederónio Alvites. Os infanções, porém, não se limitam a fundar mosteiros novos. Apoderam-se de outros que não tinham desaparecido com a crise, utilizando meios lícitos e ilícitos, de tal modo que se tornam raras as comunidades que conseguem resistir e conservar a sua liberdade.” | Página 152 |
| | “Ora, desde a época de São Frutuoso que se estabelecera na Galés (?) uma distinção entre mosteiros observantes e mosteiros relaxados, estes últimos quase confundidos com igrejas paroquiais e que adoptavam frequentemente o tipo familiar. Quer isto dizer que a submissão de mosteiros independentes criados sob a influência do concílio de Coyanza não os fez necessariamente perder o seu rigor, mas até talvez o tivesse favorecido com (...) dos patronos. (...) exemplo típico do que se passaria em comunidades análogas, como Santo Tirso, Tibães, Pedroso, etc.” | Página 153 |
| | “A partir dos anos 70 do século XI, com o desaparecimento da nobreza condal, em virtude da revolta do último conde de Portucale (...). Inicia-se então outro processo de hierarquia e estratificação, que, todavia, só se pode definir a partir do momento em que Afonso VI nomeia para conde de Portugal e de Coimbra | Página 153 |

| | | |
|--------------------|--|------------|
| | D. Raimundo de Borgonha. (...) Contribuem, assim, para que se estabeleçam pelo menos duas categorias de nobres: os que têm cargos palatinos e os outros.” | |
| | “Os monges louvavam o rei e o seu poder. “Estão, pois, predispostos para o imitarem com entusiasmo quando ele resolve introduzir as observâncias de Cluny no seu mosteiro de Sahagún e favorecer de todos os modos, por esmolas sumptuosas e pedidos de orações, os monges negros. (...) parecem ser os mosteiros dos principais nobres portugalenses os que primeiro adoptam usos cluniacenses juntamente com a Regra de São Bento (...) Pedroso, por parentes dos Sousas (...)” | Página 154 |
| Questão Gregoriana | “O modelo que pretendem instaurar é, naturalmente, o proposto pelo papado: um clero independente dos leigos e que lhes indica firmemente o caminho do Reino de Deus.” | Página 155 |
| | “À vitória política de Afonso Henriques contra os Travadas em 1128, tinha de se seguir uma cuidadosa escolha de aliados eclesiásticos contra Diogo Gelmírez, o que não se podia conseguir sem uma aproximação, ao menos formal, com Roma. Os antigos «gregorianos», tornados assim os maiores protagonistas da política anticompostelana, suscitam, porém, novas oposições agora noutra ponto do país, Coimbra. Aí, a antiga bipolarização, que opunha partidários do moçarabismo a adeptos da liturgia romana, transfere-se provavelmente para outra, de sentido diferente, a que separa dois sectores do clero: o regular, apoiado em Santa Cruz de Coimbra, em torno do preterido candidato a bispo, D. Telo, e o secular, à | Página 158 |

| | | |
|--|---|------------|
| | volta do bispo Bernardo, que obteve o lugar.” | |
| | “A animosidade latente contra Bernardo, o estrangeiro, o defensor de ideias e práticas incompreendidas por muitos e apoiadas por poucos, deve ter contribuído para o rápido sucesso do movimento religiosos iniciado em 1131 com a fundação do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.” | Página 158 |
| | “O que nos importa, porém, é averiguar a atitude da aristocracia perante o novo movimento religioso. Este apresenta-se nitidamente como uma iniciativa autóctone, distinguindo-se assim dos dois movimentos referidos anteriormente, o cluniacense e o gregoriano, ambos de origem estrangeira, e que apenas tocaram sectores minoritários da nobreza e do clero. É iniciado por dois membros do clero secular de Coimbra, já com uma larga prática de vida pastoral e ambos prestigiados por prolongadas estadas em Jerusalém, que simbolicamente representa a garantia da autenticidade original do cristianismo, por oposição a Roma ou a França, e mesmo a Leão ou Castela. (...) Coimbra, que até uns quinze anos antes tinha sido teatro de prolongadas lutas entre a comunidade moçárabe e os defensores da integração da liturgia e obediência romanas. Os seus fautores exprimem sem dificuldade o seu respeito pelas comunidades de moçárabes ainda existentes e defendem os direitos destas minorias, embora queiram também afirmar a sua completa ortodoxia, pela adopção de costumes monásticos praticados em São Rufo de Avinhão (...) e por terem desde muito cedo procurado a isenção canónica, pondo-se sob a protecção da Santa | Página 159 |

| | | |
|--|--|------------|
| | Sé.” | |
| | <p>“São aparentemente de segunda categoria, embora tenham por vezes adquirido importantes bens fundiários, pedaço a pedaço, e possam, portanto, ter alcançado em alguns locais um poder importante. Devem construir os quadros mais activos e quase permanentes do exército real, que, justamente a partir do mesmo ano de 1131. Está quase sempre em campanha e que realiza a sul as expedições mais ousadas e bem-sucedidas. A sua actividade situa-se claramente no sul do Douro, embora em alguns casos sejam originários de famílias de Entre Douro e Minho.”</p> | Página 159 |
| | <p>“Ao grupo de cavaleiros que o rei protegia faltava apenas a identificação com um modelo de vida religiosa claramente caracterizado e autóctone. O seu dinamismo tem um evidente paralelo com a força, a juventude e aquilo que talvez se possa exprimir como autoconfiança dos cavaleiros, afonsinos. É a conjução destes elementos de origem dispersa, mas que servem os interesses de um grupo de nobres em ascensão, que explica o rápido sucesso dos cónegos regantes por volta dos anos 1131 a 1160.</p> <p>Com efeito, já em 132 aderiu ao movimento o mosteiro de Grijó, protegido por Nuno Soares; no ano seguinte, o mosteiro de Moreira da Maira, protegido por uma família da região já aí fixada há mais de um século, mas que nunca atingiu o nível da alta nobreza; à volta de 1150, o mosteiro de São Vicente (...)”</p> | Página 160 |
| | <p>Mas não podemos atribuir o sucesso à nobreza em ascensão. “É possível que a reforma cluniacense não</p> | Página 160 |

| | | |
|--|---|-----------------------------|
| | <p>tivesse conseguido as simpatias de muitos mosteiros secundários do Norte, indiferentes a um modelo da vida religiosa e litúrgica demasiado exigente, e que tivessem preferido conservar os velhos costumes monásticos peninsulares, mesmo quando, sob pressão dos bispos, adoptaram a liturgia romana. Estes mosteiros continuaram pois, provavelmente, a seguir o arcaico sistema da <i>regula mixta</i>, em que as prescrições de carácter jurídico ou quase jurídico não substituíam ainda as tradições locais e a capacidade de adaptação conferida ao abada. Por contraste, o movimento dos regrantes aparece com maior abertura pastoral, portanto mais próximo da vida das populações locais e dos seus interesses, e também mais maleável, menos preocupado com a liturgia solene, do que os cluniacenses. Tudo isto devia fazer dos seus usos uma alternativa simpática aos olhos de muitos monges do Norte e dos nobres que os protegiam.”</p> | |
| | <p>“Ao contrário dos beneditinos, os cónegos regrantes, pelo menos nas primeiras décadas, não pactuam com o patronato leigo. Com efeito, obtêm cartas de liberdade para várias comunidades, como Grijó, Moreira da Maira (...)”</p> | <p>Página 160 a 161</p> |
| | <p>O tema <i>libertas</i> foi encontrado em documentos de Grijó. “ (...) aparece também num contexto mais largo e complexo nas biografias de São Teotónio e de D. Telo e na <i>Crónica da fundação de São Vicente de Fora</i>. São textos do fim do século XII. Aí a reivindicação da independência face aos leigos chega a tornar-se secundária perante a que se reclama face ao bispo e</p> | <p>Página 161</p> |

| | | |
|--|--|------------|
| | <p>perante o lugar que se atribui aos regantes (na pessoas de São Teotónio), de orientadores morais do poder régio. Assim, além de autoproclamarem uma superior perfeição espiritual e religiosa, quando confrontados com o bispo e cónegos seculares, narram vários casos em que sucessivos governantes tiveram de curvar a cabeça perante censuras do prior de Santa Cruz: D. Teresa, o conde Fernão Peres, D. Afonso Henriques, a rainha D. Mafalda. O papel de mentores religiosos manifesta-se mesmo quando apresentam em São Martinho e Soure o exemplar do pároco ideal, no cavaleiro Henrique o moelo do cavaleiro cristão, e de certo modo em D. João Peculiar o bispo a imitar.”</p> | |
| | <p>“ (...) os religiosos de Santa Cruz e de outros cabidos regulares que seguiram as suas observâncias exijam aos patronos a declaração e que lhes concediam a «liberdade». (...) em Grijó, onde foi por causa da relação familiar e Maria Pais Ribeira, bisneta, por linha feminina, de Nuno Soares, que o filho dela e bastardo de S. Sancho I, Rodrigo Sanches, se fez enterrar no mosteiro. (...) Podemos, portanto, admitir que apesar daquela reivindicação de «liberdade», à maneira gregoriana, mas certamente com um maior entendimento com os leigos, os nobres que gravitavam em torno destes cabios regulares encontrassem neles o suporte espiritual e que o seu grupo necessitava, e, enfim, o meio cultural que lhes permitiu tomar consciência a sua própria identidade como grupo.”</p> | Página 161 |
| | <p>Resumo do que foi discutido nos capítulos anteriores. “Podemos antever quais os centros mais activos, as</p> | Página 169 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>preferências dos seus mentores, as correntes culturais estrangeiras que neles provavelmente influíam, os temas que se encontravam nos livros mais lidos ou copiados e aqueles que se começavam a escrever de novo. O que se tem avançado, igualmente, nos domínios da história política, social e económica permite, por outro lado, descobrir as articulações da vida cultural e escolar com movimentos situados a outros níveis. (...) A conjuntura ajudará também a compreender o significado das posições intelectuais, que eu situaria entre um nível e o outro, entre a base material e as pulsações da vida política. Dado que o Santo vive, reza e estuda em Lisboa e Coimbra, observaremos com mais atenção a zona central do território português, onde, na verdade, as condições de existência, por esta época, diferem bastante das que encontram ao norte do Douro, ou ao sul do Tejo.”</p> | |
| | <p>“Se o Norte constitui a região onde mandam os senhores, nas suas torres e solares, e que os funcionários régios percorrem a medo, onde os vilãos mal imaginam o que é vida a cidade e se preocupam antes de mais com o pagamento das exações e foros de toa a espécie (...)”</p> | Página 170 |
| | <p>“As fomes e intempéries não tinham causado menos estragos. De 1190 a 1202, temos conhecimento da sua incidência na região da Feira, na cidade de Braga, onde ainda se recordavam com horror em 1206 (...). Numa época com poucos recursos técnicos e que produzia poucas reservas alimentares, pode-se imaginar a situação de carência provocada por estes fenómenos.”</p> | Página 170 |
| | <p>“ (...) em 1208 a revolta dos burgueses do Porto contra o</p> | Página 171 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>seu bispo e o rei intervinha na luta com os seus homens de armas. Os homens do rei, por razões difíceis de explicar, destruíam sem ó nem piedade os bens de D. Lourenço Fernandes da Cunha durante os anos de 1210 e perseguiram um nobre da família de Riba ouro, D. Pedro Poiares. Depois da morte de Sancho I, os seus filhos dividiram-se em campos opostos por rivalidades agravadas pelas intrigas do rei Afonso IX de Leão. A guerra civil assolara o Norte, conduzida por Martim Sanches e pelos Sousas, e envolvia também os vassalos das infantas Teresa, Sancha e Mafalda, causando novas violências em torno de Montemor-o-Velho pelos anos 1211 e 1212. (...) A população de Lisboa e o Porto continua a crescer, aparentemente pouco afectada pelas fomes anteriores. Datam destes anos vários indícios da intensificação das relações comerciais marítimas com a Inglaterra. A construção de igrejas, pontes e castelos, algum tempo prejudicada, recomeça agora com novo rigor.</p> <p>(...) recomeçam na década e 1220. Durante o reinado de Sancho II tornam-se como um mal endémico e progressivo, que se prolonga por toda a primeira metade do século XIII. (...) Afonso II procurava firmar as bases da sua autoridade utilizando, ao mesmo tempo, os serviços de juristas e notários, de um pequeno grupo de nobres mais fiéis, e aumentando os seus recursos financeiros; mas seu filho Sancho II mostrava-se incapaz de continuar a obra tão inovadora para a época.”</p> | |
| | <p>“De qualquer maneira, nas primeiras décadas do século XIII, Lisboa, Santarém e Coimbra constituem centros</p> | Página 172 |

| | | |
|--|--|-------------|
| | <p>onde germina um novo mundo, activado pelas relações internacionais, mas onde as estruturas do poder e os órgãos administrativos são ainda imaturos e sujeitos a bruscas mutações.”</p> | |
| | <p>O meio onde Santo António se forma. “ (...) sessenta anos antes, ainda Lisboa estava sob domínio muçulmano e que Coimbra fora centro de resistência de uma comunidade moçárabe até aos anos 1115 ou 1116. A tradição da cultura moçárabe e islâmica permanecia ainda viva tanto numa cidade como na outra. É certamente nesta corrente que se filia o interesse por obras de medicina, de astronomia, de aritmética de que temos vários testemunhos convergentes. (...) Nas listas de livros ceidos por Santa Cruz a São Vicente de Fora, em Lisboa, decerto para os cónegos daqui copiarem, encontramos livros de medicina, também traduzidos por Constantino, «o Africano». (...) livros igualmente emprestados por Santa Cruz a Mestre Gil, decerto um clérigo de Leiria que aí praticava a medicina; a maioria deles referiam-se a medicina e outras ciências exactas.”</p> | Página 173 |
| | <p>“Com efeito, não se pode esquecer que os principais protagonistas destas lutas eram canonistas célebres e que, por isso mesmo, estavam dispostos a lutar até ao fim pela aplicação em território português de muitas práticas canónicas que se difundiram mais cedo, mas também mais lentamente, noutros territórios da Cristandade.</p> <p>Esta corrente tem raízes italianas, mas veio encontrar na Península um meio tradicional interessado por questões jurídicas. Com efeito, as compilações dos concílios</p> | Páginas 174 |

| | | |
|--|--|------------|
| | peninsulares e o direito visigótico eram ainda bem conhecidas no país durante o século XII; mas com a introdução da cultura franca, da liturgia romana e a intervenção do papado na Península, logo se começou a invocar o direito pontifício.” | |
| | “Os conhecimentos que os bispos e os funcionários da chancelaria régia cedo revelam dos cânones e do direito civil obrigará também os monges e cônegos regantes e estuarem o direito para poderem competir com os membros do clero secular e da cúria régia da defesa dos seus direitos. Por isso se encontram muitos livros destas matérias em Santa Cruz de Coimbra (...)” | Página 175 |
| | “E assim, as mudanças, as lutas e as confusões do quotidiano tornavam mais premente a necessidade de defender os valores da harmonia, a supremacia da caridade sobre o ódio, a disciplina dos sentidos contra as pulsões passionais, a contenção do gesto e do rosto acima da agitação estéril e enganadora dos histriões e dos saltimbancos. É este o modelo que se encontra, com efeito, nos escritos produzidos em Santa Cruz de Coimbra no fim do século XII, ou mesmo pouco antes de Santo António para lá ter entrado. Era este o modelo proposto através do exemplo admirável de São Teotónio, cujas qualidades de contenção, de sobriedade, de autodomínio, de harmonia o tornara, segundo o seu biógrafo, a incarnação da vida angélica.” | Página 175 |
| | “Mas em Santa Cruz e em São Vicente de Fora depressa apareceram regantes capazes de comporem obras novas, que são bem com das de todos. Nelas transparece, efectivamente, o respeito pelos valores adicionais da | Página 176 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>teologia e da espiritualidade monásticas, o hábito constante utilização da Escritura nos seus quatro sentidos, mas, ao mesmo tempo sua aplicação à realidade, mesmo à mais mutável. Os crúzios têm opiniões bem claras acerca do papel do rei na sociedade, das funções do bispo, nos deveres dos religiosos e dos leigos, das obrigações dos párocos, (...).</p> <p>Este aspecto conduz-nos a uma última característica da cultura (...) portuguesa durante os primeiros anos do século XIII. Quero-me referir a sua dimensão pastoral. Neste ponto, Santa Cruz parece desempenhar um papel verdadeiramente inovador e até agora pouco conhecido. O que chama a atenção para ele é a <i>Vida de São Martinho de Soure</i>, escrita no presbítero Salvado. (...) sentar o modelo do pároco rural de uma povoação de fronteira. Os regantes, que dirigiam tantas paróquias na Beira e Estremadura, que eram responsáveis por uma confraria de clérigos em Leiria, que tinham numerosa clientela de cavaleiros e de nobres da corte, deviam, na verdade sentir a obrigação de orientar pastoralmente todos os leigos e clérigos deles dependiam. A sua cultura e as lutas e mudanças que viam à sua (...) deviam constituir estímulo ainda maior para tentarem intervir num (...) orientador.”</p> | |
| | <p>“Não podemos deixar de ver neste facto o resultado da preocupação pastoral desenvolvida em Coimbra pelos regantes e de a situar exactamente no momento em que o Santo António vivia em Santa Cruz. A crise disciplinar que por essa altura se deu no mosteiro e que parece estar directamente relacionada com a mudança de vocação</p> | Página 177 |

| | | |
|--|---|------------|
| | religiosa do nosso Santo [Santo António], só podia ter estimulado ainda mais as suas preocupações pastorais e a sua inquietação perante um mundo de mudanças e conflitos.” | |
| | Reduzi-los-ei, como é evidente, ao âmbito português e aos limites cronológicos que vão do século XI à Revolução de 1383. (...) | |
| | <p>“A relação com as instituições monásticas, estruturante das linhagens, virá com o tempo a tornar-se também estruturante das próprias categorias nobres. A distinção entre a a alta, a média e a baixa nobreza, que, abaixo da nobreza condal, era vaga e fluida, ou mesmo impossível de estabelecer, torna-se mais clara e concreta a partir do momento em que, durante o século XII, aparecem diversas observâncias religiosas, e em que circunstâncias de vária ordem levam determinadas camadas aristocráticas a ligarem-se preferentemente a uma corrente a não a outras. Assim, a alta nobreza, de tradições mais antigas, permanece fiel aos beneditinos, enquanto os cavaleiros de categoria média e inferior preferem frequentar os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, recentemente fundados. A partir do fim do século XII, a ligação do rei com os cistercienses levará a alta nobreza a adoptar também este modelo. As diferenças de espiritualidade, que distinguem os beneditinos e cistercienses de um lado e os cónegos regrantes do outro, contribuirão também para criar formas de pensamento peculiares.”</p> | Página 190 |
| | “ (...) série de conflitos e guerras civis que pontuaram a vida portuguesa entre 1281 e 1449. | Página 217 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>(...) guerra civil de 1319-1324, entre D. Dinis e o infante D. Afonso, futuro Afonso IV, a mais prolongada e vioenta desde as lutas que ensanguentaram a sucessão de Sancho II até à revolução de 1383.</p> <p>(...) breve observação sobre os conflitos de 1281, 1287 e 1299, entre Dinis e seu irmão, o infante D. Afonso. Á primeira vista, parece uma típica querela entre o soberano, como senhor feudal, e um vassalo insubmisso.</p> <p>(...) o rei pretende sobretudo resistir à constituição de um potentado feudal hereditário, especialmente perigoso por aparecer na fronteira entre Portugal e Castela e surgir com possibilidades de tirar partido dos conflitos entre os dois reinos. A questão acaba por se resolver com a garantia de homenagem prestada pelo infante e seus sucessores.”</p> | |
| | “D. Dinis não teve, portanto, necessidade de lutar com rivais demasiado fortes, a não ser da Igreja.” | Página 218 |
| | “Não é menos importante, creio eu, recordar a tendência, tanto em Portugal como na França, de o Norte tender a dominar o Sul, o que significa, não devemos esquecer-nos, que os padrões culturais adoptados pela classe dominante ao norte de Loire [fronteira importante da França] tendem a expandir-se com mais vigor do que os outros, e que existem itinerários de penetração, movimentos orientados, encruzulhadas. A rota de Santiago de Compostela, que faz convergir os caminhos terrestres em direcção à Gasconha, é uma das redes mais importantes.” | Página 271 |
| | “O segundo, cuja época áurea se pode situar entre a | Página 273 |

| | | |
|--|---|-----------------------------|
| | <p>déada de 1130 e a 1180, é dominado por Santa Cruz de Coimbra. Ou seja, por uma adaptação portuguesa do ideal religioso dos cónegos regrantes, tal como foi vivido em São Rufo de Avinhão, situa-se no cruzamento do Ródano com a via que conduz os clérigos e peregrinos franceses e peninsulares a Roma, entre a Provença e o Languedoc, na vertente mediterrânica da França do Sul. Fica perto de outro centro de irradiação da vida religiosa, São Victor de Marselha, que teve tantas filiais na Catalunha. Há uma ligação muito concreta entre aquela forma de vida canónica e a reforma gregoriana através da regra para cónegos regida pelo próprio Gregório VII, e que influenciou São Rufo.</p> <p>(...) não tem protagonistas estrangeiros: são portugueses que tentam imiar aqui o que admiraram na França, mas que associam o seu ideal de vida a Jerusalém, o que acentua a sua orientação mediterrânica. Apenas um deles, João Peculiar, se formou em França. Se não houve estrangeiros a propagarem este modelo, podem-se enumerar vários regrantes de Santa Cruz de Coimbra que foram nomeados bispos do Norte a Sul de Portugal. COntrasta também com o cluniacense, cujo quadro é o meio rural e senhorial, por ser um movimento nascido na cidade, e que tem, também em Portugal, os seus principais centros em cidades ou na sua periferia.”</p> | |
| | <p>“Propaga-se a partir do Centro do país, onde a população se organiza em concelhos, o que não o impede de contaminar umas dezenas de mosteiros antigos situados no Norte senhorial, no coração da região até então dominada pelo modelo cluniacense.</p> | <p>Página 273 – 274</p> |

| | | |
|--|--|------------|
| | (...) este movimento pretende, (...), orientar ideologicamente a corte régia portuguesa, atrai uma numerosa clientela de cavaleiros e de pequenos nobres, interessa-se pela vida dos párocos e pela pregação, e pretende ainda, para o fim do século XII, impulsionar o combate anti-islâmico.” | |
| | “É contemporâneo e parcialmente responsável pelo românico das catedrais portuguesas, sobretudo da de Coimbra, que sofre influência de Santa Cruz, e pela construção de vários mosteiros de regrantes do Norte, a partir da segunda metade do século XII. As soluções formais que eles adoptam são, porém, mais ecléticas ainda do que as do românico nortenho do período anterior. Sobre um fundo arquitectural de origem francesa, mas já, segundo parece, sob a forma jacobea, implantando formas e arranjos moçárabes, normandos e provençais ou italianos. Ao contrário, porém, do românico do Norte, conhecem-se os nomes de alguns dos seus arquitectos. São estrangeiros, como Bernardo, que projectou a Sé Velha de Coimbra, e Roberto, que trabalhou intensamente na Sé de Lisboa e depois na segunda fase da Sé de Coimbra.” | Página 274 |
| | “A verdade é que o esquema de bipolarização entre clero e laicado, subjacente ao ideal gregoriano, sofreu em breve a mutação que lhe foi imprimida pela corrente dos cónegos regulares, tal como os de Santa Cruz de Coimbra a propagaram entre nós. Estes recuperam alguns dos elementos cluniacenses, mas em função de um modelo orientado expressamente para ser seguido pelo clero secular e pelos detentores do poder político, | Página 279 |

| | | |
|--|---|------------------|
| | <p>aos quais se pretendia não subjugar, mas orientar um bom cumprimento dos seus deveres respectivos. Os cónegos já não se apresentavam, portanto, como émulo dos anjos, como a antecipação neste mundo da vida escatológica, e portanto sem grande interesse pelos problemas e contradições da vida terrestre, mas como os adjuvantes, enviados por Deus, para orientar os homens, os ensinar a encontrar o caminho recto através das vicissitudes e pecados da humanidade. O modelo não era, portanto, a Jerusalém celeste, mas a vida dos primeiros cristãos na Jerusalem terrestre, e o que se pretendia imitar não eram tanto os eleitos do Paraíso, mas Cristo histórico, pobre, solícito pelas necessidades dos homens, e os Apóstolos que ele enviou ao mundo.”</p> | |
| | <p>“Aqui, encontramos de novo um compromisso entre a proposta original e a adaptação peninsular. Os aspectos pragmáticos acentuam-se. O dinamismo pastoral e a intervenção política também. Das raízes gregorianas esquece-se a oposição entre o clero e a nobreza feudal, para promover uma salutar cooperação entre os dois poderes. Em Portugal, porém, os regentes tomam quase desde o início, e sobretudo em Coimbra, uma atitude de rivalidade para com vários bispos: aqueles que não aceitam o lugar de mentores exemplares que eles querem para si, nem no campo moral nem, muito menos, no institucional, quando procuram a isenção canónica e a carta de liberdade passada pelos patronos leigos.”</p> | Página 279 |
| | <p>“Rivalidade que, em alguns casos, leva a uma verdadeira exploração idológica do princípio da superioridade dos regentes sobre os clérigos e bispos, quando não sobre os</p> | Página 279 – 280 |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>próprios reis. Na prática, porém, o princípio atenua-se consideravelmente, porque alguns deles são nomeados bispos ou responsáveis de postos administrativos em várias dioceses. Colaboram activamente, portanto, na edificação de uma igreja diocesana dinâmica, eficiente, purificada.</p> <p>Ora a igreja diocesana que emerge do século XII, torna-se suficientemente forte para se sobrepor a todos os poderes religiosos.”</p> | |
|--|---|--|

| ALMEIDA , Carlos Alberto Ferreira de. Religiosidade popular e ermidas. <i>Religiosidade Popular. Studium Generale: Estudos Contemporâneos . Porto. Nº 6 (1984)</i> | | |
|---|--|-----------|
| Assunto | Citação | Página |
| | <p>“ (...) as festas e romarias mais populares, e onde encontramos as mais expressivas e notórias vivências de religiosidade popular, se vivem não em igrejas catedrais ou paroquiais mas, sistematicamente, em capelas, ermidas ou santuários.”</p> | Página 75 |
| | <p>“ (...) não são vulgares as romarias que honrem santos titulares de altares laterais, nos templos destas instituições.”</p> | Página 75 |
| | <p>“Desde os fins da Idade Média e à medida que se iam vulgarizando as imagens, tanto pintadas como esculpidas – com a moda do culto anterior centrado em relíquias tal possibilidade era impensável – a devoção a Nossa Senhora sobrepõe-se cada vez mais à dos santos A gama das suas invocações, que a partir de então se começa a enriquecer, permite que patrocine todas as necessidades humanas desde a agricultura (...). É muito elucidativo o caso da devoção à Senhora da Saúde que, começada na</p> | Página 77 |

| | | |
|--|---|--------------|
| | segunda parte do séc. XVI pouco depois da expansão e moda dos cultos de S. Sebastião e de S. Roque, se foi ampliando até ao séc. XIX e ultrapassando, sucessivamente os dois santos (...)” | |
| | “As razões pelas quais se preferem, para vivências religiosas de romaria e promessas, as ermidas às igrejas paroquiais têm de ser poderosas, e serão múltiplas e complexas. (...) Também muitas capelas de romagem têm patronos cujo culto remonta a tempos antigos, caso de S. Miguel, S. Mamede, S. Brás, etc.” | Página 78 |
| | “ (...) aspecto paisagístico do local eleito para a implantação da capela, escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser espaço invulgar.” | Página 78 |
| | “Os montes sacralizados, os mais favorecidos pelos romeiros, são aqueles que apresentam penedos de formas ou posições insólidas, lapas ou fontes, verdadeiros e arvoredo, porque isso permite um peculiar sistema de acções e de itinerários e, porque o homem tem uma necessidade fundamental de significados, tornam a imaginabilidade desse local muito rica, até pelas lendas etiológicas que se associam, permitindo um conjunto de vivências que os passam a unir a esse ambiente.” | Página 78-79 |
| | “ (...) relação radical do santo com a sua capela e seu local na crença popular. Foi aí que apareceu, é aí que mora, a fonte é sua, perto está a pégada, etc. Crença em milagres que mostram a vontade de a imagem ser venerada aí – porque levada para a paroquial voltava de noite ou chorava – enriquecem a sacralidade do local e as suas significações, tornando o santo, para além de intercessor poderosos (...)” | Página 79 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>“A relação do local com a imagem, que aí apareceu ou aí se venera, é tão sentida e antropomorfiza-se tanto que ela se torna única e relíquia”</p> | Página 79 |
| | <p>“Elas eram também necessárias para a efectivação das longas e constantes procissões, tanto de ladainhas, como de cercos ou clamores, que o cristianismo popular, medieval e moderno, tanto amou e usou. Por tudo isto elas deviam ter um certo distanciamento das igrejas paroquiais e pela sua requerida posição dominante elas se implantam, tantas vezes, perto do limites paroquiais.”</p> | Página 80 |
| | <p>“A capela do santo está nesse local por sua vontade, porque a sua imagem aí foi encontrada ou porque aí aconteceu qualquer milagre ou facto extraordinário que patenteia esse desejo.</p> <p>A eleição do local, em montes, para a implantação de ermidas pode também ser motivada pelas lendas que os enobrecem quando, por exemplo, aí há tradições de velhos povoados ou castelos (...).”</p> | Página 81 |
| | <p>“As capelas isoladas prestam-se muito melhor que as paroquias às vivências do peregrinar que é partir (saindo do seu espaço quotidiano), fazer uma viagem, idealmente a pé, (passando por espaço não familiar e por vezes custoso), para ter a sensação do encontro dum espaço sagrado e aí saudar o santo, dar as voltas à capela, entrar, rezar, tocar ou beijar a imagem e deixar a esmola.”</p> | Página 81 |
| | <p>“O acto de peregrinar necessita de um percurso, cuja distância represente, ao menos, uma jornada e dum certo espaço temporal. Habitualmente as romarias cumprem-se com duas jornadas e em dois dias, dormindo-se a</p> | Página 81 |

| | | |
|--|--|----------------|
| | noite junto da capela.” | |
| | - A Evolução do Culto Mariano texto por Fina d’Armada | |
| | “Se não fosse a religiosidade popular, mais próxima da natureza, talvez a hierarquia católica nunca tivesse incluído Maria no seu elenco divino.” | Página 223 |
| | “Maria de Nazaré não foi a primeira entidade feminina a ser venerada pela Humanidade. Muitos milénios antes dela, as civilizações megalíticas adoravam a maternidade, as formas bojudas e redondas duma mulher nesse estado, que fazem ainda hoje lembrar a forma redonda da terra, da lua e dos astros. Nessa altura as divindades femininas eram as únicas criadoras do mundo e da vida.” | Página 223 |
| | “Depois venera-se já a mãe e o filho, por vezes associada também a uma espiga de trigo. Mesmo em religiões patriarcais, anteriores ao Cristianismo encontramos representações da mãe e o menino.” | Página 224 |
| | “ (...) os elementos femininos da sociedade não compreendiam o dogma da Trindade, de três serem um e não haver lugar para a Mãe. Assim, veneravam durante os primeiros séculos do cristianismo uma deusa do passado.” | Página 224 |
| | “(...) S. Tiago, (noutra versão S. Pedro de Rates) transformou dois templos de deusas pagãs em ermidas dedicadas a Nossa Senhora (...) em Braga, quando numa fonte junto dum templo erguido à deusa Ísis, as pessoas se banhavam nessa água miraculosa. Outra foi em Guimarães num templo da deusa Ceres que foi transformado em Nossa Senhora da Oliveira. (...) a influência da deusa egípcia Iris, com o seu filho Hórus, é | Página 224-225 |

| | | |
|--|--|------------|
| | bem evidente.” | |
| | <p>“As massas populares começam a fazer festas a Maria. E no séc. V, a religião oficial é obrigada a reconhecer Maria como Mãe de Deus (no Concílio de Éfeso, 431).</p> <p>(...) Surgem hinos e orações em seu louvor, erguem-lhe igrejas em toda a parte, multiplicam-se as festas em sua honre e as suas representações vão pulular de Oriente a Ocidente, nas igrejas e locais de oração, em pinturas, baixos relevos, em esculturas e mosaicos. Todavia, ela é venerada como Mãe de alguém importante. O seu culto é diferente do que se dedicou às deusas-mães de outrora.”</p> | Página 225 |
| | <p>“Nos sécs. VIII, IX e X, esmoreceu um pouco o seu culto devido às invasões muçulmanas e outras razões. Renasce no séc. XI e as estátuas, até então representando a Virgem sentada, mostram-na de pé. Cresce de importância e começa a figurar ao lado de Cristo e a intervir na salvação. Por toda a Idade Média humaniza-se.”</p> | Página 225 |
| | <p>“Do séc. XIV ao XVI predominam as pietás e as mater dolorosas. Ela tem ainda um filho nos braços. Porém, já não é o menino mas um adulto. Um filho que deixou de existir.”</p> | Página 225 |
| | <p>“E no séc. XIX, ao mesmo tempo que a mulher comum luta pelos seus direitos, uma estranha Senhora desce dos céus. Iniciam-se as famosas aparições marianas que tantas dores de cabeça têm dado à religião oficial. São Senhoras sem menino.”</p> | Página 226 |
| | <p>“Na religiosidade popular, Maria ocupa inteiramente o coração dos crentes. É a Ela que se fazem promessas, que se acendem velas. É a ela que se devem as curas, os</p> | Página 226 |

| | | |
|--|------------|--|
| | milagres.” | |
|--|------------|--|

| COSTA, Avelino. <i>A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média</i>, 1957 | | |
|---|---|------------|
| Assunto | Citação | Página |
| | <p>“Os cristãos começaram bem cedo a estabelecer paralelismo simbólico entre a Virgem-Mãe e a Igreja-Mãe, ambas igualmente virgens e fecundas, porque, assim como Maria, sendo mãe de Cristo é mãe dos cristãos, também a Igreja, esposa mística de Cristo, é mãe dos mesmos cristãos, chamados, por isso, filhos da Igreja.</p> <p>Por esta razão, a maior parte das catedrais e grande número de igrejas paroquiais tomaram a Virgem Maria por padroeira.”</p> | Página 7 |
| | <p>“Na Península Hispânica havia, desde tempos remotos, grande devoção mariana (...). Tudo leva a crer que, já então, as suas respectivas catedrais (...) eram dedicadas à Virgem Maria (...) bem como muitas outras igrejas e mosteiros.” – Também se refere à do Porto e Coimbra</p> | Página 7-8 |
| | <p>(...) norma geral do tempo da Reconquista restaurar os templos sob a invocação dos antigos oragos, podemos concluir que, salvas raras exceções, as sés e templos restaurados neste período sob a invocação de Santa Maria já eram dedicados à Virgem antes da invasão Árabes. É que, mesmo durante a ocupação destes, puderam manter-se sempre núcleos de cristãos (...) conservaram a tradição e devoção religiosas dos antepassados e, portanto, os mesmo padroeiros.”</p> | Página 8 |
| | <p>“Ao separar-se da monarquia leonesa, o Condado Portugalense tinha restauradas duas dioceses – Braga e</p> | Página 9 |

| | | |
|--|--|----------------|
| | Coimbra, e ambas as catedrais eram dedicadas a Santa Maria, como o eram também muitos templos e mosteiros mencionados nos documentos deste período.” | |
| | <p>“ (...) os Portugueses iam conquistando e povoando novas terras para honra de Deus e da mesma excelsa Senhora (...).</p> <p>A ela confiavam também a sua defesa e conservação, chamando-lhe Santa Maria de Alcáçova, como fez Santarém, em 1154 (...) ”</p> | Página 10 |
| | “Era ainda à mesma ínclita Rainha que agradeciam as vitórias sobre os inimigos, levantando-lhe templos (...)” | Página 10 |
| | <p>“Nos tempos medievais, de fé viva e intensa, multiplicavam-se os mosteiros por Portugal inteiro e quase todos eles se acolhiam à protecção da Virgem das Virgens, escolhendo-a para única ou principal padroeira (...). Outros escolhiam-na para titular secundária (...).</p> <p>De igual maneira se dedicavam a Santa Maria inúmeras igrejas e Capelas, que de novo se iam erigindo.”</p> | Página 10 - 11 |
| | “Ao separar-se da monarquia leonesa, o Condado Português tinha, ao norte do Mondego, uma população relativamente densa e, de longo tempo, presa à terra, cujas tradições mantinha e, por isso, conservava ou restaurava as suas igrejas sob a invocação dos oragos escolhidos pelos antepassados.” | Página 13 |
| | “Ora a fundação e povoamento de Portugal coincidiram com um grande incremento da devoção mariana, motivada pelo ideal cavaleiresco da Idade Média de exaltação da mulher, cujo protótipo perfeito era a Virgem Maria, razão por que se deve «atribuir justamente ao culto de Nossa Senhora o próprio | Página 13 |

| | | |
|--|---|--------------|
| | desabrochar do lirismo trovadoresco»; pelas cruzadas, por influência das ordens de Cluny, de Cister e Mendicantes e pela expansão de novas devoções – a Santa Maria da Caridade, de Guadalupe, do Pilar, de Puy, de Rocamador, de Roncesvales, etc.” | |
| | “ «Através da Europa católica daqueles dias, diz Mário Martins, circulavam colecções de milhagens, em verso e em prosa, em latim e nas línguas românicas, sobretudo à volta de Nossa Senhora e dos grandes santuários marianos». Essa onda de devoção mariana chegou até nós, trazida pelos religiosos e cavaleiros vindos de além Pireneus, pelos Portugueses que peregrinavam por santuários e terras estrangeiras e por narrativas com a vida e milagres da Virgem.” | Página 14 |
| | “Nascido assim debaixo do signo mariano, Portugal não podia deixar de receber a sua benéfica influência. Era, por conseguinte, lógico que Maria Santíssima fosse escolhida para padroeira de quase metade das igrejas das terras sucessivamente incorporadas no território português.” | Página 14 |
| | “ O Norte, tendo necessidade de manter os oragos tradicionais das suas paróquias, mostrou a sua devoção mariana de dupla maneira (...) e levantando altares à Virgem dentro das suas igrejas paroquiais e, fora, templos marianos que ainda hoje lhe polvilham de branco os vales e as montanhas.” | Página 14-15 |
| | “Ora se era tão elevado o número de igrejas e de terras dedicadas à Virgem e, mais ainda, se à mesma eram consagradas as nossas sés medievais, Maria Santíssima era a padroeira de Portugal, pelo menos indirectamente, | Página 15 |

| | | |
|--|--|--------------|
| | enquanto todas as freguesias dependem da respectiva catedral ou igreja-mãe.” | |
| | Santa Maria de Braga, Rainha de Portugal | |
| | “Portugal, que tirou o nome do da cidade da <virgem – <i>Portucale</i> , pode, por conseguinte, chamar-se <i>Terra de Santa Maria</i> , que, mais do que a estreita faixa ocidental de entre Douro e Vouga, designa o país inteiro, pois de todo ele foi sempre padroeira desvelada a Virgem Santíssima, logo desde os alvares da Nacionalidade.” | Página 17-18 |
| | “ (...) Nossa Senhora era verdadeiramente a padroeira da vida pública e particular de todos os Portugueses. O homem medieval vivia a sua fé muito mais intensamente que o de hoje, recorrendo com ilimitada confiança à Virgem Santíssima em todas as circunstâncias da vida (...). É que a Virgem era a medianeira entre Deus e os homens (...) | Página 18 |
| | “Para pedir e agradecer estes benefícios, levantavam-se templos e altares; esculpíam-se e pintavam-se imagens (...) instituía-se missas perpétuas; faziam-se múltiplas doações a igrejas, como a de D. Sancho I, contemplando no seu testamento cem igrejas de Santa Maria; dedicavam-se legados para sustentar lâmpadas que, dia e noite, deviam arder (...)” | Página 18 |
| | “E a Virgem, que se não deixa vencer em generosidade, era remédio salutar para os males do corpo e da alma (...). Os milagres multiplicavam-se, passavam de boca em boca e de terra em terra e atraíam romeiros de cada vez mais numerosos, dando origem à formação de livros de milhagens, como os da Senhora da Oliveira (...)” | Página 19 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | “Peregrinos de perto e de longe, nobres damas e senhores da còrte com a sua horada comitiva, gente humilde de povo e pobres andrajosos, clérigos e frades, todos se irmanavam na mesma «mui grande romaria» (...)” | Página 20 |
| | “No século XIII, os principais centros de peregrinações marianas parecem ter sido o da Senhora da Oliveira, em Guimarães, e os de Alenquer, Évora, Faro, Monsaraz, Nazaré e, mais que todos, Terena, no Alentejo.” | Página 21 |
| | “Nos séculos XIV e XV, é muito maior o número de santuários marianos, de que destacarei apenas a Senhora da Abadia e da Oliveira, no Minho; Azinhoso, em Trás-os-Montes; Senhora da Conceição, em Matosinhos (...)” | Página 22 |
| | “ (...) os documentos medievais não têm dados concretos sobre o assunto, limitando-se a denominá-la quase exclusivamente Santa Maria. (...) referem particularmente a Maternidade Divina e a Virgindade Perpétua (...). Alguns documentos frisam a Virgindade, chamando-lhe a Vergem das Virgens (...)” | Página 27 |
| | “Raríssimas vezes lhe dão outros títulos, como o já referido de Rainha (...).” | Página 28 |
| | “Ora, até ao século IX, a invocação Santa Maria andava intimamente associada à da Maternidade Divina, por ser esta a principal e, de início, a única festividade mariana da Península Hispânica, fixada, como já disse, a 18 de Dezembro (...), pelo X Concílio de Toledo.” | Página 28 |
| | Apesar de muita devoção em outros países, só entre o século IX e X a devoção a Assunção entra na liturgia hispânica: “Nos fins do séc. IX ou princípios do X, a | Página 30 |

| | | |
|--|---|--------------|
| | <p>Assunção entra também na liturgia hispânica, sendo, com excepção do calendário Vigilano, já mencionada por todos os calendários peninsulares, inclusive pelos de Córdova, de Leão e de Ripoll e pelos Emilianense e Silense I, todos do séc. X.</p> <p>Com a introdução desta festividade decaiu muito a de 18 de Dezembro, principalmente depois da substituição do rito hispânico pelo romano, no último quartel do séc. XI. Todavia, até ao séc. XVI pelo menos, os calendários e constituições portuguesas conservaram a festa de Nossa Senhora ante Natal (...), celebrando-se nela a expectação do parto e não a Anunciação, que no rito romania é a 25 de Março.”</p> | |
| | <p>“ (...) porque continua a ter bastante culto entre o povo, sob a denominação de Nossa Senhora da Expectação ou do Ó”</p> | Página 30 |
| | <p>“O documento português mais antigo que a ela se refere é uma carta original do mosteiro de Pedroso, datada de 20 de Agosto de 1011 (...).</p> <p>O uso da Assunção para indicar uma data sem qualquer referência ao mês nem ao dia prova que a festa estava já bastante divulgada e conhecida (...)”</p> | Página 30-31 |
| | <p>“A Assunção passa a ser mais frequente do que qualquer outra festa mariana nas datas dos documentos medievais (...)”</p> | Página 31 |
| | <p>“D. Afonso Henriques parece dizer-nos que esta festa tem para a Virgem a mesma importância que o Natal para o Redentor.”</p> | Página 32 |
| | <p>“Os nossos calendários medievais trazem cinco festas marianas: - Purificação, Anunciação, Assunção ou</p> | Página 32-33 |

| | | |
|--|---|--------------|
| | Dormitio, Natividade e Expectação ou Senhora do Ó (a 18 de Dezembro), a que se juntaram a da Senhora das Neves, no século XIV, e as da Visitação e Conceição, no século XV.” | |
| | <p>“As Ordens religiosas consideravam-na também como principal, como se vê pelos usos dos Cónegos Regrantes: «O dia da Assumpção da Sancta Maria D’Agosto (é de) grande effeto e lidice spiritual com procissam de Sancta Maria».</p> <p>(...) até ao fim do século XV, encontram-se nos documentos medievos mais de mil templos e lugares consagrados a Nossa Senhora, que era orago de 1.032 freguesias em 1890.”</p> | Página 33-34 |
| | <p>“Após a vitória de Aljubarrota, o culto à Assunção aumentou ainda mais com as procissões e solene vigília que, para comemorar essa vitória, se celebravam a 14 de Agosto, as quais tinham nalgumas dioceses solenidade idêntica à do Corpo de Deus (...)</p> | Página 35 |

ALMEIDA, Cátia Filipa Santos. *O Mosteiro de São Pedro de Pedroso: Estudo Patrimonial de uma Instituição Beneditina (1212-1307)*

| Assunto | Citações | Páginas |
|---------|--|-----------|
| | <p>“Algumas abadias resistiram à receção dos costumes cluniacenses, das quais se evidencia o caso do Mosteiro de Pedroso. As comunidades eremíticas, sobretudo as situadas no Vale do Douro, também adotaram a Regra de São Bento. Contudo, com a chegada de Cister ao território peninsular estas comunidades associaram-se a esta nova vertente beneditina. Existem ainda outras instituições que nunca aderiram ao movimento,</p> | Página 39 |

| | | |
|--|--|----------------|
| | destacando-se os mosteiros de Grijó, São Simão de Junqueira, Moreira da Maia, Vilarinho, entre outros, que posteriormente, apareceram como professantes da observância dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho.” | |
| | “Como podemos confirmar pelas sucessivas cartas de couto atribuídas durante o seu reinado, D. Afonso Henriques favoreceu particularmente os cenóbios beneditinos do Entre-Douro-e-Minho. O seu objetivo era obter apoio na conquista para Sul. Todavia, esta política parece só se verificar até à conquista de Lisboa (1147). Após essa, D. Afonso Henriques “quase esqueceu os beneditinos acantonados e instalados nessas já povoadas terras” nortenhas.” | Página 41 |
| | “A estratégia do soberano português mudou, passando a favorecer os cistercienses, os agostinhos e os eremitas, que motivados pela conquista buscavam novos territórios para fundar os seus mosteiros. Contudo, os objetivos continuavam a ser os mesmos, obter apoio que outrora tinha sido dado pelos cluniacenses e o povoamento dos espaços recentemente conquistados.” | Página 41 – 42 |
| | “Como é possível verificar, a localização do Mosteiro de São Pedro de Pedroso foi sempre a mesma desde o momento da sua fundação. Esta permanência geográfica é justificada, em grande medida, pela situação, porventura privilegiada, do cenóbio. Segundo Rute Ramos, tanto a proximidade da estrada real que ligava o Porto a Lisboa, como a localização do mosteiro junto do rio Febros, conferiram à instituição facilidades de comunicação verdadeiramente invejáveis. | Página 42 – 43 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | A articulação destes fatores permitiu que o mosteiro de Pedroso se desenvolvesse como uma instituição beneditina modelo do Douro-Sul.” | |
| | <p>“No que diz respeito à fundação do Mosteiro de Pedroso diversos autores sugerem diferentes datas de fundação da abadia pedrosense, apontando os respetivos fundadores.</p> <p>Frei Leão de São Tomás¹¹⁴, baseado numa escritura de doação de D. Gondesindo, afirma que o mosteiro é anterior ao ano de 897, e que tem como fundadores D. Gondesindo Prolix e sua mulher Enderquina Palla. Estes teriam edificado o mosteiro devido ao nascimento de um filho deficiente.”</p> | Página 43 |

RODRIGUES, Ana Maria S. A. *A Formação da rede paroquial no Portugal medievo*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

| Assunto | Citação | Páginas |
|---------|---|-----------|
| | <p>“Isto remete-nos para a questão fundamental de saber o que constituía, à data, uma igreja paroquial. De uma forma geral, tem-se admitido como indício mais relevante do estatuto paroquial de determinado templo, desde os tempos mais recuados, o exercício nele da pregação e da distribuição dos sacramentos aos fiéis por delegação do bispo, e, consequentemente, a detenção de baptistério e cemitério, todavia, autores há que consideram a existência de pia baptismal, or se só, insuficiente.”</p> | Página 74 |
| | <p>“Quanto à tutela exercida pela igreja paroquial sobre uma área perfeitamente definida, no interior da qual os habitantes eram obrigados a frequentar em exclusivo</p> | Página 74 |

| | | |
|--|--|-----------|
| | <p>esse templo para receber os sacramentos e solver a tributação eclesiástica, é também um critério generalizadamente aceite mas cuja cronologia necessita de ser estabelecida para cada caso. Se, desde o II concílio de Braga (572), se reconhece a existência da noção de “território episcopal”, pensa-se porém que as paróquias das épocas sueva e visigoda não exerciam jurisdição sobre um território determinado, tal tendo apenas começado a acontecer com a introdução do direito canónico romano na Península, a partir da reforma gregoriana.”</p> | |
| | <p>“ (...) foi só no momento em que a cobrança da dízima se começou a generalizar, ou seja, a partir do século XIII, que se desencadeou o movimento de delimitação dos territórios paroquiais, estendendo-se este por mais de uma centúria.”</p> | Página 75 |
| | <p>“De facto, o Norte, de povoamento denso e disperso, estava retalhado numa infinidade de pequenas freguesias (...)”</p> | Página 75 |
| | <p>“ (...) Pierre David mostrou que na vasta área coberta pelo manuscrito, além das catedrais instaladas nas sedes das dioceses, existiam igrejas rurais fundadas directamente pelos bispos ou pelos seus mandatários, onde se ministravam os sacramentos. Em contrapartida, os lugares de culto edificadas em <i>villae</i>, tal como as basílicas consagradas aos santos e os oratórios dos mosteiros, eram igrejas privadas sem baptistério nem cemitério. Este autor contrariar (...) Alberto Sampaio, para quem a grande maioria das igrejas paroquiais atestadas a partir do século X haviam sido fundadas</p> | Página 77 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | pelos senhores e cultivadores dos tempos romanos e visigóticos, agindo em conjunto ou separadamente.” | |
| | “ (...) Luis Carlos Amaral (...) põe em evidência as novas criações de povoados e respectivos templos, tanto organizadas como espontâneas, afirmando que se a documentação da época realça os empreendimentos dirigidos por condes e bispos em zonas apelidadas de “desertas”, na realidade o restabelecimento eclesiástico dependeu da interacção entre estes “colonizadores” vindos de fora e as comunidades locais que haviam permanecido no terreno mesmo depois da fuga dos prelados e da desarticulação do enquadramento diocesano.” | Página 79 |
| | “Que motivações guiavam todos estes fundadores? (...) No tocante às comunidades monásticas, é sabido que algumas podem ter congregado toda a população de um lugar como forma de protecção contra ameaças exteriores. Mas muitas mais assumiram um carácter familiar, admitindo membros dos dois sexos, de preferência pertencentes à família patronal, sendo os respectivos bens uma emanação do património desta. (...). Algumas desapareceram sem deixar rasto, outras foram reduzidas a igrejas seculares e apenas as que se abriram às novas correntes religiosas sobreviveram como tais.” | Página 79 |
| | “Quanto às igrejas, houve-as igualmente que resultam da acção das populações locais, disponibilizando parte dos seus bens para as dotar de exercendo depois o padroado colectivamente. Mas outras foram criadas por ricos proprietários rurais e membros da aristocracia guerreira | Página 79 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | nas suas terras, como forma de para elas atraís mais homens e controlar os que já nelas habitavam.” | |
| | “Parece-nos, pelo contrário, que mais uma vez a reorganização eclesiástica foi feita à medida dos interesses das diferentes entidades senhoriais que se foram instalando nesta região, sendo o contributo de eventuais comunidades locais preexistentes ainda mais difícil de identificar que no Norte do país.” | Página 81 |
| | “Todavia, quando não têm pela frente poderes concorrentes fortes mas simples paroquianos solicitando um melhor acompanhamento sacramental, conseguem opôr-se com bastante eficácia à fragmentação das paróquias iniciais, o que é muito conveniente para o clero diocesano radicado nas urbes que nelas baseava o seu sustento; daí que, apesar da existência de uma população numeroda em certas aldeias de alfozes urbanos, não se constituam nelas paróquias rurais, antes se amntenham aí simples ermidas ou capelas onde os raçoeiros das matrizes ou os capelães por eles estipendiados asseguram “serviços mínimos”, sem desviarem os respectivos recursos.” | Página 82 |
| | “ (...) quaisquer que eles fossem, eclesiásticos ou leigos, e incluindo o mais poderoso de todos a partir de certa altura, o rei – controlarem os homens que viviam num determinado território, por forma a extraírem deles excedentes que lhes permitissem manter um nível adequado de vida, sendo o enquadramento paroquial uma das formas desse controle. O que não quer dizer que a dimensão religiosa estivesse ausente deste processo, mas apenas que não constituiu nele o factor mais | Página 83 |

| | | |
|--|----------------|--|
| | determinante.” | |
|--|----------------|--|

| | | |
|--|--|----------|
| OLIVEIRA , P. Miguel de. <i>A Padroeira de Portugal. Notas e Documentos</i> . Edições letras e artes, Lisboa 1940 | | |
| Imaculada Conceição – “Só na Idade Média, com o aparecimento da festa da Conceição de N. Senhora, surgiram controvérsias teológicas sobre as quais a Igreja evitava pronunciar-se, mas que contribuíram notavelmente para o esclarecimento da doutrina. Vivamente combatida pela maior parte dos dominicanos, a Imaculada Conceição viu crescer rapidamente, desde o século XIV, o número dos seus defensores: franciscanos, carmelitas e agostinhos, apoiados pela Universidade de Paris. O concílio de Basileia (...) de 1439, chegou a declarar «conforme com a fé católica» a doutrina da Imaculada, e a ordenar para toda a Igreja a celebração da festa.” | | Página 7 |
| “ (...) 1477, o Sisto IV aprovou a festa da Conceição de Maria, enriqueceu-a de indulgências semelhantes às da festa do SS. ^{mo} Sacramento e autorizou ofício e missa especial para esta solenidade. Não era ainda a definição do dogma; (...) no concílio de Trento. A 15 de junho de 1546, na sessão V, em seguida aos cânones sobre o pecado original, acrescentaram-se estas palavras significativas: «O sagrado Concílio declara que não é sua intenção compreender neste decreto, que trata do pecado original, a bem-aventurada e imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus, mas que devem observar-se as Constituições do papa Sisto IV, de feliz memórias (...)” | | Página 8 |
| “O século XIX ia ser decisivo. Em 17 de novembro de 1830, a bem-aventurada Catarina Labouré, religiosa de S. Vicente de Paulo em Paris, teve uma visão da Virgem Santíssima cercada desta inscrição: «Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós», e ouviu | | Página 9 |

| | |
|--|--------------|
| uma voz que mandava cunhar uma medalha segundo esse modelo. Foi a Medalha milagrosa, que em breve se espalhou por toda a parte. Em 1842, o judeu Afonso de Ratisbona converteu-se ao ver de súbito, numa igreja de Roma, a Virgem tal como era retratada nessa medalha.” | |
| “Alguns anos depois, a própria Virgem Santíssima quis, por assim dizer, confirmar a definição pontifícia. Numa das suas aparições a Santa Bernadette Soubirous, em 1858, declarou: «Eu sou a Imaculada Conceição». Os milagres e curas prodigiosas que se têm operado em Lourdes, são outros tantos motivos para que se afervore a devoção dos fiéis a este excelso privilégio da Virgem Nossa Senhora.” | Página 10 |
| “A festa da Conceição de Maria, como aliás toda as festas de N. Senhora, começou a celebrar-se na Igreja Oriental. Encontraram-se testemunhos expressos da sua celebração na primeira metade do século VIII, mas só no final do foi admitida na maior parte das igrejas e só no século XII alcançou pleno desenvolvimento, sendo colocada entre as solenidades cujos dias eram de feriado nos tribunais do Império. Chamava-se-lhe a festa da «Conceição de Santa Ana» (...) celebrava-se a 9 de Dezembro.” | Página 11 |
| “No Ocidente, a festa aparece pela primeira vez no século IX, nos calendários da Irlanda, independentemente do calendário grego, pois a inscreveram entre os dias 1 e 3 de Maio, com o título de «Conceição de Maria».” | Página 11 |
| “Ao restabelecimento da festa anda anexa uma formosa lenda que em parte explicará a sua rápida propagação nos países ocidentais. Conta-se que Guilherme-o-Conquistador, apenas senhor da Inglaterra, mandou o monge Elsino, abade de Ramsay na diocese de Worcester, negociar-lhe uma aliança com o rei da Dinamarca. Já no regresso o navio foi assaltado por violenta tempestade em meio do qual o monge se lembrou de recorrer à Virgem Santíssima. Apareceu-lhe um misterioso bispo que lhe disse: «Eu sou mensageiro da Rainha do Céu. Se queres voltar à pátria, promete-se solenizar todos os anos o dia da Conceição da Mãe de Jesus». | Página 12-13 |

| | |
|---|-----------|
| Elsino apenas perguntou em que dia devia celebrar a festa e que ofício devia cantar. (...) o dia da Conceição era a VI dos idos de Dezembro (8 dez.) e que bastava apropriar o ofício da Natividade de Nossa Senhora, substituindo a palavra <i>Nativitas</i> pela palavra <i>Conceptio</i> . (...) restaurou a festa no seu mosteiro (1080-1087) (...)” | |
| <p>“Entre 1120 e 1130 a festa da Conceição de Maria encontrou novos e dedicados propagandistas (...)</p> <p>O mais decidido apóstolo (...) Osberto de Clara (...) os três documentos que nos atestam a rápida difusão do culto e doutrina (...) escritos por 1128-1129 (...)</p> <p>Segundo o testemunho de Osberto, a nova festa já era celebrada, não só em Inglaterra, mas em regiões de além-mar (...)”</p> | Página 13 |
| “ Quando à França, sabe-se que a nova devoção se introduziu ainda no século XII, até pela oposição que encontrou em S. Bernardo. Quanto a Portugal (...) não é fácil de determinar se nos veio directamente de Inglaterra ou se a recebemos por intermédio da França ou dos frades franciscanos, que se tornaram seus ardorosos propagandistas.” | Página 14 |
| <p>“A acreditarmos em antigos escritores, a festa da Conceição de Maria seria celebrada, a 8 de Dezembro, logo depois da tomada de Lisboa, e D. Afonso Henriques teria oferecido ao mosteiro de S. Vicente de Fora, como troféu de vitória, a imagem de Nossa Senhora chamada da Conceição da Enfermaria. A conquista de Lisboa foi (...) em 1147 e nela tomaram parte cruzados ingleses.</p> <p>(...)</p> <p>O documento mais antigo da instituição da festa em Portugal é a Constituição do bispo de Coimbra D. Raimundo Evrard, datada de 17 de Outubro de 1320”</p> | Página 13 |
| “Segundo a tradição, o bispo de Coimbra teria obedecido a instâncias da rainha Santa Isabel. No entanto, o sr. Doutor António de Vasconcelos acha verosímil que êle procedesse do moto próprio, porque «era francês, | Página 17 |

| | |
|---|-----------|
| e na França estava a esse tempo muito vulgarizada a devoção à Conceição de Maria», e, além disso, «era doutor ou mestre, provavelmente pela Universidade de Paris, que defendia com grande vigor a doutrina da Imaculada Conceição» ” | |
| <p>“Pelo princípio de século XV, segundo opinião de Mons. Ferreira, começou a rezar-se em Braga o ofício da Conceição da Virgem Santíssima (...)</p> <p>A mais antiga notícia da celebração da festa em Portugal continua, entretanto, a ser a Constituição de D. Raimundo.”</p> | Página 18 |
| <p>“No século XVII, o culto da Imaculada Conceição conquista Portugal inteiro, desde os reis e os teólogos até aos mais humildes filhos do povo. Por ordem de Filipe II, o mais afamado dos professores de teologia da Universidade de Coimbra, Fr. Egídio da Apresentação, publica em 1607 um trabalho monumental, intitulado «De Immaculada Beatae Virginis Conceptione». (...) 1617 (...) [o] mesmo soberano, resolve escrever ao Papa manifestando-lhe a sua crença na imaculabilidade de Maria. No Concílio Diocesano da Guarda, (...) 1634 pelo bispo D. Lopo de Sequeira Pereira, o clero jura defender a Imaculada Conceição. No Sínodo Diocesano de Braga de 1637 (...) deu conta que tinham sido os franciscanos e outras pessoas piedosas, isto é, que, à semelhança do que se havia feito em várias comunidades e escolas universitárias, se prestasse público juramento de defender a Conceição Imaculada de Nossa Senhora.”</p> | Página 19 |
| <p>“Aclamado rei, D. João IV manda celebrar, na capela real, a 8 de Dezembro de 1640, imponente solenidade em honra e louvor de Nossa Senhora da Conceição, e o pregador franciscano Frei João de S. Bernardino logo sugere a consagração oficial da nação à Virgem (...)”</p> | Página 20 |
| <p>“ (...) problema D. João IV Nossa Senhora da Conceição Padroeira do reino e jura defendê-la até à morte”</p> | Página 21 |
| <p>“Em 1648, resolveu o Monarca mandar cunhar medalhas de ouro e prata,</p> | Página 24 |

| | |
|---|-----------|
| respectivamente de doze mil reis e de seis tostões. Para as cunhar veio de França expressamente o artista António Ruitier. Foi com estas moedas que se pagou o primeiro feudo a Nossa Senhora.” | |
| “No reverso: a imagem da Senhora da Conceição sobre o globo e a meia lua, com a data de 1648, e, nos lados, o sol, o espelho, o horto, a casa de oiro, a fonte selada e a arca da aliança, símbolos bíblicos da Santíssima Virgem e insertos pela Igreja entre as invocações da sua Ladaínha.” | Página 25 |
| “Depois da Restauração, estiveram interrompidas as relações diplomáticas com a Santa Sé, perto de 30 anos. Foi já no reinado de D. Pedro II que o papa Clemente X expediu o breve (...) datado de 8 de Maio de 1671, confirmando a eleição de N. Senhora da Conceição como Padroeira de Portugal.” | Página 27 |
| <p>“ (...) 1717, escreveu El-Rei D. João V uma carta a todos os prelados e colegiadas do reino, a recomendar-lhes que em suas igrejas fizessem celebrar a festa da Imaculada Conceição (...)</p> <p>(...) 1733, celebraram os militares da guarnição do Pôrto, com grande solenidade, a festa da Imaculada Conceição, que elegeram para sua padroeira, na igreja do Colégio dos meninos órfão.</p> <p>Em 1733, determinou a Academia Real da História, que no dia 15 de dezembro todos os académicos jurassem o mistério da Imaculada Conceição.”</p> | Página 32 |
| “Já no século XIX, instituiu D. João VI, por decreto de 6 de fevereiro de 1818, a Ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa à qual deu estatutos de alvará (...) 1819.” | Página 32 |
| “Ela nos aparece também por cima de arcos-cruzeiros, portas e altares das igrejas (...)” | Página 38 |
| <p>“Alguns cruzeiros, como um de Moreira de Lima construído em 1707, são mesmo consagrados a Nossa Senhora da Conceição.</p> <p>Veio mais tarde o liberalismo maçónico, que destruiu ou fêz desaparecer muitas dessas lápides proclamadoras da maior devoção religiosa dos</p> | Página 40 |

| | |
|---|--|
| portugueses, depois da devoção ao Santíssimo Sacramento. Em 1910, a revolução demagógica continuou as façanhas iconoclastas de 1834 e a algumas dessas legendas harmoniosas, expressão magnífica da maior esperança dum povo, que nascera debaixo da bênção de Cristo, contrapuseram-se gritos de ódio e de vingança.” | |
|---|--|

| | |
|---|---------------------|
| COSTA , António Carvalho da. <i>Corografia Portuguesa e Descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal</i> . Officina de Valentim da Conta Deslandes, Lisboa, 1706-1712 | |
| “E tenha o primeyro lugar nefte Catalogo Santa Isabel, mulher delRey Dom Diniz, pois alem de ter no Ceo hua coroa entre os Santos, dos quaes he proprio o reynar, teve em quanto Rainha outra na terra, o que he fufficiente razão para que tenha precedencia, pois os que tem o Reyno, & principado na terra, fe devem sempre preferir; que por isso Euangelíh defcrevendo a Genealogia de Chrifto antepoz David mais moderno ao Patriarca Abranam mais antigo, fó porque fendo ambos Santos, o primeyro, & não o fegundo, foy Rey, & Principe na terra.” | Página 24 |
| “He Santa Ifabel Padroeira de Coimbra, & com razao; porque febafta para hum Santo fer Padroeiro de alguma Cidade , o haver tido nella fua habitação , & afliftencia , ou ter ahi obrado milagres, ou feito particulares favores, & benefícios; todas eftas razoens concorrem nefte Santa, para que tenha efte titulo; pelo que mayor razão teria Coimbra para fe chamar.Felicitas, do que teve Lisboa antigamente para le chamar do mefmo modo , pelos benefícios, que recebeo de Julio Ceíar * pois laõ mayores os que tem recebido de Santa Ifabel, & recebe cada dia.” | Página 25 |
| - Tratado IV da Comarca, & Ouvidoria da Feyra “Saõ Salvador de Grijó, Conventode Conegos Regrantes de S. Agoftinho, Vigayraria, tem 250. vifinhos, Foy fundado por dous irmãos, Guterre Soares, & Aufindo Soares, Clérigos de grande virtude, aos quaes lhe deu o ítio feu irmão Nuno Soares o Velho no anno do Senhor | Página 169 – 171 |

| | |
|---|--|
| <p>de 912. que foy em hua quinta, & herdade fua, que tinha na Comarca da Feyra , aonde os devotos irmãos fundirão hũa pequena Igreja, que em latim fe diz Ecclefiola , & em Portuguez Igrejó, & hoje com pouca corrupção Grijó; & porque los go fe lhes ajuntáráõ outros Clérigos, & Sacerdotes , para viverem em comum, fundáraõ junto da Igreja hum Convento no anno de 912. em que já era Prelado com titulo de Abbade Guterre Soares, hum dos dous irmãos feus fundadores, como confita da doação, que ambos fizeraõ aos Clérigos feus companheyros, de humas herdades, que tinhaõ em Perofinho para feu fustento. Era tão grande a devoção , que todos os moradores da terra da Feyra, & fua Comarca tinhãoa efte Mofteyro de Grijó , pela virtude com que alli viviaõ aquelles primeyros Conegos Regrantes, que levado delia Soeyro Fromariguez, q fuccedeo a feu pay Nuno Soares o Velho no fenhorio daquellas terras, tratou logo de lhes fazer mayor Igreja, & mais capaz, por fer muito pequena a que íeus tios fundáraõ ; Sc depois da obra acabada, pedio ao Bifpo Dom Crefconio lhe vieíe fagar efa nova Igreja, & dedicada ao Salvador do mundo, Sc a 3. de Novembro do anno do Senhor de 1093. fecelebrou a feftade fua Dedicacão, com tão grande gofto de Soeyro Fromariguez, que no mefmo dia diante do Biípo Dom Crefconio ratificou publicamente a doação, & teftamento de grandiosos legados, que tinha feyto a efte Convento , como confita do feu Cartorio. Toda efa família dos Soares, filhos do dito Soeyro Fromariguez, com íuamay Elvira Nunes, dotarão efte Convento de todas fuás fazendas, que tinhaõ , & outras, que comprãrão para o mefmo effeyto , doando-lhe todas as rendas, & Padroados das Igrejas de Argoncilhe , Perofinho, Cerzedo , & a mefma Igreja Matriz, & Cathedral das mais, que todas efaõ juntas^ contíguas ao Convento; (...)</p> <p>Todas eftas Igrejas faõ da vifita, & jurifdição do Prelado de Grijó. O Bispo de Coimbra Dom Bernardo fez doação da jurisdição Ecclefiaftica ordinária a efte Convento de todas as fete Igrejas referidas,</p> | |
|---|--|

| | |
|--|-------------------|
| <p>cujo Bifpado íe extendia naquelle tempo ate o rio Douro. Depois fe ex- tendeo o Bifpado do Porto a toda a terrada Feyra , que chamão de Santa Maria, & o Bifpo Dom Joaõ reformou a doação do Bifpo D. Bernardo nas Igrejas do territóriodo Porto, que faõ as quatreferidas , com a mefma izençaõ em i6. de Outubro do anno do Sephordeii37. • He efte Convento Couto , tem Juiz , & Almotaceis, & pou. co fe estende fora daFreguefia de Grijó, que fe divide por mar. cos, confrontando com o Concelho da Feyra , 8c de Avintes, & ConcelhodoPorto, em circuito de duas legoas, por doação da Rai# nha Dona Thareja, mulher do Conde Dom Henrique, feyta no anno de Chrifto de 1128. He mais Couto defte Convento o lugar de Brito, que lhe fica meya legoa para o Poente, por doação delRey Dom Affonfo Henriques, feita a 11 de Janeyrode 1139.”</p> | |
| <p>“O Infante D.Rodrigo Sanches,filho natural do meímo Rey D. Sancho, vindo mortalmente ferido de certo defafio , morreo junto á porta defte Convento , onde hoje eftá hua Cruz de pedra , que chamão o Padraõ ; os Religiofos o recolherão, &oenterráráõ ho* norificamente a 7. de Julhode 1145. como confia do epitáfio, qlhe eculpíraõ na pedrada fepultura,luairmaã a Infante Dona Conftan* ça Sanches, & fua máy Dona Maria Paes. A Infante fez doação a efte Mofteyro na era de 1301. (...)O de Grijó fe acha hoje com edifi- cios mais magnificos, que não faõ menos queos da Corte, & he Cafa de quarenta Religiofos , que nella louvaõ a Deos de dia , & de noyte no rigor dadiíciplina regular: que não fe adora a Deos mes nos nos defertos,do que nos povoados. • Saõ Mamede de Salzedo he Curado annex© ao Convento de Grijó, :em 130. vifinhos. S. Salvador de Perofinho he também Curado do mefmo ConventodeGrijó, de ConegosRegulares de Sato Agoftinho, tem 140. vifinhos. Saõ Martinho de Argoncilhe, Curado do mefmo Convento, tem i4o.vifinhos.”</p> | <p>Página 172</p> |

| | |
|---|------------------|
| “Argoncilhe, Freguezia no Bispado do Porto, tem por Orago S. Martinho Bispo, o Paroco he Cura da apresentação dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho do Mosteiro de Grijó, tem de cõngrua doze mil reis, e o que rende o pé de altar: dista de Lisboa quarenta e nove léguas, e do Porto três, tem trezentos e setenta e sete fogos.” | Página 59 |
| “Grijó, Freguezia no Bispado do Porto, tem por Orago o Salvador, o Paroco he Cura da apresentação do Prior do Mosteiro de Grijó de Conegos Regrantes, tem dez mil reis de cõngrua, e o que rende o pé de altar: dista de Lisboa quarenta e oito léguas, e do Porto quatro, tem cento e oito vizinhos.” | Página 284 |
| “Perozinho, Freguezia no Bispado do Porto, tem por Orago o Salvador, o Paroco he Cura da apresentação do Prior do Mosteiro de Grijó de Conegos Regrantes, rende sessenta mil reis: dista de Lisboa cinquenta léguas, e do Porto duas, tem duzentos e trinta e cinco vizinhos.” | Página 125 |
| “Sermonde, Freguezia no Bispado do Porto, tem por Orago S. Pedro Apostolo, o Paroco he Abbade colado da apresentaçã da Mitra, rende trezentos e sessenta mil reis: dista de Lisboa cinquenta léguas, e do Porto duas, tem cinquenta vizinhos.” | Página 212 – 213 |
| “Serzedo, Freguezia no Bispado do Porto, tem por Orago S. Mamede, o Paroco he Cura da apresentação do Prior dos Conegos Regrantes do Mosteiro de Grijó, rende setenta mil reis: dista de Lisboa cinquenta léguas, e do Porto duas, tem duzentos e quinze fogos.” | Página 216 |

CARMO, Tiago João Alves. Os castelos no Baio-Ferrado (séc. X- XIII). Mestrado em Arqueologia, 2016.

| | |
|--|------|
| Por um lado, podemos também afirmar que, cronologicamente, o aumento do número destes sistemas defensivos é um fenómeno típico do processo da «Reconquista» e que está fortemente a ele ligado, uma vez que se conquistavam agora territórios para os ocupar, povoar e, por conseguinte, | P.21 |
|--|------|

| | |
|--|------|
| defender. | |
| No século IX, com a criação das civitates – palavra que está na origem etimológica de “cidade” e que correspondia na época visigótica a uma delimitação territorial em torno de cidades fortificadas e normalmente sedes de bispados (Mattoso, 1993, p. 24) – a civitas de Santa Maria serviu como um estratégico ponto de vigia da antiga estrada romana que unia o Porto a Coimbra e que, tal como o seu território, se organizava em torno desse eixo viário fundamental (...) | P.23 |
| No que diz respeito à bacia hidrográfica do rio Douro no concelho de Gaia destaca-se sobretudo o Rio Febros, cuja primeira referência que possuímos na documentação abordada remonta a 1047: «...in villa petroso subtus castro ipse petroso discurrere ribulo febros territorio portukal.» (PMH, DC 356) e que serviu, constantemente, como um elemento auxiliador para a localização de bens e propriedades na documentação do século XI e XII – só na documentação estudada, possuímos cerca de 20 referências ao Febros. | P.25 |
| “Em termos hidrográficos esta área situa-se na fronteira entre a bacia hidrográfica do Douro e a Bacia do Vouga. (...) estas fronteiras parecem estar bem patentes em 1047 uma vez que o documento 132 do Livro Preto se reporta a Gulpilhares como estando «inter Durio et Vouga (...) subtus alpe castro petroso...». Sendo Gulpilhares uma localidade de Vila Nova de Gaia, esta referência demonstra bem a sua integração na área e Civitas de Santa Maria, que se delimitava, a Norte e a Sul, entre estes dois rios. A estas duas bacias estão associadas uma série de outras sub-bacias, que se revelam importantes também na caracterização e localização de propriedades e montes presentes na documentação medieval relativa a este período. Associadas à bacia do Douro destacam-se as sub-bacias de Uima, do Inha e da Ribeira do Mosteiro (...). A bacia do Ul é praticamente importante para o nosso tema, uma vez que se encontra reportada em cerca de 13 documentos. (...)” | P.27 |

| | |
|---|------|
| <p>“Contudo, sabemos hoje que estes primeiros castelos seriam estruturas muito rudimentares, implantadas sempre em zonas onde a morfologia do terreno facilitava a sua construção. Em muitos casos, seriam erguidas pelas próprias populações, que escolhiam locais de cota elevada, para beneficiar de bom campo de visão e de vigilância, atendente, sobretudo, ao controle das principais vias de comunicação. (...) Em 1978, Carlos Alberto Ferreira de Almeida (...) «Não pode deixar de ser notado o facto de em atas de venda ou doação de propriedades da época asturiana ou dos primeiros tempos da reconquista não haver ou serem muito raras as referências a “castros” ou “montes”, quando se pretende situar tais bens, ao passo que em quase todos os documentos, de transferência de propriedade, do século XI e da primeira parte do século XII se utiliza, para uma perfeita e inequívoca localização de localidade».”</p> | P.32 |
| <p>Perosinho “ (...) um documento datado de janeiro de 1148, relativo a villa Moar (hoje Muar, na freguesia de Perosinho), que a refere da seguinte forma: «...de hereditate mea própria quam habeo in villa Moar, subtus Castru Pedroso, discurrente rivul Cerzedo, território pportugalense» (BF 53) (...) natureza militar – na dependência do Castro Pedroso (Monte Murado); (...) natureza hidrográfica – junto ao rio Serzedo; e de um enquadramento de natureza eclesiástica – no território diocesano portugalense. (...) Apesar das referencias documentais às vias serem esporádicas, certamente que a fixação de estruturas defensivas em determinados montes não é fruto de acaso. Como veremos mais à frente, a fixação de estruturas defensivas está intimamente ligada ao itinerário das vias.”</p> | P.33 |
| <p>Grijó “Este documento [BF 158] deixa claro que a villa Curveirus (hoje Corveirs, localidade de Grijó, Vila Nova de Gaia) se encontra sob dependência do monte Castro Petroso e ainda sob o domínio da Civitas de Santa Maria. (...) (BF 265, de 1135). Portanto, a villa Borontanos (hoje Brantães, Sermonde, Vila Nova de Gaia) encontra-se sob dependência do</p> | P.34 |

| | |
|---|------|
| <p>monte Castro Pedroso e – numa hierarquia claramente demarcada pela utilização de dois termos – sob o opido Sancte Marie civitatis. Estas estruturas, designadas por oppido, castellum e civitas, seriam, por certo, estruturas mais elaboradas e de maior destaque, enquanto as designadas por expressões como mons ou alpe, seriam, em grande medida, construções castros, construídos pela população local, onde beneficiavam da topografia e da existência de materiais de construção (...). “</p> | |
| <p>Suposições para se deixar de referir certos montes em prol de outros</p> <p>“Julgamos que esta mudança não pode deixar de refletir um processo de desencastelamento, de abandono dessas estruturas fortificadas, e que não pode ser explicada por um abandono, súbito e ilógico, da utilização da topografia para localizar bens ou propriedades.”</p> | P.36 |
| <p>“Facilitado pela fragmentação do mundo muçulmano, com a queda do Califado e a consequente formação das Taifas (1031), as forças cristãs fizeram uma rápida progressão no terreno, que culminaria na conquista definitiva de Coimbra, em 1064, por Fernando o Magno. Com este avanço territorial procedeu-se a uma reforma na organização territorial: as civitates começaram, lentamente, a desaparecer e a dar lugar a espaços geograficamente menores, que tinham em vista um controlo mais eficaz. Estes novos espaços designam-se, na documentação medieval, por «terras» e surgem-nos na segunda metade do século XI.”</p> | P.38 |
| <p>“Além disso, a sua criação serviu não só para a resolução de problemas militares, mas também para um melhor controlo do espaço, por terem uma menor dimensão geográfica e por serem encabeçadas por um único castelo, o qual estava confiado a um nobre em processo de ascensão social. Posto isto, as Terras criavam um elemento diferenciador da hierarquia social, não só diferenciando a plebe dos nobres, mas agora também dos nobres que possuíam um castelo daqueles que almejavam ter, consolidando assim cada vez mais a formação de elites. Parece-nos também que a evolução do seu espaço foi ocorrendo paulatinamente: começam por ser espaços</p> | P.38 |

| | |
|--|------|
| geograficamente complexos e aos poucos a sua área foi-se tornando mais clara e evidente. Este processo só foi possível através de dois elementos: primeiramente, os limites das Terras foram reduzidos e comprimidos para os principais elementos da paisagem como cursos de rios ou montanhas; em segundo lugar adequou-se as Terras acasteladas à geografia religiosa, paroquial, o que permitiu esclarecer dúvidas em relação aos seus limites geográficos, tanto para a população que as habitavam como para nós, hoje.” | |
| “O desenvolvimento das Terras acabou por ditar aquilo que se conhece como o “desencastelamento”, uma vez que cada Terra passou a ser encabeçada por apenas um castelo, que conseguia dominar a envolvimento do seu espaço que era agora, como vimos, geograficamente mais reduzido. Como consequência, verificamos um abandono muito significativo de castelos no Entre-Douro-e-Minho a partir da segunda metade do século XI e nas primeiras décadas do século XII.” | P.39 |
| “O Cartulário teve o seu estudo paleográfico e diplomático feito por Robert Durand, na altura Mestre em História da Idade Média pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Nantes, tendo constituído a base para a sua tese de Doutoramento de 3º Ciclo, apresentada em 1970 na referida Faculdade. Este estudo é de extrema importância para a história política, social e religiosa desta região e de Portugal entre os séculos XI e XIII, assim como para a perceção da realidade territorial e defensiva da área geográfica estudada.” | P.41 |
| “A tipologia dos documentos que integram este cartulário obedece ao perfil usual neste período cronológico: compras e vendas de propriedades, doações e testamentos, contratos, trocas de bens e ainda privilégios, sejam eles reais ou até mesmo de âmbito eclesiástico. (...) Abundantes são igualmente as doações, quer em vida, quer post mortem, assim como os testamentos (...)” | P.42 |
| “O primeiro documento que reunimos data de 18 de dezembro de 922 e | P.44 |

| | |
|--|-----------|
| <p>refere-se ao ato de fundação de São Salvador de Grijó pelo abade Guterre e seu irmão Ausendus «...Ego eo Gotierre, abba, simul cum fratri meo Ausindus per quos fundabimus eglesia in villa quos vocitant Eglesiola inter mons Petroso et Sagitella eque contra litora maris...» (BF 130). Após este, só voltamos a ter referências pertinentes a partir da segunda metade do século X. Em 955, 957, 984, 985, 988 e 991 encontramos referências novamente sobre o Monte Murado ou mons Petroso. Em 977 encontramos a primeira referência à Civitas Sancta Maria, concluindo assim as referências que reunimos relativamente ao século X, que é fortemente dominado por alusões ao Castro Petroso ou Monte Murado.”</p> | |
| <p>“Após sintetizarmos o aparecimento das estruturas por século, observamos que quatro surgiram no século X (Civitas Santa Maria, Castro Petroso, Monte Saitela e Monte Codal), oito no século XI (Monte Auturelo, Monte Seixo Alvo, Castro Recarei, Monte Serpente, Monte Parada Lovaz, Monte Souto Redondo, Monte Redondo e Monte da Pena), enquanto a maioria surge no século XII (Monte Grande, Castro Aquilino, Monte Quoto, Monte Perosinho, Monte Pascales, Monte Longara, Monte Cortelos, Monte Carboneiro, Monte Alto e Monte Agudo). A única referência do século XIII é atribuída, logicamente, ao Castelo de Gaia.”</p> | P.49 |
| <p>Situação de Santa Maria da Feira “A estrutura mais mencionada é, sem dúvida, a Civitas de Santa Maria, que totaliza 115 referências, datando a sua primeira menção do ano 977 (PMH, DC 120). As civitates não teriam de ser obrigatoriamente povoados urbanos de grande dimensão ou sedes de bispado”</p> | P.51 - 52 |
| <p>“No século X, como já vimos no capítulo relativo ao âmbito geográfico, a civitas de Santa Maria fixou-se junto à antiga estrada romana que unia o Porto a Coimbra e como tal o seu território organizava-se em torno desse eixo viário (...).</p> <p>A sua importância parece estar intimamente ligada aos avanços e investidas levadas a cabo por al-Mansur sobre Coimbra - entre 986 e 987 -</p> | P.52 |

| | |
|---|------|
| que transformaram a zona do vale do Vouga de novo em espaço de fronteira. A criação das Civitates está, definitivamente, ligada à tentativa de enquadrar um castelo governado por um nobre em zonas de fronteira, mais sensíveis e onde é preciso um maior reforço estratégico e militar. A presença desta não terá descartado a função das fortalezas de iniciativa local. Antes pelo contrário, devido ao seu vasto espaço, estas estruturas secundárias eram fundamentais para um controlo equilibrado do espaço.” | |
| “A partir da segunda metade do século XI – especialmente após as campanhas de Fernando o Magno e a conquista definitiva de Coimbra – verificamos mudanças significativas ao nível das estruturas administrativas e militares. Paulatinamente a organização do espaço e do território em civitates começa a desaparecer devido à sua inoperacionalidade. No caso da Civitas de Santa Maria, o facto de deixar de ser uma zona de fronteira a partir da conquista de Coimbra retirou-lhe parte da importância militar que tinha na defesa do espaço (...).” | P.53 |
| Castro Pedroso “Muito perto do número de referências da Civitas de Santa Maria temos o Castro Petroso, conhecido hoje como Monte Murado ou Castro da Nossa Senhora da Saúde (...).Era já um primitivo povoado fortificado da Idade do Ferro. Conserva ainda vestígios de muros que corresponderão a habitações, rodeados por várias linhas de muralha que ultrapassam os 3 km de perímetro. Foi neste povoado fortificado que foram achadas as tesserae hospitales que contêm inscrições referentes a pactos de hospitalidade entre indígenas e romanos. Em 1983 foi feita uma intervenção arqueológica da responsabilidade de Armando Coelho Ferreira da Silva (Silva, 1983).” | P.58 |
| “Na Idade Média, a importância desta estrutura, que explica igualmente o vasto número de referências, prende-se com o facto de estar intrinsecamente ligada ao Mosteiro de Grijó e ao de Pedroso. É significativo que o primeiro documento que menciona o Mons Petroso seja o ato de fundação do Mosteiro de Grijó, em 922: «...fundabimus eglesia in | P.59 |

| | |
|---|--|
| <p>villa quos vocitant Eglesiola inter mons Petroso et Sagitella eque contra litora maris...» (BF 130), que também refere uma outra estrutura intimamente ligada a este Mosteiro: o Mons Sagitella. Como defendeu Carlos Alberto Ferreira de Almeida acerca das incursões rápidas - tanto de muçulmanos como de normandos - e da consequente necessidade de colaboração dos clérigos na defesa do território: «Mais que a fuga com as relíquias era salutar a resistência que as próprias relíquias ajudariam. Não admira, pois, que haja uma relação íntima entre o bispo e a defesa da sua cidade (...) e entre mosteiros e a construção de castelos» (Almeida, 1978, p. 45). Esta relação observa-se igualmente noutros casos: «o Mosteiro de Paço de Sousa e o Mons Ordinis; o Mosteiro de Cête e o castelo de Vandoma; a abadia de Pendorada e o castelo de Monte Aradros...» (Barroca, 2016, no prelo), ou até mesmo o caso do Mosteiro de Guimarães e o Monte Latito, já referido anteriormente.</p> <p>No decurso do século X o território galaico-português é palco de investidas constantes entre muçulmanos e cristãos, chegando mesmo al-Mansur a investir em 987 sobre Coimbra, conquistando-a de novo e pondo termo ao Condado Conimbricense (878-987), e sobre o Castelo de Aguiar de Sousa. Em 997, no decurso da sua campanha contra Santiago de Compostela, al-Mansur ocupa os territórios beirãos a sul do Douro. O território da civitas de Santa Maria, onde Vila Nova de Gaia se incluía, foi afetado por estas investidas, ganhando uma importância estratégica enorme por se ter convertido em zona limítrofe do espaço cristão e só seria pacificado na sequência da conquista definitiva de Coimbra em 1064 (Durand, 1971). A existência permanente destas villae ao longo dos séculos X–XII mostra-nos que estas incursões não conduziram a um ermamento, isto é, a um despovoamento total da zona, apesar de escritos do árabe Almacari nos dizerem que «não ficou igreja que não fosse queimada nem sino que não fosse partido» (Sánchez Albornoz, 1996, p. 136); ou então outros documentos cristãos referirem, reportando-se aos muçulmanos, que estes</p> | |
|---|--|

| | |
|---|------|
| «devastarunt omnes locos sanctos», isto é, devastaram todos os lugares santos (PMH, DC 194).” | |
| <p>“Por outro lado, temos documentos que nos comprovam uma coexistência e até trocas de bens e propriedades entre cristãos e muçulmanos, como, por exemplo, um documento de 1089 relativo a Zalama - nome notoriamente árabe - e Adadivergo Vermuiz que trocam com Soeiro Fromarigues, senhor de Grijó, e sua esposa, duas partes de uma terra situada em Framiã (Serzedo, Vila Nova de Gaia) por três partes de uma outra situada em Faorta, estando curiosamente a villa Framian «subtus Castro Petroso, discurrente rivulo Cerzedo, territorio portugalense, prope littus maris» (BF 156). Com a existência dos Mosteiros de Grijó e de Pedroso e ainda a presença do primitivo castro numa topografia muito favorável, não é de estranhar o facto de perto de 45 localidades se encontrarem associadas e confinadas à sua esfera territorial. Acrescentando a isto, sem dúvida que a fixação da via XVI Cale ad Aeminium se revelou determinante também no controlo do território por parte do Castro Petroso. Note-se, ainda, que este se localiza junto à intercepção entre a via XVI e a via que ligaria Cale a Vissaium (...)</p> <p>As referências a esta estrutura estendem-se por todo o século XI e boa parte do século XII, conhecendo a sua última menção no ano 1160. Podemos constatar que a ele estavam associadas praticamente todas as póvoas do concelho de Vila Nova de Gaia.”</p> | P.60 |
| <p>“Podemos verificar que grande parte das póvoas e das principais vias se encontram na esfera visual do Castro Petroso, o que não é de espantar dada a sua localização, numa elevação de 240 m de altitude, situada praticamente no centro do concelho de Vila Nova de Gaia, entre o Rio Douro e o mar. Por outro lado, outras estruturas defensivas estão igualmente no raio de visão do Castro Petroso: apenas o Monte Serpente parece não ser alcançado, como podemos atentar na Figura 7. Contudo, este monte parece-nos que serviria para apoiar o Monte Grande e não</p> | P.67 |

| | |
|--|-----------|
| encontramos qualquer relação entre ele e o Castro Petroso na documentação.” | |
| <p>“ (...)o Monte da Senhora da Saúde, onde está implantado o Castro Petroso, corresponde a uma das elevações mais notáveis do concelho de Vila Nova de Gaia. O seu alcance visual distribui-se por todo o território municipal, estando mais concentrado a Oeste da sua implantação, onde detém a maior parte das póvoas, (...).Além do território concelhio de Vila Nova de Gaia, atinge a Sul o de Santa Maria da Feira, e a Norte, além Douro, parte do território municipal do Porto e de Gondomar, que se inseria na civitas de Santa Maria. Não deixa de ser curioso que nas escavações levadas a cabo em 1983 não haja referências a vestígios da época medieval.</p> <p>Infelizmente alguns topónimos não foram possíveis de ser localizados como podemos verificar na tabela em cima. Outros, apesar de não sabermos a localização exata, cartografamos na freguesia a que sabemos que correspondiam, como é o caso da villa Framiam (Nº 5), da villa Billanes (Nº 11) e da villa Prandera (Nº 22).”</p> | P.67 – 68 |
| <p>Monte Auturelo (Loureiro de Cima, Grijó, Vila Nova de Gaia, no limite com Argoncilhe) “ (...)provavelmente localizado no monte que se encontra na fronteira entre Grijó e Argoncilhe. Daí Carlos Alberto Ferreira de Almeida indicar a sua possível localização em Argoncilhe (1978, p. 41). Possui 14 localidades associadas, distribuídas pelos concelhos da Feira e de Vila Nova de Gaia. Estas póvoas encontram-se todas nas proximidades da estrutura, com a exceção da Villa Brito (Nº 1) situada em São Félix da Marinha, Gaia (...).A este monte surge também associada a villa Ecclesiole (Nº 2), Grijó, Vila Nova de Gaia, em três documentos, aparecendo, portanto, esta villa associada a três estruturas: Castro Petroso e Saitela e ainda o Monte Auturelo”</p> | P.74 |
| <p>“Este monte corresponderá, possivelmente, ao que se encontra em Loureiro de Cima, Grijó, no limite fronteiriço - que é demarcado pela estrada N1 -</p> | P.78 – 79 |

| | |
|--|--------------|
| <p>com a freguesia de Argoncilhe. (...).Note-se, primeiramente, a vasta área visível a partir desta implantação, que abrange sobretudo - e com poucos intervalos - a zona a Oeste da sua localização. Embora a maioria das povoações se encontre próxima da estrutura, a sua distribuição geográfica aparenta a ser um pouco heterogénea, uma vez que as localidades a Este se encontram mais concentradas, enquanto as que se situam a Oeste encontram-se mais espalhadas pelo território. Em segundo lugar, a sua implantação muito próxima à interceção da via Cale ad Aeminium e da de Picôto-UI, confere-lhe uma posição estratégica sobre o controlo destas mesmas vias. Inclusivamente, podemos observar que a via costeira Cale ad Talabriga é observável em grande parte do seu troço. Por último, não pode deixar de ser referido o alcance visual para outras estruturas defensivas. A Norte, seguindo a via Cale ad Aeminium o Castro Petroso. A Sul, segundo o troço Picôto-UI, o Monte Saitela. A Nordeste – a única área visível nesta orientação – o Monte Seixo Alvo”</p> | |
| <p>Mons Petrosino (Localização: Perosinho, Vila Nova de Gaia) “Do Mons Petrosino possuímos apenas uma referência muito tardia – 1131 (BF 115). Dada a sua designação é natural que a sua localização seja na atual freguesia de Perosinho, que se localiza muito próxima de Pedroso, onde talvez tenha existido o Castro de Perosinho. É curioso observar que as designações nos oferecem pistas relativamente à dimensão de cada uma das estruturas, uma vez que a palavra Pedroso e Perosinho partilham a mesma raiz – pedra. Petroso apresenta-se como uma estrutura maior, enquanto Petrosino possui o diminutivo que sugere a sua dimensão mais modesta.”</p> | <p>P.112</p> |

TEIXEIRA, Raquel Brochado. Inventário de Património do Concelho de Felgueiras: Alminhas, Cruzeiros, Cruzes, Oratórios e Monumentos Funerários. Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, 2010

| Assunto | Citação | Página |
|---------|---|--------|
| | “(…) as cinco tipologias de património se inseriam num largo período cronológico, desde a Idade Moderna ao século XX. Além disso constatamos que, inevitavelmente, estes objetos se manifestavam e surgiam em determinados contextos dos quais nunca deles se desassociava o contexto social, territorial e antropológico. “ | P.2 |
| | Época Moderna “Em Portugal e na restante Europa vive-se no final da Idade Média um clima de instabilidade e de decadência nas ordens religiosas. Em Portugal o abuso dos abades comendários e a falta de escrúpulos no recrutamento dos religiosos foram os principais motivos desta decadência. Segundo Fornunato de Almeida «não houve mão possante que detivesse as Ordens Monásticas na marcha febril para a ruína, como se no livro dos destinos estivesse lavrada irrevogável sentença de morte».” | P.14 |
| | No século XVI as directrizes do Concílio de Trento (1545-1563) obrigaram as antigas ordens religiosas a reformarem as suas instituições e os seus costumes. As directrizes do concílio foram profundamente absorvidas e difundidas pela sociedade portuguesa, a ponto de ainda em 1781 se efectuarem traduções do latim para a nossa língua, das principais sessões do concílio; chegando mesmo a publicar a obra Sacrosanto e Ecuménico Concílio de Trento. A partir daqui as directrizes de Trento irradiaram com grande intensidade sendo praticadas por todos, pois quem não fosse cumpridor seria punido. Além disso Trento traz um novo sentido à religião. A sacralização das instituições torna-se mais exuberante, bem como a Palavra Divina ganha outra monumentalidade e importância nos rituais e cerimónias religiosos. Cresce a necessidade de atingir a piedade e a fé dos | P.15 |

| | | |
|--|--|------|
| | crentes. Esta necessidade provocada pela nova monumentalidade dos edifícios e pelo carácter piedoso e dramático expresso nas novas imagens. (...) «é uma religiosidade dirigida e instrumental que se alenta de sentimentos emotivos para actuar sobre a afectividade das massas». “ | |
| | Na época moderna “(...) rasgam-se novos vãos de iluminação, bem maiores que os anteriores, e as capelas-mor tornam-se mais abertas. O espaço torna-se mais amplo e mais luminoso, próprio do estilo barroco.” | P.16 |
| | “Grande importância atribui-se nesta época às Confrarias e às Irmandades, que sob a proteção de um santo patrono ou de uma devoção forte contribuíram com a sua imensa difusão, na proclamação dos ideais contra-reformistas. Além de contribuírem para a execução de obras pias, contribuíam também para o investimento em equipamento sacro. Uma instituição religiosa poderia albergar mais do que uma confraria ou irmandade, e estas muitas vezes rivalizam entre si, tal era a riqueza económica que alcançavam.” | P.17 |
| | “Interessante é verificar que as confrarias e irmandades com fundação nos séculos XVII e XVIII são confrarias maioritariamente de Nossa Senhora do Rosário e do Santíssimo Sacramento. (...) em Outubro de 1551 na XIII sessão do Concílio de Trento entre muitas directrizes é promulgada a ideia de que a Eucaristia é o Sacramentum Princeps, sacramento superior por excelência. Assim sendo o Sacramento deveria ser adorado como culto de latria, deveria ser transportado em procissão e exposto publicamente para ser alvo de adoração por parte dos fiéis. A partir daqui renova-se o fenómeno devocional da visão da hóstia, promove-o o culto e piedade eucarística | P.18 |

| | | |
|--|--|------|
| | <p>baseada na descoberta da visão de Deus e não no encontro íntimo com ele. No que diz respeito ao culto da Nossa Senhora de Rosário vejamos que o Papa Pio V, na sua Bula Consueverunt Romani Pontífices de 1569 considerou o Rosário a forma de oração mais correcta e completa, adaptada a todos os fiéis. Em 1571 Gregório XIII instituiu a festa de Nossa Senhora do Rosário, que deveria ser celebrada em todos os locais onde tivesse um altar com esta invocação, pedindo veementemente que se erguessem altares com esta invocação. A reza do Rosário está também associada à partida da alma para o céu. A partir daqui divulga-se a recitação dos terços. Destas crenças origina-se o hábito dos defuntos levarem sempre um terço para a sepultura e de sua morte ser acompanhada por velas acesas e recitação do rosário. A importância deste culto reflectiu-se nas práticas das confrarias desde território, sendo que estas se fundaram sob a protecção destas devoções.”</p> | |
| | <p>“Na Idade Moderna promoveram-se fortemente os cultos cristológico e mariológico, multiplicando-se no nosso país inúmeros santuários. Locais lendários, onde se proporcionava o encontro do popular com o divino. Locais de penitência e de pagamento de tributos recebidos do transcendente, os peregrinos e romeiros ali se dirigiam como forma de homenagem ao seu protector. Locais de beleza paisagística, onde a altitude e o deslumbramento por eles provocado favorecem o numinoso, facilitam a possibilidade de hierofanias e predispõem para o sagrado. (...) [Santuários] São locais de manifestações inexplicáveis, onde os crentes se sentem mais próximos e íntimos do divino; local que arrastam multidões, onde exprimem individualmente em conjunto, toda a devoção e gratidão que sentem perante o Santo. (...) o fervor coletivo</p> | P.19 |

| | | |
|--|---|------|
| | permite que com as esmolas se construam santuários, se renovem e até se modrnizem.” | |
| | Sobre as aparições “As aparições têm um carácter eminentemente social. Além de atraírem a atenção pública, quando aceites, avivam a devoção dos fiéis e proporcionam momentos de grande emotividade, sendo igualmente motivo de orgulho para a população local. Este tipo de santuário surge à medida que a Idade Média finalize. Embora o culto aos santos continue intenso, o aumento de capelas à virgem e a multiplicação das suas invocações vão surgindo. Este fenómeno também é facilmente associado às directrizes da Contra-Reforma, pela multiplicação de capelas.” | P.21 |
| | “A devoção a Maria contribui para a devoção a Cristo e vice-versa. Santa Maria passa a ser denominada de Nossa Senhora, tal como ainda hoje acontece. Isto é reflexo da correspondência entre denominações de Cristo e de Maria. Em meados do século XVI, Maria apenas é denominada por Santa Maria em invocações já determinadas anteriormente, passando as suas denominações a surgirem em sintonia com Cristo.” (Exemplo Nossa Senhora da Piedade/Nosso Senhor da Piedade) | P.22 |
| | “A manifestação da religiosidade era nesta época paralela a todos os estratos sociais. Além das manifestações coletivas, a existência junto do espaço habitacional era uma constante. È nesta época que se assiste a uma multiplicação de capelas privadas, junto das casas nobres. (...) Tornara-se sobretudo sinhá de riqueza, prestígio e afirmação perante uma sociedade profundamente hierarquizada.” | P.23 |
| | Os cruzeiros e as Cruzes “A devoção fervorosa do povo, e as várias manifestações de culto que se evidenciam têm génesis na própria mentalidade popular. (...) a época em que mais receio | P.24 |

| | | |
|--|--|------|
| | houve das bruxas e dos seus malefícios foi a dos finais do século XVI. Portanto, é pois nesta época que surgem grande número de sinais, como cruzes, ferraduras, círculos e rosários, com finalidade de protecção e sacralização.” | |
| | <p>“ [Idade Média] Uma igreja e o seu campanário eram sinais da autonomia de uma povoação. Até há bem pouco tempo o sino regulava toda a vida da população. Uma cruz no alto de uma igreja, castelo ou outro edifício tinha finalidade de protecção, assim como o toque dos sinos tinha a capacidade de expulsar as entidades maléficas.</p> <p>Assim era necessário transladar o poder sacralizador da igreja para todos os locais. Este tipo de mentalidade, este medo do mal, levou a que a partir desta época se levantassem cruzes por vários locais das paróquias para o que os entes maléficos fossem afastados. Assim pode ter resultado o fenómeno dos cruzeiros e das cruzes que vemos erigidas em vários locais. (...) os cruzeiros são um resultado da lenta e progressiva substituição dos monumentos pagãos levantados nas encruzilhadas. (...) São sobretudo monumentos iconográficos, símbolos do catolicismo e da protecção espacial. Reproduziram-se sobretudo a partir do sécul XVII. As suas funções são variadas, dependendo sobretudo da localização. Inúmeros são os que sagram e protegem locais considerados perigosos, como os caminhos, os cruzamentos, as pontes. Segundo a mentalidade popular são estes locais os mais propícios ao aparecimento dos entes maléficos, do diabo e das bruxas, e quanto mais altos fossem os cruzeiros, mais protecção ofereciam.”</p> | P.25 |
| | “ (...) os dos séculos XVI e XVII, são mais altos que os dos séculos anteriores [por causa do medo] (...) A presença destes | P.26 |

| | | |
|--|--|------|
| | <p>monumentos em campos agrícolas alia-se igualmente a função anterior: à protecção e à sagração. Os cruzeiros e as cruzes podem estar ligados também a acontecimentos trágicos, ligados à morte, e são constante em monumentos funerários (...).</p> <p>Outras das funções é a de Padrão Paroquial. OS cruzeiros podem ser sinais de jurisdição paroquial, muitas vezes com função de marco territorial. Desde a Idade Média que existe o hábito de se demarcar o território sacralizado (por uma igreja, capela, ermida, etc) por um cruzeiro. Principalmente na Época Moderna, estes padrões paroquiais eram demonstradores da condição da paróquia, e sobretudo da instituição religiosa que a gerisse.”</p> | |
| | <p>“Nesta época, nomeadamente no século XVIII, com o culminar do estilo Barroco em Portugal, os cruzeiros tal como todo os elementos de carácter religioso, tornaram-se mais exuberantes, atingindo formas sinuosas e robustas.”</p> | P.28 |
| | <p>“A partir da época moderna, com o impulso da mística na devoção começaram a surgir no Ocidente santuários dotados de percursos escadórios, com capelas, cruzes e cruzeiros que procuravam reconstituir os passos dolorosos de Cristo durante a Paixão denominados de via-crucis ou via-sacra. Esta forma de culto foi evoluindo progressivamente, nomeadamente no século XVII. Também alguns mosteiros e igrejas paroquiais guiados pelo fervoroso culto da via-sacra procuraram criar dentro de suas propriedades espaços direccionados para a execução desta prática. Assim as procissões do Senhor dos Passos começaram a expandir-se em Portugal a partir do segundo quartel do século XVII, sendo que apenas no século XVIII os percursos foram monumentalizados com capelas.”</p> | P.30 |
| | <p>“Relativamente aos cruzeiros, o que interessa focar, integraram</p> | P.30 |

| | | |
|--|--|------|
| | <p>desde sempre esta prática. Os principais acontecimentos bíblicos da Paixão narrados por ordem cronológica quase sempre assinados por uma cruz ou cruzeiro. Além de um marco, que assinala uma estação, torna-se ao mesmo tempo num símbolo que facilmente nos remete para a cruz que Jesus Cristo dolorosamente carregou, e se transforma num objeto de adoração. Antes de existirem as capelas, era diante deles que se recordavam as várias etapas da Paixão de Cristo, e que se faziam as orações. Era aí também, e a tradição ainda se mantém, que se iniciavam e terminavam estas as procissões, e não nos referimos somente às procissões do Senhor dos Passos.”</p> | |
| | <p>“Também grande parte das igrejas paroquiais teve neste tempo um espaço dedicado a esta prática. Actualmente podemos ainda observar alguns exemplos; (...) este culto, que inicialmente se fazia em longos percursos, depressa se expandiu fortemente e se adaptou a todos os espaços. Raras foram as paróquias que na altura da Quaresma não se prestavam a este tipo de culto.”</p> | P.31 |
| | <p>“Importante será ainda referir que o dogma da paixão surgiu com São Francisco, sendo que o cristianismo na sua vertente mais popular, manifestamente nos cruzeiros e nas cruzes, tenha a sua origem e expansão com as ordens mendicantes. Porém rapidamente se difundiu e atingiu todas as ordens religiosas.</p> <p>Os cruzeiros são uma amostra clara do nosso património histórico, artístico, cultural e etnográfico que é preciso conservar. Os cruzeiros são bem mais que uma manifestação de arte religiosa, por mais que essa fosse a razão original da sua construção. Cumprem, com efeito, uma função religiosa, sacralizadora, de um determinado lugar. Também são bem mais que um simples marco geográfico que marca um lugar ou um</p> | P.32 |

| | | |
|--|---|------|
| | <p>limite entre freguesias. São sinais de identidade da aldeia ou da freguesia, lugares de encontro e de referência na vida quotidiana do lugar. Os cruzeiros são objetos sagrados e, por extensão, também o é, o lugar onde se levantam. Anteriormente também juntos aos cruzeiros se rezava pelas Almas do Purgatório. O redor dos cruzeiros surgiram ao longo dos séculos crenças e superstições, quase sempre relacionadas com a morte de alguém (...) e buscou-se neles protecção contra o sobrenatural, especialmente conta a Santa Campanha, a morte e as Meigos. Embora sejam manifestações típicas do folclore galego incluem o norte de Portugal e as Astúrias. Desta forma torna-se mais clara a razão da presença de tantos cruzeiros nas encruzilhadas e nos caminhos ao cemitério.”</p> | |
| | <p>“A Santa Companhia é uma procissão de mortos, ou almas penadas que percorrem os caminhos de uma freguesia. É uma procissão de mortos, ou almas penadas que percorrem os caminhos de uma freguesia. É um tema do folclore galego. O tema das procissões de mortos é próprio da literatura e das tradições culturais da Europa Ocidental desde a Idade Média.”</p> | P.32 |
| | <p>“ (...) uma Meigo é a mulher com conhecimentos de magia e artes ocultas. Entre os seus atributos, figuram a capacidade para fazer feitiços, males de olho e adivinhação. A figura da meigo está muito arraigada na tradição popular, e diferencia-se da bruxa, pois esta actua sempre com maldade, podendo tratar e mesmo pactuar com o diabo. A figura da bruxa corresponde-se em grande medida com o arquétipo clássico da bruxa vestida de preto, com sombreiro cónico e a sua vassoura, já a figura da Meigo aproxima-se bem mais a uma mulher comum. “</p> | P.32 |
| | <p>Em finais do século XIX assistimos de novo ao fenómeno do encomendador na arquitectura. De carácter privado,</p> | P.35 |

| | | |
|--|---|------|
| | <p>humanitário e público, as grandes construções ressurgem por iniciativa dos brasileiros torna-viagens. Homens de nacionalidade portuguesa que fizeram fortunas no Brasil vão, sobretudo na região Norte do país, encomendar edifícios habitacionais que se destacam facilmente pela peculiar expressão arquitectónica (...)"</p> | |
| | <p>"Relativamente à fervorosa fé que sempre acompanhou o povo deste território, esta trouxe no século XIX e ainda em inícios de XX formas de culto, ligadas á religiosidade popular. Não podemos no entanto deixar de relacionar o início do século XIX em Portugal e a sua situação politica. Portugal, e neste caso o seu património, sofreram com as três invasões francesas 1808/9/10 criando entre os cristãos um clima de pânico (...) Depois em 1820 a Revolução Liberal divide o país em absolutistas e liberais, dando asas a guerras fratricidas, resultantes em manifestações anti-religiosas e anti-clericais. (...) O sistema aristocrático e monárquico substitui-se pelo iéal monárquico, e autoridade de direito divino substitui-se pelo iéal monárquico, e autoriae de direito divino substitui-se pela livre escolha popular. A igreja passa a ser vista como inimiga o regime Constitucional, e D. Pero IV renega os bispos do tempo e S. Miguel. Também a extinção as orens religiosas masculinas em 1834 e a desamortização os respectivos bens abalaram profundamente o seio a Igreja Católica. (...) Além isso, [afastamento da igreja] esta revolução muito diferente da que se efectou no tempo a Reforma Protestante, que pretendia purificar a Igreja e faze-la regressar ás origens, agora atacava os próprios funamentos a Igreja. Esta série de factores fez com que os fieis se sentissem religiosamente mal apoiaos, seno eles muitas vezes críticos e acusaores a Igreja e as suas práticas."</p> | P.36 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>“Em Portugal o culto a Nossa Senhora constitui sem dúvida um dos principais núcleos da vida religiosa e social. Apesar de todas as contrariedades que verificamos anteriormente no contexto social em Portugal no século XIX, o culto mariano não sofreu nenhum abalo. (...) Entre os séculos XIX e XX o culto mariano atingiu o seu auge. Foram criados os Meses de Maria e do Rosário, renovaram-se confrarias sobre a protecção das várias invocações de Maria e surgiram novas congregações religiosas. O dogma da Imaculada Conceição foi também definido a 8 de Dezembro de 1854 e tornou-se a par da definição do dogma de Assunção de Maria e as aparições de Nossa Senhora de Fátima, ambos no sécul XX, dos marcos mais importantes que consagram o fervor devocional mariano do nosso tempo. (...) Estas aparições causaram nos fieis um reavivar da fé adormecida ou anestesiada provocada pelo clima social vivido. Em Portugal as aparições de Fátima terão a mesma repercussão, tal como iremos verificar no próximo capítulo.”</p> | P.38 |
| | <p>“ (...) as aparições dão-se em locais não frequentados pelo Homem, nem pelo quotidiano. O sagrado opõe-se ao quotidiano e ao humano. As lendas e as crenças relacionadas com as mais antigas e veneradas imagens marianas do Porto são similares ás de outras regiões.”</p> | P.39 - 40 |
| | <p>“A intensidade do culto mariano no nosso país deve-se igualmente ao facto de nunca ter em existido qualquer tipo de heresias dogmáticas, e do ideal do protestantismo nunca ter conseguido a anulação do culto da Virgem. Pelo contrário, a intensidade do culto era de tal maneira profunda que acabou por envolver outro tipo de devoções modernas, como é o caso das Almas do Purgatório, prática esta das mais fortes do Norte de</p> | P.40 |

| | | |
|----------|--|-----------|
| | Portugal. Sobretudo no século XIX, o culto das Almas do Purgatório expandiu-se de tal forma que a sua vertente mais popular, as Alminhas, se difundiu por todo o país gerando uma nova, intensa, e exclusiva forma de culto, da qual nos ocuparemos no próximo ponto. Também nesta época a ereção de cruzeiros é uma realidade. Levantam-se novos cruzeiros e restauram-se outros. A basta tradição que estes monumentos traduzem desde o seu aparecimento continuou bem patente até a actualidade. Ainda hoje se continuam a erigir cruzeiros.” | |
| | “Durante o século XIX vemos os cruzeiros a ganharem novas formas. Embora estes objetos não sejam o melhor exemplo para o estudo das tendências artísticas das épocas em que foram erigidos, há neles, certos pormenores que nos remetem para determinadas épocas.” | P.40 |
| Alminhas | “A denominação destes monumentos foi atribuída em função do aspecto, formado por um oratório e um painel com a representação das Almas do Purgatório. Apesar da essência da sua existência ter origem no fervoroso culto das Almas lançado pelo Concílio de Trento, estes singelos monumentos só devem ter surgido em finais do século XVIII e apenas atingiram a verdadeira popularidade no século XIX.” | P.41 – 42 |
| | “(…) as Alminhas são descendentes dos oratórios romanos Lares Compitales. Inicialmente os Lares Compitales constituíam apenas génios agrícolas, ou seja divindades protectoras dos campos e das culturas agrícolas. Em sua honra costumava-se construir altares em locais de intercepção de duas ou mais propriedades agrícolas, daí o seu nome Lares Compitales (Génios das Encruzilhadas). Mais tarde na época de Sérvio Túlio, século V a.c., o culto ruralizado destes oratórios adapta-se à nova vida de Roma, começando estes oratório a | P.42 |

| | | |
|----------------------------------|--|-----------|
| | surgir nos cruzamentos das ruas da cidade. Por influência destes oratórios rurais, surgem os Lares Viales, protectores dos viajantes. Na época de Augusto, os Lares Compiitales são restabelecidos, passando a sagrar estradas e caminhos, encruzilhadas ou campos. Este culto cresceu intensamente durante o império, passando mesmo a ser culto doméstico e privado.” | |
| | “Já os Gregos colcavam nas estradas e nos cruzamentos pequenos templos sob a invocação de Apolo, Hermes ou Hécade, divindades tutelares dos caminhos. Os Celtas na Lusitânica e da Gália também possuíam divindades protetoras de caminhos e encruzilhadas. Ora, adoptando a igreja dos primórdios costumes de religião antecedentes é defensável que a influência deste tipo de oratórios se fizesse sentir por entre as formas de culto do Cristianismo.” | P.42 |
| A Crença e o Culto do Purgatório | “ A origem das Alminhas prende-se igualmente com a Contra-Reforma, quando o culto das almas de revigorou, e o tema do Purgatório assumiu uma importância imensa. Segundo a crença católica, a designação Purgatório indica um lugar ou um estado de penitência de faltas ou pecados cometidos. No entanto as correntes modernas de pensamento definem o Purgatório como um estado no qual a alma se encontra penando na falta da presença de Deus, que só irá alcançar quando for perdoada por Ele.” | P.42 – 43 |
| | “Segundo a igreja, a alma do Homem é julgada duas vezes; uma ao morrer e outra no fim do mundo. Quando o primeiro julgamento é findo, a alma é condenada ao Céu ou Inferno conforme a sua actuação em vida. Entre os séculos II e IV o cristianismo reflete sobre a situação das almas que ao não tinham pecado o suficiente para irem directamente para o | P.43 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>Inferno. Criam um lugar intermédio, onde a alma passando por uma provação poderia salvar-se. Mas é apenas entre os séculos XI e XII que surge a ideia do Purgatório. Sobretudo é o Purgatório que sobre sai e extravasa da cultura erudita para a popular.”</p> | |
| | <p>“Já Santo Agostinho utilizava os termos poenis purgatoriis, de igne purgationis, referindo-se com isto a um estado de alma e não um lugar, onde esta se purifica dos castigos e dos pecados. Ou seja antes de finais de XII, o conceito do purgatório existia mas era entendido de outra forma. (...) A partir do segundo quartel do século XIII assiste-se a uma acesa discussão sobre este assunto, travada entre teólogos acidentais e orientais, pois estes últimos negavam a pena do fogo do Purgatório. Em 1274 o II Concílio de Lião termina com as controvérsias ao difenir dogmaticamente a existência do Purgatório, e na defesa do sufrágio das almas. Dois séculos mais tarde em 1439, no Concílio de Florença de novo se proclama a doutrina do Purgatório. Durante este período de tempos, no Ocidente, as orações pelas almas adquirem grande força. Para isto contribuíram em grande parte duas Aparições, referimo-nos á Aparição da Virgem do Carmo e a Aparição de Cristo a S. Gregório.”</p> | P.43 - 44 |
| | <p>“A invocação de Nossa Senhora do Carmo está ligada ao Monte Carmelo, situado na Palestina, junto da cidade de Haifa. Foi desde sempre um monte tradicionalmente ligado ao culto mariano, no qual permaneciam eremitas, que a certa altura o Papa Inocêncio IV elevou à categoria de Ordem Carmelita. Mais tarde em 1251, mais concretamente a 16 de Julho, esta Ordem viria a ser notabilizada com a aparição de Nossa Senhora a São Simão de Stock. Nesta data estando o santo a</p> | P.44 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>rezar apareceu-lhe a Virgem com o Escapulário na mão e lhe disse: «Recebe meu filho este Escapulário da tua Ordem, que será penhor do privilégio que eu alcancei para ti e para todos os filhos do Carmo. Todo aquele que morrer com este Escapulário será preservado do fogo eterno. È, pois, um sinal de salvação, uma defesa nos perigos e um penhor da minha especial salvação».”</p> | |
| | <p>“Mais tarde em 1322 o Papa João XXII revelava na Bula Sacratíssimo uti Culmine, vulgarmente conhecida por Bula Sabatina, que a Virgem lhe aparecera e lhe prometera livrar do fogo do inferno todos aqueles que pertencessem e fossem devotos do Escapulário do Carmo: «Eu sou a Mãe, descerei cheia de graça no sábado depois da sua morte, e a quantos achar no purgatório os livarei e os levarei ao Monte Santo da Vida Eterna». A partir daqui o mundo católico associou a Virgem a uma das entidades mais poderosas na intercepção das Almas do Purgatório se manifestem igualmente com a representação da Virgem do Carmo.”</p> | P.44 – 45 |
| | <p>“A lenda de Cristo em Aparição a S. Gregório existe sem fundamentação, pois em seus escritos S. Gregório nunca a terá referido. Mesmo assim crê-se que esta seja de origem italiana, devido às primeiras imagens a serem representadas terem sido executadas na Itália. Segundo a lenda Cristo teria aparecido a S. Gregório, quando este celebrava missa na Igreja de Santa Cruz de Jerusalém. Aí lhe terá anunciado que as almas se salvariam do fogo através das orações dos vivos. Esta aparição deu-se no momento da elevação da hóstia, quando Cristo terá surgido sobre o altar, apresentando-se como tal como após o Descimento da Cruz, com um aspecto cadavérico e ensanguentado.”</p> | P.45 |

| | | |
|--|--|------|
| | <p>“O conceito e a crença do Purgatório serão finalmente revigorados no Concílio Ecuménico de Trento (1545 – 1563). Na sessão XXV são promulgadas várias directrizes, entre as quais se define a existência do Purgatório e que as Almas nele retidas são ajudadas pelo sufrágio dos fiéis, sendo o mais importante o sacrifício da missa. Este Concílio ordenou que se ensinasse e pregasse por toda a parte a doutrina do Purgatório, sem que as mais difíceis questões da sua essência fossem levantadas e popularizadas, para que não trouxessem razões para deturpar e deformar a crença.</p> <p>Nos concílios seguintes determinou-se que a melhor forma de ajudar as Almas condenadas seria o sacrifício da missa. Consequentemente a maior parte das confrarias das Almas centraram-se na execução de várias actividades para a angariação de dinheiro para a realização das numerosas missas que se faziam em benesse das almas. Outra forma de angariar dinheiro era através das esmolas que os fieis depositavam nas capelas das Almas e nas Alminhas.”</p> | P.45 |
| | <p>“O hábito ainda recorrente de se rezarem missas pelos defuntos é uma consequência deste culto, que apesar de quase extinto, mantém ainda vivas algumas manifestações que dele são consequentes, como é este o caso.”</p> | P.46 |
| | <p>“A crença do Purgatório e da possível libertação das Almas levou a que a Igreja indicasse todos os procedimentos para que este ciclo fosse bem sucedido. A Alma ao entrar ara o Purgatório estaria impossibilitada de se salvar, salvo se a comunidade católica rezasse, oferecesse sacrifícios e missas por esta. Daqui surge a crença de que as Almas dos defuntos, que se encontram no Purgatório aparecem aos seus parentes e amigos vivos, para os obrigar a fazer promessas e sacrifícios,</p> | P.46 |

| | | |
|-----------------------------|---|-----------|
| | <p>bem como pedir missas por elas, para que desta forma a permanência no Purgatório seja mais curta e menos dolorosa. Uma vasta e rica tradição sobre aparições de Almas, sós ou acompanhadas resultaram destas crença: a Santa Companha é um bom exemplo. Em Portugal, principalmente na região de Entre-Douro-e-Minho esta crença manteve-se até ao final do século transacto.”</p> | |
| | <p>“ (...) as nossas alminhas se assemelham em toas as vertentes aos Petos de Animas, designação atribuída pelos espanhois a estes monumentos. É muito comum a associação de função de protecção dos cruzeiros com a mesma função nas alminhas. Deve-se sobretudo á idêntica localização. Acontece que apenas têm em comum a localização que se explica facilmente se tivermos em conta que as alminhas são colocadas em locais de passagem frequente, a fim de pedirem uma oração e uma esmola pelas Almas, ao passo que os cruzeiros têm a função de protecção e sacralização.</p> <p>(...) as capelas das Almas foram igualmente uma realidade. Na sua maioria são pequenas capelas de estrutura simples situadas á entrada ou saída das povoações.”</p> | P. 47 |
| A Iconografia do Purgatório | <p>“Apesar do culto do Purgatório ter sido tão intenso durante séculos, nem na Bíblia nem nos escritos teológicos, o aspecto do Purgatório foi descrito. (...) o Padres do Concílio de Trento para a doutrina do Purgatório fosse aceite pels fiéis, evitando-se assim a corrupção da crença, não foram determinadas nem a localização do purgatório nem a natureza das Almas, tornando-se assim opções livres do pensamento de cada um.</p> <p>Durante a Idade Média as principais fontes iconográficas foram A Divina Comedia de Dante e a Legenda Dourada de Santiago de Vorágine. Nesta época as representações variavam,</p> | P.47 – 48 |

| | | |
|-----------------------------|--|------|
| | dominavam os temas do Juízo Final e destacavam-se dois espaços o Céu para os justos e o Inferno para os pecadores.” | |
| A Iconografia do Purgatório | <p>“A partir do Concílio de Trento a representação do Purgatório começa a ganhar uniformidade, sobretudo a partir do século XVIII.</p> <p>Este tema repete-se (...) e divide-se essencialmente em duas partes: na parte inferior as Almas que sofrem penosos tormentos, desnudos por entre as chamas, de rosto e braços suplicantes em direcção ao Céu. Surgem várias vezes indivíduos de posições hierárquicas relevantes, como os Reis e os Papas, assim como são representados em ambos os sexos, em diferentes idades e até mesmo de diferentes cores de pele. Estes pormenores na representação têm o intuito de mostrar que a morte é inevitável e que todos passam por uma provação no Purgatório, independentemente do estudo que possuam em vida. Na parte superior está representada a corte celestial: no topo Santíssima Trindade e mais abaixo figuras celestiais interceptoras como a Virgem, os Santos e S. Miguel Arcanjo e os anjos.”</p> | P.48 |
| A Iconografia do Purgatório | <p>“ Durante o século XIX o Purgatório enquanto lugar perde importância. Se na primeira metade do século são as várias invocações da Virgem e os Santos que protagonizam as representações, já na segunda metade do século a presença da corte celestial e S. Miguel é praticamente inexistente, sendo que Nossa Senhora do Carmo surge em grande glória. Quase sempre estas representações são acompanhadas de legenda suplicando oração dos fiéis.</p> <p>A devoção pelo Purgatório define-se fervorosa e amplia-se sobretudo dos séculos XV e XIX. A figuração deste tema permite que o Purgatório seja publicitado.”</p> | P.48 |

| | | |
|---|--|-------------|
| <p>A Iconografia do Purgatório – Território Português</p> | <p>“As primeiras representações do Purgatório difundidas pelo Concílio de Trento surgem em Évora com os Jesuítas, em período avançado da época quinhentista.</p> <p>O interesse demonstrado pelos portugueses em relação a esta crença foi na realidade muito intenso. Nas igrejas multiplicaram-se rapidamente os altares das almas assim como as confrarias. Luís Álvares de Andrade, denominado por Pintor Santo e personagem muito conhecida no meio religioso lisboeta, nascido em finais do século XVI, dedicou grande parte da sua vida á expansão do culto das Almas. As directrizes de Trento em relação a este dogma foram por ele levadas seriamente, tendo mandado fazer mais de vinte mil painéis com a Oração do Santo Sudário, e indulgência do Papa Clemente VIII, distribuindo-os pelo reino e nas colónias. Foi também da sua autoria uma representação das Almas do Purgatório que rapidamente se expandiu pela cidade e cópias pelo reino, angariando assim uma grande soma de dinheiro para as missas das almas. Não significa com isto que a origem das alminhas em Portugal provenha deste facto; mas certo é que o culto das almas obteve rápida e fervorosa devoção do povo português.”</p> | <p>P.49</p> |
| <p>A Iconografia do Purgatório</p> | <p>“(…) Os Sínodos Diocesanos (século XIII) determinados antes pelo Concílio de Latrão foram muito importantes para a modernização, uniformização e difusão das normas das Constituições Sinodais.</p> <p>No caso do culto das Almas, as Constituições de Braga e do Porto obrigavam a que os padres pedissem para que se rezasse por estas, pelos trabalhadores e pelos frutos do mar e da terra. Nas Constituições do Porto de 1541 lê-se assim: «Irmãos ho tempo y de logar em que ora estaes he pera rogar a Deus. Rezai pelo Papa, bispo, rei, rainha, e infantes. Outrosi rogaireys pelos</p> | <p>P.49</p> |

| | | |
|-----------------------------|---|-----------|
| | que estan en pecado mortal: y penas de purgatório que Deos os tire disso. E pólos fructos temporaes que deos os dee y coserue».” | |
| A Iconografia do Purgatório | “Com as Constituições Sinodais surgiu em meados do século XVI a Ementação das Almas, costume popular, que em noites de quaresma, se anunciava em voz alta, e quase sempre cantando, a necessidade dos pecadores se converterem e de todos rezarem pelas Almas do Purgatório.” | P.49 – 50 |
| | “Os movimentos doutrinários e artísticos repercutidos pela Contra-Reforma em prol das Almas do Purgatório causaram entre o povo tal importância, que terá sido este o motivo maior para o aparecimento das alminhas, monumentos piedosos de verdadeira arte popular. Para além deste tipo de alminhas construídas em benefício das Almas do Purgatório em geral, é também frequente serem edificadas alminhas a pedir por determinado defunto, especialmente se a vítima tiver uma morte violenta. São as alminhas por assassínio. Neste caso concreto assemelham-se aos cruzeiros, que são também edificados pela mesma causa.” | P.50 |
| | “(…) Portugal os crentes viviam amedrontados com a ideia do Purgatório. Em 1865 o Padre Manuel José Gonçalves Couto escreveu um pequeno livro direccionado aos fiéis, intitulado Missão Abreviada, onde se mostrava uma visão terrífica do Purgatório, e as formas de se interceder pelas Almas. Para que melhor possamos compreender este medo incutido nos fiéis, segue-se um pequeno excerto do livro: «as penas do Purgatório são as mais terríveis e as mais horrorosas. Os Santos dizem, que só uma alma no Purgatório padece mais que todos os mártires que tem havido, e hão de haver até ao fim do mundo. Logo que tormentos, que atrozes tormentos está padecendo uma alma no | P.50 |

| | | |
|--|---|------------|
| | <p>Purgatório? (...) As penas e os tormentos dos mártires têm sido os maiores, que a maldade do homem ou do demónio tem podido inventar neste mundo. Pois todos estes tormentos estão padecendo uma alma no Purgatório; além disto todas as dores das mães nos seus partos; todos os tormentos com que são fundos os facínoras do mundo; todas as ânsias e agonias dos moribundos; lá está padecendo tudo isto, todos estes tormentos a estão cercando, e despedaçando em todos os momentos, de dia e de noite, sem alívio nem descanso, nem por um só momento deixam de gemer, gritar e arder». (...) A construção de muitas alminhas está ligada a esta realidade; ou seja; ou edificarem pequenos monumentos em prol das Almas do Purgatório, os crentes acreditavam que a sua alma quando conduzida ao Purgatório sofreria uma pena menos intensa.”</p> | |
| | <p>“Sempre ornamentadas por flores, pela boa vontade de zelosas devotas, possuíam e possuem sempre lamparinas acesas ou velas, ganhando um alento renovado no mês de Novembro, mês das Almas e dos fieis defuntos. A ausência destas duas características indica normalmente a ausência de culto.”</p> | P. 50 – 51 |
| | <p>“No início do século XX (...) crescimento do espaço urbano. Ao longo do século este vai crescendo progressivamente, e para isso muito contribuiu a abertura de novas vias de comunicação. Neste seguimento assistimos igualmente ao crescimento da ocupação da malha urbana em detrimento das áreas rurais. Grande importância continuaram a ter as Confrarias (...).”</p> | P.68 |
| Os Cruzeiros das Festas Centenárias de Portugal de | <p>1940 “Os VIII Centenário da Independência e IV da Restauração da Independência de Portugal foram em 1940 alvo de grandes comemorações. As Festas Centenárias tiveram entre o povo Português grande preparação e aceitação. Tal importância é dada às comemorações que vemos a 1 de Janeiro</p> | P.70 – 71 |

| | | |
|---|--|-------|
| | de 1939 ser publicado o 1º número da Revista dos Centenários. Esta revista publicada entre Janeiro de 1939 e Dezembro de 1940, contabilizou 24 números e teve como objetivo divulgar e dar cobertura jornalística à Exposição do Mundo Português, que decorreu em Lisboa de Junho a Dezembro de 1940, e constituiu parte fundamental das comemorações.” | |
| | <p>“Esta revista de pendor nacionalista, e em que os artigos mostram quase uma obsessiva afirmação da nacionalidade, os seus feitos e os seus heróis, procurou a exaltação dos valores nacionais. (...) De entre as inúmeras manifestações físicas deixadas pelas comemorações dos centenários iremos abordar aquela que talvez, tenha sido mais adeptos de Norte a Sul de Portugal. Falamos da iniciativa da erecção dos Cruzeiros da Independência.”</p> | P.71 |
| A iniciativa de Restauro e Construção das alminhas na Década de Cinquenta | <p>“Em 1954 o Padre Francisco de Babo escrevia desta forma sobre as Alminhas: « (...) Obra estúpida de ignaros ou malvado, mãos sacrílegas ou vis têm derrubado inúmeros exemplares velhinhos e venerados destes padrões da Fé e Piedade. (...) não só pessoas particulares, mas entidades públicas têm sido elementos de barbárie e desprezo daquilo que é despertador de eternidade, fomentador de bom coração e espiritualidade pura índice seguro d lusitanismo real. Quantos nichos têm sido considerados velharias obsoletas, revivescências ou reminiscências de tempo ultrapassados que não coadunam com o progressivo e avançado em que vivemos. (...) Defendamos os cruzeiros e as Alminhas, vítimas, em muitos sítios, mais do que da ignorância, da malvadez e impiedade latente ou manifesta de quem abastardou a própria alma (...)».”</p> | P. 78 |
| Alminhas | “A causa destes incidentes prende-se com facto de o culto das | P.79 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | <p>Almas do Purgatório ter sofrido na segunda metade do século XX uma forte oposição por parte de meios clericais e burgueses. Para estes ter-se-ia transformado num culto mórbido e ultrapassado.</p> <p>No entanto o não mariano do centenário da proclamação dogmática da Imaculada Conceição levou a que o Padre Babo lançasse esta iniciativa que ele próprio assemelha com a iniciativa dos cruzeiros dos centenários. Esta iniciativa visava o restauro dos monumentos em mau estado de conservação, assim como a construção de novos monumentos, e sobretudo o renascer do culto das Almas do Purgatório. (...) a conservação das restantes compete às Autarquias local e Comissões Fabriqueiras, podendo para o efeito admitir-se a concessão da comparticipação do Estado pelo Fundo de Desemprego (...).</p> <p>(...) decide apelar aos párocos, às instituições religiosas e particulares para a prossecução desta iniciativa. Pretendia que todo o país ficasse marcado pela época de revivescência religiosa de meados do século XX, com as Aparições de Fátima.”</p> | |
| | <p>“Em termos formais e artísticos, estes monumentos seguem em grande parte as formas dos monumentos mais antigos, embora efectuados com outros materiais. Os painéis de azulejo são a tendência mais notória do século XX. A presença de Nossa Senhora do carmo como entidade protectora continua a ser frequente. È igualmente perceptível a dissolução do culto dos santos no culto mariano. A cruz é elemento fundamental e rigorosamente figurado nos monumentos, como remate, ou como inscrição.”</p> | P.79 – 80 |
| | <p>“Surgem também monumentos onde figura Nossa Senhora de Fátima, as denominadas Alminhas Fatimitas. Inicialmente</p> | P.80 |

| | | |
|--|--|------|
| | <p>parece ser mais um dos vários temas da iconografia mariana. No entanto a relação entre Nossa Senhora Fátima e as almas do Purgatório é mais estreita do que aparenta. Durante as aparições de Nossa Senhora, Ela terá referenciado por duas as Almas do Purgatório. A primeira vez terá sido quando a Beata Lúcia a terá questionado sobre o destino de determinada defunta, obtendo a resposta: «Estará no Purgatório até ao fim do Mundo». A segunda está relacionada com a jaculatória por Ela ensinada: «ó meu bom Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do Inferno; levai as almas todas para o céu, principalmente as que mais precisarem».</p> <p>(...)</p> <p>O Culto das Almas terá terminado na década de 70 do século XX, no entanto este culto de carácter manifestamente público, permanece ainda hoje em contexto privado. Prova disso são alguns monumentos que vão sobrevivendo, activos no culto, certamente que por respeito e piedade de algumas pessoas de Fé, que não os conseguem ignorar.”</p> | |
| | <p>“Assim muitos dos painéis com a figuração das Almas do Purgatório passaram a ser substituídos por imagens de Nossa Senhora de Fátima, Cristo Crucificado e alguns santos; ou; ao deixarem de figurar as Almas do Purgatório e ao assumirem uma nova iconografia, estes monumentos deixam de ser alminhas, pois apenas o são se figurarem as Almas do Purgatório. No entanto continuam a ser denominados pela população de alminhas, pois já as foram, e porque a tradição e o costume são fenómenos enraizados na cultura popular ortuguesa. Notamos portanto um esquecimento quase repentino deste culto. No entanto o que dele ficou, como é o caso dos nichos e edículas das alminhas, herdou-lhe o nome. Este nome,</p> | P.84 |

| | | |
|---|---|------|
| | diminutivo, atribuído a estes monumentos pelos, dificilmente será desassociado deste tipo de estruturas, alberguem elas, ou não, a representação das Almas do Purgatório.” | |
| As aparições de Fátima e as suas repercussões no Território Português | <p>“Implantada a República em Portugal a 5 de Outubro de 1910 a laicidade era um elemento fundamental nos objetivos da República. Logo nas primeiras semanas do regime foram expulsas as ordens religiosas, laicizado o ensino e instituído o registo civil obrigatório. Em Abril do ano seguinte é lançada a Lei da Separação da Igreja do Estado, através da qual o catolicismo deixa de ser a religião do Estado. Suprimiram-se as despesas relativas ao culto católico e aos salários clericais. Ao mesmo tempo expropriaram-se imóveis da Igreja Católica. No entanto cederam-se templos gratuitamente para usufruto da Igreja, concedendo-se igualmente pensões aos sacerdotes em funções que não se opusessem à lei e á República. Esta lei fazia também depender de uma autorização prévia para a prática do culto fora dos templos, o que condicionava as procissões populares nomeadamente nos meios rurais. Porém a maioria do clero não aceitou o regime. Apenas em 1917 com Sidónio Pais e as Aparições de Fátima é que o catolicismo começou a recuperar.</p> <p>(...). Ele [Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais] assumiu o poder dia 8 de dezembro de 1917, primeira festa da Imaculada Conceição após as Aparições de Fátima. Pretendia apenas pacificar o país e acabar com as perseguições contra a Igreja. (...) as medidas impostas anteriormente foram desaparecendo, até ao restabelecimento das relações diplomáticas com a Santa Sé em Julho de 1918.”</p> | P.85 |
| | “A história e mensagem de Fátima podem considerar-se divididas em três ciclos: o Ciclo Angélico, o Ciclo Mariano e o | P.86 |

| | | |
|-------------------------------------|---|------|
| | <p>Ciclo Cordimariano. O Ciclo angélico define-se pela aparição do Anjo da Paz e o Anjo de Portugal por três vezes, em Fátima, aos Pastorinhos. O ciclo Mariano define-se pela aparição de Nossa Senhora por seis vezes, entre Maio e Outubro de 1917, em Fátima, aos três Pastorinhos. O Ciclo Cordimariano define-se pela três aparições de Nossa Senhora com o Menino Jesus a Lúcia, em Pontevedra e Tuy, em Espanha, durante os anos de 1925, 1926 e 1929.</p> <p>A primeira aparição sucedeu-se a 13 de Maio de 1917. Era Domingo e como habitual, os Pastorinhos guardavam os rebanhos em Cova de Iria. Era quase meio-dia quando um relâmpago os assustou fazendo com que se deslocassem com o rebanho a caminho de casa. Um clarão surgiu e fez com que as crianças parassem junto a uma azinheira, onde por entre uma luz branca surgiu uma jovem de mãos postas, que aparentava ter 18 anos de idade. Sobre as mãos trazia um rosário, vestida de branco e com os pés assentes sobre uma leve e ténue nuvem. A Virgem convida os três pastorinhos a comparecerem naquele local à mesma hora, nos seis meses seguintes, nos dias 13, além de lhes ter recomendado a reza do treço, todos os dias e com devoção profunda. As aparições sucederam-se. A 13 de Outubro a Virgem apresenta-se como Nossa Senhora do Rosário e de novo convida à oração e à penitência.</p> <p>(...) a 13 de Outubro de 1930, o bispo de Leiria, D. José Alves Correia da Silva reconhece a autenticidade das ‘visões’ de Fátima e autoriza oficialmente, naquele lugar o culto a Nossa Senhora de Fátima.”</p> | |
| A mensagem de Fátima assemelha-se à | <p>“tal como em Lourdes, as aparições geraram grandes multidões, e as peregrinações, iniciaram-se imediatamente depois da primeira aparição.”</p> | P.86 |

| | | |
|----------------------|---|------|
| de Lourdes em França | | |
| | <p>“Estes acontecimentos de Fátima surgem num momento oportuno para a Igreja Católica. A Igreja, agora já mais apoiada pelo povo, estabiliza a jovem república. O aumento do custo de vida, o crescimento de desemprego e a escassez de alimentos vieram ainda mais agravar a situação. Esta situação aliada à presença de Portugal na 1ª Guerra Mundial fez com que se restaurasse a fé em Maria: « (...) na devoção popular, que se deve analisar na longa duração das mentalidades, há sempre um cordão umbilical de fé e cultura que, no caso, constituiu um legado mariano riquíssimo e perpetuar-se incontido e espontâneo na alma das nossas formas e manifestações, apesar das transformações ou crises, nunca desdiz do passado; antes dele se elimenta como de fonte pura e inexaurível.»</p> <p>(...). Tornou-se num altar religioso internacional, onde se multiplicam peregrinações, e milagres físicos e morais. Nossa Senhora de Fátima foi coroada em 13 de Maio de 1946, pelo Legado de Pio XII, com uma coroa em ouro doada pelas mulheres portuguesas. A coroação foi uma homenagem de Portugal a Nossa Senhora, por ter sido poupado à 2ª Guerra Mundial. Esta realidade está subjacente ao 2º Segredo de Fátima. Nossa Senhora terá pedido que se estabelecesse-se no mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria, meio este que garantia a não participação de Portugal na 2ª Grande Guerra. Este segredo apenas revelado em 1941 evidencia uma prova da intervenção do sobrenatural, além de que proporcionou o aumento do culto ao Imaculado Coração de Maria em Portugal.”</p> | P.87 |

| | |
|---|------|
| <p>SANTOS, Maria Madalena Loureiro dos. Penafiel – Cruzeiros e Alminhas. Subsidio para um inventário. Relatório de Estágio do Mestrado em História da Arte portuguesa apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 2017</p> | |
| <p>“Ainda pouco estudadas, os cruzeiros e alminhas povoam o território nacional e constituem-se um registo material do culto religioso popular. Dentro de nichos, guaritas ou pequenos retábulos, estas alminhas constituem um traço de espiritualidade popular cristã. O culto das almas é o culto dos mortos conservado nas preces dos vivos, como bem o demonstram as legendas que, por vezes aparecem nestes exemplares: “Ó VÓS QUE IDES PASSANDO, LEMBRAI-VOS DOS QUE ESTÃO PENANDO; PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO, PADRE NOSSO, AVÉ MARIA”.</p> <p>A relação do homem com a morte confronta-o constantemente com o necessário resguardo da sua alma. Encontra-se nos testamentos o pedido formalizado de que se rezem certo número de missas, ou que a divisão dos bens entre os descendentes pressuponha que estes rezem pela alma do parente falecido e mantenha a sua memória. As alminhas fazem parte deste ambiente de convivência e ao mesmo tempo temos à morte.”</p> | P.13 |
| <p>“Como manifestação da crença popular, as alminhas associam-se muitas vezes aos cruzeiros, pois são expressões da mesma fé cristã, da relação do homem com finitude, o medo da morte e o desejo de protecção neste e no outro mundo. Embora implantadas no território das aldeias e freguesias de forma semelhante, à beira dos caminhos e nas encruzilhadas, as alminhas e cruzeiros não possuem no espaço simbólico um valor exactamente similar. Aos cruzeiros normalmente está associado à protecção aos viajantes e a delimitação do espaço sagrado. As alminhas apesar de partilharem a constante busca do homem face às incertezas da vida, possuem a função de lembrar os vivos que devem rezar por aqueles que já se foram. As alminhas como o nome sugere, acredita-se ser uma referência das almas do purgatório.</p> <p>A implantação no território dos cruzeiros e alminhas deixa uma importante informação sobre a constituição do espaço das aldeias, a construção de um</p> | P.13 |

| | |
|--|-----------|
| território que é fundamentalmente regido pelas necessidades espirituais da comunidade.” | |
| “A localização da igreja matriz de uma comunidade é decidida para que esta possa exercer plenamente a sua função de proteger e reger a vida da comunidade. Na época medieval até o século XVIII as horas são marcadas pelas missas e pelos toques dos sinos, os principais eventos da comunidade também são anunciados por estes. (...) as matrizes não são os únicos monumentos religiosos a desempenharem uma função na comunidade.” | P.13 |
| “As ermidas e capelas compõem também a paisagem da aldeia e complementam a demarcação das fronteiras do espaço religioso.” | P.13 – 14 |
| <p>“ Se vamos encontrar as igrejas matrizes no lugar central do povoado, as capelas e ermidas situam-se, normalmente, a certa distância desde e é comum assumirem a função de proteger os campos e as colheitas. A localização das capelas e ermidas no terreno é também definida pela composição do percurso das procissões e romarias, e muitas vezes aproveitam um espaço diferenciado, como uma rocha de formato singular, ou uma gruta, que agregam ao espaço um significado simbólico. (...)</p> <p>Os cruzeiros e as alminhas estão enquadrados na composição deste espaço religioso dinâmico onde a fé é vivenciada no espaço público em diversas ocasiões ao longo do ano. No caso das capelas e ermidas (...) as informações a cerca das lendas e crenças que determinam a sua construção são mais frequentemente conhecidas. (...) a partir destes espaços de culto, as variações da devoção, onde santos até pouco cultuados ganham maior dimensão na crença dos fiéis. O autor [Carlos Alberto] verifica que o espaço das capelas e ermidas é onde o crente possui maior liberdade para a prática de cunho popular.</p> <p>Os cruzeiros e alminhas inserem-se no espaço religioso de maneira distinta, fazem parte dos caminhos das procissões, das orações quotidianas dos habitantes do mesmo espaço, mas permanecem, contudo, um lugar de passagem. Os cruzeiros, ora invocam a proteção ao viajante, ora celebram determinado acontecimento, ora simbolizam o calvário. As alminhas lembram aos fiéis que</p> | P.14 |

| | |
|--|-----------|
| <p>suas orações podem ajudar as almas a encontrarem mais rapidamente a passagem do purgatório para o paraíso.</p> <p>Ambos os géneros de construções (...) para lembrar aos moradores das suas obrigações para com a fé, e para garantir a proteção a todos os cristãos.”</p> | |
| <p>“A igreja primitiva teve como principal missão fazer substituir os monumentos que apareciam nas encruzilhadas e nos caminhos, adaptando antigas crenças pagãs às novas directrizes cristãs. Dessa substituição surgiram paulatinamente cruzeiros de madeira e cruzeiros de pedra. Por toda a Europa ocidental e central, e também em Portugal, os cruzeiros surgem anteriormente às alminhas, como símbolo da fé de Cristo sobre o paganismo.</p> <p>As funções dos cruzeiros dependem da sua colocação. Assim há uns que consagram sítios considerados perigosos para os viajantes (caminhos, encruzilhadas, pontes, etc.), os que protegem os campos e suas colheitas, os que recordam epidemias ou comemoram acontecimentos históricos, os que indicam locais de morte violenta por acidente ou crime pedindo orações de sufrágio; os que nos adros e largos servem de padrões paroquiais. (...). Acredita-se que os primeiros cruzeiros, construídos em madeira, não resistiam ao passar dos tempos, deixando em aberto o campo das hipóteses.</p> <p>Em Itália o dogma da paixão passou ao drama, por influência de S. Francisco de Assis. O símbolo do crucifixo determinou a vocação do mendicante, e assistiu-se à primeira representação do calvário. Este consistia em dois troncos levantados diante a sua cabana. Logo a mística das ordens mendicantes com a influência franciscana, está na origem do cristianismo de cunho popular, aliada ao aparecimento da cruzeiro como símbolo de sofrimento de Cristo, dos cristãos e expansão da fé.”</p> | P.16 |
| <p>“Por volta do século XIII difundiu-se o uso das cruzeiros processionais, assim como, o aparecimento e difusão dos primitivos cruzeiros. A primeira referência feita a cruzeiros, no nosso país, encontra-se na citação de Padre Aloísio Tomás Gonçalves, aquando se refere ao Padrão da Vitória do adro da Colegiada de Guimarães (...) tem origem na Normandia, com data a 1341. (...) considerada</p> | P.16 – 17 |

| | |
|--|-----------|
| um ex-voto por alusão a um possível milagre (...).” | |
| <p>“Os cruzeiros estão intrinsecamente ligados a lendas e a milagres. A graça de uma cura, a protecção divina em viagens frequentes aquando da imigração na busca de melhor sorte, ou as ameaças de epidemias e más colheitas, levam à edificação do monumento (...).</p> <p>Por vezes aparecem gravadas epígrafes nas bases dos cruzeiros, que nos dão conta da devoção do povo. (...) Os cruzeiros eram considerados bênçãos, as gentes das aldeias vêm Cristo presente nos cruzeiros, como um igual, que sofreu até à morte para salvar o Homem. Para além da necessidade centrada no crucifixo (...) também o bairrismo e o despique entre aldeias fez proliferar os cruzeiros, que seriam construídos por mestres pedreiros ou artífices, que se deslocavam de terra em terra. Daí muitas construções serem idênticas, embora grande parte delas sejam sóbrias, com linhas simplificadas e, em muitas delas se notar a falta de mestria dos canteiros. A escolha de material granítico era muito importante, pois teria de resistir as intempéries e ao passar dos tempos.”</p> | P.17 |
| <p>“O romantismo foi um dos responsáveis pela enorme profusão de cruzeiros nas dioceses, notando-se uma grande quantidade dos mesmos no século XIX. Estes serviam não só para rezar, mas também como centro de arraiais populares e das festas do padroeiro, visto se considerar que “Cristo está lá sempre como sinal d auxílio, misericórdia e perdão”.</p> | P.17 – 18 |
| <p>Forma do Cruzeiro “ A base é constituída pela plataforma ou assento escalonado, composto de vários degraus, podendo ser de feição circular ou quadrangular, e pelo pedestal que pode ser cilíndrico ou cuboide, onde encaixa o fuste. Quando existem inscrições e/ou ornamentações e/ou alminhas, é no pedestal que se encontram a maior parte delas.</p> <p>A altura é dada pelo fuste ao conjunto e sustenta o capitel geralmente liso, circular ou de feição quadrangular, ou oitavada.</p> <p>O capitel pode ter as mais variadas formas, desde a feição coríntia com as suas folhas de acanto, ou jónica com volutas nos ângulos do dado, até aos mais simplificados quadrangulares ou arredondados, também aparecem cruzeiros sem</p> | P.18 |

| | |
|---|-----------|
| capitel, ou possuir astrágalo, colarinho e ábaco. O remate do cruzeiro normalmente é feito pela cruz geralmente latina sobre base.” | |
| <p>Forma das alminhas “ (...) são o exemplo da religiosidade popular no norte de Portugal. Muitas delas, actualmente desactivadas, carecem de urgente manutenção, assegurando a sua subsistência enquanto marcos deste território.</p> <p>Trata-se da teologia do Purgatório, sempre associada à ideia da morte, expandindo-se a partir do século XVI, como reação contra a Reforma Protestante nos países a norte da Europa e foi principalmente impulsionada pelos Jesuítas.”</p> | P.18 |
| <p>Cruzeiros “No cimo de penedos, nas encruzilhadas, nas bermas dos caminhos, em locais inóspitos, estes assinalam mortes violentas ou acontecimentos nefastos. Na imediações das Igrejas e Capelas, os Cruzeiros são sempre erguidos de forma a sacralizar o espaço.</p> <p>Os cruzeiros fazem parte da memória coletiva de uma comunidade entendidos como marcos de um tempo que chegou até nós como património cultural e artístico.</p> <p>O cruzeiro tornou-se uma referência de fé para a comunidade. Os crentes colocam velas e rezam junto a este, suplicando a Deus para afastar os maus espíritos, o diabo, as bruxarias e o mau-olhado. Pedem saúde e boas colheitas. Os cruzeiros convidam à oração e são o símbolo do bem contra o mal.”</p> | P.19 |
| “As alminhas são o exemplo da religiosidade popular no norte e o símbolo mais frequente, muitas delas desativadas (...). Trata-se da teologia do Purgatório, sempre associada à ideia da morte, expandindo-se a partir do século XVI, como reação contra a Reforma Protestante nos países a norte da Europa e foi principalmente impulsionada pelos Jesuítas.” | P.57 |
| “Conhecer o território implica a identificação e o reconhecimento dos seus componentes físicos, estruturais e textuais. Assim existe uma intrínseca interacção entre os elementos construídos ao longo das gerações e as especificidades do clima e paisagem.” | P.93 |
| “(…) alguns cruzeiros possuem partes de diferentes épocas, as Vias-Sacras não têm todas o mesmo nº de exemplares (catorze), algumas estão incompletas, mas | P.93 – 94 |

| | |
|--|------|
| (...) o décimo quinto cruzeiro. Este facto deve-se a mudanças nas regras litúrgicas implantadas após a construção, das mais antigas (...)” | |
| “ (...) nas alminhas encontramos exemplares muito semelhantes, tanto a nível iconográfico como arquitectónico, a definição das mesmas, muitas vezes reporta-se à sua iconografia, lugar, ou rua, embora algumas fontes orais referissem o facto de serem conhecidas só por “alminhas”. | P.94 |
| Valor simbólico diferente entre alminhas e cruzeiros: “Aos cruzeiros normalmente está associado à proteção aos viajantes e a delimitação do espaço sagrado. As alminhas apesar de partilharem a constante busca do homem face às incertezas da vida, possuem a função de lembrar aos vivos que devem rezar por aqueles que já se foram.” | P.94 |
| <p>“A implantação no território dos cruzeiros e alminhas deixa uma importante informação sobre a constituição do espaço das aldeias, a construção de um espaço que é fundamentalmente regido pelas necessidades espirituais da comunidade. A localização da igreja matriz de uma comunidade é decidida para que esta possa exercer plenamente a sua função de proteger e reger a vida da comunidade. Na época medieval até o século XVII as horas são marcadas pelas missas e pelos toques dos sinos, os principais eventos da comunidade também são anunciados pelos sinos.</p> <p>Embora muito importantes, as matrizes não são os únicos monumentos religiosos a desempenharem uma função na comunidade. As ermidas e capelas compõem também a paisagem da aldeia e complementam a demarcação das fronteiras do espaço religioso. Se vamos encontrar as igrejas matrizes no lugar central do povoado, as capelas e ermidas situam-se, normalmente, a certa distância deste e é comum assumirem a função de proteger os campos e as colheitas. A localização das capelas e ermidas no território é também definida pela composição do percurso das procissões e romarias, e muitas vezes aproveitam um espaço diferenciado, como uma rocha de formato particular, ou uma gruta, que agregam ao espaço um significado simbólico.”</p> | P.95 |
| “Os cruzeiros e alminhas estão enquadrados na composição deste espaço | P.95 |

| | |
|---|------|
| religioso dinâmico onde a fé é vivenciada no espaço público em diversas ocasiões ao longo do ano. No caso das capelas e ermidas (...) as informações a cerca das lendas e crenças que determinaram a sua construção são mais frequentemente conhecidas. Além disso, verifica-se que a partir destes espaços de culto, as variações da devoção, onde santos até pouco cultuados ganham maior dimensão na crença dos fiéis. (...) o espaço das capelas e ermidas é onde o crente possui maior liberdade para a prática do cunho popular.” | |
| “Os cruzeiros e alminhas inserem-se no espaço religioso de maneira distinta, fazem parte dos caminhos das procissões, das orações cotidianas dos habitantes do espaço, mas permanecem, contudo, um lugar de passagem. Os cruzeiros ora invocam a proteção para o viajante, ora celebram determinado acontecimento, ora simbolizam o calvário. (...) a iconografia religiosa que por vezes encontramos representadas nas alminhas podem informar sobre o culto popular de determinados santos [em certas áreas geográficas]” | P.96 |

| CHAVES , Luís. <i>A Arte Popular. Aspectos do Problema</i> . Biblioteca Popular do Instituto Port. De Arqueologia, História e Etnografia. Portugalense Editora. 2ª Edição, Porto, 1959 | | |
|---|---|-----------|
| Assunto | Citação | Página |
| Nichos e capelinhas das «alminhas», cruzeiros, ect. | “À beira dos caminhos, no Centro e Norte de Portugal, encontramos com frequência os nichos e as capelinhas das «alminhas» e os cruzeiros com a imagem de Cristo pintada em pedra, dentro de capelas, guaritas, e armários envidraçados. Umas e outras destas manifestações de fé vivem na arte popular pela arquitetura do revestimento ou guarda, e pela iconografia pintada.” | P.91 |
| Alminhas | “Notemos em primeiro lugar as «alminhas», indícios fecundo e espiritual do culto cristão dos mortos. Procedente das crenças e rituais antigos, e da forma que lhes deu o Cristianismo, transportando-os em transcendência bíblica da materialidade imediata dos seres para o espiritualismo da | P.91 – 92 |

| | | |
|--|---|-----------|
| | comunhão entre vivos e mortos pela salvação de todos, o culto das almas é o culto dos mortos conservado nas preces dos vivos.” | |
| | <p>“Em qualquer manifestação de crença religiosa, há dois elementos fundamentais, necessários ao crente e ao observador: - o espiritual, que funda, dirige e comanda; o expressivo, que é a exteriorização, pelo símbolo e pelo ritmo, da crença realizada. O símbolo é o sinal de marca, representa a força criadora ou capaz de criar energia. O rito é o cerimonial simbólico de actos e palavras, tendentes à homenagem a prestar.</p> <p>No culto das almas, formado pelo Cristianismo dentro da doutrina catequística, existe, como não podia deixar de ser, a combinação íntima dos dois elementos, porque a Igreja os criou na sua orientação realista da palavra da Boa-Nova.”</p> | P.92 |
| | <p>“As expressões populares do culto dos mortos são essencialmente cristãs, embora se lhes reconheçam antecedentes e paralelismo arcaicos, afinal bem compreensíveis, desde que reconheçamos em todas as religiões antigas e modernas um fundo comum de carinho, intimidade e respeito, muito de piedade e receio, pelos mortos. O mistério do túmulo e a saudade dos vivos formaram como a taça da vida em que os homens de sempre juntaram os lábios de um e outro lado dela, para cá e para lá da sepultura, como num baptismo de todos em redor da «távola redonda» da mesma pia sacramental.”</p> | P.92 – 93 |
| | <p>“O penar das almas nas labaredas do Purgatório vem das lições de Cristo, e vai para a libertação final por dedicada intercessão de nós todos. Roga-se pelas almas dos que estão para morrer, subam elas da terra ou das procelas do mar; e,</p> | P.93 |

| | | |
|--|---|------|
| | <p>com tais rogos, pretende-se que elas vão directamente à mão de Deus, à «sua mão direita», sem passarem pelas chamas purgantes. Que dedicação esta dos homens a Deus e de Deus aos homens, na infinita diferenciação dos dois seres, para que do pedido filial deles resulte o perdão do Pai!</p> <p>Que importa que nos caminhos e encruzilhadas da terra romana houvesse outrora os altares dedicados aos Lares viales e Lares Compitales, para protecção quer de viandantes, quer das terras e casais circunjacentes? Que importa, se o sentimento dos cristãos, que também colocaram os nichos das «alminhas» nos caminhos e encruzilhadas, é uma subida até as almas de oração por elas, enquanto o voto pagão, feito aos lares, foi o pedido de protecção para os que o faziam? Comparem-se as duas forças agentes, a que pede com interesse pessoal de quem pede em troca de auxílio, e a que pede sem interesse, fazendo-o apenas pela necessidade espiritual de comunicar com Deus em favor das almas, que penam.”</p> | |
| | <p>“No mês de Novembro, «Mês das Almas», mês dos «Fiéis Defuntos», essas capelinhas ressurgem de si próprias. As que não tem lamparina durante o ano, passam o mês iluminadas com as lâmpadas depostas ali por mãos de rosário pendente. As que são mimadas, pelo ano adiante, como criança a quem tudo se dá, andam límpidas, com a sua luz, algumas flores; enfeitam-se de mais galas. O luto do culto das almas é florido. Se há na liturgia católica alfaias pretas, é por força do símbolo da ausência de cor. Os cemitérios enchem-se de flores como nos dias de anos e nas festas de baptizado ou casamento. Os retábulos das «alminhas» no fundo dos nichos e ermidas, hoje com ramagens, flres, luzes, toalhas,</p> | P.94 |

| | | |
|---------------------------------|--|-----------|
| | são sacrários onde os olhos pousam e levam ao coração o impulso ascensional para os nossos irmãos do Outro Mundo: - Pelas Almas do Purgatório, Padre-nosso, Ave-maria.” | |
| | “A «encomendação das almas» ou «emantar» completa a sugestão vivíssima do culto dos «fiéis defuntos». A hora tardia em que se faz nas aldeias da nossa terra a «encomendação», a voz da imprecação de orações pelos mortos, pelas almas do Purgatório, pelos que estão a morrer, pelos que andam no mar, e as preces pela salvação final dos que rezam em comunhão espiritual com os mortos, pedindo a Deus por todos, mortos e vivos, são práticas delicadas, que só têm um símbolo integral: - as «alminhas».” | P.94 – 95 |
| Em Portugal a reação da Reforma | “ (...) comunicação com as almas, ressurreição dos mortos, a remissão dos pecados, a existência dos castigos do Purgatório. Mais inflamou a afirmação da crença quanto a negou. Confrarias, irmandades, o culto das almas dos defuntos em actos públicos e particulares, quase um chamamento e imprecação dos mortos, os altares das almas, com painéis das «Almas do Purgatório», e ao ar livre as «alminhas» - são padrões, balizas ou sinais de afervoramento do culto.” | P.95 |
| | “Nas encruzilhadas, á entrada de pontes, junto de lugares perigosos para os viandantes, que seguiam os caminhos, as cruzes substituíram pela sua invocação cristã os Lares Viales e os Lares Compirales, de formação pagã, cujos altares ao ar livre o imperador Augusto mandou enfeitar de flores na Primavera e no Verão. Onde os deuses pagãos, dominavam, o Cristianismo impôs a Cruz, cristianizando assim os lugares e com eles as almas de quem passava.” | P.95 – 96 |
| | Cruzeiros “Os cruzeiros do «Senhor da Boa Viagem», | P.96 |

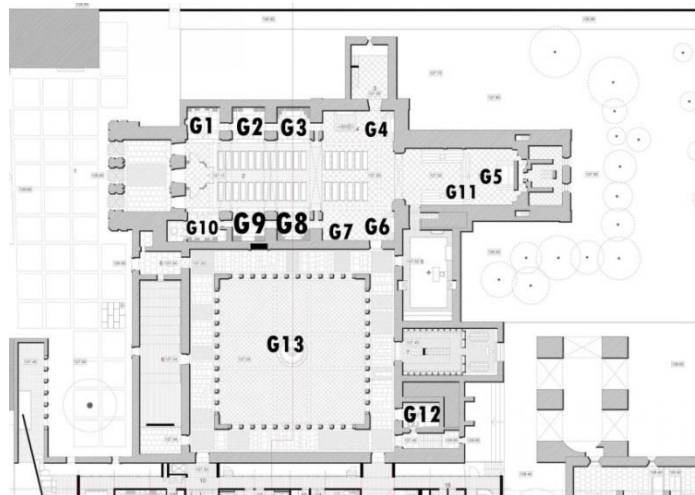
| | | |
|-----------|--|-----------|
| | «Senhor do Bom Caminho», e de outros chamamentos, guiam depois os caminheiros, e distribuem-se ao longo dos caminhos velhos e das estradas de outros tempos. Ermidinhas da Virgem, de Cristo, e de mais santinhos de devoção, associam-se aos cruzeiros nessa parada afectuosa de fé.” | |
| | “As pinturas das alminhas com a iconografia tradicional – o Arcanjo São Miguel a descer voando sobre as chamas do Purgatório, e as almas, quantas vezes uma só, entre as labaredas altas, a implorarem de mãos postas a misericórdia divina – têm seu sarcasmo.” | P.96 |
| Cruzeiros | <p>“Os cruzeiros com a imagem pintada convizinham templos, povoações, casais, que melhor os guardem e garantam. Estão debaixo de telheiro, assente sobre quatro prumos cantonais, e não lhes falta o lampeão, que os ilumina e ensina o caminho aos transviados. Outros são completamente envoltos, ou encaixados em oratórios envidraçado.</p> <p>A arte popular das «alminhas», pela sua feição religiosa, como pela sobrevivência, que representa, recorda a dos milagres, os painéis com que os devotos exprimem e agradecem aos santos os favores concedidos a seu rogo.”</p> | P.98 |
| | “ Os Romanos, a eles temos de ir buscar muitas origens de coisas nossas, embora não devamos supor que tudo criaram ou tudo nos veio deles, o que já touxe erros graves de cultura – ofereciam aos deuses e depunham nos altares tabulae votive, placas lapidares, com que exprimiam gratidão e representavam o favor divino a que se haviam comprometido (solvere votum). Não havia então nada vedado; porque tudo se podia pedir, tudo, que lhe correspondesse e aludisse, era | P.98 – 99 |

| | | |
|--|--|------------|
| | <p>permitido representar: liberdade completa para o devoto e para o artista. Por maiores extravagâncias que representassem as personagens, de forma alguma estavam inibidas de aparecer num templo.”</p> | |
| | <p>“Em paredes de templos se faziam os faraós pintar em quadros votivos, onde a um lado estavam os deuses atentos, com gestos protectores, e do outro lado o monarca lhes oferecia emblemas, flores, virtualhas.</p> <p>Os Romanos ofereciam estatuetas de barro, figurações dos milagres, tabulae ou tabellae, pequenas, mais ou menos regulares, suspensas nos templos, diante das estátuas dos deuses. As tabulae pictae correspondiam aos nossos quadrozitos de «milagres».</p> <p>Na Idade Média também as tabulae votivae eram quadros oferecidos pelos devotos agradecidos. As dimensões reduziram-se com o andar dos tempos, e depois, enquanto uns agradeciam milagres com altos trabalhos de arte, outros recorriam às suas possibilidades, e serviam-se de quadros menores, portáteis, pintados por pintores anónimos, humildes ou rudes. O resultado foi encontrar-se o filão dos «milagres» populares.”</p> | P.99 |
| | <p>“Os grandes painéis acabaram. Os pequenos retábulos de «milagres» mantiveram-se até há pouco tempo; do século XVI ao século XIX fizeram-se, e muitos há de últimos dois séculos em museus, coleções particulares, e sobretudo nos arquivos, recordações e arrecadações de antigos templos e antigas imagens de veneração.”</p> | P.99 – 100 |
| | <p>“Hoje são preferidas as figurações escultóricas de cera, ou de metal, as fotografias dos miraculados, e, como as tabulae votive dos pagãos, as placas de mármore ou de simples</p> | P.100 |

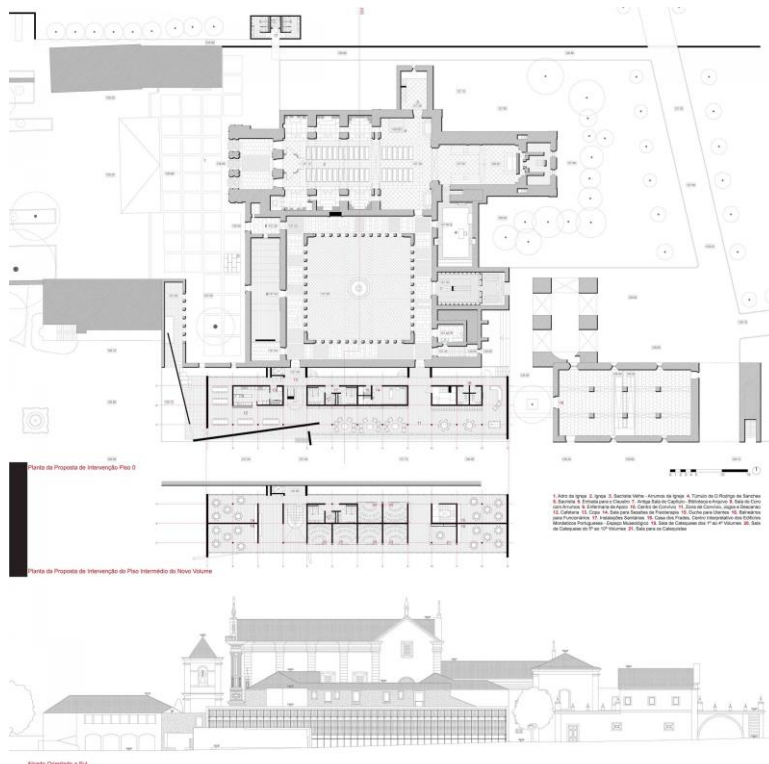
| | | |
|--|---|-------|
| | pedra calcárea, com inscrições abertas e douradas. Estas são, afinal, a redução dos «milagres» ao nome do fiel, agradecido, e à data do caso memorado.” | |
| | “Nos «milagres» é sempre curiosíssima a informação etnográfica dos pormenores, quer do interior e arranjo da casa, como do traje das personagens, quer da plástica, onde se adivinham cópias e influências visuais, de formas, posições e cores, que vão desde as figuras de cartas de jogar, nas mais rudes, até quadros de autores célebres.” | P.104 |
| | “Às antigas relíquias e rosários bentos dos romeiros sobrepôs-se o uso do «registo do santo». Assim as romarias formam o calendário perpétuo da aldeia, os «registos» são bilhetes de compromisso para os crentes e páginas de memórias para os namorados. E, à volta da romaria, vão ou para o aratório, guardar as indulgências no santuário doméstico, ou para as arcas e gavetas e paredes, ou para o ferro velho das lojas e das feiras.” | P.106 |
| | “Pode supor-se que desde a divulgação da gravura em madeiram no século XVI; mas em Portugal só a partir do século XVII há exemplares conhecidos (...). A presença dos romeiros foi marcada, por, pela posse do registo do santo festejado, como antes do seu uso o era pelas insígnias, e, em todos os tempos, pelas medalhas e verónicas. Os palmitos de flores de papel, alguns de grandes dimensões, outros menores e ostentáveis ao peito e nos chapéus dos romeiros, apresentam no meio o registo minúsculo da romaria ou festa religiosa a que se referem. Este é a marca própria, adaptando ao dia a aquisição e posse do palmito, que desta maneira vale pelo «registo» e como «registo».” | P.107 |

2 – Documentos usados de outros

2. Planta de Helena Raimundo. Legenda colocada por nós, 2018

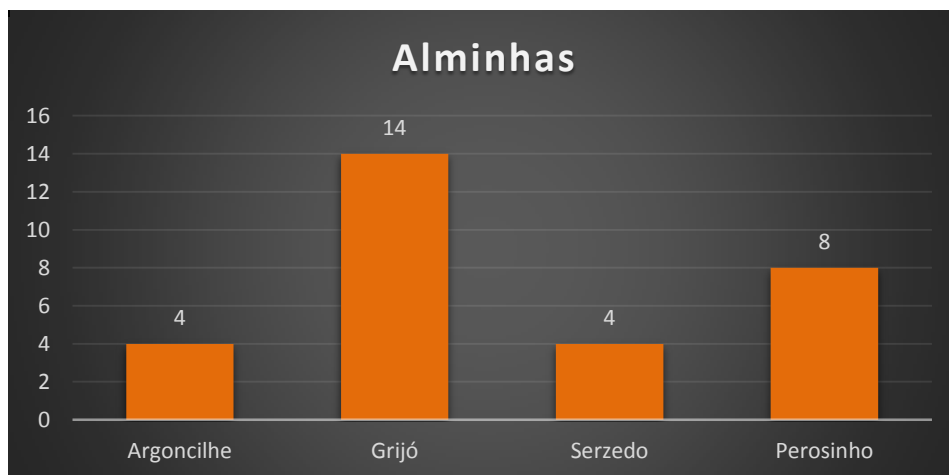


3. Planta de Helena Raimundo. ARCHIPRIX PORTUGAL. Reabilitação do Mosteiro d São Salvador de Grijó. Escola Superior Artística do Porto. [Em Linha]. Consultado a 23 de agosto às 22:16. Disponível em: [<http://www.archiprix.pt/national/index.php?project=3764>]



3 – Gráficos

4. Gráfico com a contagem das Alminhas nas freguesias (Argoncilhe, Grijó, Serzedo e Perosinho), 2018



5. Gráfico com a contagem de todos os cruzeiros encontrados nas freguesias (Argoncilhe, Grijó, Serzedo, Perosinho), 2018

